



CÉU INFERNNO E PURGATÓRIO

FÁBIO LUIZ DA SILVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

FÁBIO LUIZ DA SILVA

**CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO: representações espíritas do
além**

Assis

2007

FABIO LUIZ DA SILVA

**CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO: representações espíritas do
além**

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutor em História. (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Professor Doutor Eduardo Basto de Albuquerque

Assis

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Silva, Fábio Luiz da

S586c Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do além /
Fábio Luiz da Silva. Assis, 2007.
169 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis-
Universidade Estadual Paulista.

1. Espiritismo. 2. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002. 3.
Mediunidade. 4. Religião. I. Título.

CDD 133.9

Aos meus pais, filhos e especialmente à minha esposa Lucinéia

.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que auxiliaram a realização desse trabalho.

Meu orientador professor Doutor Eduardo Basto de Albuquerque.

Funcionários das bibliotecas que frequentei.

Direção do Colégio Olympia, por montar um horário que permitisse esse trabalho.

Meus familiares pela paciência.

SILVA, Fábio Luiz. **Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do *além***. 2007. 169 fls.. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2007.

RESUMO

A crença na existência da vida após a morte é uma das mais fundamentais da humanidade. Ao longo da história, várias representações desse *além* foram difundidas pelas mais diversas religiões. A modernidade fez pensar que tal crença fosse típica apenas das sociedades mergulhadas no religioso e que a sociedade contemporânea tivesse reduzido o *além* a uma metáfora qualquer. Não foi isso que aconteceu. Apesar de o céu ter se tornado profano, lugar para a ciência, o céu religioso sobrevive. Para demonstrar isto, analisamos as representações espíritas do *além*, principalmente a partir da obra “Nosso Lar”, de Francisco Cândido Xavier. A pesquisa se inicia com a constatação da transformação do céu sagrado em céu profano, na visão de Allan Kardec sobre o mundo dos mortos, e concluímos ela ser menos estruturada que a versão brasileira. Em seguida, reafirmamos o que outros estudiosos já haviam percebido: o Espiritismo brasileiro enfatizou muito mais o aspecto religioso da doutrina, reproduzindo em forma de conflito entre grupos, a contradição básica formulada pela proposta de Kardec de conciliar religião e ciência. Assim, defendemos que houve desde o início da sua história, a assimilação de elementos do universo católico, propiciando uma doutrina bem familiar à cultura brasileira, o que colaborou para a legitimação do Espiritismo no Brasil. Essa característica é bem visível nas narrações e descrições do *além* contidas nas obras de Chico Xavier, o que lhe garantiu a identificação com público a quem esses livros se destinam. A cidade espiritual “Nosso Lar”, descrita no livro de mesmo nome, foi o centro de nosso trabalho. Um estudo atento dessa obra revelou diversos símbolos tradicionais ligados ao mundo religioso cristão que já compunham o imaginário do *além* e também o acréscimo de novas imagens próprias do momento histórico em que foi produzida. Concluímos que “Nosso Lar” pode ser considerada uma utopia, uma espécie de paraíso cristão relido pela mentalidade espírita brasileira datada da primeira metade do século XX. Nesse sentido, “Nosso Lar” é tanto a “Jerusalém Celeste” quanto o inverso da cidade terrestre, no caso, o Rio de Janeiro da década de 40, sobre a qual “Nosso Lar” se localizaria. Ao final, percebemos que as descrições e narrativas dos mortos podem nos revelar muito sobre como é, e como gostaríamos que fosse o mundo dos vivos e isto pode explicar as leituras realizadas do “Nosso Lar” pelo público nacional desde a década de 40.

Palavras chaves: Espiritismo, além, religião, Chico Xavier.

SILVA, Fábio Luiz. **Heaven, hell and purgatory: Spiritist's representations of afterlife.** 2007. 169 fls. Thesis (Doctorate in History) – Faculty of Science and Letters, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2007.

ABSTRACT

The existence of life after death is one of the most fundamental beliefs of mankind. Throughout history, many representations of afterlife got spread by many different religions. Modern times made us believe that such belief was typical only of very religious societies and that contemporary society had reduced the concept of afterlife to a mere metaphor. That was not what happened. Although heaven has become profane and a subject for science, religious heaven survives. To demonstrate this, we analyze afterlife representations used by Spiritists, based mainly on the work “The Astral City”, from Francisco Cândido Xavier. We verify the transformation of sacred heaven into profane heaven, using the vision of Allan Kardec about the world of the dead, and concluded that this vision is less structured than the Brazilian version. Following that, we reaffirm what other studies had already found: Brazilian Spiritism has emphasized the religious aspect of the doctrine a lot more, reproducing the basic contradiction formulated by Kardec’s proposal of conciliating religion and science in the shape of conflicts between groups. Therefore, we defend that Spiritism in Brazil, since the beginning, assimilated elements of the catholic universe, resulting in a quite familiar doctrine to Brazilian culture which collaborated to its legitimization in the country. This characteristic is quite visible in the narratives and descriptions of afterlife in the works of Chico Xavier, which guaranteed an identification of the public towards his books. The astral city “Nosso Lar”, described in his homonymous book, was the center of our study. A close analysis of this work revealed many traditional symbols related to the Christian religious world that were already part of afterlife imaginary and also revealed the creation of new images connected to the historical moment in which they were produced. We conclude that “The Astral City” can be considered an utopia, a kind of Christian heaven retold by Brazilian Spiritist’s mentality from the first half of the 20th century. In this sense, “The Astral City” is the “Heavenly Jerusalem” as well as the opposite of the terrestrial city, that is, Rio de Janeiro in the 40s, above which “The Astral City” would be located. At the end, we realize that the descriptions and narratives of the deceased can reveal a lot about what the world of the living is and what we would like it to be and that may explain the many different ways of understanding “The Astral City” by the general public since the 1940s.

Keywords: Spiritism, afterlife, religion, Chico Xavier.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
2 O ALÉM	19
3 O ESPIRITISMO ENTRE A FRANÇA E O BRASIL	43
3.1 Allan Kardec, Vida e Obra	48
3.2 Espiritismo no Brasil	52
3.3 Francisco Cândido Xavier	66
4 O ALÉM NA OBRA DE ALLAN KARDEC	70
5 O ALÉM NA OBRA DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER	89
5.1 Representações da Mulher e da Família	112
5.2 A Recepção do Livro Nosso Lar	125
6 NOSSO LAR COMO UTOPIA	136
6.1 A Sociedade Melhor em Allan Kardec	137
6.2 “Nosso Lar” Versus Rio de Janeiro	143
CONCLUSÃO	157
REFERÊNCIAS	161

*As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade
através das fissuras abertas pelas palavras.*

Nicolau Sevcenko

INTRODUÇÃO

O *outro mundo* e o *nosso mundo* estão em constante relação, pelo menos é o que acreditaram e continuam a acreditar milhões de pessoas no mundo todo. Relatos de fantasmas, espíritos, anjos, demônios ou outros seres sobrenaturais sempre foram comuns na história. Antes e mesmo depois do surgimento do cristianismo o contato com os mortos sempre foi parte integrante das crenças. Mesmo quando proibida, desaconselhada ou negada, ela sobreviveu. Persistiu às mudanças do tempo, dos reinos, das economias e até das religiões. Sempre se acreditou que os vivos e os mortos pudessem entrar em comunicação de alguma forma.

A própria expressão “sobrenatural” que comumente adotamos para designar tais encontros entre mortos e vivos é inadequada, pois para o homem pré-moderno, mergulhado no sagrado, os pares material/espiritual e natural/sobrenatural não significavam o mesmo que para a maioria de nós. Aparições de espíritos, almas, ou outros seres sobrenaturais, sonhos, rituais de magia e outras crenças e práticas são encontradas em muitos lugares e em diversas épocas. Aqui, no entanto, tratamos de estudar um tipo particular de contato com o mundo dos mortos. Interessou-nos as narrativas e as descrições que se fizeram sobre o *como é* e o *como se vive* após a morte do corpo¹.

Há, por exemplo, os relatos daqueles que, ainda vivos – em geral em morte aparente ou gravemente doentes -, viajam ao *além* e depois retornam para contar o que viram. Este é o caso do guerreiro Er, cuja aventura é contada por Platão; também é o caso de Dante, em sua Divina Comédia; além de outros, podemos citar a Viagem de Túndalo². Existem, também, aqueles que simplesmente viram o *além*, como se um filme lhes fosse apresentado, tal qual Emanuel Swedenborg, que dizia estar em permanente visão do *além*. Podemos também citar os relatos de experiências *de quase morte* e de viagens *extra-corpóreas* que aparecem na mídia com frequência. Há, ainda, aqueles que dizem receber informações dos

¹ Sobre isso nos diz Jean-Claude Schmitt: “Diferentemente segundo sua cultura, suas crenças, sua época, os homens atribuem aos mortos uma vida no além, descrevem os lugares de sua morada e assim representam o que esperam para si próprios. A esse título, o imaginário da morte e da evolução dos mortos no além constitui universalmente uma parte essencial das crenças religiosas das sociedades”. SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 15.

² Sobre Túndalo ver: ZIERER, Adriana. Paraíso versus inferno: a visão de Túndalo e a viagem medieval em busca da salvação da alma (séc. XII). **Mirabilia**: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, n.2, p.80-83, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com>> Acesso em: 1 ago. 2004 e DELUMEAU, Jean. **O que sobrou do paraíso?** São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 80-83.

mortos que lá “vivem” através de uma habilidade especial chamada mediunidade, são os médiuns.

São as representações sobre o *além da morte* que nos interessaram no estudo que realizamos. O Espiritismo brasileiro foi o campo onde colocamos as estacas que delimitaram o tema estudado. A idéia de que há *alguma coisa* ou *algum lugar* depois da morte, como já dissemos, é muito antiga e pertence a muitas expressões religiosas, inclusive ao Espiritismo, que tem nesta crença um de seus pilares fundamentais.

Esse Espiritismo ao qual nos referimos surgiu na França, no século XIX, e chegou ao Brasil logo em seguida à sua formulação teórica, realizada pelo pedagogo francês Hyppolite Leon Denizard Rivail (1804-1869), mais conhecido como Allan Kardec. Aqui, a crença espírita adquiriu o colorido próprio da nossa cultura assimilando práticas e representações de outros agentes sociais, especialmente do catolicismo.

No contexto brasileiro, Francisco Cândido Xavier é o mais destacado médium espírita. Tanto devido à extensão de sua obra literária como, sem dúvida, à imagem construída em torno de sua vida. Em nosso caso, não se trata de uma visão em vigília, visão em sonho ou mesmo uma aparição coletiva, apesar de também existirem relatos de alguns desses fenômenos nas biografias de Chico Xavier. No caso do médium Chico Xavier, ele afirmava receber as descrições do *além* como se alguém lhe ditasse, ou melhor, segundo a explicação dos próprios espíritas, agisse diretamente sobre o cérebro do médium.

Especificamente os textos de Chico Xavier que estudamos, permitem,

[...] revelar aos vivos, ouvintes ou leitores da *visio*, a geografia dos lugares do além, os caminhos escarpados, os rios gelados, as fornalhas e o catálogo das torturas de além-túmulo, grandes reservatórios, durante séculos, do imaginário do Ocidente³.

Essas revelações sobre os lugares do *além*, não deixou de ter seu conteúdo e sua forma alterados pela modificação dos contextos históricos em que foram apresentadas ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, existem as permanências, aquilo que continuou e que talvez explique a longevidade desta crença, pois o que é história vive da tensão entre a permanência e a mudança. Particularmente em nosso caso, a questão era explicar a persistência de um céu, ou melhor, da representação do *além* como um “lugar” e como um “modo de vida” tal qual encontramos nos textos de Chico Xavier.

³ SCHMITT, op. cit., p. 15-16.

A importância da demonstração de que isso se deve ao hábil cruzamento de diferentes representações contidas nas obras que foram objeto de estudo, deve-se ao fato de que, no estudo da história, não é possível deixar de dedicar esforços para compreender as idéias e sentimentos dos homens e mulheres que viveram em um mundo, assim como o nosso, repleto de sofrimentos, alegrias, medos e esperanças. Idéias e sentimentos que se manifestam nas crenças que possuíram nossos antepassados e que continuam a compor nosso universo cultural e ainda são capazes de estabelecer visões de mundo, mais ou menos duradouras e determinantes. Ao mesmo tempo, esse trabalho contribui para a compreensão da história do Espiritismo no Brasil. Nesse sentido, parte-se do mesmo pressuposto que Bernardo Lewgoy e Sandra Stoll, quando esses enfatizam a contribuição do catolicismo na constituição do Espiritismo no Brasil.

Após uma breve introdução teórica, na qual procurou-se realizar uma reflexão teórica que nos permitisse delimitar com mais clareza os conceitos teóricos que utilizamos nesse trabalho, dedicamos algum esforço no esclarecimento da idéia de *além* como sendo um problema possível de estudo histórico.

Além de analisar a posição do fundador do Espiritismo, Allan Kardec, fizemos uma apresentação da obra “Nosso Lar”, que foi incorporada ao trabalho para familiarizar o leitor com o conteúdo do livro. Aproveitamos esse momento para indicar a presença de algumas representações cristãs presentes no texto, o que corrobora interpretações anteriores que afirmam a forte influência católica no Espiritismo brasileiro. Verificamos como esse livro foi recebido pelos espíritas, através de artigos publicados na revista Reformador, que é o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira. Essa instituição, além de publicar as obras de Chico Xavier, considera-se a legítima representante dos espíritas no Brasil e, ao longo das décadas de 30 e 40 conseguiu a hegemonia do movimento espírita através da publicação das obras do médium mineiro. Observamos mais ao final do trabalho a relação da cidade espiritual “Nosso Lar” com a cidade terrena, Rio de Janeiro. Verificamos a possibilidade de ver a descrição do mundo espiritual como uma utopia e ao mesmo tempo um projeto de construção possível na Terra.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Como já indicamos anteriormente, são as representações espíritas sobre o *além da morte* que são os objetos de nossa interpretação. Assim, o nosso objeto de estudo enquadra-se numa área que podemos chamar de História das Religiões. O senso comum identifica religião com acreditar em Deus, freqüentar certos lugares sagrados⁴ (templos, igrejas, centros etc), praticar ou deixar de praticar certas ações (não cortar o cabelo, não comer carne de porco, usar véu etc). No entanto, precisamos reconhecer que estudar o Espiritismo a partir da perspectiva através da qual pretendemos observá-lo, significa adotar um determinado conceito menos restrito. Devemos adotar um conceito de religião que permita a compreensão de diferentes manifestações do religioso. Um conceito que possibilite o estudo de aspectos da religião que não são tocados por uma História da Igreja ou mesmo por uma História das Idéias, entendida aqui como a história das idéias religiosas sistematizadas em doutrinas estabelecidas⁵.

Pensamos em religiões como sistemas de crenças e práticas relativas ao sobrenatural. Entendemos também as representações de tais crenças e práticas devem ser compreendidas dentro de contextos históricos determinados e determinantes. Assim, por exemplo, é preciso considerar que existem relações de poder que definem quem pertence e quem não pertence a uma religião ou determinadas representações. A religião é compreendida, evidentemente, como sendo construída historicamente. Para o historiador, a religião não pode ser entendida como uma dimensão separada das demais práticas e representações sociais, mas tampouco apenas como subordinada a estruturas econômicas e sociais, pois como diz Peter L. Berger, a “sociedade é um fenômeno dialético por ser um

⁴ Mircea Eliade, considera a existência de uma heterogeneidade no espaço: “Para o homem religioso, *o espaço não é homogêneo*: o espaço apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. (ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 25).

⁵ O historiador Francisco Falcon, citando Robert Darnton, nos coloca quatro disciplinas que de alguma forma se preocupam com as idéias: “(1) a história das idéias propriamente dita – estudo do pensamento sistemático, ou seja, as idéias geralmente expostas em tratados filosóficos; (2) a história intelectual – o estudo do pensamento informal, climas de opinião, movimentos literários; (3) a história social das idéias – o estudo das ideologias e da difusão das ideais; (4) a história cultural – o estudo da cultura no sentido antropológico, inclusive as concepções ou visões de mundo e as mentalidades”. (FALCON, Francisco. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 92-93). Nesse ponto de vista, o presente trabalho pode ser considerado participante do quarto tipo de história das idéias, ou seja, se tomarmos um conceito bem amplo de *idéias*, que preferimos chamar de representações.

produto humano e nada mais que um produto humano, que no entanto retroage continuamente sobre seu produto”⁶.

O tema também se vincula a um tipo de história que utiliza conceitos como mentalidade, imaginário e representação. Podemos chamá-la de História Cultural⁷ ou Nova História Cultural⁸. Desta maneira, são estes os conceitos aos quais devemos direcionar nossa reflexão para que possam nos servir, ou não, de guias eficientes no caminho que pretendemos percorrer.

O abandono de qualquer tentativa de se produzir uma história global⁹ – aquela capaz de explicar toda a história – criou um vazio que os historiadores passaram a preencher com pesquisas que abordam temas antes desprezados pela historiografia tradicional seja ela Positivista ou mesmo Marxista¹⁰. Palavras como mentalidade, imaginário e representação passaram a ser de uso freqüente nos discursos dos historiadores. Isso, porém, foi realizado sem que houvesse consenso sobre o significado exato (se é que isso é possível) dessas palavras.

Acreditamos que é factível uma história que leve em conta essas novas abordagens e ao mesmo tempo conserve a capacidade explicativa. O primeiro passo para chegar a isso é tornar mais claro nosso próprio entendimento sobre os conceitos que

⁶ BERGER, Peter L. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004. p. 15. A religião segundo ele ocupa um lugar destacado nessa construção da sociedade.

⁷ Segundo Pesavento, a História Cultural trataria de aspectos como a escrita, a leitura, a micro-história, cidades (para além da abordagem econômica e social), literatura, imagens, identidades, entre outras. (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 68-98).

⁸ Peter Burke faz uma diferenciação entre História Cultural e Nova História Cultural. Indicando com a primeira expressão a velha forma de tratar a cultura: “A palavra ‘nova’ serve para distinguir a NHC – como a nouvelle histoire francesa da década de 1970, como a qual tem muito em comum – das formas mais antigas [...]”. (BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 69). Peter Burke refere-se à História Cultural como tendo quatro fases: a fase clássica, a fase da história social da arte, a história da cultura popular e a Nova História Cultural (NHC). (Ibidem, p. 15-16).

⁹ Conforme Chartier, “[...] o projeto de uma história global, capaz de articular num mesmo apanhado os diferentes níveis da totalidade social; a definição territorial dos objetos de pesquisa, [...] o primado conferido ao recorte social considerado capaz de organizar a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais. Ora, este conjunto de certezas abalou-se progressivamente, deixando o campo livre a uma pluralidade de abordagens e de compreensões”. (CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 176, 1991).

¹⁰ Segundo Pesavento a vertente marxista dominava a historiografia brasileira até os anos 80. (PESAVENTO, op. cit., p.10). Mas podemos encontrar autores marxistas que se aproximaram da História Cultural, é o caso de Eric Hobsbawm. Segundo Peter Burke, a obra de Hobsbawm e Ranger “A Invenção das tradições ajudou a renovar uma das mais tradicionais formas de história cultural”. (BURKE. **O que é história cultural?** op. cit., p.111). Em um dos textos que compõe esse livro, por exemplo, Hugh Trevor-Roper estuda a criação da tradição do uso do kilt pelos escoceses, acabando por concluir que o seu uso é muito mais recente do que se pretendia, fruto da invenção de um burguês que pretendia simplesmente vestir seus operários. (TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 25-51). Ou, em nossos termos, o que esse historiador estava fazendo era buscar as origens de uma representação coletiva.

utilizamos para compreender as idéias que os espíritas têm do *além*. Desde já deixamos claro que entendemos não existir ruptura entre condições concretas de existência, *aquilo que vai pela cabeça das pessoas*¹¹ e as práticas dessas mesmas pessoas. Existe uma relação, mas que não é de subordinação pura e simples. Concordamos, portanto, com Jacques Le Goff que afirma:

Uma explicação histórica eficaz deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos [...] ¹².

Começaremos com uma análise da chamada História das Mentalidades. Essa abordagem da história tem precursores ainda no início do século passado ou mesmo no retrasado¹³, mas começa a tomar forma como opção concreta para os historiadores a partir da segunda metade do século XX. A pretensão era dedicar esforços para compreender temas não tradicionais, investigando aspectos da realidade aos quais os historiadores não costumavam prestar atenção.

Os historiadores da História das Mentalidades abordaram novos e, para muitos, estranhos objetos¹⁴. Esses objetos são tantos que não faltou quem criticasse essa perspectiva alegando que ela despedaçava a história, tornando-a uma “história em migalhas”¹⁵

¹¹ A expressão é propositalmente vaga, por isso ela corresponde aos múltiplos conceitos que podem ser indicados para dizê-la: pensamento, mente, imaginação, consciência etc. Em um texto que é analisada a relação entre cultura, mente e cérebro, Clifford Geertz usa expressão semelhante para indicar a complexidade da questão: “Mas talvez seja exatamente essa suposição – a de que o que está em pauta e precisa ser determinado é uma espécie de ligação que estabeleça uma ponte entre o mundo dentro do crânio e o mundo fora dele – que cria o problema, antes de mais nada”. (GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 180).

¹² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 12.

¹³ Pesavento cita, por exemplo, Jules Michelet e Jakob Burckhardt do século XIX. (PESAVENTO, op. cit., p.19-22) e Peter Burke traz uma lista de publicações sobre História Cultural que inicia em 1860 e termina em 2003. (BURKE. **O que é história cultural?** op.cit., p.179-182).

¹⁴ Segundo Peter Burke: “[...] os deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo [...], a feminilidade [...], a leitura [...], a fala e até mesmo o silêncio”. (BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 11). Em outro texto, o mesmo autor nos diz: “Nos últimos tempos, foram apresentadas aos leitores histórias culturais da longevidade, do pênis, do arame farpado e da masturbação”. (BURKE. **O que é história cultural?** op. cit., p.9).

¹⁵ Estamos nos referindo ao historiador François Dosse cujo livro chama-se “História em Migalhas”. François Dosse, em sua conclusão afirma: “No entanto, paradoxalmente, a história semeada pelas ciências sociais acabou por abandonar sua identidade e arrisca-se bastante a perder-se na explosão em uma miríade de objetos diferentes e sem relações entre eles. Corre o risco de desaparecer como a zoologia ontem ou de conhecer a crise e a marginalização que a geografia conheceu”. (DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Ensaio, 1992. p. 251). A sementeira a que o autor refere-se à aproximação entre a história e a antropologia, por exemplo.

e que, portanto, perderia a capacidade explicativa¹⁶..

No entanto, não podemos definir a História das Mentalidades apenas pelos novos temas que passaram a ser estudados, porque muitos desses mesmos temas podem ser compreendidos por outros *tipos* de história. Podemos afirmar que, possivelmente, qualquer tema pode ser investigado utilizando-se as ferramentas conceituais de outras abordagens como da História Social ou da História Política.

A História das Mentalidades, e é isso que mais a caracteriza, volta sua atenção para uma espécie de inconsciente coletivo, ou visão de mundo, através da qual os homens percebem e interpretam a realidade. Essa dimensão da realidade, que é o objeto da História das Mentalidades, está localizada na longa duração histórica¹⁷.

Alguns historiadores das Mentalidades, para evitar a tendência subjetiva dessa abordagem, passaram a se apoiar na História Serial, procurando dar-lhe sustentação mais racional. Podemos citar o exemplo de Michel Vovelle, que defende o uso de ambas as abordagens na tentativa de capturar a dimensão mental da sociedade¹⁸.

Existe, acrescentemos, um outro caminho para a História Cultural que passa pela dimensão que conhecemos por História do Imaginário. Esse tipo de abordagem tem como objetivo o estudo das imagens verbais, visuais e, portanto, das imagens mentais produzidas em uma época e/ou sociedade. Segundo Pesavento “Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, constituem para si, dando sentido ao mundo”¹⁹. Imaginário é, portanto, um aspecto tão

¹⁶ Ibidem, p. 180.

¹⁷ A longa duração histórica esteve ligada ao aspecto das lentas mudanças geográficas, mas pode ser estendida à dimensão mental da sociedade.

¹⁸ Michel Vovelle afirma: “Do modo como se apresenta hoje, o reagrupamento que proponho, a partir de três contribuições definidas, se defronta com três aspectos relacionados à problemática das fontes e dos métodos na história das mentalidades. No domínio das sensibilidades religiosas – um perfeito terreno escorregadio – ela aborda o problema do conhecimento ‘baseado em traços’, inevitável a toda abordagem em série, desde que haja um esforço para relacionar gestos e expressões exteriores com os segredos de atitudes interiores”. (VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 31). Ele coloca em prática essa perspectiva serial na análise do tema “morte”, por exemplo, num texto chamado “Lugares e ritos fúnebres desde o século XIX até os nossos dias”, ele realiza um estudo bastante amplo dos cemitérios: “A tarefa exigiu a elaboração de um conjunto de grades de tratamento (por cemitério, por quadra, por sepultura) para obtenção de uma ficha normalizada capaz de permitir um tratamento homogêneo das amostras. Estudamos um conjunto de r mil túmulos, distribuídos em cinco áreas, visando a analisar as diferentes contribuições do cemitério (do ponto de vista sociológico, arquitetônico, simbólico e da estrutura familiar...)”. (VOVELLE, Michel. **Imagem e imaginário na História**: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997. p. 354).

¹⁹ PESAVENTO, op. cit., p.43.

importante das sociedades humanas quanto aquilo que chamamos de realidade concreta.²⁰

O Imaginário possui ligações com os conceitos de Mentalidade e Representação. Porém, a noção de Imaginário nos remete a algo mais dinâmico que Mentalidade. A Mentalidade, como dissemos antes, associa-se à história da longa duração, enquanto o Imaginário incorpora elementos simbólicos diversos que produzem e são produzidos pelas representações sociais. Assim, existe alguma relação entre imaginário e símbolos.

Enquanto o conceito de Mentalidade parte do pressuposto de que existe uma “mentalidade coletiva” quase imóvel, a História do Imaginário dedica-se ao estudo das relações entre a imagem e a vida concreta da sociedade. Poderíamos dizer de outro modo que a História das Mentalidades procura algo mais abstrato do que a História do Imaginário que, por sua vez, volta-se para objetos mais definidos da sociedade.

A História do Imaginário, assim, está mais interessada nas imagens produzidas socialmente do que nos modos coletivos de sentir, mesmo quando tais imagens sejam frutos dessa mentalidade coletiva. Um historiador que se utilize dessa abordagem deve trabalhar para compreender a vida social utilizando os elementos do imaginário que devem fornecer os materiais²¹ que permitam visualizar as relações entre o imaginário e o real.

Após termos procurado esclarecer um pouco mais a respeito dos conceitos de mentalidades e imaginário, vamos definir o que entendemos por “representações”, que é a idéia fundamental idéia de nosso trabalho. Etimologicamente, a palavra representação vem do latim *representatio*, que, segundo Abbagnano,²² tem origem medieval e indica a imagem, a idéia ou ambas as coisas. Ainda, segundo esse autor, os escolásticos usavam o conceito como semelhança do objeto.

A chamada História Cultural²³ tem em seu vocabulário básico o termo representação, apesar de possuir mais de uma significação para o estudioso da sociedade. Essa

²⁰ Pois, a “idéia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a idéia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica”. (Ibidem).

²¹ Segundo Pesavento, “Assim, para chegar até as sensibilidades de um outro tempo, é preciso que eles tenham deixado um rastro, que chegue até o presente como um registro escrito, falado, imagético ou material, a fim de que o historiador possa acessá-lo”. (PESAVENTO, op. cit., p. 46).

²² ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p. 820.

²³ Ou como prefere Peter Burke, Nova História Cultural.

categoria foi incorporada a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim²⁴. O sucesso do termo deve-se justamente à sua ambigüidade original, pois as representações podem substituir a realidade representada ou podem tornar compreensível a realidade representada. Mas não precisamos que a representação seja uma coisa ou outra, podemos assumir que seja ambas²⁵. A articulação entre o mundo social e as suas representações, que julgamos imprescindíveis, é visível para nós por meio da linguagem.

Entendemos que representações religiosas são representações coletivas²⁶ traduzidas em formas simbólicas que estão em permanente relação com os contextos sociais e processos históricos em que estas representações são produzidas, transmitidas e recebidas. Assim, queremos acentuar tanto o caráter simbólico das representações quanto o fato de tais formas simbólicas estarem inseridas em contextos sociais historicamente determinados²⁷.

Dessa maneira, uma interpretação das representações espíritas do *além* deve ser vista como o estudo dos significados e do contexto histórico-social das representações encontradas nos relatos e descrições da vida após a morte. Estes significados, que são interpretados cotidianamente pelos leitores das obras espíritas, requerem também uma abordagem histórica.

Consideramos que toda representação enunciada por um sujeito tem uma intenção, consciente ou não. Assim, as representações espíritas do *além* foram produzidas por

²⁴ Segundo Chartier, “Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de ‘representação coletiva’ autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente constituída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente em estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”. (CHARTIER. **O mundo como representação**, op. cit., p. 183). No texto “Sociologia da religião e teoria do conhecimento”, Durkheim procurou encontrar as formas elementares da religião que permitissem compreender todas as religiões. Considera as religiões como sistemas de crenças, representações coletivas: “As representações coletivas são produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço mas também no tempo também; para fazê-las, uma multiplicidade de espíritos diversos associaram, misturaram e combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí sua experiência e sabedoria”. (DURKHEIM, Émile. Sociologia da religião e teoria do conhecimento. In: RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Émile Durkheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 1999. p. 158).

²⁵ Para Ronaldo Vainfas, o conceito de “Representação, segundo Chartier, pensada quer como algo que permite ‘ver uma coisa ausente’, quer como ‘exibição de uma presença’, é conceito que o autor considera superior ao de mentalidade” e que possibilita as articulações com o mundo social (ver nota anterior). (VAIFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 154).

²⁶ Conforme Durkheim: “As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas”. (DURKHEIM, op. cit., p. 155).

²⁷ Chartier alerta para o falso debate entre uma pretensa objetividade das estruturas e a suposta subjetividade das representações. (CHARTIER. **O mundo como representação**, op. cit., p. 182-183).

um sujeito²⁸ com objetivos e propósitos definidos, expressar alguma idéia – aquilo que ele quis dizer. Por outro lado, os leitores das obras espíritas também reconhecem nas representações o sujeito produtor e as mensagens a serem lidas e compreendidas. O que não significa que ambas as *peças* (sujeito-produtor e sujeito-receptor) concordem sempre com o significado das representações ou mesmo que o sujeito-produtor – Chico Xavier - tenha total consciência de todos os significados daquilo que produziu.

Por outro lado, se a linguagem é que permite o acesso ao universo mental, isso exige regras, códigos e convenções, ou as formas simbólicas não serão compreendidas. O que, evidentemente, não significa que produtores e receptores estejam totalmente conscientes deste aspecto. Na verdade, em geral, as representações são engendradas e interpretadas por esquemas implícitos que fazem parte do conhecimento tácito dos seres humanos.

A importância que conferimos ao aspecto contextual justifica-se pelo fato de que as representações não estão “flutuando no ar”, mas sim estão mergulhadas em contextos históricos e sociais específicos dentro dos quais elas são produzidas, transmitidas e compreendidas. Dessa mesma maneira, as representações do *além* na França do século XIX são necessariamente diferentes das engendradas no Brasil do século XX, pois foram elaboradas dentro de contextos específicos.

Do mesmo modo, não podemos deixar de investigar as possíveis relações do discurso contido nas descrições espíritas do *além* e os conflitos que poderiam estar ocorrendo no momento de sua produção. Este aspecto das representações como meio de conquista de espaço social é comentado por Chartier, quando afirma que as lutas entre representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas quando o historiador analisa os mecanismos que os grupos sociais utilizam para impor seus valores²⁹.

Portanto, as obras espíritas que descrevem e narram a *vida após a morte* representam uma intenção, uma vontade de dizer algo sobre a vida no *além*, mas principalmente sobre como é e como deve ser nossa vida aqui na Terra. Isso somente pôde ser feito através de termos e/ou *imagens* que fossem reconhecidas pelos possíveis leitores. Por

²⁸ Com sujeito-produtor, em nosso caso, estamos nos referindo tanto a Francisco Cândido Xavier e por extensão a própria Federação Espírita Brasileira, que publica a maioria das obras do médium mineiro. Conforme já demonstramos no livro “Espiritismo: história e poder (1938-1949)”, essa instituição utiliza o discurso das obras Chico Xavier como uma das estratégias de conquista e manutenção do seu espaço simbólico no campo religioso brasileiro.

²⁹ CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Russel, 1990. p. 17.

isso, não é de estranhar que ao lado de representações tipicamente espíritas encontremos igualmente aquelas que vieram do catolicismo, religião hegemônica no Brasil.

Para compreendermos os significados destas representações pressupomos que “aquilo que vai pela cabeça das pessoas”, que, resumidamente podemos chamar de *o pensamento*, possui duas dimensões: o pensamento é ao mesmo tempo processo e produto. Enquanto processo admitimos que existe algum *denominador-mínimo-comum* entre todos os seres humanos, sem o que não seria possível o conhecimento do outro e portanto a própria história. Por outro lado, o pensamento como produto nos indica que há uma variedade imensa de representações a serem interpretadas, o que deveria nos imunizar da tendência de acreditarmos que nossas representações são melhores que as dos outros.

A representação chave aqui é a de *além*, que significa mais do que vida após a morte, ela exige também imaginar um lugar para a alma dos mortos. Ela apresenta uma história própria, um dinamismo que estabelece diferenças entre sua manifestação na origem do Espiritismo no século XIX e sua correspondente no Brasil do século XX através das obras de Francisco Cândido Xavier.

2 O ALÉM

O lugar onde está este *além* pode ser uma questão problemática para muitos de nós, mas não era para as pessoas que viveram antes que o pensamento científico passasse a ditar quais eram os limites entre o real e o imaginário. Mergulhados no sagrado, o homem religioso do passado sabia que o céu estava logo ali em cima e se houvesse uma escada grande o bastante poderia tocá-lo. A visão predominante dividia o mundo em duas partes: a sublunar, corruptível, imperfeita e, acima da Lua, o mundo divino e celeste³⁰. Divisão que se consagrou durante séculos, configurando uma arquitetura cósmica que perdurou pelo menos até o século XVI.

Como não se podia conceber um lugar sem a presença da divindade tinha-se horror ao nada, ao vácuo, ao vazio³¹. Assim, o espaço *acima de nós* deveria ser preenchido com algo, o paraíso – um lugar para irmos após nossa morte. Jean Delumeau estudou esse que é um dos maiores sonhos que a mente do homem ocidental produziu, isto é, a crença no paraíso e no *além* eterno repleto de felicidades, realizando uma ampla análise de textos e imagens do paraíso ao longo dos séculos e acabou por concluir que a nossa relação com o *além* modificou-se profundamente neste tempo todo. “Por muito tempo o sobrenatural e o real concreto da terra estiveram imbricados um com o outro: o sobrenatural invadia o cotidiano; inversamente, o mobiliário terrestre encontrava vasto espaço no mundo celeste”³².

Mas, a partir do final da Idade Média o espaço profano começou a invadir o espaço sagrado. Descobriu-se que os elementos do céu têm a mesma natureza dos elementos do mundo sublunar. A distinção entre o céu e a terra se desfez paulatinamente até que a chegada do homem à Lua, no século XX, tornou-se a evidência da vitória do céu profano sobre o céu sagrado. Nas palavras de Jean Delumeau:

³⁰ Essa divisão entre mundo celeste e mundo sub-lunar, corresponde à divisão que o homem religioso faz do mundo como um todo. Para o homem religioso tudo o que existe pode ser considerado sagrado ou profano. Como nos diz Mircea Eliade: “Pode-se medir o princípio que separa as duas modalidades da experiência – sagrada e profana – lendo-se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana [...]”. (ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões, op. cit., p.19).

³¹ A dificuldade em conceber o vazio pode ser percebida pela criação e persistência da idéia do Éter, uma substância imaginada para conter os corpos celestes, que somente foi descartada no início do século XX.

³² DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p.507.

Daí em diante, o paraíso só pôde ser definido como uma utopia, isto é, no sentido etimológico dessa palavra forjada por Thomas More, como um ‘não-lugar’ [...]. Afastando-se da tentação do maravilhoso, o crente de hoje deve aceitar o vazio das representações relativas ao além³³.

No processo de laicização do cosmos, devemos considerar também o impacto da Reforma Protestante que não somente negava a existência do purgatório, mas também demonizava os fantasmas e, ao mesmo tempo, estabelecia uma ligação entre aparições de espíritos e feitiçaria. Assim, a partir do Iluminismo, a crença em um mundo povoado pelos mortos foi sendo empurrada para o espaço das *crenças populares*. Seguindo esse raciocínio deveríamos chegar à conclusão de que, no mundo contemporâneo, o *além* já deveria ter desaparecido. Afinal, no lugar do ranger dos dentes encontramos nas entranhas da terra, petróleo e no lugar dos anjos cantando e tocando harpas, achamos as pedras e poeira da Lua.

Mas não foi isso que aconteceu. Percebemos que o céu sagrado continua a prender a atenção das pessoas e as representações do *além* estão longe de estarem vazias como quer Jean Delumeau. Para os espíritas brasileiros o *além* nada tem de maravilhoso ou de impreciso, muito pelo contrário, é tão concreto quanto esta folha de papel. É, sem dúvida, considerado um lugar. Talvez, como sugere Schmitt³⁴, o Espiritismo esteja satisfazendo uma necessidade de crer que não pode mais ser expressa totalmente pelas fórmulas do passado, mas que continua existindo.

Uma das questões mais importantes para compreensão das representações do *além* se refere problema do lugar, do espaço onde está esse *além*. Jacques Le Goff já havia levantado esse aspecto em seu estudo sobre o nascimento do purgatório. Ele considera que a organização do espaço onde a sociedade existe é um aspecto importante de sua história.

Organizar o espaço do seu além foi uma operação de grande alcance para a sociedade cristã. Quando se aguarda a ressurreição dos mortos, a geografia do outro mundo não é uma questão secundária. E pode esperar-se que exista uma relação entre a maneira como essa sociedade organiza o seu espaço aqui em baixo e o seu espaço no além, pois os dois espaços estão ligados através das relações que unem a sociedade dos mortos e a sociedade dos vivos³⁵.

³³ Ibidem, p. 508.

³⁴ SCHMITT, op. cit., p. 248.

³⁵ LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993. p.18.

Concordamos com Le Goff de que a questão do lugar do *além* não é secundária. Os espíritas não esperam a ressurreição dos mortos, mas acreditando na reencarnação atribuem grande importância em saber “onde” estarão durante o intervalo de duas “vidas”.. Trilharemos rapidamente um caminho que nos permitirá traçar uma breve história de como o espaço profano invadiu o sagrado, a fim de ilustrar o contexto em que “nasceram” as representações espíritas do *além*.

Convém iniciar com Ptolomeu (90-168 d.C), o último representante da ciência grega, pois suas obras podem ser consideradas a conclusão de todo o trabalho do intelecto grego e principalmente pela longa influência que teve durante toda a Idade Média. Sabe-se pouco sobre a vida de Ptolomeu, mas sabemos que escreveu seus trabalhos entre 127 e 141 d.C. e que viveu em Alexandria, naquela época, uma província romana e uma referência cultural.

A principal obra de Ptolomeu é conhecida por *Almagesto*, nome dado pelos árabes e que significa “o livro muito grande”. Nessa obra, Ptolomeu descreve o sistema geocêntrico que conseguia explicar muitos fenômenos celestes com certa precisão. O modelo de Ptolomeu podia descrever os movimentos do sol da lua e dos planetas e também permitia realizar previsões de suas posições futuras com razoável exatidão³⁶. Importante notar que Ptolomeu dedicou-se igualmente à astrologia, sendo o autor do livro *Tetrabiblia*, que trata dos signos e sua influência nos acontecimentos na Terra.

O sistema de Ptolomeu caracterizou-se por considerar o universo finito, a terra fixa no centro do universo, a órbita perfeitamente circular dos planetas e a divisão do mundo em duas partes: o sublunar e o celeste³⁷. Tal representação do universo, hoje sabidamente equivocadas, estava em perfeita concordância com o imaginário religioso da época. Ptolomeu pretendia estar em contato com a divindade ao investigar os mecanismos celestes, pois considerava que esses eram obras divinas. Por exemplo, considerando que Deus só poderia obrar perfeitamente, os planetas deveriam ter suas órbitas circulares porque essa seria a forma mais perfeita.

No entanto, a obra de Ptolomeu só foi redescoberta na Europa por volta do século X, aproximadamente o início da baixa Idade Média, ou seja, época do começo do renascimento comercial e urbano. E, como não poderia deixar de ser, o universo para o

³⁶ GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**: dos mitos de criação ao big-bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 85.

³⁷ SIMAAN, Arkan; FONTAINE, Joëlle. **A imagem do mundo**: dos Babilônicos a Newton. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 58.

homem medieval era fechado tal como era fechada cidade medieval, cercada por muralhas. A cidade medieval, por sua vez, foi o protótipo de muitas cidades celestiais, é o que nos diz Delumeau, “[...] ao longo das eras os artistas muito naturalmente imaginaram a cidade celeste utilizando ou recompondo os elementos que lhes propunha a silhueta das cidades de seu tempo”³⁸. No centro desse Universo estava a Terra, local da corrupção, habitada por seres passíveis da degradação moral e, por isso mesmo, de morrerem. A Terra era rodeada pelas esferas da Lua, do Sol, dos planetas e das estrelas seguindo uma ordem crescente de perfeição. Acima da esfera das estrelas fixas havia a esfera do *primum mobile*, e, ainda, além desta, a esfera empírea, habitação de Deus. Desta maneira, a hierarquia de valores morais refletia-se na hierarquia do espaço. Mais do que isso, a divisão primitiva do universo em apenas duas regiões, sublunar e celeste, cedeu o lugar a um número maior de subdivisões ou céus. Apesar disso, continuou existindo a diferença básica entre mundo terreno, caracterizado pela mutabilidade, e o espaço celeste, reino da permanência etérea e eterna. O universo, assim concebido, é dividido de tal modo que o resultado é uma escala gradual que se estende de Deus até a mais baixa forma de existência moral, ou seja, Lúcifer. Uma das descrições que retratam melhor esse *além* é, sem dúvida, a de Dante Alighieri, a qual podemos considerar o arremate das representações anteriores, ou como nos diz Jacques Le Goff (apesar do fato de estar se referindo ao purgatório, podemos estender suas observações a todo sistema cristão do *além*), “[...] através de uma obra de exceção, reuniu numa sinfonia a maior parte dos temas esparsos cujo rasto segui nesta obra [O Nascimento do purgatório]. Il Purgatório é uma conclusão sublime para a lenta gênese do Purgatório”³⁹.

Muito antes de Dante, porém, descrições do *além* já eram freqüentes, principalmente em formas de viagens ao “outro mundo”, pois se o *além* é um lugar, é possível viajar até ele, ou pelo menos vê-lo e, portanto, descrever suas paisagens e seus habitantes. Assim, acreditava-se que viajar pelas esferas celestes era uma coisa totalmente possível de ser feita, desde que acompanhada por algum anjo ou santo⁴⁰, “Tratam-se de relatos feitos por homens a quem Deus havia dado a graça de visitar; em geral conduzidos por um anjo ou um arcanjo, o Inferno e o Paraíso [...]”⁴¹.

³⁸ DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p. 118.

³⁹ LE GOFF. **O nascimento do purgatório**, op. cit., p. 395.

⁴⁰ No caso das obras de Chico Xavier, o médium não faz propriamente uma viagem ao *além*, mas mesmo assim é assessorado por um “espírito mentor”, Emmanuel, que prefacia suas obras. Acrescenta-se a isso o fato de que o personagem que narra a história também é constantemente acompanhado por orientadores que lhe explicam sobre as coisas do mundo espiritual.

⁴¹ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002. p. 26.

Encontra-se, por exemplo, na “Vida dos Santos Padres de Mérida”⁴², obra datada do século VII, o caso do menino Augusto. O jovem é apresentado como simples, inocente e de muita fé. Tendo ficado doente e de cama, o menino relata o que viu durante esse período. Afirmou que esteve num lugar maravilhoso, repleto de flores perfumadas, rosas, lírios, grama verde, coroas de pedras preciosas, véus de seda e onde soprava uma leve brisa perfumada. Viu também muitas cadeiras, para a direita e para a esquerda e uma cadeira mais alta no centro. Relatou, ainda, ter visto muitos servidores bonitos e bem vestidos preparando um banquete. De repente, continua a descrição, uma multidão de santos apareceu, enfeitados com pedras preciosas, ouro e com coroas reluzentes. Entre eles, segundo o menino, havia um homem bonito, resplandecente, mais alto que os outros, mais brilhante que o sol e mais branco que a neve. Esse homem sentou-se na cadeira mais alta e todos caíram em adoração. O menino foi levado até esse homem que ordenou que fossem fornecidas bebida e comida ao menino. Após o banquete, o homem levou o menino para ver o jardim. No jardim havia uma corrente de água cristalina e ao longo desta corrente muitas árvores e flores perfumadas de muitas fragrâncias. Pouco tempo depois o menino morreu.

Nesta descrição ainda não temos todos os elementos do *além* cristão presentes na obra de Dante, mas já vemos alguns elementos que permaneceram até as obras de Chico Xavier. É verdade que o menino não descreve uma cidade espiritual, fica-se com a sensação de um palácio cercado de jardins. A imagem do *além* muitas vezes se aproxima da representação do jardim do éden.

Outra visão do *além*, agora do século XII, é a produzida por Hildegarda de Bingen. Nascida em 1098, viveu o período do avanço da vida monástica, quando Cluny, e depois Cister, foram exemplos do ardor espiritual desse momento. Era a décima filha de uma família de nobres e teve uma vida onde a doença e o sofrimento estiveram sempre presentes, aliás, como convém a uma santa. Aos oito anos, foi entregue a uma jovem de família nobre que morava num mosteiro para que fosse educada. Desde cedo tinha visões, como quando viu a cor de um bezerro antes dele ter nascido, mas as guardava em segredo. Somente aos quarenta e dois anos, suas visões vieram à luz. Ela ouviu, em 1141, uma voz que a ordenava a escrever tudo o que lhe fosse dito e mostrado. Ela escreveu que uma luz brilhante como fogo, vinda do céu, abateu-se sobre seu corpo. Seu trabalho estendeu-se de 1141 a 1151 e sua

⁴² Podemos ver uma breve análise do imaginário ligado ao *além* contido nessa obra em: FAVARO, Germano Miguel Esteves. **Algumas considerações acerca do imaginário ligado ao além na hagiografia vida dos santos padres de Mérida**. 2006. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/neam/anais2006/anais2006.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2006 e DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p. 77.

primeira obra chama-se “Scivias” e compreende três livros, o primeiro descreve seis visões de Hildegarda, o segundo sete visões e o terceiro treze visões⁴³.

Em uma de suas visões ela descreve uma cidade quadrada, cercada por três muros, referência às três ordens da sociedade medieval. Dentro destes muros ela mostra numerosos edifícios, igrejas, palácios, colunas e casas comuns. Sua descrição é carregada de simbolismo, a cidade é feita de pedras preciosas. Hildegarda trabalha com essa ambigüidade, *gemma*, em latim pode significar uma jóia ou um rebento. No centro da cidade há a árvore cósmica, cujas raízes são os profetas. É uma cidade perfeita, provavelmente inspirada no apocalipse de João e na “Cidade de Deus” de Santo Agostinho⁴⁴. Percebemos muitas características de uma cidade medieval, com os elementos correspondentes e uma cidade celestial com bastante simbolismo.

Em outra descrição, a “Visão de Túndalo”, o *além* ganha mais elementos com o acréscimo das regiões de sofrimento. Nesse caso a narrativa de sua viagem pelo *além* teve a duração de três dias, durante os quais Túndalo esteve aparentemente morto. A narrativa começa com a descida de Túndalo e do anjo que o acompanha ao interior da Terra. O que está, evidentemente, de acordo com a concepção cristã medieval do universo: o inferno fica no interior da Terra, portanto no centro do mundo. Encontramos vários elementos geográficos. Os assassinos sofrem num vale profundo, os traidores são castigados num rio gelado e no fogo, os orgulhosos estão mergulhados em um lago fétido, os avarentos são atormentados num rio de enxofre, entre outros tormentos destinados a cada tipo de pecado. Destaca-se aqui que os sofrimentos são físicos e não espirituais, o demonstra bem o paralelo entre o espaço do *além* e o espaço físico.

Após passar pelas regiões do sofrimento, Túndalo e o anjo chegam a um lugar que podemos considerar como sendo a antecâmara do paraíso e depois chegaram ao paraíso propriamente dito onde, como em Hildegarda, há três muros: o de prata, o de ouro e o de pedras preciosas. Continuando a viagem, Túndalo vê uma árvore frondosa carregada de frutas e onde pássaros multicoloridos cantavam melodiosamente⁴⁵. Túndalo vê ainda coros de santos que vestiam roupas brancas e eram belos, alegres e contentes. Há, ainda, o aroma do campo. Mais adiante vê lírios, rosas e outras plantas perfumadas e habitações para os que

⁴³ PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen**: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

⁴⁴ DRONKE, Peter. As cidades simbólicas de Hildegarda de Bingen. In: CENTENO, Yvette Kace; FREITAS, Lima (Coord.) **A simbólica do espaço**: cidades, ilhas, jardins. Lisboa: Estampa, 1991.

⁴⁵ ZIERER, op. cit.

defenderam a Igreja. Encontramos assim, novamente as imagens do muro e da árvore (acrescentada de pássaros coloridos), o perfume, a música, a vestimenta branca, as habitações para os eleitos⁴⁶. Além do apelo aos sentidos físicos, destaca-se a oposição entre o local de sofrimento e o paraíso: fedor/perfume, dor/cânticos, fogo/flores. Le Goff resume bem essas características,

O Paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos através de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos (pois os pudicos eleitos vestem, em geral, belas togas brancas, só alguns artistas devolvem a eles a nudez da inocência do Paraíso terrestre antes da Queda). Algumas vezes, o paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas [...]⁴⁷.

A Terra já era esférica, novamente, quando Dante Alighieri escreveu a “Divina Comédia”, em pleno século XIV. Foi uma viagem espacial que Dante e seu guia, Virgílio, empreendem. Não uma viagem espacial como entendemos hoje, através de naves altamente sofisticadas, mas uma viagem pelo espaço, por todo o espaço existente na mente medieval. É certo que sua viagem tem um caráter literário muitíssimo mais acentuado que as descrições que citamos anteriormente, mas sua obra retratou com maestria tanto o espaço físico como o espiritual da Idade Média.

O universo cristão correspondia a três regiões, o inferno, o purgatório e o paraíso. Ao tempo de Dante o purgatório já havia se estabelecido como existente na teologia cristã e, portanto, garantia um espaço real para ele. Em Dante o inferno está no subterrâneo, também dividido em círculos como o céu é dividido em esferas. Quanto piores eram os pecados, mais para o centro da Terra ficava a alma e pior eram os castigos. O purgatório é representado por uma montanha, acesso ao paraíso que fica nas alturas. Enfim, o paraíso onde o poeta encontra sua amada Beatriz.

A descrição do universo realizada por Dante estava sustentada pelo conhecimento científico da época⁴⁸. Segundo uma das idéias dessa época, o mundo celeste era diferente do mundo terrestre do ponto de vista qualitativo. O mundo terreno era o lugar dos mortais, sujeitos a degradação do corpo e das tentações do demônio, era o reino do mutável. O domínio celeste era o reino do imutável, composto da substância incorruptível, a quita

⁴⁶ DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit.

⁴⁷ LE GOFF; SCHMITT, op. cit., p. 28.

⁴⁸ WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço:** de Dante à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 40.

essência (diferente das quatro essências materiais, ar, terra, fogo e água), também conhecida como éter – daí a região celeste ser chamada de etérea, mais etérea quanto mais longe estivesse da Terra.

Para os homens medievais o mundo físico e o mundo espiritual eram diferentes, mas parte de uma mesma realidade. Dante faz corresponder exatamente cada uma das esferas celestes a uma ordem angélica. Sua inspiração foi a obra “A Hierarquia Celeste” do Pseudo-Dionísio, que por sua vez cristianizou a crença antiga de que os deuses do Olimpo governavam os sete planetas⁴⁹.

É desta época a obra de São Tomás de Aquino, que pode ser considerada o auge do pensamento cristão medieval. Dante e São Tomás de Aquino escreveram suas obras justamente quando profundas transformações na maneira como os homens enxergavam o mundo estavam ocorrendo e obrigariam a uma série de mudanças.

Sucessivas adaptações no modelo proposto por Ptolomeu tornaram-no cada vez mais complexo e ele deixou de explicar muitos fenômenos celestes. Porém, esse modelo sobreviveu a muitas transformações históricas e somente veio a receber o primeiro golpe significativo em 1543⁵⁰, com a publicação do livro de Copérnico, “De Revolutionibus Orbium Coelestium”, onde defende a idéia de que é a Terra que gira em torno do Sol; apesar dessa idéia já ter aparecido em um texto anterior, o “Commentariolus”, composto entre 1510 e 1514. Nessa época, em que a esfericidade da Terra já não podia ser simplesmente negada por qualquer um com instrução suficiente, portugueses e espanhóis acabaram por enterrar qualquer outra representação da Terra.

O próximo passo na construção do moderno sistema do mundo veio de uma aldeia alemã próxima à Floresta Negra, onde morava a família Kepler. Johannes Kepler (1571-1630) passou por uma infância difícil, mas entrou para o seminário aos treze anos. Sua vida adulta não teve menos dificuldades. Sua mãe, por exemplo, foi acusada de bruxaria numa região onde várias bruxas já haviam sido queimadas entre 1614 e 1629. Além disso, viveu quase na miséria, perdeu três filhos e sua mulher enlouqueceu.

Mergulhado no misticismo de sua época, Kepler pretendeu descobrir no universo uma inteligência matemática por trás dos fenômenos, ou seja, Deus. Assim, imaginou um complexo sistema de poliedros sobrepostos em cujo centro estava o Sol. As

⁴⁹ DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p. 43.

⁵⁰ Ano da morte de Copérnico, que foi um revolucionário “tímido”, fazendo de tudo para não divulgar suas idéias, talvez com medo das perseguições religiosas.

esferas celestes tentavam salvar-se em forma de poliedros. Em 1609, publicou a obra “A Astronomia Nova”, onde estão as duas leis que revolucionaram a astronomia: a primeira, que afirma serem as órbitas dos planetas elipses e a segunda, que diz que os planetas percorrem áreas iguais em tempos iguais. Com estas duas “simples” descobertas, Kepler eliminava dogmas que haviam dominado a astronomia durante mais de dois mil anos, o princípio de que as órbitas dos corpos celestes deveriam ser circulares e que seu movimento deveria ser uniforme. Kepler nos deu uma descrição do universo muito mais exata do que as tentativas anteriores, mas colocava em questão a perfeição que deveria possuir o espaço celeste. Assim, apesar de dispensar os poliedros, Kepler conseguiu uma eficiente descrição da geometria e dos movimentos dos planetas e, por conseqüência, eliminou mais um dos pilares que sustentavam a crença nas esferas celestes.

As representações, no entanto, não cedem a uma “simples” explicação racional. A tradição não se renderia facilmente às inovações propostas pelos pensadores que fundaram a ciência moderna. No dia 17 de fevereiro de 1600, numa praça de Roma, Giordano Bruno foi queimado vivo nas fogueiras do Santo Ofício. Seu temperamento arrogante e orgulhoso não ajudava a aceitação de suas idéias que eram, sem dúvida, revolucionárias: o universo é infinito e há uma infinidade de outros mundos habitados por outras humanidades. Além dessas idéias a respeito do universo, possuía outras mais heréticas: duvidava da virgindade de Maria e dos milagres do Cristo. De qualquer maneira, a idéia de um universo infinito começava a fazer parte das especulações filosóficas. Ficava cada vez mais difícil imaginar a Terra cercada por finitas esferas celestes.

Mas, como já dissemos, a tradição não cede facilmente e, poucos anos depois da execução de Giordano Bruno, Galileu Galilei (1564-1642) também foi julgado e ameaçado com as mesmas chamas inclementes das fogueiras do Santo Ofício. Mesmo assim, Galileu ajudou a demolir a física aristotélica. Sua grande contribuição foi o método experimental e de observação, desde a famosa experiência na torre de Piza até o uso da luneta para conhecer o céu. A descoberta das imperfeições da Lua, de estrelas que não podiam ser vistas a olho nu, as luas de Júpiter e as manchas solares, demonstrava que o céu não era tão perfeito. Era o mesmo que dizer que o mundo celeste era da mesma natureza no mundo terrestre. Nada de esferas ou coros de anjos, apenas crateras na Lua e luas em outros planetas.

As novidades não foram aceitas com facilidade por todos. O próprio uso de instrumentos para observar o céu era motivo de crítica: não seria ele causa de alguma deformação na imagem observada? Para nós, que estamos acostumados a utilizar

instrumentos para “ver” melhor a natureza, é estranho pensar que tais instrumentos possam ser acusados justamente de deformá-la. Essa foi uma ruptura importante entre o pensamento medieval e o moderno.

Apesar de existirem defensores das idéias de Galileu dentro da Igreja, ele acabou sendo alvo de inúmeras críticas. Diante da insistência dessas, Galileu acabou por abjurar, amaldiçoar e deplorar publicamente as idéias de Copérnico, em 1633. Dessa maneira, no início do século XVII, o sistema de Ptolomeu continuava sendo ensinado, apesar da semente da moderna astronomia já ter sido lançada. Uma prova disso eram as cópias de obras de Galileu, que podiam ser encontradas com facilidade por toda a Europa⁵¹.

Não nos enganemos, porém, ainda estava longe uma concepção do universo propriamente materialista. Copérnico, por exemplo, chegou mesmo a comparar o universo a um templo magnífico⁵². Jean Delumeau sugere que a descoberta das órbitas elípticas dos planetas tenha influenciado uma nova forma de construir igrejas, que também passaram a utilizar a forma elíptica ou oval⁵³. Ainda segundo ele, os séculos XVI e XVII foram férteis em visionários, como Santa Tereza D’Ávila que descreve o inferno ainda como um lugar bem material, com rua, fedor, muralha. É ela quem relata uma de suas visões em estado de êxtase:

*L’entrée de ce lieu de tourments me parut semblable à une de ces petites rues très longues et étroites, ou, pour mieux dire, à un four extrêmement bas, obscur, resserré. Le sol me semblait être une eau fangeuse, très sale, d’une odeur pestilentielle, et remplie de reptiles venimeux. A l’extrémité s’élevait une muraille [...].*⁵⁴

Não foi apenas entre os místicos que a religião esteve presente. Essa época que, sem dúvida, começava uma revolução na astronomia, deve ser entendida sem a “higienização” que a posteridade promoveu na biografia de seus personagens. Copérnico, Bruno, Galileu, Kepler estavam imersos numa época em que a astronomia se conjugava com a astrologia e com a magia. O estudioso Rheticus, defensor do heliocentrismo de Copérnico, não hesitou em procurar harmonizar esse sistema com a magia dos números:

⁵¹ GLEISER, op. cit., p.161.

⁵² DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p. 308-309.

⁵³ Ibidem, p. 309.

⁵⁴ D’ÁVILA, Santa Tereza. **Textes de references:** apocryphes - pères de l’église - auteurs chrétiens - auteurs antiques. Disponível em: <<http://sophie.md.chez-alice.fr/NouvOMond/biblioapo.htm>> Acesso em: 29 jan. 2006. Também pode ser encontrado em: <http://www.carmel.asso.fr/vision-de-enfer-et-fondation-de-.htm>. Acesso em: 21 dez.. 2006 ou ainda em: http://www.christ-roi.net/index.php/Mgr_de_S%C3%A9gvr,_L’enfer,_1876. Acesso em: 21 dez. 2006.

Seria possível escolher um número mais apropriado que o número seis? Através de que outro número se poderia mais facilmente persuadir a humanidade que o Universo foi dividido em esferas por Deus, autor e criador do Mundo? Pois o número seis é superior a todos os outros nas profecias sagradas de Deus, tanto quanto para os pitagóricos e os filósofos. O que poderia ser mais conveniente à obra de Deus do que o fato de a primeira e mais bela de suas obras poder ser resumida no primeiro e mais perfeito dos números?⁵⁵

Como a história é sempre seletiva, nem sempre lembramos desse lado místico dos fundadores da ciência moderna dos quais acreditamos descender. Desta forma seria ingênuo acreditar numa evolução linear que começaria com os erros medievais e terminaria com a nossa própria visão do universo.

De qualquer forma, as conseqüências teológicas do sistema heliocêntrico levaram a Igreja Católica a combatê-lo e a tardar sua aceitação, o que é um fato histórico amplamente aceito. Porém, as implicações científicas dos trabalhos de Copérnico, Bruno, Galileu e Kepler vão muito além do Vaticano. Uma melhor compreensão do movimento dos planetas abriu o caminho para formulação da lei da gravitação universal, que significou a unificação da mecânica com a astronomia. A compreensão da mecânica celeste trouxe importantes instrumentos mentais para uma nova visão de mundo e acabou abalando o *além* da forma como era imaginado pelos homens medievais.

Kepler já havia compreendido que as marés eram causadas pela força da Lua e sugeriu que, se essa força da Lua podia chegar até a Terra, a força da Terra também chegaria até a Lua. Esta idéia era o germen do princípio da gravitação universal, problema que, após a morte de Kepler em 1630, receberia as atenções de Isaac Newton⁵⁶.

Isaac Newton, filho de camponeses de pouquíssima instrução, estudou de graça no Trinity College, em troca de fazer atividades braçais, como carregar lenha e esvaziar os urinóis. Seu reconhecimento científico veio quando inventou um telescópio que utilizava espelho, menor e mais eficiente que o telescópio de Galileu. Mas aquilo que o deixou famoso foi a demonstração da Lei da Gravidade.

A idéia de uma força que atuaria nos corpos celestes já existia, como dissemos, em Kepler, mas o caminho entre a força motora de Kepler e a Lei da Gravitação Universal foi bastante longo. No fim desse percurso, Newton formulou a famosa Lei que afirma: matéria atrai matéria, na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das

⁵⁵ RHEITICUS apud WOORTMANN, Klaas. **Religião e ciência no renascimento**. Brasília: UNB, 1997. p. 113.

⁵⁶ MASINI, André C S. **História do éter**. Disponível em: http://www.casadacultura.org/andre_masini/ensaios/historia_do_eter.html.

distâncias, publicada em 1687, na sua obra “Principia”. O importante para nós é destacar que esta lei é válida tanto para o movimento dos astros como para a queda de uma maçã, ou seja, a terra e o céu obedecem às mesmas leis, a mesma força que sustenta os planetas em torno do sol mantém nossos pés presos no chão⁵⁷. A representação do céu dividido em esferas perfeitas e de natureza diferente do mundo sublunar deixava de ser sustentável.

Apesar de Newton ser muito religioso, era adepto do arianismo, e praticante da alquimia, a consequência necessária de suas idéias foi a transformação o céu em um lugar profano. Isso também é consequência de um outro aspecto de sua descoberta, se a força da gravidade funciona na terra como no céu e a terra é matéria, então, também deve ser matéria os corpos celestes. A matéria passou a reinar em todo o espaço e o céu cristão, habitado pelos anjos e eleitos, teve de buscar morada em outro lugar e foi esse fato que levou Delumeau a afirmar que o paraíso, hoje, somente poderia ser concebido como um não-lugar.

Isto não impediu, é claro, que a maioria das pessoas continuasse a acreditar no céu, no purgatório e no inferno. O *além* apenas perdeu seu lugar no espaço físico, ou seja, ele não estava mais acima de nós. Visionários modernos como Emanuel Swedenborg não especificam onde fica o mundo espiritual que descrevem. É um mundo distinto e de localização imprecisa, apesar de estar em contato com o mundo físico. Assim, o mundo espiritual passou a ser imaginado em algum lugar não definido.

Mas, as representações do *além* não aceitaram a derrota e foram buscar fundamentos, muitas vezes, na própria ciência. Assim, uma nova possibilidade para o *além* surgiu com a “quarta dimensão”.. Dimensão essa que ficou vinculada ao nome de Albert Einstein, mas que já existia muito tempo antes. Na verdade, ela é consequência dos estudos de geometria não-euclidiana do século XIX. Em 1854, este novo modo de pensar geometria foi apresentado Bernhard Riemann. É conveniente lembrar que Allan Kardec publicou seu primeiro livro espírita em 1857 e, apesar dele não fazer referência a esta quarta dimensão, talvez possamos ver aí uma possibilidade de um lugar para os espíritos.

As idéias de Bernhard Riemann fizeram com que muitas pessoas começassem a pensar sobre a existência outras dimensões espaciais. As consequências disso são bastante interessantes para nosso propósito. Um ser que esteja numa quarta dimensão certamente possui poderes incríveis: é capaz de atravessar paredes, pode retirar objetos de uma gaveta sem abri-la, pode aparecer repentinamente e desaparecer logo em seguida, fazer

⁵⁷ WERTHEIM, op. cit., p. 110.

coisas que são milagres para os seres de apenas três dimensões, ou seja, exatamente o que esperamos que um espírito faça.

A historiadora Eliane Moura Silva faz uma referência a essa possibilidade de entender o “mundo espiritual” como uma quarta dimensão. Hipótese que, segundo ela, seria bastante atrativa para explicar uma série de fenômenos associados ao sobrenatural. Ela cita o historiador Ioan P. Coulliano,

Hinton⁵⁸ creia firmemente que la cuarta dimensión era la explicación definitiva del misticismo y, por lo tanto, creía que las doutrinas místicas eran ciertas y los estados y logros místicos eran reales. Por razones desconocidas también creía que existía un alma (separable del cuerpo) capaz de experimentar la cuarta dimensión, y también creía en la bondade fundamental de los seres cuatridimensionales⁵⁹.

A melhor maneira para entender essa idéia é imaginar um mundo com apenas duas dimensões, como uma folha de papel. Um ser de três dimensões pode aparecer neste mundo e desaparecer de modo inexplicável para os seres bidimensionais. Poderíamos fazer um objeto “desaparecer” do mundo de duas dimensões apenas “descolando” este objeto de seu mundo. Mais impressionante ainda para os pobres habitantes do mundo bidimensional, poderíamos recolocar este objeto em outro lugar. Esta ação, que é corriqueira no mundo de três dimensões, seria considerada um fenômeno paranormal no mundo de duas dimensões, porque ninguém no mundo bidimensional compreende o significado de “para cima”. Seria possível, também, para nós, seres de três dimensões, fazer previsões sobre o mundo bidimensional. Os habitantes deste mundo não podem esconder nada de nós, poderíamos ler seus pensamentos, como se acredita possam fazer os espíritos em relação a nós.

No final do século XIX, a idéia da existência de uma quarta dimensão popularizou-se muito. Em 1884, Edwin A. Abbott (1838-1926) publicou um livro chamado “Planolândia: um romance de muitas dimensões”⁶⁰. Abbott viveu durante a era vitoriana e fez muito sucesso como escritor, educador e teólogo. Foi diretor de uma escola e autor de um importante livro sobre a gramática da língua inglesa.

⁵⁸ Charles Howard Hinton, matemático inglês nascido em 1853 e morto em 1907.

⁵⁹ COULIANO apud SILVA, Eliane Moura.. **Reflexões teóricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 21. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20Espiritualismo%20nos%20S%E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em: 4 jan. 2007.

⁶⁰ ABBOTT, Edwin A. **Planolândia**: um romance de muitas dimensões. São Paulo: Conrad, 2002.

A história é narrada pelo personagem chamado Quadrado, que nasceu em Planolândia (Terraplana seria uma tradução que soaria melhor), um mundo de apenas duas dimensões: largura e comprimento. Quadrado descreve um mundo habitado por diversas formas geométricas que formam uma sociedade de rígida hierarquia, baseada na quantidade de lados de cada indivíduo. Assim, quanto mais lados um indivíduo de Planolândia possuísse, mais alta seria a sua classe social. Os triângulos com apenas dois lados iguais pertenciam à classe mais baixa. Os círculos, que possuem infinitos números de lados, formavam a classe dominante. Entre eles estão as outras figuras geométricas: triângulos equiláteros, quadrados e demais polígonos regulares. A sociedade em Planolândia reservava para as mulheres uma posição social ainda mais inferior que a dos triângulos isóceles: seriam apenas segmentos de reta.

Quadrado chegou a visitar “outros mundos”, como Pontolândia e Linhalândia, mas nos importa aqui é a sua relação com o mundo de três dimensões. Em certa noite o personagem de Abbott, recebeu a visita de um ser do mundo das três dimensões: uma Esfera, ou seja, um círculo em três dimensões. O Senhor Esfera levou o Quadrado para o mundo tridimensional onde ele ficou maravilhado com tudo o que viu, em especial os cubos, seres que representam a perfeição dele mesmo. Voltando ao seu próprio mundo, Quadrado transformou-se em uma espécie de visionário que fala de outros mundos e acabou preso por suas idéias heréticas.

Apesar de ser uma história de ficção, permite verificarmos novas formas de conceber outros mundos, já que as antigas esferas celestes não existiam mais. É possível, ainda, considerar expressões artísticas como o cubismo e o expressionismo manifestações do desagrado dos artistas com um mundo de apenas três dimensões.

É interessante notar que no prefácio de um dos livros de Chico Xavier, da mesma coleção do livro “Nosso Lar”, é contada uma pequena história que tem algumas analogias com a que vimos anteriormente – a das aventuras de Quadrado. É a história de um peixinho vermelho que vive em um tanque junto a muitos peixes maiores e mais gordos. Descobrimo uma pequena passagem, por onde apenas um peixe bem pequeno poderia passar, o peixinho consegue, depois de algum esforço, lançar-se em um rio e depois ao mar, onde encontra um mundo totalmente novo e maravilhoso. Com piedade dos peixes que deixou para trás, o peixinho vermelho volta para relatar tudo o que havia visto. Evidentemente ninguém acredita e o peixinho volta sozinho para o oceano. Podemos perceber alguns paralelos entre esta fábula do peixinho, a história de Planolândia e a alegoria da caverna de Platão. Nos três

casos há um outro mundo desconhecido para a maioria e que é visitado por um personagem. Este personagem, fascinado com as maravilhas que encontra tenta convencer os outros membros de sua terra natal da realidade deste outro lugar e, em todos os casos, o personagem não tem sucesso.

Imaginar um lugar onde os mortos vivam, ou seja, o *além* não seria problema se o Espiritismo fosse tão somente uma religião baseada na fé, já que ela não precisaria necessariamente de provas – há os que ainda defendem o criacionismo -, mas os espíritas sempre se orgulharam de sua origem científica e racional⁶¹ e, mesmo no Brasil, onde o Espiritismo tem um caráter evangélico e místico muito marcado, jamais deixaram os espíritas de conferir à sua doutrina uma dimensão científica. Assim, a crença na existência de cidades do *além* – como “Nosso Lar”, pode estar relacionada às interpretações que se fizeram das descobertas e das teorias da física a partir do final do século XIX, mas associada às antigas tradições cristãs, como das esferas celestes.

Como veremos mais adiante, as descrições do *além* contidas nas obras de Chico Xavier pressupõem que exista um espaço, um lugar circunscrito para onde cada um de nós irá de acordo com o que nós fizemos aqui. Percebemos, não apenas a permanência das representações do imaginário cristão, que encontramos em antigas narrativas de descrições do *além*, mas também a representação de um espaço sagrado aparentemente em contradição com o processo de laicização do céu que ocorreu a partir do final do período medieval. Portanto, lugar do *além* é um aspecto importante para compreendermos as diferenças entre a representação que Allan Kardec fazia sobre o mundo dos espíritos e a que encontramos nos livros analisados nesse trabalho.

⁶¹ Conforme podemos inferir: “A fé raciocinada, que se apóia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade: crê-se, porque se tem certeza, e só se está certo quando se compreendeu. Eis porque ela não se dobra: porque *só é inabalável a fé que pode enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade*”. (KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o Espiritismo**. São Paulo: FEESP, 1998); ou ainda: “Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento [...]. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa [...]”. (KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1990. p.19). A idéia de Allan Kardec de que seria possível conciliar a fé e a razão, religião e ciência, representa uma contradição que acompanha a história do Espiritismo. No Brasil, por exemplo, um dos primeiros conflitos dentro do movimento espírita foi justamente entre os “religiosos” e os “científicos”. (ARAIA, Eduardo. **Espiritismo: doutrina de fé e ciência**. São Paulo: Ática, 1996. p. 103-104); (MACHADO, Ubiratam. **Os intelectuais e o espiritismo**. Rio de Janeiro: Antares/INL, 1983. p. 124); (SILVA, Fábio Luiz. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005).

Aqueles que afirmam que o céu cristão já não é possível de existir desconhecem o Espiritismo e o Brasil. Margaret Wertheim⁶² chega a afirmar que a nossa idéia sobre o espaço não permite qualquer lugar para os espíritos ou as almas habitarem. Para essa autora, o espaço físico preenche tudo, não sobrando lugar para o *além*. Evidente, se o espaço físico ocupa todo o universo não há um limite após o qual o *além* pudesse estar. A autora, no entanto, está ciente de que a cultura não possui rupturas assim tão bruscas e percebe que as esperanças do homem voltam-se para o ciberespaço, onde, segundo ela, os antigos sonhos do paraíso e da imortalidade poderiam, enfim, ser alcançados.

Seguindo outro caminho, mas chegando a conclusão semelhante, Jean Delumeau também vê uma laicização da crença no paraíso – portanto no *além*. Para ele, como para Margaret Wertheim, o avanço da ciência destruiu qualquer possibilidade de acreditar em um *além*, pois o céu e a terra pertencem, hoje, ao mesmo universo. O céu não é, segundo ele, o lugar de Deus, ou ainda, o paraíso não poderia estar no além da morte – agora totalmente vazio de representações -, mas poderia estar nas utopias laicas.

Ambos os autores concordam que, com as transformações da revolução científica do século XVII, alterou-se a imagem que os homens têm do mundo. Seguindo o raciocínio desses autores poderíamos concluir que a esperança que nos resta é uma espécie de utopia, seja ela uma nova forma de *além*, o mundo virtual ou outra qualquer. Mas, apesar destas observações muito justas, o espaço povoado de espíritos continua existindo para milhões de pessoas. E estes espíritos habitam um lugar, andam, falam e moram. Há, para o Espiritismo, toda uma sociedade ou sociedades no *além*. Ora, se há um *além* e este *além* é um lugar, é possível uma geografia do *além*. Mas é uma geografia que implica em toda uma imagem do mundo e do universo, inclusive em uma cosmogonia própria.

O céu cristão, mesmo considerando as muitas variantes, perdura há dois mil anos. Talvez a causa desse fato possa estar na capacidade deste céu absorver as novidades que cada contexto histórico proporciona, enriquecendo-o. Como as esperanças de uma sociedade, representadas aqui pelo *além*, nunca ocorrem no vácuo, escolhemos começar com as representações cristãs, não somente porque seria extenso demais começar em época mais antiga, mas também porque é do imaginário cristão que provém muitas das representações presentes nos textos ora em estudo, ou seja, as obras de Chico Xavier⁶³.

⁶² WERTHEIM, op. cit., p. 24.

⁶³ Em nosso livro “Espiritismo: história e poder (1938-1949)” estudamos as íntimas relações entre o catolicismo e o espiritismo, como o espiritismo absorveu, no Brasil, uma quantidade de representações próprias do

As esferas celestiais, por exemplo, reapareceram nas representações espíritas do *além* que constam das obras de Chico Xavier, como podemos perceber na obra desse autor “Cartas de uma morta”, atribuída ao espírito de sua mãe, Maria João de Deus.

A terra é o centro, isto é, a sede de grande número de esferas espirituais, que a rodeiam de maneira concêntrica. Não posso precisar o número dessas esferas, porque elas se alongam até um limite que minha compreensão, por enquanto, não pode alcançar.

Quanto mais evoluído o ser, mais elevada será sua habitação, até alcançar o ponto em que essas esferas se interpenetram com as de outros mundos mais perfeitos, seguindo os espíritos nessa escala ascendente do progresso, sob todos os seus aspectos.

Somente agora consegui passar à segunda esfera, depois de penosos labôres em favor do burilamento de minha personalidade⁶⁴.

O livro “Carta de uma morta”, creditado ao espírito da mãe de Chico Xavier, foi escrito muitos anos antes da série de André Luiz – que veremos adiante -, mas guarda muitas semelhanças. É uma narrativa da vida no além da morte e também é repleta de descrições recheadas de símbolos cristãos ligados ao imaginário do paraíso e do éden, como nos exemplos:

Havia um recinto amplo e majestoso, construído à base de elementos que não é possível qualificar, por falta de termos equivalentes no vocabulário humano. Nesse magnificante interior não existia determinado santuário para orações, mas sim, obras de arte sublime, destacando-se uma tribuna formada de matéria luminosa, como se fôsse feita de névoas esvanecentes. Ouvia-se provinda de um côro dulcíssimo de vozes meigas e cristalinas, uma prece ao Criador⁶⁵.

Ou ainda:

Um luar indescritível, projetando-se na tribuna, que lhe guardava ainda a luminosa figura, banhou as nossas fronteiras, e pude observar que a atmosfera se impregnava de um capitoso perfume. Percebi ainda que, sôbre as naves encantadas do templo, profusamente caíam flores iguais às rosas terrenas, mas que se desfaziam ao tocar em nossas cabeças como taças fluidas de luminosidade e de aroma⁶⁶.

universo católico. Fenômeno que pode ser considerado como “natural” diante da realidade brasileira, mas também como estratégia de legitimação. Assim, naquela obra estudamos duas outras obras de Chico Xavier: “Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho” e “A Caminho da Luz”, que contam a história do Brasil e do Mundo a partir de uma visão religiosa.

⁶⁴ XAVIER, Francisco Cândido. **Carta de uma morta**. São Paulo: Lake, 1958. p. 104-105.

⁶⁵ *Ibidem*, p.15.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 22.

As descrições do *além* ficaram mais sofisticadas a partir da obra “Nosso Lar”, cujo título refere-se a uma cidade espiritual que existiria sobre a cidade do Rio de Janeiro. Isso pode ser compreendido como possível graças ao cruzamento de dois fatores. A permanência de representações de longa data, oriundas da tradição católica e a incorporação de elementos simbólicos contemporâneos.

Stoll afirma que o *além* espírita se afastaria da tradição cristã pelo uso de termos diferentes para designar os “lugares” do *além*, como pelo fato de que a perspectiva cristã seria geocêntrica e que no Espiritismo, o mundo pós-morte, é representado em planos que formariam um *continuum*⁶⁷. Isso pode ser verdade para a posição de Allan Kardec, mas, como vimos nos trechos acima e como veremos ainda, no caso de Chico Xavier, a perspectiva volta a ser geocêntrica e o *além* é concebido como uma sobreposição de esferas, à moda medieval.

Antes, porém, de passarmos ao Espiritismo vejamos uma das descrições do *além* mais importantes para a compreensão da distinção entre Kardec e Chico Xavier. Trata-se das visões de Emanuel Swedenborg, que é considerado pelos espíritas como um precursor do Espiritismo. Seu nome inclusive consta da relação dos espíritos que teriam orientado Kardec na elaboração do “Livro dos Espíritos” e é citado por André Luiz como tendo descrito o mundo espiritual a partir de suas próprias idéias, ou seja, Swedenborg teria sido um médium extraordinário, mas que teria misturado suas visões com sua própria visão de mundo.

Swedenborg foi engenheiro de minas e autoridade em metalurgia, possuía conhecimentos de física, astronomia, zoologia, anatomia e fisiologia; realizou trabalhos sobre as marés e sobre a determinação das latitudes; escreveu obra sobre a órbita dos planetas e poemas; dominava igualmente conhecimentos de finanças e de política, escreveu um livro sobre a inflação e deflação; além de ser profundo conhecedor da Bíblia.

Era filho de um bispo luterano que foi reitor da universidade de Uppsala. Sua mãe morreu aos 30 anos, quando Emanuel ainda tinha oito anos. O pai casou-se com outra mulher, com o mesmo nome da falecida esposa – Sara. Por esta época já afirmava que os anjos falavam através dele. Estudou por dez anos na universidade de Uppsala, em um período em que se debatiam as idéias de Descartes. Emanuel não se casou, apesar de ter tido pretendentes.

⁶⁷ STOLL, Jacqueline Stoll. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. p. 101. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

A sua biografia, que consta divulgada⁶⁸ pela igreja que se originou de seus ensinamentos, assemelha-se muito a qualquer hagiografia de líderes religiosos. Emanuel fica órfão ainda criança e transforma-se em um sábio e um santo. Um sábio que tem como tentação o orgulho de seus conhecimentos e um santo que lutava contra os desejos que fluíam do corpo para a mente. Diziam que ele trazia prosperidade por onde passava, até os navios navegavam mais tranquilos quando ele estava a bordo. Possuía olhos marcantes e vivos, alimentava-se com moderação e dava pouco valor ao dinheiro. Gostava de crianças e distribuía balas às que encontrava pela rua. Era culto e polido e mesmo velho, conservava a agilidade. Era, ainda, nobre, pois seu pai recebeu o título de nobreza postumamente.

Não faltaram, claro, os episódios que provam sua “santidade” ou missão divina. Afirma-se que Swedenborg conhecia muitas coisas ocultas aos outros, mas que se recusava utilizar destas informações para dar credibilidade às suas idéias. Recusava-se a aceitar pedidos a respeito de parentes e amigos mortos. O Reverendo Nicholas Collin, por exemplo, teria implorado a Emanuel que entrasse em contato com um irmão dele, já falecido. Swedenborg lhe respondeu que Deus havia separado o mundo dos espíritos do nosso e que qualquer contato com o outro mundo não era possível sem justificativas muito fortes. O reverendo disse que apenas procurava satisfazer sua afeição fraternal e a curiosidade em conhecer um mundo tão interessante para uma mente séria. Mas, Swedenborg considerou estes motivos muito fracos e afirmou que se o pedido envolvesse assunto espiritualmente relevante ele o submeteria aos anjos. Ao que parece, Swedenborg não gostava muito de servir de correio entre o nosso mundo e o mundo dos espíritos. Mas, o critério para o estabelecimento do contato era muito pessoal, como demonstra estes outros dois casos.

Conta-se que certo dia Swedenborg estava numa recepção quando a rainha Louisa Ulrica perguntou a ele se tinha visto o irmão dela, o príncipe da Prússia, já falecido. Swedenborg respondeu que não havia visto nem conversado com o príncipe. A rainha pediu que procurasse encontrá-lo e lhe falasse de sua saudade. Swedenborg aceitou de pronto ao pedido. Alguns dias depois, Swedenborg esteve em outra recepção na corte e aproximou-se da rainha saudando-a como se fosse seu irmão, o príncipe Augustus Williams, e pediu desculpas por não ter respondido à sua última carta. A rainha ficou espantada afirmando que ninguém, além de Deus, sabia desse segredo. Ou seja, ao pedido da rainha, Emanuel não fez objeção alguma, apesar de ser do mesmo tipo que o reverendo havia feito. Revelar um segredo a partir

⁶⁸ Os fatos sobre a vida de Swedenborg foram extraídos do sítio da igreja na internet: NOVA IGREJA. Biografia sumária de Swedenborg. Disponível em: <http://www.novaigreja.com.br/sweden.htm>.

de um contato com o mundo dos espíritos é muito comum quando se pretende provar as habilidades especiais dos videntes. Mas há outro exemplo para demonstrar que o próprio Emanuel Swedenborg não levava ao extremo seu próprio conselho de que o contato com o mundo dos espíritos somente deveria ser feito se houvesse um forte motivo espiritual.

Uma senhora chamada Marteville, que era viúva do embaixador da Holanda em Estocolmo, algum tempo depois da morte de seu marido, foi procurada por um joalheiro que queria receber uma dívida que o falecido tinha com ele. A mulher recusava-se a acreditar que seu marido, pudesse ter deixado alguma dívida para ser paga. No entanto, por mais que procurasse, não conseguia encontrar o recibo de quitação da dívida. Como o valor era muito alto, a viúva decidiu convidar Swedenborg para ir até sua casa. Pediu-lhe, então, que perguntasse ao seu marido onde estava guardado o recibo. Swedenborg também concordou tão prontamente ao pedido como tinha feito no caso da rainha. Depois de três dias, Swedenborg retornou à casa da senhora Marteville e contou-lhe que havia conversado com seu falecido marido e este lhe teria dito que a dívida havia sido paga e que o recibo estava guardado em sua escrivaninha. A senhora respondeu que a escrivaninha tinha sido completamente revistada e não conseguira encontrar o tal recibo. Swedenborg disse que abrisse a gaveta esquerda da escrivaninha, onde havia um fundo falso, um compartimento secreto e desconhecido da viúva, onde estava guardado o recibo.

Em seu livro “O Céu e o Inferno”, que foi escrito “segundo o que foi ouvido e visto” pelo autor, Swedenborg descreve o mundo do *além* enquanto demonstra sua teologia. Segundo ele, há uma correspondência entre as coisas do céu e o homem, ou seja, o microcosmo representa o macrocosmo. Existem três céus e eles são diferentes entre si: o terceiro, o segundo e o primeiro, tal qual o homem possui uma parte superior chamada cabeça, uma parte mediana chamada corpo e uma terceira parte chamada pés. Assim, o homem se assemelha ao céu.

Também Swedenborg trabalha com a oposição entre interno e externo. O que fica claro na passagem: “Como todos recebem o céu que está fora deles segundo a qualidade do céu que está dentro deles, todos recebem, pois, igualmente o Senhor, porque o Divino do Senhor faz o céu”⁶⁹. Desta maneira, os indivíduos perceberão Deus segundo suas qualidades internas, isto é, reais.

⁶⁹ SWEDENBORG, Emanuel. **O céu e o inferno**. Rio de Janeiro: Swedenborg, 1987. p. 31.

Dentro desta lógica de correspondência entre o céu e a terra, Swedenborg nos informa sobre a vida dos anjos. Primeiro, a comunicação “lá no outro lado” é realizada pelo pensamento. Há uma hierarquia entre os anjos e eles estão reunidos em sociedades diferentes entre si. Estas sociedades de anjos são maiores ou menores e formam-se pela semelhança do bem que cada anjo possui. Mas, numa mesma sociedade há distinção entre os anjos, os que possuem mais amor, sabedoria e inteligência estão no centro, os demais dividem-se do centro para a periferia. Os anjos têm a forma humana, Swedenborg enfatiza esta informação algumas vezes em seu livro.

Que os anjos são formas humanas ou homens, é o que vi mil vezes, pois conversei com eles como um indivíduo conversa com outro; ora com um só, ora com muitos em conjunto, e nada vi neles que diferisse do homem quanto à forma. Fiquei até admirado, algumas vezes, que assim fosse. E para que não se diga que era falácia ou visão da fantasia, me foi dado vê-los em plena vigília, ou quando estava em todo sentido do corpo em estado de clara percepção. Eu também contei-lhes muitas vezes que, no mundo cristão, os homens se acham em tão cega ignorância a respeito dos anjos e espíritos, que eles crêem que são mentes sem forma e puros pensamentos de que eles não têm idéia alguma, senão como de alguma coisa de etéreo tendo em si o vital⁷⁰.

Notamos a importância que o autor dá à visão. Ele reitera a certeza de suas informações com expressões: “vi mil vezes”, “nada vi”, “fiquei admirado”, “visão da fantasia”, “vê-los em plena vigília”, “clara percepção”, “cega ignorância”. Talvez a preocupação com o ver para crer esteja ligada à sua própria condição de vidente, que faz questão de enfatizar que viu até quando estava em vigília, ou seja, dotado das faculdades racionais. É como se precisasse algo mais que apenas o relato das visões para dar credibilidade às suas informações.

O céu, formado pelos anjos em forma humana, tem como cenários elementos bem “materiais”, o que é consequência natural do sistema de correspondência que Swedenborg defende. Assim, ele afirma que muitas vezes examinou as árvores, os frutos, as flores e os legumes do céu. Em outro momento do texto ele descreve árvores plantadas em belíssima ordem, combinadas para formarem passeios cobertos, por onde passeiam os habitantes do lugar, colhendo flores para fazer grinaldas para enfeitar as crianças. Há também árvores de espécies desconhecidas do homem.

⁷⁰ Ibidem, p.38.

Outra conseqüência da forma humana dos anjos é a necessidade de vestimentas e domicílios. Mas, são de ordem mais perfeita e de acordo com a inteligência de cada anjo. Os mais inteligentes têm vestimentas mais brilhantes, outros menos inteligentes têm vestimentas deslumbrantes e brancas, mas sem lustro, há ainda os que são menos inteligentes e possuem vestimentas de diversas cores. E são roupas mesmo, pois Swedenborg nos informa que os anjos as trocam e pode-se tocá-las.

Se o vestuário varia segundo a inteligência do anjo, as residências também. Magníficas para os que são mais dignos e menos magníficas para os outros. Emanuel afirma ter estado nas habitações dos anjos e conversado com seus moradores. Nelas há um grande número de salas, gabinetes e quartos de dormir; pátios, jardins e canteiros. As casas estão dispostas em forma de cidade, com praças, ruas e mercados “absolutamente à semelhança das cidades em nosso mundo”⁷¹. Mas não somente casas ele viu no céu. Palácios tão magníficos que não pode descrever. No alto brilhavam como se fossem de ouro puro, em baixo como se fossem de pedras preciosas. O interior era decorados de tal forma que não havia expressões ou arte capazes de descrevê-los. Jardins paradisíacos também existem no céu, evidentemente. As plantas tinham folhas como se fossem de prata e os frutos como ouro, as flores se apresentavam como íris. Monumentos arquitetônicos do céu demonstram que a arte mesma procede do céu.

Há também templos nos céus e Swedenborg pode assistir suas assembléias. O pregador em pé, no púlpito colocado no oriente, em frente a ele e mais próximos, aqueles que estão mais do que os outros na sabedoria; ao lado desses os que possuem menos luz. A assembléia tem a forma de círculo, para que todos possam estar à vista do pregador. Ninguém fica atrás do púlpito.

Os anjos têm uma linguagem e uma escrita. Swedenborg pode ver manuscritos e impressos, mais do que isto foi permitido que ele lesse alguns trechos destes escritos. E escritos em hebraico, mas também com números – cada um com significados diferentes.

E como não poderia deixar de ser em um religioso proveniente dos povos “bárbaros”, Swedenborg afirma que a salvação é para todos, mesmo os gentios. Pois ninguém foi criado para o inferno. Os não-cristãos, ou gentios que tiveram uma vida moral e se

⁷¹ Ibidem, p.85.

conservaram na obediência, praticando caridade mútua, são aceitos na outra vida e passam a ser instruídos pelos anjos.

Aqueles que morrem ainda crianças, independentemente do batismo, são levadas ao céu onde são instruídas e educadas e se tornam anjos. Pois as crianças que morrem são crianças ainda e não anjos. São cuidadas por uma educadora primeiramente e à medida que vão progredindo recebem orientação de diferentes mestres. De todo modo, elas vivem em estado paradisíaco, como num maravilhoso jardim de infância.

Foi-me também mostrado como tudo lhes é insinuado por via de prazeres e de deleites adequados ao seu gênio: foi-me permitido ver crianças vestidas com a maior elegância; tinham ao redor do peito grinaldas de flores que brilhavam de cores agradabilíssimas e celestes, e também ao redor de seus ternos braços. Foi-me uma vez concedido ver também crianças com suas aias, na companhia das virgens, em um jardim paradisíaco ornado não simplesmente de árvores, mas de berços cobertos de louros, formando pórticos com alamedas que se dirigiam para os interiores; e as próprias crianças estavam então vestidas do mesmo modo; e, quando entravam, as flores por cima da entrada resplandeciam de modo mais encantador. Tudo isso mostra quais são as suas delícias, e como por deleites e prazeres elas são introduzidas nos bens da inocência e da caridade, bens que o Senhor insinua continuamente nesses prazeres e deleites⁷².

Como o céu é composto pelo gênero humano⁷³, há dos dois sexos lá também. Existem, portanto, casamentos no céu como na terra. No céu o casamento é a conjunção de dois em uma única mente. O marido é o entendimento e a mulher a vontade. O homem nasce para ser intelectual e a mulher para ser voluntária. O homem age pela razão e a mulher pela afeição. O homem tem a face mais rude, menos bela, o corpo mais duro; a mulher tem a face mais delicada e bela, a palavra mais terna e o corpo mais macio. Veremos mais adiante que essa divisão de papéis segundo o sexo também está presente no Espiritismo, mais precisamente nas obras de Chico Xavier.

Há muitas similaridades entre as descrições de Swedenborg e André Luiz. Segundo Delumeau, Swedenborg teria reativado ou mesmo reforçado a representação do *além* como semelhante ao nosso, onde os anjos são dotados de um corpo com cinco sentidos, que “conserva características materiais, com casas, avenidas, jardins e montanhas”⁷⁴, ou seja, um *além* acessível à experiência dos sentidos, como em Chico Xavier. Apesar disso, parece que

⁷² Ibidem, p. 155-156.

⁷³ Para a historiadora Eliane Moura Silva, Swedenborg contribuiu para a antropomorfização do *além*, fora do espaço do catolicismo. (SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**, op. cit., p. 6).

⁷⁴ DELUMEAU. **O que sobrou do paraíso?** op. cit., p. 469-470.

houve alguns conflitos no início do século passado entre os discípulos de ambas as doutrinas. Em um artigo publicado em junho de 1903, no Reformador – que é o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira – há uma resposta a uma crítica feita pelos swedenborguianos através de seu periódico A Nova Jerusalém. O autor do texto publicado no Reformador afirma reiteradas vezes que não pretendia ser hostil: “nenhuma hostilidade nos inspira, longe como estamos de partilhar essas rivalidades, que por seu lado, entretanto as move em relação ao Espiritismo”⁷⁵, mas ao longo do texto ele elabora duras críticas aos seguidores de Swedenborg.

A despeito da alta espiritualidade e grandeza da doutrina do philosopho sueco, os seus discípulos agarram-se à letra; sentem-se fascinados pela immensidade de suas revelações e não querem ir além; sua doutrina não é para elles um degrau, mas um centro⁷⁶.

Assim, podemos notar que não foi pacífica a convivência dos seguidores de ambas as doutrinas. O caráter religioso do Espiritismo não podia possuir melhor exemplo do que essas palavras de defesa de seus princípios, nas quais percebe-se a pretensão religiosa da posse da verdade.

Em vez de condemnarem à priori a doutrina espírita, estudem-na em toda a sua grandiosa concepção, como na pura racionalidade dos methodos de investigação e de analyse. E estamos certos de que, assim procedendo, e, por outro lado, applicando ás suas proprias crenças o processus critico do citado autor⁷⁷, acabarão como elle convencendo-se de que, sem ser hostil ao swedenborgismo, a nossa doutrina é mais completa e mais vasta em seus ideaes de sabedoria e tolerância, por nos conduzir acerca do universo e da vida a uma compreensão integral, em que, ao menos por emquanto, não cede a palma a nenhum outro systema philosophico, religioso ou mesmo scientifico⁷⁸.

Há, ainda, outro artigo, datado de agosto de 1903, que novamente refere-se às idéias de Swedenborg, voltando a utilizar os mesmos argumentos. Apesar das críticas aos seguidores do visionário sueco, veremos que as representações espíritas do *além* produzidas no Brasil, e que constam das obras de Chico Xavier, estão mais próximas de Swedenborg do que de Allan Kardec.

⁷⁵ O SWEDENBORGISMO julgado por Alexandre Aksakof. **Reformador**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 12, p. 182, jun. 1903.

⁷⁶ Ibidem, p. 183.

⁷⁷ Refere-se a Alexandre Aksakof (1832-1903), diplomata e conselheiro do Czar Alexandre III, foi pesquisador dos fenômenos espíritas. O autor do texto do Reformador utiliza-se de trechos de Alexandre Aksakof para embasar suas críticas à Swedenborg.

⁷⁸ O SWEDENBORGISMO..., op. cit., p. 184.

3 O ESPIRITISMO: ENTRE A FRANÇA E O BRASIL

Compreender o contexto do nascimento do Espiritismo e sua implantação no Brasil nos possibilita entender as representações espíritas do *além*, bem como as diferenças entre as posições de Allan Kardec e Chico Xavier. O primeiro foi o codificador do Espiritismo e viveu na França do século XIX, o segundo foi e é o espírita de maior prestígio e importância no Brasil do século XX. Ambos têm formas próprias de entender como é a vida após a morte, o *além*.

O Espiritismo, como dissemos, surgiu durante o século XIX, período em que a razão iluminista transformava o cotidiano das pessoas através da ciência: “Homens cultos do período não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas preparados para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas”⁷⁹. Parecia evidente o progresso da civilização, obvio demais para ser negado⁸⁰. Nesse momento, para muitos, Deus já não era absolutamente necessário para a compreensão do mundo.

A descrença pública em Deus tornou-se relativamente fácil em meados do século XIX, pelo menos no mundo ocidental, já que muitas das idéias passíveis de verificação das escrituras judaico-cristãs haviam sido minadas ou mesmo desmentidas pelas ciências sociais históricas, e sobretudo naturais⁸¹.

Apesar de ser relativamente fácil, a descrença em Deus não se generalizou tanto quanto Hobsbawn sugere. Ele mesmo reconhece a relatividade disso,

Comparando com a ideologia laica, a religião no nosso período é de interesse incomparavelmente menor e não merece um tratamento mais prolongado. Mas, mesmo assim, merece alguma atenção, não apenas porque ainda formava o idioma no qual a maioria da população mundial pensava, mas também porque a própria sociedade burguesa, apesar da crescente laicização, estava bastante preocupada em relação às possíveis conseqüências de sua própria audácia⁸².

⁷⁹ HOBBSAWN, Eric John Ernest. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 349.

⁸⁰ Sobre os avanços da ciência, ver HOBBSAWN, Eric John Ernest. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 349-382. Entre os membros da Igreja Católica, por exemplo, havia os que condenavam o progresso científico enfatizando a desumanização do trabalho ou o perigo representado pelo avanço do materialismo que acompanhava necessariamente a ciência. Mas havia igualmente membros do clero que não só defendiam o progresso como se utilizavam dos seus produtos. De qualquer modo, o fato em si não podia ser negado. Sobre a questão da relação entre religião e tecnologia ver LAGRÉE, Michel. **Religião e tecnologia: a bênção de Prometeu**. Bauru: Edusc, 2002.

⁸¹ HOBBSAWN, op. cit., p. 375.

⁸² *Ibidem*, p.375.

Apesar do processo de secularização⁸³ que ocorria nesse período, com certeza o problema da religião não é menos importante que qualquer outro, seja no século XIX, seja em outro período. Mas, tratando especificamente desse período, Cuchet⁸⁴ alerta para o fato de que estamos habituados a considerar o século XIX como uma época dos vivos, da modernização industrial, social, cultural e política, mas esquecemos que também foi um período dos mortos, do cemitério, do Espiritismo e do purgatório⁸⁵.

A popularidade do Espiritismo⁸⁶ em meados do século XIX não foi um retorno ao misticismo, ao contrário, representa a radicalização do Iluminismo⁸⁷. Essa é uma

⁸³ Peter L. Berger assim define a secularização, “Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos [...]. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo”. (BERGER, op. cit., p. 119). Desse ponto de vista secularização significa a autonomia que setores do saber humano obtiveram na época moderna, em relação ao poder das instituições religiosas e/ou de universos simbólicos-religiosos.

⁸⁴ “On a pris l’habitude, em effet, de le considérer surtout comme le siècle des vivants, de la modernisation industrielle, sociale, culturelle, politique, au risque d’oublier parfois qu’il fut aussi celui des morts, du cimetière, du spiritisme et du purgatoire”. (CUCHET, Guillaume. **Le crépuscule du purgatoire**. Paris: Armand Colin, 2005. p. 21). Podemos acrescentar as aparições de Maria entre 1846 e 1917, “The cycle of modern Marian apparitions I refer to began in La Salette, France, in 1846 and closed in Fátma, Portugal, in 1917”. (VASCONCELOS, João. **Homeless spirits: modern spiritualism, psychical research and the anthropology of religion in late 19th and early 20th centuries**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2003. (Working Papers, WP 4-03). Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers>, acesso em: 10 dez. 2006, p. 29). Mas é interessante notar que a primeira aparição reconhecida pela Igreja foi em 1347, a segunda em 1531, em seguida 1600 e depois somente no século XIX foram sete aparições seis delas na França.

⁸⁵ Quanto ao purgatório nos diz Eliane Moura Silva, “O purgatório, no século XIX, perdeu, do ponto de vista teológico, sua localização geográfica e espacial, para ver ressaltada, acima de tudo, sua dimensão moral, conforme aparece no Manual de Instrução Religiosa Boulanger, de 1907: “Quanto a situação do Purgatório, a Igreja, nas suas preces, fala de lugar inferior, mas pode-se entender estas expressões em sentido moral, não material, e não há nada que determine onde fica o Purgatório”. O ponto de vista das crenças mais arraigadas na religiosidade cotidiana, contudo, o Purgatório ainda era um lugar específico, povoado por almas antropomorfizadas, esperando um auxílio e despertando piedade e comiseração dos vivos. As famosas “caixinhas de esmolas pelas almas”, constantes durante todo o século XIX, refletiam esta posição ainda bastante material do Purgatório, da imagem de fogo purificador”. (SILVA, Eliane Moura. **Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade**. 1993. p. 152. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/vidaemorte.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2006).

⁸⁶ O Livro dos Espíritos, lançado em 1857, foi um “bestseller” conforme afirma Aubrée e Laplantine: “Le Livre des Esprits connaît un succès rapide et totalement inattendu [...]. Reedite quinze fois du vivant de son auteur, il va éclipser tous les autres livres, qui, à cette époque concernent les communications avec les morts”. (AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre e les esprits**. Paris: JC Lattés, 1990. p. 30).

⁸⁷ Ao estudar o impacto das idéias científicas no Brasil, o historiador Benito B. Schmidt defende posição semelhante: “Os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX foram marcados pela difusão de diversas teorias científicas que deixaram marcas profundas no estudo da natureza (com o evolucionismo de Darwin) e da sociedade (com o positivismo de Comte e o darwinismo social de Spencer), no direito e na psiquiatria (com a antropologia criminal de Cesare Lombroso e Enrico Ferri) e mesmo na religião (com o kardecismo). Tais correntes procuravam romper com as explicações abstratas e metafísicas, buscando desvendar racionalmente a lógica do mundo natural, social, humano e sobrenatural, preferencialmente através da observação empírica. Todas tinham como ponto em comum a convicção de que a ciência e a técnica poderiam resolver os problemas básicos da humanidade”. (SCHMIDT, Benito Bisso Schmidt. **O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República**. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.21, n.41, p.113-126, 2001).

diferença fundamental entre o Espiritismo e outras filosofias espiritualistas, como a Teosofia. O destaque que Stoll⁸⁸ dá para as idéias orientais e para a popularidade do ocultismo no século XIX como sendo uma espécie de contra-discurso à modernidade e do qual o Espiritismo participaria deve ser relativizado nesse caso, pois Allan Kardec pretendeu assumir justamente o discurso da modernidade.

Por sua vez, Guillaume Cuchet⁸⁹ afirma que o Espiritismo nasceu do cruzamento de três correntes: as experiências do magnetismo animal, as teologias “humanitárias” como a de Swedenborg e o espiritualismo anglo-americano. Afirma, ainda, esse autor que Allan Kardec herdou do magnetismo a antropologia, das “mesas girantes” as práticas e da teologia “humanitária” a sua concepção de *além*. Apesar de concordarmos a princípio com essa posição, precisamos destacar que essa “herança” não foi uma simples transposição ou somatória, foi uma síntese particular elaborada por Kardec.

A grande aceitação do Espiritismo foi em meio às classes médias instruídas. É o que nos diz, por exemplo, Cuchet, “Phénomène urbain, particulièrement bien implanté à Lyon, Bordeaux et Paris, il se développe rapidement, surtout dans les classes moyennes”⁹⁰.. Encontramos esse fato defendido pelo próprio Kardec, em um artigo que responde um outro publicado no jornal Gazette de Lyon, em agosto de 1860,

Vosso artigo contém um erro de fato que, ainda uma vez, prova a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis: ‘os adeptos são, geralmente, operários’. Sabei então, senhor, para vosso governo que, dos cinco ou seis milhões de Espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; consta entre os seus adeptos grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, cientistas, negociantes, etc., pessoas que levianamente colocais entre os ineptos⁹¹.

O século XIX foi, ainda, o século da confirmação do novo paradigma, iluminista e muito caro à essa classe média: o progresso⁹². Esta era uma das idéias mais importantes da época e tornou-se dominante no Ocidente a partir dos filósofos iluministas. Assim, história passou a “ser vista como uma ascensão lenta, gradual, mas contínua e

⁸⁸ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 16.

⁸⁹ CUCHET, op. cit., p. 44-46.

⁹⁰ Ibidem, p. 50.

⁹¹ KARDEC, Allan. Ao Sr. Redator da Gazette de Lyon. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.3, n.10, p.308, out. 1860.

⁹² “A idéia de progresso, que se buscava no século XVII, ganhou amplamente terreno na época das Luzes. No século XIX, ela está presente em toda parte, invadindo o pensamento ocidental e formando então um de seus principais componentes”. (DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 285).

necessária em direção a um fim determinado”⁹³. Parecia que a razão, através de sua filha predileta, a ciência, iria resolver todos os problemas da humanidade.

A Física Social de Comte e o Socialismo Científico de Marx demonstram a passagem desse ideal científico de estudo, da natureza para o estudo do homem e da sociedade⁹⁴. Enquanto o positivismo fornecia o método adequado, o evolucionismo era a chave para explicar o mundo material e humano sem recorrer à intervenção divina. Como os homens não eram mais descendentes de Adão e Eva, mas resultados da evolução biológica marcada por um processo material, o mundo já não caminhava para o Reino de Deus, mas sim para um futuro cientificamente planejado, fosse positivista ou comunista. O fim da humanidade não era mais teológico, mas laico. Isso é coerente com o que já afirmamos anteriormente sobre a decadência na crença da existência das esferas celestes.

Nesse contexto, a sociedade européia era o modelo para as concepções evolucionistas da sociedade que dividiam a História em selvageria, barbárie e civilização. Partindo do princípio da supremacia do homem europeu branco sobre os outros, antigos ou contemporâneos que fossem diferentes, a dominação colonial era justificada e reforçada. O domínio era consequência “natural” da superioridade européia⁹⁵.

Além disso, quem poderia negar o progresso no século XIX? Tudo indicava que o progresso e a evolução eram reais. Se, no início do século, o cavalo ainda era o meio de transporte terrestre mais utilizado, no final do século já havia trens cortando a Europa. E mais, eletricidade, fotografia, vacinas, anestesia, saneamento, telégrafo e telefone, tudo colaborava para a hegemonia desses princípios.

Nessa época, em que a sociedade estava maravilhada com suas próprias criações, muitos procuraram trocar velhas convicções por novas baseadas na ciência.

A impressionante popularidade do espiritualismo, que teve sua primeira voga na década de 1850, é talvez provavelmente devida a essa tendência. Suas afinidades políticas e ideológicas se faziam com o progresso, a reforma e a esquerda radical e não menos com a emancipação feminina, especialmente nos EUA que eram seu centro de maior difusão, tinha a vantagem considerável de colocar a sobrevivência após a morte dentro de um contexto da ciência experimental, talvez mesmo (como a nova arte da

⁹³ NISBET, Robert. **A história da idéia de progresso**. Brasília: INL/UNB, 1985. p.181.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 182-283

⁹⁵ “A esse respeito, há amplas evidências de que os evolucionistas do século XIX atribuíam esse tipo de superioridade à sua própria cultura [...]. Ao olharem em torno de si, parecia auto-evidente que em termos de conhecimento acumulado e controle sobre o ambiente, a Inglaterra vitoriana representava o cume desse desenvolvimento progressivo até aquela época”. (KAPLAN, David; MANNERS, Robert Alan. **Teoria da cultura**. São Paulo: Zahar, 1981. p. 70).

fotografia poderia demonstrar) no de uma imagem objetiva. Quando milagres não podiam mais ser aceitos e a parapsicologia aumentava seu público potencial.⁹⁶

A essa tendência de racionalizar o sobrenatural⁹⁷, em que os fenômenos assim qualificados eram enquadrados como possíveis de serem cientificamente observados, podemos chamar de Espiritismo.

Este espiritualismo ao qual se refere Hobsbawm e que teve seu auge da década de 1850 foi precedido por outro fenômeno importante, o Mesmerismo. Esse movimento atingiu grande de popularidade em Paris⁹⁸, no período de 1778 a 1785. Mesmer acreditava na existência de um fluido magnético⁹⁹ que poderia ser utilizado para transmitir energias curativas por meio de imãs. Logo, porém, Mesmer convenceu-se de que muitas pessoas também tinham este fluido e que poderiam transmiti-lo. Com a aplicação do fluido magnético através dos dedos ou com uma haste de ferro, prometia-se a cura de uma série de doenças. A fama de Mesmer cresceu rápido, chegando a atender cerca de 300 pessoas por dia, o que incomodava a classe médica e a Igreja, que hesitou em condenar a prática do magnetismo – somente em 1841, um decreto do papa Gregório XVI declarou seu exercício ilícito¹⁰⁰.

Nestes tratamentos muitos entravam em crise, deliravam, falavam coisas incompreensíveis.

“E descobriram que um sonâmbulo podia ver suas próprias entranhas sob mesmerização, conseguia diagnosticar sua doença e predizer o dia de sua recuperação e até se comunicar com pessoas mortas ou distantes”.¹⁰¹

⁹⁶ HOBBSAWN, op. cit., p. 282.

⁹⁷ Nicole Edelman considera o Espiritismo “une religion scientifique”: “Le spiritisme se veut à la fois une révélation divine, la troisième après celle de Moïse e du Christ, et une révélation scientifique puisqu’il procede dans son élaboration comme les sciences positives [...]”. (EDELMAN, Nicole. **Voyantes, guérisseuses et visionnaires em France, 1785-1914**. Paris: Albin Michel, 1996. p. 111).

⁹⁸ “Em fevereiro de 1778, Franz Anton Mesmer chegou a Paris e anunciou sua descoberta sobre um fluido ultrafino que penetrava e cercava todos os corpos”. (DARTON, Robert. **O lado oculto da revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 13-14).

⁹⁹ Um dos primeiros a se interessarem pelo uso do magnetismo no tratamento de doenças foi Rudolf Goclenius que escreveu em 1609 uma obra sobre o assunto e defendia a idéia de que toda a natureza era atravessada pela “magia naturalis”, uma força secreta que unia as coisas do céu e da Terra. Em 1643, o jesuíta Athanasius Kircher escreveu o livro “Magnes sive de arte magnética” e é possível que Mesmer tenha tomado conhecimento do magnetismo através dos jesuítas com quem estudou. (LAGRÉE, op. cit., p. 448-449).

¹⁰⁰ Para Michel Lagrée, “A outra via de acesso à eletricidade, nos confins da tecnologia da medicina e do charlatanismo, era o magnetismo, que dera margem a muitos escritos, desde o fim do século 18 e agitara os meios católicos durante as décadas da metade do século 19. A luta travada pela faculdade de medicina contra o magnetismo em nome das teorias materialistas colocava, de fato, as autoridades católicas em um embaraço [...]”. (Ibidem, p. 180).

¹⁰¹ DARTON, op. cit., p. 57.

Por outro lado, o mesmerismo não escapou de envolver-se com as lutas travadas durante a Revolução Francesa. A representante da ciência oficial, a *Académie des Sciences*, foi fundada em 1666 e às vésperas da revolução, passou a ser vista com desconfiança, ressentimento e rancor por diversos grupos sociais¹⁰². Um exemplo dos conflitos que envolviam essa instituição foram os episódios de julgamento das supostas curas operadas por Mesmer. Em 1784, uma comissão constituída por médicos da Faculdade de Medicina e membros da Academia de Ciências chegou à conclusão que o fluido magnético do Mesmer não existia¹⁰³. Tal atitude, entre outras, levou revolucionários a denunciar o “despotismo” da Academia, entre eles Marat, que teve várias “descobertas” rejeitadas pela Academia¹⁰⁴.

Apesar da popularidade, no início do século XIX, a moda do Mesmerismo foi diminuindo, mas outra surgia e que utilizava como fundamento a mesma força magnética defendida por Mesmer: as mesas girantes, que consistiam em reuniões onde os participantes sentavam-se ao redor de uma mesa e a faziam movimentar-se apenas tocando os dedos. Foi diversão popular na França, realizada nos salões das casas burguesas¹⁰⁵.

Os participantes das reuniões das mesas girantes tinham em comum com Mesmer a explicação do fenômeno, a ação do fluido magnético animal. Foram essas sessões que despertaram o interesse do pedagogo francês Hyppolite Léon Denizard Rivail.

3.1 Allan Kardec, Vida e Obra

Allan Kardec, pseudônimo de Hyppolite Léon Denizard Rivail, nasceu em 3 de outubro de 1804, em Lion e faleceu em Paris, em 1869. Iniciou seus estudos em sua cidade natal e posteriormente estudou na Suíça, em uma das escolas fundadas por Pestalozzi¹⁰⁶. Allan Kardec nasceu e viveu numa época tumultuada. Nasceu no ano em que Napoleão Bonaparte tornou-se imperador e quando foi estudar em Yverdon, na Suíça, em 1814, a cidade de Paris

¹⁰² ABRANTES, Paulo. **Imagens de natureza, imagens de ciência**. Campinas: Papirus, 1998. p. 113.

¹⁰³ Ibidem, p. 117-118.

¹⁰⁴ Ibidem, p.120.

¹⁰⁵ “Não se pode pôr pé em um salão[na França], sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda tendo cada um o dedo mínimo apoiado no vizinho e esperando todos em silêncio que a tábua queira voltar” (Diário de Pernambuco, 1854). (MACHADO, op. cit., p. 37).

¹⁰⁶ WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação. Rio de Janeiro: FEB, 1979. p. 133-134.

acabara de ser invadida pelos aliados restabelecendo a dinastia Bourbon, que fora deposta na Revolução Francesa.

Em 1824, Rivail publica “Curso prático e teórico de aritmética” e, posteriormente, muitas outras obras didáticas, além de uma gramática francesa. Homem culto, falava diversas línguas e lecionava fisiologia, astronomia, química e física. Ouve falar pela primeira vez das mesas girantes no ano de 1854.

A partir dos primeiros contatos com esses fenômenos, passa a estudá-los de maneira que nos permitem verificar o paradigma cientificista da época. Allan Kardec considerava estar agindo com método, observando atentamente os fatos, portanto fazendo ciência. Partindo da constatação do fato procura uma explicação lógica. Segundo, é necessário ser positivista, isto é, ater-se aos fatos.

As mesas não só movimentavam-se sem uma causa aparente, mas também respondiam às perguntas. Para ele uma coisa era certa: uma vez descartada a fraude, a origem das respostas não poderia estar nas próprias mesas. Após metódico estudo chegou à conclusão de que eram espíritos, ou seja, as almas dos homens que já haviam morrido, que produziam aqueles fenômenos.

Kant havia colocado a alma no rol das coisas impossíveis de serem conhecidas¹⁰⁷ afastando o problema sem enfrentá-lo. Mas, Allan Kardec pretendia dar provas positivas de sua existência. O sobrenatural rendia-se à ciência. A suprema vitória da razão. A alma era um fato positivo, sendo os fenômenos por ela produzidos regulados por leis tão constantes como as da física ou da biologia. Allan Kardec escreve seu primeiro livro com os resultados de seus estudos em 1857: “O Livro dos Espíritos”. Allan Kardec produziu doutrina que pretendia ser uma ciência e uma filosofia moral¹⁰⁸ que tinha como principais idéias: a existência de Deus, da alma, a possibilidade da comunicação com os espíritos, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados.

¹⁰⁷ LAHR, Charles. **Manual de filosofia**. Porto: Apostolado da Imprensa, 1968. p. 171.

¹⁰⁸ “O movimento espírita kardecista francês colocava-se como cristão. Suas bases de interpretação estavam nos conhecimentos fornecidos pelos espíritos. Era uma nova revelação das verdades cristãs, de uma nova interpretação do cristianismo, a terceira revelação da lei de Deus, onde os ensinamentos de Cristo seriam completados pela aliança com a Ciência que deixaria de ser exclusivamente materialista. Para esta aliança, o Espiritismo trazia o conhecimento das leis imutáveis que regiam o Universo espiritual e suas relações com o mundo material, os astros e a existência dos seres. Procurou desvendar os mistérios ocultos das grandes verdades do Cristianismo”. (SILVA, Eliane Moura.. O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX. **Revista Idéias**, Campinas, p. 26, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/interpreta%E7%F5es%20de%20Cristo.doc>> Acesso em 21 dez. 2006).

Como dissemos, a idéia do progresso era quase unânime neste período. Para a iniciante antropologia o progresso realizava-se na passagem de algum estado social primitivo ou selvagem para a civilização, cujo modelo era a Europa. Comte acreditava no progresso da humanidade, conforme consta de sua famosa Lei dos Três Estados. Marx previa um progresso que nos levaria à sociedade comunista, onde o homem se desenvolveria plenamente.

Por sua vez, em “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec coloca os Espíritos, “os seres inteligentes da criação”¹⁰⁹, neste esquema progressista, estabelecendo uma escala espírita. Os espíritos foram classificados de acordo com o progresso realizado individualmente¹¹⁰.

Assim, não só os Espíritos evoluem e progridem, mas a sociedade também. Em O Livro dos Espíritos existe um capítulo dedicado ao que o autor chamou de Lei do Progresso.

O estado natural é a infância da humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral [...].¹¹¹

O progresso, sendo uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém a ele se opor¹¹².

Encontramos os conceitos de selvagem, bárbaro e civilizado também em Allan Kardec, bem como o eurocentrismo da época, que podemos verificar na passagem a seguir, na qual é revelada a imagem que o europeu tinha da "longínqua" e "exótica" América do Sul:

Sabíamos que O Livro dos Espíritos tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo, mas com certeza não teríamos suspeitado que ele fosse encontrado entre os selvagens da América do Sul, se não fosse uma carta que nos chegou de Lima [...].¹¹³

¹⁰⁹ KARDEC, Allan. **O Livro dos espíritos**. São Paulo: Lake, 1994. p. 77.

¹¹⁰ “Os Espíritos são iguais ou existe entre eles uma hierarquia ? R: São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição ao qual chegaram”. (KARDEC. **O Livro dos espíritos**. 1994, op. cit., p. 81) “A classificação dos Espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por ele adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Esta classificação nada tem de absoluta: nenhuma categoria apresenta caráter bem definido, a não ser no conjunto: de um grau a outro a transição é insensível [...]. Pode-se, portanto, formar um número maior ou menor de classes, de acordo com a maneira por que se considerar o assunto [...]. Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, aquela que se encontra na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância na matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da Segunda, se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo de praticar o bem: são os Espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, que atingiram o supremo grau de perfeição [...]”. (Ibidem, p. 82-83).

¹¹¹ Ibidem, p. 299.

¹¹² Ibidem, p. 301

¹¹³ KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos entre os selvagens. **Revista Espírita**, São Paulo, v.2, n.5, p.151, maio 1859.

Quanto à evolução do homem, Kardec parece aproximar-se das idéias evolucionistas de Darwin, ao afirmar que: “Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, na transformação da espécie imediatamente inferior”¹¹⁴. E sobre a evolução do homem: Nada aí de impossível, nem o que se assim for, afete a dignidade do homem¹¹⁵. A própria idéia da evolução humana demonstra o "espírito" da nova doutrina, pois conforme demonstra Stoll¹¹⁶, houve uma mudança no conceito de evolucionismo na obra de Allan Kardec, a respeito da origem do homem: a princípio, Kardec admite a poligenia, isto é, a origem múltipla dos homens, mas após a publicação da obra de Charles Darwin, ele altera seu posicionamento a esse respeito.

Vemos, portanto, que o Espiritismo, não só acompanhava a crença no progresso pela ciência, como acompanhava também o progresso da ciência, ultrapassando os limites da própria ciência ao levar os esquemas evolucionistas à questão da alma. O próprio princípio espírita da comunicação com os espíritos pode ser entendido como correspondente ao próprio desenvolvimento dos meios de comunicação do século XIX e a prática da psicografia mecânica, na qual o espírito se utilizaria das mãos do médium como se fosse uma “máquina de escrever” também revela as preocupações com a industrialização e conseqüente mecanização da produção.

¹¹⁴ KARDEC. *A Gênese*, op. cit., p. 204.

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ [...] Kardec reproduz a visão científica dominante à época. Entre 1850 e 1870 a poligenia era a tese que predominava nos círculos científicos da Europa e América (Leach, 1982:68) Essa corrente do pensamento evolucionista do século XIX reunia os pensadores que, fiéis à versão bíblica, acreditavam que a humanidade tinha se originado de uma fonte comum. Daí a possibilidade de se pensá-la como uma [...]. A publicação do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, veio consolidar a tese oposta, a monogenia, concepção que postula não apenas a unidade da espécie, mas, também a origem comum de todas as raças humanas [...]. No Espiritismo, por exemplo, observam-se algumas mudanças na postura de Allan Kardec com relação ao tema. O Livro dos Espíritos, como se viu acima, a idéia da humanidade como criação divina é reafirmada, porém, a idéia de uma origem comum das raças apresenta-se-lhe como inconcebível. Em *A Gênese* (1868), volume publicado seis anos depois do lançamento de *A Origem das Espécies*, Kardec retoma a discussão sobre o tema, reproduzindo em parte a estrutura temática do primeiro livro. Neste último, contudo, dedica maior espaço à apresentação das recentes informações científicas relativas às origens do universo e da humanidade [...]. Ocorre, portanto, uma atualização de certos pressupostos da doutrina espírita em razão da incorporação de idéias que traduziam o pensamento das novas correntes que vinham conquistando hegemonia no campo científico. (STOLL. *Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil*, op. cit., p. 31-32).

3.2 O Espiritismo no Brasil

A idéia de Allan Kardec de que seria possível conciliar a fé e a razão, religião e ciência, representa a contradição que acompanhou o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil. Por exemplo, um dos primeiros conflitos dentro do movimento espírita foi justamente entre os “religiosos” e os “científicos”¹¹⁷. Esse fato fez com que muitos pensassem o Espiritismo brasileiro como uma deformação do Espiritismo europeu e não uma construção original a partir da matriz francesa.

Nesse sentido, é comum encontrarmos o entendimento de que o Espiritismo, na Europa, possuía um caráter científico e filosófico mais acentuado que no Brasil, onde ganhou características mais religiosas¹¹⁸. Defende-se tal idéia indicando misticismo da tradição cultural brasileira. É o caso de Ubiratan Machado: “[...] a maioria de nossos espíritas preferia realçar o aspecto religioso, dando relevo à parte mágico-mística da doutrina [...]”¹¹⁹.. Para esse autor o *abrasileiramento* do Espiritismo é, também, um abastardamento do Espiritismo no Brasil¹²⁰. Igualmente pensam assim François Laplantine e Marion Aubrée: “il n’a jamais eu le caractère "expérimental" tant revendiqué par les spirittes français”¹²¹.

Mesmo concordando com a realidade de um conflito entre “ciência” e “religião” no movimento espírita, não entendemos que o Espiritismo brasileiro seja uma simples deturpação da doutrina européia. Entendemos que o Espiritismo, no Brasil, foi uma construção original¹²². Por outro lado, Giumbelli¹²³ procurou demonstrar que tal diferença

¹¹⁷ “Uma linha era constituída pelos ‘científicos’, que se interessavam fundamentalmente pela fenomenologia [...]. Os ‘místicos’, por sua vez, enfatizavam exatamente o lado evangélico da doutrina e, embora considerassem toda a obra de Kardec, propunham como item básico a leitura de *O evangelho segundo o espiritismo*”. (ARAIA, op. cit., p 104).

¹¹⁸ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 41. O historiador Flamarion Laba Costa, chega a afirmar que essa característica tenha sido um dos motivos do combate católico ao Espiritismo, “Em território brasileiro, o Espiritismo ter uma conotação mais religiosa que filosófica e científica. Essa conotação religiosa, que caracteriza o Espiritismo no Brasil, levou dirigentes e leigos católicos a encarar seus adeptos como hereges dados a práticas demoníacas em suas reuniões”. (COSTA, Flamarion Laba. Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX. **Guairacá**, Guarapuava, n.18, p.45, 2002. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/18/artigo%203%20o%20diabo%20agia.pdf>> Acesso em: 2 dez. 2006).

¹¹⁹ MACHADO, op. cit., p. 114.

¹²⁰ Ibidem, p. 151.

¹²¹ AUBRÉE; LAPLANTINE, op. cit., p. 185.

¹²² Sandra Jacqueline Stoll, conclui que as diferenças apresentadas por uma mesma religião em lugares diferentes são geradas por tensões inerentes ao processo de universalização das religiões, pois variam as estratégias sociais para resolver o dilema: adaptação versus preservação de princípios. (STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op.cit., p. 48).

¹²³ GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O cuidado dos mortos**: os discursos e intervenções sobre o espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira. 1995. p. 35-43. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

deve ser minimizada e argumenta que todos os diversos grupos espíritas sempre defenderam ambos os aspectos da doutrina espírita. Isso é verdade, devemos concordar, mas como veremos adiante, há uma diferença de intensidade na valorização de um ou de outro aspecto.

Sendo assim, o Espiritismo no Brasil não é um simples desvio de uma doutrina racional de origem europeia e que sofreu uma contaminação do mágico e do místico, graças a uma predisposição do povo brasileiro para o maravilhoso. É uma construção original, influenciada pela formação cultural brasileira que já possuía elementos que foram reinterpretados pelo Espiritismo, assim como ele foi reinterpretado por estes elementos: crenças indígenas, africanas e populares de origem europeia.

Nos estudos acadêmicos a palavra Espiritismo pode ser encontrada referindo-se a toda crença na possibilidade de comunicação com o além através de médiuns (incluindo, neste caso, o Candomblé, Umbanda e o Espiritismo de Allan Kardec); somente à Umbanda e ao Espiritismo de Kardec (como muitos umbandistas entendem) ou somente ao Espiritismo de Kardec (como querem os espíritas). Estas diversas definições marcam diferentes posições dos sistemas religiosos e dentro das ciências sociais¹²⁴.

Para Raquel Marta da Silva, os estudos a respeito do Espiritismo são geralmente marcados pela aproximação com os cultos afro-brasileiros.

No que tange ao kardecismo, objeto específico deste trabalho, também foi Camargo um dos que iniciou as primeiras pesquisas a respeito dessa religião. A partir delas constituiu-se a idéia de que o espiritismo no Brasil se caracterizou pelo seu aspecto religioso, distanciando-se do racionalismo científico preconizado por Kardec. Desta forma, enquanto religião, o espiritismo foi estudado através de comparações com as crenças afro-brasileiras, mais particularmente com a umbanda¹²⁵.

Em meio às Ciências Sociais, segundo Hess¹²⁶ encontramos duas posições. A primeira, como afirma Raquel Marta Silva, compreende à idéia de Cândido Procópio Ferreira de Camargo que, em seu livro “Kardecismo e Umbanda”, defende a existência de um “continuum” mediúnico, que tem em um pólo o Espiritismo e no outro a Umbanda. Também pensam assim os antropólogos franceses François Laplantine e Marion Aubrée¹²⁷. Idéia

¹²⁴ HESS, David J. Disobsessing disobsession: religion, ritual and the social sciences in Brazil. **Cultural Anthropology**, Washington, v.4, n.2, p.183, may 1989.

¹²⁵ SILVA, Raquel Marta. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais – Uberaba, 1959/2001. 2002. p. 49. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

¹²⁶ HESS, op. cit., p. 188.

¹²⁷ AUBRÉE; LAPLANTINE, op. cit., p. 179.

semelhante percebemos em expressões como “adeptos de qualquer religião de possessão ou adeptos de uma prática mediúnica”¹²⁸, que referem-se tanto ao Espiritismo como aos cultos afro-brasileiros. Já Maria Laura Cavalcanti, autora do livro “O Mundo invisível: Cosmologia, Sistema Ritual, e Noção de Pessoa no Espiritismo”, enfatiza muito mais as diferenças entre o Espiritismo e os cultos afro-brasileiros.

Stoll afirma que pouco foi estudado sobre a influência do catolicismo sobre as crenças e práticas espíritas. Somente trabalhos mais recentes têm procurado acentuar a aproximação do Espiritismo com o catolicismo no Brasil. Mesmo assim, a tendência original de entender o Espiritismo a partir das crenças afro-brasileiras permanece bem visível. Tomemos o exemplo do texto “As Figuras do sagrado: entre o público e o privado”, de Maria Lúcia Montes. Quando ela, poucas vezes, refere-se ao Espiritismo, o faz para explicar o surgimento da Umbanda.

[...] sob a forte influência da mentalidade cientificista de fins do século XIX representada pelo evolucionismo e o positivismo, a criação na França, por Allan Kardec, de um espiritualismo que não mais se opunha à ciência, mas antes procurava incorporá-la em benefício de suas crenças, representava, no Brasil dos anos 30, um importante instrumento de reapropriação das religiões mediúnicas afro-brasileiras [...] ¹²⁹.

Essa característica dos estudos sobre o Espiritismo causou uma lacuna a ser ainda preenchida.

[...] uma das lacunas dessa literatura consiste justamente no fato de não se dimensionar como o imaginário e as práticas católicas impactaram sobre o Espiritismo, influenciando, de forma significativa o modo de sua expressão no Brasil [...]. O Espiritismo brasileiro assume um ‘matiz perceptivelmente católico’ na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade ¹³⁰.

Apesar de tentadora, a opção por considerar o Espiritismo dentro de um *continuum* mediúnico tende a deixar de lado as características que o aproximam do catolicismo, para enfatizar apenas suas assemelhanças com as crenças afro-brasileiras.

¹²⁸ SAEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados**: mito, escatologia e história no Brasil. 1991. p. 116-117. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

¹²⁹ MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4, p. 95.

¹³⁰ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 46-48.

Stoll¹³¹ percebeu a existência de um processo de santificação da figura de Francisco Cândido Xavier, muito próximo do que ocorre na Igreja Católica. Percebe-se, assim, diversos pontos em comum, denunciando uma nítida influência católica no Espiritismo brasileiro, ou pelo menos em parte dele.

Desde sua chegada ao Brasil, seus adversários tentaram igualá-lo às crenças afro-brasileiras. Assim se expressava a Igreja, ainda no século XIX, em seu primeiro documento condenando o Espiritismo: a Pastoral de 1867 do Arcebispo da Bahia D. Manoel Joaquim da Silveira. E também o bispo Boaventura Kloppenburg que em seu livro “A Umbanda no Brasil” identifica Espiritismo e Umbanda¹³².

A Igreja via com grande preocupação o ingresso do Espiritismo no campo religioso brasileiro, por isso “o Espiritismo foi qualificado como heresia por representar um desvio doutrinário e como tal foi julgado. Identificou-se, assim, um grande perigo e uma ameaça que tinham que ser encarados e, se possível, anulados para que não provocassem dúvidas nos meios católicos”¹³³.

Por outro lado, os intelectuais espíritas esforçam-se por marcar as diferenças. No livro “Africanismo e Espiritismo”, Deolindo Amorim defende a idéia que a Umbanda é muito mais parecida com o catolicismo do que com o Espiritismo, devido aos rituais, que segundo ele, não existem no Espiritismo¹³⁴.

Os católicos quando identificam Espiritismo e Umbanda e os espíritas, Catolicismo e Umbanda, estão tentando marcar diferenças, ou seja, as fronteiras de seus espaços sociais¹³⁵, cada grupo tentando marcar diferenças e semelhanças através de um raciocínio parecido e que tem algo de preconceituoso. Mas, o Espiritismo não é somente um conjunto de princípios, mas fonte e resultado de práticas concretas realizadas por seres humanos dotados de representações sobre si mesmos, o grupo a que pertencem e o mundo onde vivem.

¹³¹ Ibidem.

¹³² HESS, op. cit., p. 186-187.

¹³³ COSTA. **Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX**, op. cit., p. 43.

¹³⁴ “Quando falamos em Espiritismo, saibam os leitores que nos referimos à codificação CIENTÍFICA, FILOSÓFICA e MORAL, de Allan Kardec, - a única com o privilégio de ostentar semelhante título! – que o mestre expôs numa série de obras notáveis, editoradas na França, no período de 1857 a 1869, e não a êsse conglomerado de pagelança e de rituais espalhafatosos, onde preponderam o mediunismo abastardado; em suma – ao carnaval de UMBANDA, difundido e praticado por aí em fora, sob o rótulo daquela luminosa esquematização espiritualista”. (AMORIN, Deolindo. **Africanismo e espiritismo**. Rio de Janeiro: Mundo Espírita, 1949. p. 5-6).

¹³⁵ “[...] são muito acentuados os traços de afinidade entre o Catolicismo e o Africanismo [...]”. (Ibidem, p. 70).

O Espiritismo foi trazido para o Brasil ainda no século XIX, simultaneamente a outras idéias européias, positivismo e homeopatia¹³⁶. Apesar de ter sua primeira aparição entre os franceses do Rio de Janeiro, foi em Salvador que o Espiritismo teve sua primeira exposição pública através dos debates travados por Luís Olympio Teles de Menezes e representantes da Igreja Católica.

Luiz Olympio Telles de Menezes foi autodidata, fundador e redator da revista “A Época Literária”, escreveu um romance chamado “Os Dous Rivaes” e foi membro do Instituto Histórico da Bahia. Mantinha contato com espíritas na França e foi o responsável pela publicação, em fevereiro de 1866, de uma obra intitulada: “Philosophia Spiritualista. O Spiritismo. Introdução ao Studo d’a Doutrina Spiritica, extrahida D’o Livro D’os Spiritos, publicado por Mr. Allan Kardec, e traduzida d’o francez sobre a décima terceira edição”.. Luiz Olympio não foi apenas tradutor, pois anexou alguns textos seus ao de Allan Kardec.

A publicação de Luiz Olimpio permitiu que o público maior tivesse acesso ao Espiritismo, especialmente entre os que não liam em francês. Isso logo provocou a reação da Igreja Católica. A maior autoridade na Bahia, o Arcebispo D. Manoel Joaquim da Silveira, elaborou uma Pastoral cujo subtítulo já indicava que a peleja iria ser grande, “Premunindo os seus Diocesanos contra os erros perniciosos do Spiritismo”. Lançada em 25 de julho de 1867, o texto alertava para o perigo que o Espiritismo representava. Podemos interpretar a reação¹³⁷ da Igreja como sintoma da vitalidade da nova doutrina, pois, ainda nova no Brasil, já incomodava as autoridades religiosas da época¹³⁸. Outra evidência foi o fato de, pouco mais de um ano após a publicação da Pastoral, ter Luiz Olympio lançado uma resposta, “O Spiritismo. Carta ao Exmo. E Revmo Sr. Arcebispo d’A Bahia D. Manoel Joaquim d’a Silveira”.. Duas tiragens seguidas foram necessárias – a primeira foi de mil exemplares - o que demonstra o interesse crescente pelo tema¹³⁹.

¹³⁶ “[...] a influência conjunta, por intermédio de autores franceses e dos círculos francófilos, de três correntes de pensamento e de prática social que, numa certa medida, se completam no cotidiano do Segundo Reinado: o positivismo, o kardecismo e a homeopatia [...]. O kardecismo aparece como uma religião de brancos que integra o cientificismo e um dos componentes catárticos, libertadores, das religiões afro-brasileiras, o transe”. (ALENCASTRO, Luiz Felipe. A vida privada e a ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.2, p. 44.).

¹³⁷ “Preocupação essa já presente na segunda metade do século XIX, quando o Espiritismo tornou-se alvo de ataques por parte da Igreja Católica, que usou dos meios disponíveis como pastorais, artigos de jornais e púlpito, apregoando o perigo que ele representava para todos”. (COSTA. **Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX**, op. cit., p. 46).

¹³⁸ MACHADO, op. cit., p. 84.

¹³⁹ FERNANDES, Magali Oliveira. **Luiz Olympio Telles de Menezes: os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil**. 1993. p. 59. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

Com esse texto, Luiz Olympio já demonstrava as influências católicas no Espiritismo brasileiro. Além adotar passagens da Bíblia para argumentar a favor do Espiritismo, ele chega a afirmar a identidade entre Espiritismo e Catolicismo.

“[...] o Espiritismo e o catolicismo são a mesma Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo; somente estão mudados os tempos e as palavras: o espiritismo é o tradutor fiel, pelos enviados de Deus, das doutrinas do Evangelho”¹⁴⁰..

Assim, em seus primeiros momentos no Brasil, os espíritas tiveram de enfrentar no campo religioso a oposição da Igreja Católica que, lembremos, era a religião oficial do Estado. Ao mesmo tempo, percebe-se a tentativa dos espíritas de conquistar seu espaço social, que lhe garantiria existência, através inclusive da utilização de conceitos católicos, buscando na Bíblia a comprovação de suas idéias. Luiz Olympio não poderia deixar todo repertório de representações católicas repentinamente. O que Luiz Olympio significa é a influência católica no Espiritismo brasileiro.

Em 1869, Luiz Olympio começa a publicar o primeiro periódico espírita do Brasil: “Écho D’além Túmulo – monitor d’o spiritismo no Brasil”, que chegou a enviar para a França. Nesse mesmo ano, um artigo da Revista Espírita – publicada na França por Allan Kardec - dava conta do aparecimento de um periódico espírita em um país refratário ao Espiritismo,

‘O Echo d’Além Túmulo’ aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. É necessário, com efeito, uma grande coragem, a coragem da opinião, para lançar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos¹⁴¹.

Não há dúvida que o autor do texto da Revista Espírita conhecia a importância da Igreja Católica em nosso país, por isso a referência à dificuldade da aceitação do Espiritismo que prevê. Hoje, em retrospectiva, nos é fácil contradizer essa opinião. A popularização do Espiritismo no Brasil deu-se justamente pela incorporação de elementos do mundo católico popular e isso não era previsível pelo articulista francês.

¹⁴⁰ MENEZES apud FERNANDES, op. cit., p. 62.

¹⁴¹ O ECHO d’alem túmulo. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.12, n.6, p.200, out. 1869.

A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, da maneira pela qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, parece-nos bastante satisfatória. Outras passagens, referindo-se especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.

Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve permanecer como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, qualquer que seja a nacionalidade e a convicção a que pertençam¹⁴².

Essa referência à questão religiosa como ponto de divergência demonstra a característica que o Espiritismo iria tomar no Brasil, percebida de forma intuitiva pelo autor do artigo francês. Indiferente à opinião dos espíritas franceses, Luiz Olympio continuou tentando inserir o Espiritismo no seio da Igreja Católica. Isso pode ser comprovado pelas comunicações dos espíritos que Luiz Olympio afirmava ter recebido. Segundo Fernandes, ele registrava as comunicações que recebia como que procurando construir a história do Espiritismo no Brasil¹⁴³. Em uma das mensagens, atribuída a um espírito que se autodenomina “Anjo de Deus”, o objetivo do Espiritismo seria levar todos à Igreja Católica, que, segundo esse espírito, seria a verdadeira religião de Deus¹⁴⁴. Com certeza tal afirmativa teria causado espanto no mundo espírita francês da época, em vez de uma “filosofia tolerante” aberta a todos, o pioneiro da imprensa espírita no Brasil propunha uma assimilação à Igreja Católica.

Isso fica muito claro quando Luiz Olympio referia-se ao Espiritismo como “religião do crucificado”¹⁴⁵ e aceitava o dogma da trindade de Deus¹⁴⁶. Em certo momento, segundo Fernandes, ele chegou a dizer-se súdito e ovelha da Igreja Católica, “humilde ovelha do rebanho de nosso senhor Jesus Cristo: e com toda a obediência beija a mão de Vossa Excelência Reverendíssima, como Fiel e Reverente Súdito”¹⁴⁷.

Se o Espiritismo brasileiro nasceu sob a sombra da Igreja Católica – mesmo que por ela atacado -, uma das suas grandes preocupações sempre foi o de diferenciar-se das crenças afro-brasileiras na tentativa de afirmar uma identidade¹⁴⁸. Procurando fugir da caracterização como religião pagã – e conseqüentemente "coisa do diabo" - procurava destacar sua origem européia e cristã, isto é, superior.

¹⁴² Ibidem, p. 200.

¹⁴³ FERNANDES, op. cit., p. 29.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 30.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 33.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 82.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 94.

¹⁴⁸ AUBRÉE; LAPLANTINE, op. cit., p. 179.

Enquanto espíritas, desde Luiz Olympio esforçavam-se para separar o “joio e o trigo”, ou seja, diferenciar o Espiritismo das práticas afro-brasileiras, seus adversários estavam determinados a não ver tais diferenças; postura que foi traduzida, como vimos antes, nos próprios estudos acadêmicos sobre o Espiritismo. Não só as Pastorais entendiam a doutrina espírita como superstição, mas a própria imprensa começou a ridicularizar o pioneiro da imprensa espírita no Brasil publicando diversas caricaturas¹⁴⁹; uma, por exemplo, mostrava Luiz Olympio com asas de morcego sobrevoando uma sala cujos móveis estavam todos revirados.

Roger Bastide analisa o tema da tentativa dos espíritas em diferenciarem-se dos adeptos das crenças afro-brasileiras a partir do enfoque racial. Afirma ele que isso se deve ao preconceito de cor que se introduziu no Espiritismo brasileiro¹⁵⁰. A luta racial do mundo terrestre teria passado para o mundo sagrado. “O espiritismo se serve da lei da metempsicose para fazer do homem de cor a ocasião da expiação de faltas passadas”¹⁵¹. Sem negar a realidade do preconceito racial existente na sociedade brasileira, acreditamos que esse aspecto é parte de uma razão maior que é a própria legitimação do Espiritismo no Brasil.

Luiz Olympio, no entanto, não conseguiu muito na Bahia. Foi no Rio de Janeiro que o Espiritismo realmente começou a ganhar corpo como movimento organizado. O surgimento da Federação Espírita Brasileira (FEB), no final do século XIX, demonstra que o Espiritismo já havia ganho espaço suficiente na sociedade para ultrapassar o pioneirismo provinciano de Luis Olympio Telles de Menezes e demonstrar que não era uma moda passageira.

Em 1873, surgiu uma sociedade espírita no Rio de Janeiro denominada “Grupo Confúcio”. Três anos depois, em 1876, antigos membros desse grupo fundaram uma outra sociedade espírita, “Deus, Cristo e Caridade”.. Em 1881, ocorreram perseguições policiais ao Espiritismo, sendo as reuniões proibidas durante certo tempo. Nesse mesmo ano, é enviada ao imperador D. Pedro II, um documento em defesa do Espiritismo. Em novembro de 1881, essa sociedade espírita recebe a bênção do Papa Leão XIII! Em agosto do ano

¹⁴⁹ FERNANDES, op. cit., p. 66.

¹⁵⁰ BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971. p. 438.

¹⁵¹ Ibidem, p. 439.

seguinte surge a revista “O Reformador”, do qual retiramos muitos dos textos aqui analisados, pois se tornou a revista oficial da Federação Espírita Brasileira¹⁵².

Intensas disputas¹⁵³ entre “místicos” e “científicos” marcam esse período e refletem, como já afirmamos anteriormente, a contradição de uma doutrina que pretendia ser ao mesmo tempo ciência e religião. A fundação, em 2 de janeiro de 1884, da Federação Espírita Brasileira significou, de algum modo a vitória da opção mais religiosa do Espiritismo¹⁵⁴. A FEB procurou legitimar-se evidenciando o pertencimento do Espiritismo ao universo religioso cristão, num esforço para que os espíritas fossem reconhecidos como civilizados, superiores, respeitáveis. Utilizando representações católicas, ora aproximando-se ora distanciando-se da Igreja, continuaram afirmando suas diferenças em relação às crenças de origem africana¹⁵⁵.

A opção da Federação Espírita Brasileira em aceitar as idéias de Jean Batista Roustaing¹⁵⁶, colabora com a idéia da forte presença das representações católicas no Espiritismo brasileiro. Em 1898, foram traduzidas as obras de Roustaing para o português pelo Marechal Ewerton Quadros, membro da FEB. Roustaing foi contemporâneo de Allan Kardec e publicou “Os Quatro Evangelhos”, cuja autoria ele atribuiu aos próprios evangelistas. Dentre as teses defendidas nessas obras está um dos dogmas da Igreja Católica, a da virgindade de Maria e conseqüente explicação para o nascimento de Jesus, segundo a qual ele não teria tido um corpo carnal, somente um espiritual materializado durante sua “vida” na Terra.

A chegada do século XX não significou menos esforço dos espíritas em busca de espaço social. A Igreja Católica, por sua vez, continuou preocupada com a doutrina

¹⁵² A Revista Reformador, que é o órgão oficial da Federação Espírita Brasileira (FEB), foi criada em 28 de agosto de 1882, mas passou a pertencer à FEB em 01 de janeiro de 1884, data de sua fundação. No dia seguinte, 02 de janeiro de 1884, foi eleita a primeira diretoria da FEB.

¹⁵³ MACHADO, op. cit., p. 124.

¹⁵⁴ Em 1895, um grupo dissidente da FEB fundou o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, que reunia o grupo dos “científicos”. Essa sociedade teve duração efêmera.

¹⁵⁵ O esforço dos espíritas em diferenciarem-se das práticas afro-brasileiras tinha também uma razão prática no início do século XX, livrar-se da perseguição policial incitada pelas corporações médicas. “[...] podemos destacar o fato de estas concepções psiquiátricas terem servido direta ou indiretamente para denegrir a imagem das religiões mediúnicas, o que se configurou como importante para a delimitação das fronteiras identitárias entre as religiões afro-brasileiras e o Espiritismo Kerdecista. Isso se explica porque os espíritas kardecistas, os quais também eram alvos das concepções psiquiátricas, respondiam e dialogavam sobre as acusações excluindo-se dos rótulos estigmatizantes, e ao mesmo tempo, empreendendo sua diferenciação das religiões afro-brasileiras [...] distinguindo-se principalmente pela ênfase na prática caritativa e no aspecto religioso da doutrina”. (SCOTON, Roberta Muller Scafuto. Idéias psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas em Juiz de Fora – MG (1890-1940). **Mneme**: Revista Humanidades, Caiacó (RN), v. 7, n.17, p. 5, ago./set. 2005. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>> Acesso em: 4 jan. 2007).

¹⁵⁶ Jean Batista Roustaing foi médium contemporâneo de Allan Kardec.

espírita. Em 1939, os bispos brasileiros realizaram o Concílio Plenário Brasileiro, que foi importante evento para atualizar a organização e a atuação da Igreja Católica no Brasil, uma vez que, até então, ainda não havia absorvido totalmente as mudanças impostas pela separação com o Estado, ocorrida com a proclamação da República. Das três comissões criadas nesse concílio, uma era dedicada ao Espiritismo. Como Espiritismo, os bispos entendiam – coerentemente¹⁵⁷ - tanto "espiritismo kardecista", que encontrava adeptos na classe média, quanto os cultos afro-brasileiros, cada vez mais populares entre os mais pobres¹⁵⁸.

Não faltaram, também, tentativas de igualar o Espiritismo com a feitiçaria. Muitos discursos católicos afirmavam a origem demoníaca das práticas espíritas. Chegando a afirmar que a primeira comunicação mediúmica da história teria sido a da serpente no episódio do fruto proibido, ainda no jardim do éden.

Observa-se que, para a primeira metade do século XX, a Igreja Católica emprega um discurso ao mesmo tempo agressivo e assustador contra o Espiritismo. Esse discurso católico buscava suscitar o medo, o pavor e as conseqüências que o contato com a *heresia diabólica* podia provocar. Identifica-se que a pregação católica não buscava explicar o porquê os fiéis não deviam aproximar-se do Espiritismo ou esclarecer, pela via doutrinária, onde estava o erro da crença combatida. Simplesmente, ela era *coisa do diabo*. O contato das pessoas com essa *coisa do diabo*, além dos danos físicos, como a loucura, teria também conseqüências para a alma, que corria o risco de padecer eternamente no inferno¹⁵⁹.

O diagnóstico mais comum para explicar a propagação do Espiritismo - e do Protestantismo, igualmente – apontava para falta de padres e à ignorância do povo. O remédio geralmente indicado era o esclarecimento do povo. De qualquer forma, percebemos que na disputa pelo espaço religioso, católicos e espíritas utilizavam estratégias semelhantes, enquanto a Igreja clamava contra a ignorância do povo brasileiro e preocupava-se para que não se desviassem da verdadeira religião suas ovelhas, o Espiritismo procurava demonstrar que participava das tradições cristãs, afirmando suas origens espirituais superiores.

Nas edições comemorativas aos 55 anos da FEB, novamente fica claro no discurso ali contido essas idéias. A FEB assumiu, desde seu início, a intenção de uma origem

¹⁵⁷ Mais uma vez a Igreja fazia a identificação entre o Espiritismo e os cultos de origem africana e que os espíritas negam insistentemente.

¹⁵⁸ BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930, o estado novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.271-341.

¹⁵⁹ COSTA. **Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX**, op. cit., p. 42.

divina de seu poder ordenador do Espiritismo no Brasil e não faltaram momentos em que procurou desqualificar qualquer discordância.

De não ter sido ainda compreendida desse modo a sua origem, é que naturalmente decorrem as hostilidades que de quando em quando partem contra ela de dentro das fileiras espíritas no plano visível, inspiradas quase sempre, senão sempre, pelos que do plano invisível a combatem e guerreiam. ‘Aborrecidos da luz’, inimigos, pois, do Evangelho, estes últimos, por isso mesmo que conhecem a célula que gerou e os fins para que foi criada, despertam contra ela as antipatias e animosidades dos que a consideram mera construção de homens e lhe lançam a responsabilidade de culpas e erros que, quando os haja, nada mais exprimem do que resultado e defeitos humanos dos que humanamente a compõem e dirigem, mas que aqueles que espiritualmente a integram e lhe acionam o organismo, que é extra-terreno, sabem tornar inócuos e sem conseqüências maléficas [...] ¹⁶⁰.

Os “aborrecidos da luz” eram os adversários da FEB, especialmente os que enfatizavam com mais vigor o caráter científico do Espiritismo, qualificados como “inimigos do Evangelho”, por divergirem da FEB. Mas, segundo o discurso da Federação, isso se deve à falta de compreensão por parte de seus inimigos terrenos da sua verdadeira e elevada missão. Incompreensão esta, aliás, que seria originada no *além*, ou em outras palavras, os que combateriam a FEB aqui, agiriam sob influência dos maus espíritos desencarnados. O mesmo artigo anterior continua sua defesa da sua divina origem, argumentando, inclusive com a coincidência entre o número de fundadores da FEB e o de apóstolos de Jesus.

O primeiro (fato) que, em maior destaque, se lhe depara, entre quantos cercam o nascimento da Federação, é o do número dos que, colhidos por uma onda de inspiração vinda das altas regiões da espiritualidade, como todas as que aceleram o ritmo da evolução e do progresso no nosso orbe, se reuniram em certo momento para iniciar a edificação terrestre da Casa de Ismael ¹⁶¹. Foram apenas doze, tantos quantos receberam do divino Mestre a investidura de Apóstolos seus para irem pelo mundo, quais ovelhas espalhadas entre lobos, anunciar o advento do reino de Deus e pregar a salvação [...]. Ora, a igualdade daqueles números, embora não chegue para provar, indicia vivamente que semelhante, senão idêntica, à dos Apóstolos era a missão que Ismael, em nome de Jesus, lhes deferia, menos para ser desempenhada individual e destacadamente, do que para constituir, através dos tempos, até muito além das suas existências corpóreas, a da igreja que eles foram chamados a formar. E essa igreja viveu, vitalizada pelo olhar do seu excelso fundador, e cresceu, desenvolvendo cada vez mais o seu organismo, mau grado às inúmeras e árduas vicissitudes que nunca deixaram de criar-lhe os que se deleitam com a treva, tendo sempre desfraldada, sob as cintilações do Cruzeiro, a flâmula do excelso Anjo do Senhor [...] ¹⁶².

¹⁶⁰ 55º ANIVERSÁRIO da Federação. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.55, n. 2, p. 33-37, fev. 1939.

¹⁶¹ Ismael seria o espírito protetor do Brasil, tendo, segundo relato do espírito Humberto de Campos, recebido essa missão do próprio Cristo. Vemos mais uma apropriação por parte do Espiritismo de representações católicas, o santo padroeiro foi substituído pelo espírito protetor.

¹⁶² 55º ANIVERSÁRIO..., op. cit., p.35.

É sintomática a preocupação em se igualar aos apóstolos os fundadores da Federação Espírita Brasileira, pois significa a evidente intenção de identificação entre o Espiritismo e o Cristianismo através da valorização, inclusive, de suas representações simbólicas. Na edição de abril de 1939, foi publicada uma mensagem atribuída ao Espírito de Verdade – a mesma entidade que teria orientado Allan Kardec - e que, originariamente fora publicada 1920,

Meus filhinhos, a minha paz vos dou.

Abri os seios doloridos de vossas almas acicatadas pela prova, abri o sacrário de vossos corações acrisolados na dor, para dar guarida às celestes emanações que pelos meus emissários constantemente envio, como refrigério ao sofrimento que de quando em vez vem despertar do letargo em que jazeis, para entreverdes as claridades espirituais da vossa regeneração.

Vinde, filhinhos meus muito amados, aprender comigo, que sou manso e humilde, a suportar o peso da vossa cruz [...] vinde repousar no meu seio os vossos espíritos combalidos pelas provações, certos de que felizes sois, pois que o filho do homem não tinha onde reclinar a cabeça.

Irmanai-vos pelo amor, compreendi que sois filhos de um mesmo Pai; chorai com os vossos semelhantes as suas desventuras; vesti os nus; confortai os aflitos e sereis dignos de seguir-me e sereis, de facto, meus discípulos [...].

A Árvore do Evangelho, plantada há dois mil anos na Palestina, eu a transplantei para o rincão de Santa Cruz¹⁶³, onde o meu olhar se fixa, nutrindo o meu espírito a esperança de que breve ela florescerá, estendendo a sua fronde por toda parte e dando frutos sazonados de amor e perdão [...].

Cumpridor fiel da vontade do Pai, toda a minha complacência se distribue por este pobre rebanho desgarrado. Eu, porém, prometi que todos seriam salvos e espero levar-vos, um dia, limpos e puros às suas sacratíssimas plantas, aureoladas as vossas fronteiras pela luz brilhante da purificação final¹⁶⁴.

Apesar de ter sido atribuído ao “Espírito de Verdade”, é evidente que trata-se de Jesus. As expressões utilizadas nada devem a um discurso católico, sacrário, rebanho, aureolados, sacratíssimas, purificação. Estando assim, sob proteção do Cristo, todos aqueles que da FEB discordavam eram tidos como “aborrecidos da luz”, ou seja, representantes das Trevas. Isso fica claro no seguinte trecho,

¹⁶³ Nas obras espíritas é comum referir-se ao Brasil como “Terra de Santa Cruz”, uma vez que acredita-se que Jesus Cristo teria destinado o Brasil a uma missão espiritual de ser o líder religioso do mundo, conforme a obra “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, por nós analisada em: SILVA. **Espiritismo: história e poder** (1938-1949), op. cit.

¹⁶⁴ 55º ANIVERSÁRIO da Federação. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.55, n.4, p.96-99, abr. 1939.

Três flagelos açoitam o Espiritismo no Brasil: a lepra (ou a guerra ao direito e ao exercício da ‘prece’); a tuberculose (ou a guerra ao caráter "religiosos" da doutrina); a sífilis (ou a formação de ‘seitas’ em torno da idéia da materialidade ou imaterialidade do corpo do Filho de Deus)¹⁶⁵.

Parece-nos que já está muito claro que a FEB valorizava muitíssimo o aspecto religioso do Espiritismo e procurava desqualificar as posições contrárias, inclusive comparando-as a doenças. Assim, na década de 1940, a FEB continuava lutando pela hegemonia no movimento espírita, é o que se conclui das constantes publicações de artigos no Reformador a respeito do assunto.

Em outro artigo, de maio de 1943, a FEB volta a defender a tese da virgindade de Maria e do corpo fluido de Jesus. O texto é pleno de simbolismo religioso de origem católica. Trata-se da republicação de um texto em abril de 1881.

[...] feitas as preces, foi convidado o médium Santos a referir o que lhe fosse concedido ver, em relação à presidência e assistência dos nossos protetores. Santos escreveu:

"Preside aos trabalhos o bom Anjo Gabriel. Existe no alto o sinal da presença de Ismael. Os nossos guias estão presentes, bem como Espíritos puros que nos vêm auxiliar e muitos Espíritos, felizes e sofredores. Também se acha presente Lucas [...].

Bittencourt diz:

‘Madalena acha-se presente, em seu aspecto oriental; traz um púcaro com uma massa branca, que é, diz, o sal que oferece para a nossa comida. No centro, acha-se uma virgem morena e muito formosa, trazendo numa salva o livro sagrado. Ao lado de Madalena estão João Evangelista, Lucas, Marcos e bem assim todos os Apóstolos, notando-se Paulo, que apresenta um rolo de pergaminho, dizendo serem as suas Epístolas. Muitas virgens também se acham presentes, alguns Espíritos nossos conhecidos, como sejam Romualdo, Urias, Menezes e o meu particular amigo Trajano. Oliveira está de joelhos e soluça aos pés de Madalena’ [...].

Bittencourt diz achar-se presente o Mestre, ocupando a cabeceira da mesa, tendo a seu lado São Luiz, os Evangelistas e Madalena [...].

‘Irmãos, que a paz do Senhor reine entre vós. O vosso bom guia Ismael vos pede, vos aconselha mais calma nestes santos estudos e promete, na primeira ocasião, dar-vos o sentido, em espírito e verdade, desta passagem do Novo Testamento.

A revelação dada a Roustaing, sobre este, como sobre os demais pontos, é verdadeira [...] ¹⁶⁶.

A reunião estaria sendo dirigida pelo “Anjo Gabriel”, aquele que foi anunciar a Maria a vinda do Cristo. Além de Ismael, que como já dissemos, é considerado o espírito

¹⁶⁵ CAMARGO, Romeu A. Carta aberta aos espíritas do Brasil. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.1, p.17-18, jan. 1943.

¹⁶⁶ 56ª SESSÃO. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.5, p.108-109, maio 1943.

protetor do Brasil, estariam presentes todos os apóstolos, inclusive Paulo que estaria com um pergaminho de suas epístolas. Há ainda um que soluça aos pés de Maria Madalena, além do Mestre (Kardec?) ladeado por São Luis. E até uma virgem morena segurando a Bíblia. Voltamos a verificar a importância dos aspectos simbólicos da cena: o sal, o pergaminho, as virgens, a Bíblia e os próprios personagens presentes. Se não fosse a descrição de uma sessão espírita na Federação Espírita Brasileira, certamente poderia ser a descrição de um belo afresco em uma igreja qualquer.

Em um artigo de 1944, a Federação volta a criticar seus adversários, em especial os que defendem o aspecto científico do Espiritismo.

Por diversos médiuns têm-se manifestado grandes Espíritos anunciando que caberá ao Brasil grandiosa missão no futuro. Terá que partir do nosso país o movimento restaurador do Cristianismo primitivo em toda a sua pureza, tem sido dito e repetido. A resistência serena da Federação Espírita Brasileira contra adversários internos e externos que tentam desviá-la de sua missão, quando outras grandes instituições espíritas têm falhado em diversos países, deixando-se minar por inimigos internos, parece confirmar essas comunicações do Alto [...].

[...] sem levar em conta os ataques de quantos pretendem transformar o Espiritismo em frias concepções científicas e filosóficas, por meio de pedantes discussões acadêmicas, sem cogitarem da sua força transformadora da conduta do homem pelo fervor evangélico¹⁶⁷.

Percebemos que não é sem motivo que a autoria espiritual do livro “Nosso Lar” é atribuída a um médico. Era, certamente, necessário enfrentar de forma simbólica a crítica que se fazia à FEB de estar negligenciando o aspecto científico do Espiritismo. Dessa forma, o espírito de André Luiz sempre foi tido como mais científico que Emmanuel, por exemplo. No entanto, temos de notar que André Luiz é personagem subordinado a Emmanuel, que prefacia seus livros, indicando bem a posição febiana de que a ciência deveria estar subordinada à religião.

As posições da FEB receberam enorme reforço com a publicação dos livros de Chico Xavier. Livros, aliás, sempre foram importantes para o Espiritismo. Na Europa, ele nasceu através de um livro e no Brasil o esforço da FEB em montar e desenvolver uma grande editora durante as décadas de 30 e 40 pode ser entendido como necessário para colocar em prática uma estratégia de hegemonia dentro do espaço religioso espírita, mas também representa a evidência e que o Espiritismo é uma doutrina do “livro”.

¹⁶⁷ BRAGA, Ismael Gomes. A missão do Brasil. *Reformador*, Rio de Janeiro, v.62, n.10, p.233, out. 1944.

3.3 Francisco Cândido Xavier

Dentre todos os espíritas brasileiros, Francisco Cândido Xavier é o mais destacado, devido à extensão de sua obra literária e, sem dúvida, ao seu carisma. Segundo Lewgoy¹⁶⁸, há muitas biografias, artigos e entrevistas escritas sobre o médium mineiro e muitas delas se aproximando do gênero hagiográfico. Autor das obras que estudamos, Francisco Cândido Xavier, nasceu em 1910, na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Seus biógrafos contam que sua vida, desde cedo, esteve marcada pela presença dos espíritos. Foi menino pobre, sua mãe era lavadeira e seu pai vendia bilhetes de loteria. Aos cinco anos, ficou órfão da mãe e passou a viver com a madrinha, Rita de Cássia, que, segundo consta, o maltratava muito.

[...] Chico será criado pela madrinha e antiga amiga de sua mãe, Rita de Cássia, que logo se mostra uma pessoa cruel, vestindo-o de menina e aplicando-lhe surras diariamente, a qualquer pretexto e, mais tarde, sob a alegação de que o ‘menino tinha o diabo no corpo’. Não se contentando em açoitá-lo com uma vara de marmelo, Rita passa a cravar-lhe garfos de cozinha no ventre, não permitindo que o garoto os retirasse, o que lhe ocasiona terríveis sofrimentos¹⁶⁹.

Foi por causa deste sofrimento que Chico Xavier passou a orar pedindo ajuda à sua mãe e, certa vez, esta teria lhe aparecido e aconselhado paciência ao menino Chico. Após o segundo casamento do pai, com Cidália Batista, volta a viver com os demais irmãos, mas as visões com a mãe e outros espíritos continuaram, causando-lhe muitos problemas, o que levou o padre da cidade sugerir ao pai que o empregasse, para que o tempo livre do garoto fosse preenchido, certamente levado pela crença de que as visões de Chico Xavier fossem provocadas pelo Diabo, que estaria aproveitando o tempo ocioso do jovem. Isso, somado à precária situação financeira, levou-o a trabalhar como tecelão em uma fábrica de tecido aos dez anos, “onde é submetido a um trabalho árduo e insalubre, que lhe deixará seqüelas pelo resto da vida”¹⁷⁰. Depois, teve outros serviços até empregar-se na antiga Inspetoria Regional do Serviço de Fomento à Produção Animal, onde se aposentou em 1961.

Chico Xavier nasceu e cresceu em ambiente católico e, até sua conversão ao Espiritismo, participava regularmente de todas as atividades e cerimônias daquele culto. Confessava-se sempre e chegou a desfilar em procissão com uma pedra de quinze quilos na

¹⁶⁸ LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: Edusc, 2004.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 22-23.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 24.

cabeça enquanto repetia mil vezes a Ave-Maria. Porém, uma doença de sua irmã, Maria Xavier, fez com que seu pai procurasse ajuda de um casal de espíritas amigos. A aplicação de passes e orações realizadas por este casal foi o primeiro contato de Chico Xavier com o Espiritismo. Logo em seguida, Chico Xavier participou da sua primeira reunião espírita e recebeu sua primeira mensagem dos espíritos desencarnados, em 1927.

Em 1931, Chico Xavier encontrou o espírito que se tornou seu mentor, Emmanuel, que lhe contou sobre sua missão e as condições exigidas do médium: disciplina, disciplina e disciplina. O que, pelo que conhecemos da vida do médium, foi seguido. Mais tarde, é revelado a Chico Xavier que Emmanuel havia sido, em encarnações anteriores, um senador romano de nome Publio Léntulus, um escravo grego chamado Nestório, o padre jesuíta Manoel da Nóbrega e Damiano, um padre espanhol do século XVII¹⁷¹. Até seu falecimento, em 2002, Chico Xavier publicou 412 títulos que somam aproximadamente 25 milhões de livros vendidos.

Segundo Stoll, a hegemonia de Chico Xavier no cenário espírita brasileiro se deu entre as décadas de 40 e 50¹⁷², coincidentemente o período em que as obras de André Luiz são publicadas. A sua produção literária, por si só, já lhe garantiria fama e importância no movimento espírita e justificaria o estudo que desenvolvemos, mas à pessoa de Francisco Cândido Xavier, juntou-se, ainda, ao longo do tempo, uma imagem de santidade típica do catolicismo. A renúncia ao matrimônio, a opção pela castidade e pela pobreza, o desprendimento dos bens materiais, foram elementos que capitalizaram sua imagem pública.

Do modelo católico de espiritualidade, Chico Xavier extraiu, portanto, alguns elementos fundamentais que delinearão a sua imagem pública. Basicamente, são os votos monásticos – castidade, pobreza e obediência – que dominam essa construção. O que significa que Chico Xavier fundiu a prática da mediunidade ao modelo de virtuosidade característico da religião culturalmente dominante no país. Com isso criou em torno de si uma aura de credibilidade que contribuiu para consolidar sua liderança religiosa.¹⁷³

¹⁷¹ Ibidem, p. 25.

¹⁷²“A liderança de Chico Xavier no meio espírita se consolidou em torno dos anos de 1940 e 1950, pouco mais de meio século depois da constituição dos primeiros grupos responsáveis pela difusão da doutrina no país. Até então raros eram os nomes de destaque nesse universo religioso oriundos das classes populares. Chico Xavier constitui uma exceção. Mas sua importância, como sugerem as frases acima, extravasa esse detalhe. Como pretendo demonstrar a seguir, a imagem de “homem-santo” não traduz uma apropriação indébita. Ao contrário, reflete o processo cultural de inserção do Espiritismo no campo religioso brasileiro por meio de um diálogo intenso, muitas vezes conflituoso, com a religião dominante no país: o Catolicismo. Apreenderemos as bases dessa construção a partir da narrativa de sua história de vida e carreira religiosa”. (STOLL, Sandra Jacqueline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.185, 2004).

¹⁷³ Ibidem, p.153.

A liderança religiosa, garantida pelos seus muitos livros e pela santificação de sua imagem, confere ao discurso que analisamos uma autoridade quase incontestável dentro do movimento espírita e um inegável reconhecimento social. O *capital simbólico* vinculado a Chico Xavier garante, para a maioria dos espíritas, a veracidade do conteúdo de suas obras. Se para Stoll Chico Xavier adquiriu as características da santidade católica, Lewgoy acrescenta que a partir disso construiu-se um mito que representa um ponto de inflexão na história do espiritismo brasileiro¹⁷⁴.

Práticas antes dele inexistentes, como o “culto do evangelho no lar”, estabeleceram-se no movimento espírita. Mais do que uma inovação, isso demonstra que a produção de Chico Xavier foi responsável, em grande parte, pela acomodação do Espiritismo ao ambiente cultural brasileiro, juntando elementos do catolicismo ao nacionalismo do início do século XX¹⁷⁵. Característica já estudada em nossa dissertação de mestrado.

Considerando que essa acomodação à qual Lewgoy se refere não representa degeneração alguma, mas resultado do processo de legitimação do Espiritismo no Brasil, podemos destacar, a partir do autor anteriormente citado, alguns pontos que diferem o Espiritismo segundo Kardec e segundo Chico Xavier e que ficarão bem explícitos ao longo desse trabalho.

Enquanto em Allan Kardec os espíritos que se comunicaram estavam ligados à história clássica e da tradição cristã, com destaque para alguns de importância na história francesa, em Chico Xavier os espíritos tendem a ser ligados à história nacional – como André Luiz, identificado tradicionalmente como Oswaldo Cruz, que por sua vez seria Estácio de Sá - ou à cristandade heróica como Emmanuel – mentor espiritual de Chico Xavier que viveu no período de perseguição romana aos cristãos. A aproximação com crenças católicas assimilou o sistema da graça e da intercessão, que eram ausentes em Allan Kardec, que era mais afeito a um racionalismo moral abstrato. Racionalismo moral em Kardec é consequência da ênfase no estudo e na razão bem como da valorização da ciência; ao contrário, em Chico Xavier temos que o estudo é secundário e constantemente são feitas críticas ao intelectualismo e enfatizando a orientação dos espíritos missionários. Isso faz com que a relação com o mundo dos espíritos em Allan Kardec seja de colaboração, enquanto em

¹⁷⁴ LEWGOY, Bernardo. **Os Espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. p. 155. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 156.

Chico Xavier a relação é de subordinação¹⁷⁶ e dependência¹⁷⁷, como veremos no estudo da obra “Nosso Lar”.

Em algumas de suas obras, Chico Xavier também se preocupou em narrar e descrever a vida no *além*. De suas obras, nos interessa mais de perto uma seqüência de livros atribuídos a um espírito chamado André Luiz. Nesses textos, esse espírito conta seus sofrimentos, angústias e alegrias que “viveu” depois de ter morrido ou, como preferem os espíritas, desencarnado. O primeiro livro dessa série é “Nosso Lar”, o “maior clássico do espiritismo brasileiro” e que consolida as dimensões religiosa e nacionalista do Espiritismo brasileiro¹⁷⁸. Publicado pela primeira vez em 1944, já vendeu mais de 1.200.000 exemplares.

¹⁷⁶ Segundo Stoll, “A relação médium/“guia-espiritual” constitui uma relação de ordem ritual, que, a exemplo do que ocorre na relação com os santos, extravasa para a vida cotidiana, caracterizando-se em larga medida pela intimidade da relação de tipo filial. Por outro lado, a autoridade do “espírito-guia” se impõe nesse caso com base no modelo institucional católico. O preceito hierárquico da obediência, pilar dessa relação, se expressa, conforme relata Chico Xavier, de forma clara: “Emmanuel” se apresenta com vestes sacerdotais, semelhantes às de um padre jesuíta⁹. Os trajes que ele ostenta (uma espécie de batina preta), assim como a rígida disciplina de trabalho e de vida imposta ao médium, remetem a práticas de ordem institucional”. (STOLL.. **Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação**, op. cit., p. 189).

¹⁷⁷ LEWGOY. **Os Espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista, op. cit., p. 178.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 214.

4 O ALÉM NA OBRA DE ALLAN KARDEC

Em vão procuramos nas obras de Allan Kardec descrições do *além* semelhantes às encontradas nas obras de Chico Xavier e de outros médiuns que lhe seguiram os passos. Os livros de Allan Kardec não são obras de literatura, são muito mais textos de reflexão filosófica. Fica evidente esta característica no livro “O Céu e o Inferno”, onde poderíamos esperar longas descrições dos sofrimentos e das recompensas futuras, no entanto, nada disso encontramos.

A obra é dividida em duas partes, uma primeira que Allan Kardec chama de “doutrina” e uma outra denominada “exemplos”. Na primeira parte, o autor faz uma reflexão sobre o destino dos homens após a morte a partir da discussão dos postulados católicos a esse respeito, assim, ele discute sobre o céu, o inferno, o purgatório, os anjos e os demônios, entre outros assuntos. É um esforço racional de estabelecer uma doutrina sobre o tema.

Na segunda parte do livro, Allan Kardec apresenta exemplos que corroboram a exposição feita anteriormente, segundo o espírito científico que pretendia dar ao Espiritismo. Os exemplos são relatos de espíritos desencarnados sobre sua situação pós-morte. Os relatos são divididos conforme a situação desses espíritos: felizes, em condição mediana, sofredores, suicidas, criminosos arrependidos, endurecidos e em expiações terrestres.

Mesmo nesses exemplos, não encontramos as cidades espirituais, as muralhas, os hospitais, os templos e outros elementos que pertencem às obras de Chico Xavier. Há poucas e vagas referências ao lugar, ao espaço onde esses espíritos se encontram. Mas trataremos disso mais adiante. O importante aqui é ressaltar a posição de Allan Kardec, inspirada no racionalismo iluminista.

Allan Kardec inicia suas reflexões opondo-se ao niilismo, ou seja, a crença materialista de que não existe coisa alguma após a morte do corpo. As conseqüências negativas para os indivíduos e para a sociedade de tal teoria são enfatizadas por Kardec, mas dentro de sua lógica racionalista, ele admite que se fosse verdade que não possuímos alma, teríamos de aceitar, independentemente das conseqüências daí advindas. Lamenta, então que a religião não tenha conseguido impor-se ao progresso do ceticismo em relação a este assunto.

O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a fé cega¹⁷⁹.

A solução para este problema está, segundo ele, no Espiritismo, que vem dar sustentação científica, positiva, à crença na alma e na vida futura. Na obra “O Céu e o Inferno”, esta é a função dos exemplos colocados na segunda parte do livro, porque Kardec considera que a posição espírita frente à questão da vida após a morte não é fruto da imaginação, mas resultado da observação de fatos materiais, positivos.

No capítulo seguinte, no qual discute a questão do medo da morte, Kardec resume a sua oposição às crenças religiosas tradicionais a respeito do além-túmulo: “Convenhamos que o quadro pela religião esboçado, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório”¹⁸⁰. Ele critica a idéia de um inferno onde os séculos sucedem aos séculos sem esperança para os condenados que sequer podem aproveitar do arrependimento; discorda da idéia de um purgatório onde as almas esperam pela intercessão dos vivos sem nada fazerem pelo seu próprio progresso; e afirma que a beatitude contemplativa dos poucos eleitos no céu também não satisfaz as aspirações de progresso. O exemplo colocado por Kardec ilustra bem sua posição: “Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante – de senso moral obtuso -, esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas”¹⁸¹. A oposição típica do século XIX, selvagem/civilizado, encontra-se aqui presente, mas o mais importante é a valorização do conhecimento e da moralidade prática.

O terceiro capítulo é dedicado ao céu. Allan Kardec começa fazendo uma análise das antigas crenças a respeito do céu, em especial critica a idéia de que existam muitos céus sobrepostos, de matéria sólida e transparente, ou seja, as esferas celestes¹⁸² que giram em torno da terra. Sobre estas crenças, Kardec afirma que a ciência, com a lógica da observação dos fatos, já havia mostrado sua nulidade¹⁸³. Continua afirmando que diante das descobertas

¹⁷⁹ KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 1987. p. 14.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 23.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² Já vimos que a idéia das esferas celestes voltam a aparecer na obra de Chico Xavier.

¹⁸³ “Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Girando essas esferas em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito. Essa idéia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade”. (Ibidem, p.27).

da astronomia, todas as religiões nada mais podem afirmar sobre a localização do céu, enquanto local além da vida.

Kardec, portanto, parece-nos reprovar qualquer tentativa de localizar com precisão espacial o céu. O que fica bem claro nesta passagem:

A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão¹⁸⁴.

Assim, o inferno ou o céu seriam muito mais condições internas dos espíritos, que lhes permitiriam estar, ou melhor, perceber diferentemente o mundo espiritual. Quando Kardec refere-se a “trevas”, por exemplo, não indica uma determinada região do mundo além-túmulo, mas apenas uma figura de linguagem para descrever a oposição entre um espírito feliz e infeliz – aliás, bem no sentido iluminista, a escuridão da ignorância em oposição às luzes do saber. A respeito de dois espíritos suicidas cujo castigo seria a longa separação, “Eles aqui virão sem se avistarem, porque profundas trevas os separarão por muito tempo”¹⁸⁵. Mais explicitamente no trecho:

- P. (a S. Luís). Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão as referidas tantas vezes na Escritura?

- R. Sim, efetivamente, as designadas por Jesus e pelos profetas em referências ao castigo dos maus.

Mas isso não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual. Certos Espíritos estão imersos em trevas, mas deve-se depreender daí uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota. Não é uma loucura da alma, porém uma inconsciência daquele e do que o rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material¹⁸⁶.

A felicidade dos espíritos desencarnados é inerente às suas qualidades e estes a desfrutam em todo lugar, é uma questão de percepção, de evolução das capacidades de compreender a verdade e o bem.

¹⁸⁴ Ibidem, p.30.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 307.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 291.

Se se encontrarem em um concerto dois homens, um, bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que nenhuma impressão produz no outro. Assim sucede quanto a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade¹⁸⁷.

Diferentemente da obra de Chico Xavier, onde as “trevas” são consideradas um lugar circunscrito, limitado, habitado pelos espíritos mais endurecidos. Kardec, ao contrário, evita localizar o céu ou o inferno em uma região qualquer, mesmo que seja no mundo espiritual, “o mundo espiritual tem esplendores por toda parte”¹⁸⁸ afirma ele. O céu e o inferno dependeriam, em última instância, apenas na boa vontade dos homens em progredir.

Esse progresso deve, segundo Kardec, ser realizado em muitas encarnações; progresso moral e intelectual. A reencarnação pode dar-se na terra ou em outros planetas. Para Kardec, há outros mundos mais ou menos adiantados que o nosso. Nos mais adiantados a vida material seria menos penosa que na Terra. A vida nesses mundos superiores já é uma recompensa, onde reina a “verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, e a verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco”¹⁸⁹. Kardec retira do lema da Revolução Francesa as características do paraíso, quando conclui que, comparados à Terra, esses mundos mais adiantados são verdadeiros paraísos. A Terra, nesta escala de mundos é local para a purificação dos espíritos imperfeitos.

Segundo ele, a vida espiritual consiste em constante atividade, sendo que as atribuições dos espíritos correspondem ao progresso por eles realizados, ou seja, às luzes que possuem. Nada de favores ou de privilégios, tudo é medido na balança precisa da justiça. As missões mais importantes são confiadas à aqueles que não mais podem errar, mas a todas as criaturas humanas cabe um pedaço de responsabilidade na harmonia do universo. “Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação ou no espiritual”¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Ibidem, p.30.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ Ibidem, p.33.

¹⁹⁰ Ibidem, p.35.

É das qualidades dos indivíduos que depende sua felicidade e não do estado “material” do lugar onde se encontram. A felicidade está em qualquer parte onde existam espíritos capazes de a usufruir: “nenhum lugar lhe é circunscrito e assinalado no Universo”¹⁹¹.

Kardec, após afirmar que o céu enquanto lugar determinado às almas merecedoras, está em todo lugar e que depende do progresso dos indivíduos, ressalva que essa felicidade não é pessoal, ou seja, os espíritos felizes atraem-se pela semelhança de tendências e sentimentos, formando agrupamentos, cujos membros ora se dispersam para realizarem suas tarefas, ora se reúnem em “dado ponto do espaço” a fim de comentarem o trabalho realizado ou em torno de um espírito mais evoluído para receberem instruções. Mas, Kardec nada diz de cidades espirituais ou esferas determinadas para estes espíritos.

“Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios interdita”¹⁹².

Kardec termina afirmando a importância da ciência na reparação das antigas crenças sobre o *além*.

Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? Antes de a Geologia comprovar a formação da Terra, poderiam os homens tirar-lhe o inferno das entranhas e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação? Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da ciência psicológica? *Conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material?* Não; [...] ¹⁹³.

Portanto, não encontramos descrições de anjos, muralhas, árvores, rios, ou outra coisa qualquer no *além* proposto por Allan Kardec, apenas uma valorização da ciência como meio de evitar antigos modos de imaginar a vida após a morte: circunscrita e de forma material.

¹⁹¹ Ibidem, p. 36.

¹⁹² Ibidem, p. 37.

¹⁹³ Ibidem, p.38-39 (grifo nosso).

O mesmo raciocínio é aplicado por Kardec para analisar as idéias que se fazem do inferno¹⁹⁴. No capítulo 4, ele começa dizendo que os homens ainda dominados pela matéria não conseguiriam compreender com exatidão a espiritualidade e por isso imaginam para as penas futuras, no *além*, características mais materiais que espirituais: “afigura-se-lhe que deve comer e beber no outro mundo; porém melhor que na Terra”¹⁹⁵. Assim, continua Kardec, o quadro idealizado pelos homens a respeito dos castigos além-túmulo seria apenas reflexo dos males por eles conhecidos na Terra.

Kardec afirma que o inferno pagão perpetuou-se no cristianismo, “Mas, coisa singular! Os cristãos exageraram em muitos pontos o inferno dos pagãos”¹⁹⁶. Kardec estabelece uma comparação entre os infernos das descrições pagãs e das cristãs e considera as primeiras mais ponderadas que as segundas. Ao comparar, por exemplo, Plutão a Satã, defende a posição pagã que faz do deus do mundo inferior apenas alguém que deve exercer seu ofício enquanto Satã é um ser mau, que procura tentar os homens para que pequem.

Sobre o lugar onde estaria o inferno, Kardec utiliza o mesmo raciocínio que empregara para desfazer a crença em um lugar circunscrito para as penas além da morte.

Tendo-se colocado o primeiro [o céu] nas regiões superiores, era natural reservar ao segundo os lugares inferiores, isto é, o centro da Terra, para onde se acreditava servirem de entradas certas cavidades sombrias, de aspecto terrível¹⁹⁷.

Kardec analisa as representações alto/baixo, indicando as correspondências entre as imagens pagãs (monte Olimpo/céu e mundo inferior/inferno), para logo em seguida afirmar que tais erros seriam corrigidos pela “difusão das modernas luzes”¹⁹⁸.

Kardec preocupa-se em descrever o inferno pagão e logo em seguida o inferno cristão, sendo que este último corresponde ao inferno católico dada a fonte que ele utiliza em suas análises. Para o inferno pagão, toma a descrição de Fénelon¹⁹⁹. Aqui sim

¹⁹⁴ Para a descrição do inferno cristão ele utiliza uma obra chamada “O Inferno”, de Auguste Claret, traduzida para o português por Camilo Castelo Branco.

¹⁹⁵ KARDEC. **O céu e o inferno**, op. cit., p.40.

¹⁹⁶ Ibidem, p.41.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 42.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 43.

¹⁹⁹ A descrição do inferno pagão feita por Allan Kardec, como dissemos, é baseada na obra de François de Salignac de La Mothe – Duque de Fénelon, mais conhecido por este nome. Nasceu em 06/08/1651 e faleceu em 07/01/1715. Autor de livros famosos, como “As Aventuras de Telêmaco” foi professor do neto de Luis XIV, duque de Borgonha. Foi justamente para educar o, até então, futuro rei da França que Fénelon escreveu “As Aventuras de Telêmaco”. É um romance ao estilo das narrativas de viagens, que conta a história da busca de Telêmaco pelo seu pai, Ulisses, que não retornara a Ítaca após a Guerra de Tróia. O enredo tem fins

encontramos aquelas descrições que esperávamos, mas, surpresa, não correspondem ao inferno espírita e sim ao que Kardec acredita ser pagão. Um exemplo para ilustrar o que dizemos, uma passagem do inferno pagão descrita por Kardec:

E ele avista logo, bem perto de si, o negro Tártaro evolando escuro e espesso fumo, cujo cheiro mefítico daria a morte se se espalhasse pela morada dos vivos. Esse fumo envolvia um rio de fogo, um turbilhão de chamas, cujo ruído, semelhante às torrentes mais caudalosas quando se despenham de altos rochedos em profundos abismos, corria para que nada se ouvisse nesses lugares tenebrosos²⁰⁰.

Logo em seguida, Kardec esboça o inferno cristão a partir da obra de Augusto Calet. Nessa parte do capítulo Kardec cita trechos como esse, cujas informações são importantes para o nosso estudo:

a única coisa afirmada é que esse inferno, onde quer que exista, é um mundo composto de elementos materiais, conquanto sem Sol, sem estrelas, sem Lua, mais triste e inóspito, desprovido de todo germen e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos²⁰¹.

O texto citado por Kardec continua, referindo-se logo em seguida às visões dos santos, transportados alguns deles em espírito ao inferno, naquelas viagens ao *além* às quais já nos referimos. É citada Santa Tereza D'Ávila, cujas visões, segundo o texto são de singular importância para nosso estudo e por isso citamos na íntegra um trecho:

pedagógicos e serve para dar lições de geografia, de costumes diferentes, mas principalmente de moral e de política. Isto corresponde à crença que Fénelon tinha na capacidade da pedagogia como meio de reformar os cidadãos e a sociedade.

Kardec parece ter apreciado a obra, uma das mais lidas em sua época – inclusive no Brasil. Além desta citação feita por Kardec da obra de Fénelon vivo, este nome aparece outras vezes na obra de Kardec, mas como um dos espíritos iluminados que o auxiliaram na elaboração do espiritismo. Podemos concluir que havia, pelo menos, uma simpatia de Kardec pelas idéias de Fénelon. A própria idéia de uma pedagogia reformadora da sociedade já aproximava os dois, pois, como sabemos Allan Kardec era um pedagogo, tendo estudado com Pestalozzi. Outra aproximação é a tentativa de Fénelon de aproximar a razão e a religião. No texto em questão, Telêmaco é acompanhado pela deusa Minerva, disfarçada como um velho. É a sabedoria que acompanha Telêmaco em busca de seu pai, que o faz perceber os riscos de ser um mau governante. Há uma autonomia humana baseada na possibilidade de escolher entre o bem e o mal, sem a qual seria inútil qualquer tentativa de reforma social. Mas, a providência divina não deixa de estar presente na vida do homem, Deus intervém na história, garantindo a felicidade futura aos bons e castigo aos maus. Isto, sem dúvida está muito próximo daquilo que defende Kardec e não é por acaso, portanto que ele admira muito mais a descrição de Fénelon do inferno do que a descrição cristã.

²⁰⁰ KARDEC. **O céu e o inferno**, op. cit., p.47.

²⁰¹ Ibidem, p.53.

Desse número é Santa Teresa. Dir-se-ia, pela narrativa da santa, que há uma cidade no inferno: - ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela comprida e estreita como essas que abundam em velhas cidades, e percorreu-a horrorizada, caminhando sobre lodoso e fétido terreno, no qual pululavam monstruosos reptis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela, [...] ²⁰².

Eis aí uma cidade no *além* e até a muralha que procurávamos, mas não no inferno espírita (porque ele sequer existe), mas no inferno cristão. O mais importante é uma nota de roda pé de Kardec comentando as visões de Santa Tereza: “Nesta visão se reconhecem todos os caracteres dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa” ²⁰³. Allan Kardec, longe de concordar com esta descrição, acredita em uma causa muito mais material e simples, seria apenas um pesadelo. Allan Kardec mostra-se desconfiado em relação a descrições materiais do *além*.

Poderíamos perguntar como há homens que têm conseguido ver essas coisas em êxtase, se elas de fato não existem. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com visos de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que o êxtase é a mais incerta de todas as revelações ²⁰⁴.

Longe estamos, portanto de alguém que aceita qualquer informação. A lógica de Kardec está mais próxima do espírito iluminista do que da fé religiosa católica. Ele chega a negar a existência de tais elementos, chamando-os de imagens fantásticas, fruto do êxtase que os próprios santos teriam tido.

Sobre o purgatório ²⁰⁵, Kardec dedica do capítulo 5. Começa informando ao leitor que não existe menção a ele nos evangelhos, tendo, segundo Kardec, sido admitido pela Igreja no ano de 593. Considera a crença no purgatório mais racional e mais conforme a justiça de Deus, pois prevê penas menos severas e possibilidade de resgate das faltas. Apesar disso, critica a idéia de que as almas somente se livram do purgatório graças às preces dos vivos, sem nenhum esforço individual pela salvação. Chega a fazer uma crítica mais contundente: “As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o

²⁰² Ibidem, p. 54.

²⁰³ Ibidem, p. 55.

²⁰⁴ Ibidem, p. 61.

²⁰⁵ Quando trata dos anjos, dos demônios e da possibilidade da intervenção destes sobre os homens, Kardec busca as pastorais do Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, de 1864 e 1865. O cardeal Thomas Gousset foi um dos maiores teólogos franceses do século XIX, nascido em 1792, faleceu em 1866. Defendeu as idéias de Alphonse de Liguori, que pouco tempo depois seria santificado devido ao milagre de ter estado em dois lugares ao mesmo tempo. No Livro dos Médiuns, também de Allan Kardec, algumas mensagens são atribuídas a Santo Afonso de Ligouri já falecido, que é considerado um dos colaboradores de Kardec.

inferno”²⁰⁶. Assim, segundo ele, o purgatório originou o comércio das indulgências, que foi causa primeira da Reforma.

A partir do princípio de que os homens precisam chegar à perfeição, Kardec afirma que é “[...] nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das suas imperfeições, que se purga, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra [...]”²⁰⁷. Kardec considera a própria vida na Terra o purgatório, só que a saída deste depende dos esforços pessoais de cada um. Coerente com esta idéia, Kardec passa a demonstrar como, segundo ele, é ilógica o dogma das penas eternas.

Alguns exemplos, que transcrevemos a seguir, seriam os relatos de diversos espíritos, dos mais felizes aos mais sofredores, e que estão na parte final do livro “O Céu e o Inferno”. Além dos conselhos morais, que são o objetivo da obra, encontramos algumas referências ao *além*.

A morte, segundo Allan Kardec, causa alguma perturbação na alma, “A passagem da vida terrena para a dos Espíritos deixou-me de começo num estado incompreensível, porque ficamos algumas vezes muitos dias privados de lucidez”²⁰⁸. O termo que é utilizado para explicar o lugar onde está é “espaço”, “Eu sou Espírito e minha pátria é o Espaço”²⁰⁹, “[...] transportava-me através do Espaço uma força desconhecida”²¹⁰. Essa expressão aparece novamente, “Vejo, principalmente Lázaro e Erasto; depois, mais afastado, o Espírito de Verdade pairando no espaço [...]”²¹¹ “[...] foi então que me vi cercado de numerosos, bons e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem, rodeavam-me sorrindo [...] eu, forte e animado, podia sem esforço percorrer os espaços. O que vi não tem nome na linguagem dos homens”..²¹² Essa dificuldade em descrever o *além* é recorrente, “Eu vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo”²¹³. ou ainda, “Tudo que não seja planeta, constitui o que chamais Espaço e é neste que permaneço. O homem não pode, contudo calcular, fazer uma idéia, sequer, do número de gradações desta imensidade”²¹⁴. Sobre a forma do espírito no *além*, “[...] que diferença entre a máquina informe, que penosamente aí se arrasta com seu

²⁰⁶ KARDEC. **O céu e o inferno**, op. cit., p.63.

²⁰⁷ Ibidem, p.64.

²⁰⁸ Ibidem, p. 177.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibidem, p. 242.

²¹¹ Ibidem, p. 189.

²¹² Ibidem, p. 181.

²¹³ Ibidem, p. 186.

²¹⁴ Ibidem, p. 216.

cortejo de misérias, e a fluidez maravilhosa do corpo espiritual!”²¹⁵ ou ainda essa, que reforça a “fluidez” do mundo espiritual, “Nada de corpo material nem de vida terrestre! Vida, sim, mas imortal! Não mais homens carnis, porém formas diáfanas, Espíritos que deslizam, que surgem de todos os lados, que vos cercam e que não podeis abranger com a vista, porque é no infinito que flutuam! Ter ante si o Espaço e poder franqueá-lo à vontade!”²¹⁶. A palavra infinito também aparece com frequência, “Após a ruptura dos laços materiais, abrangeram meus olhos novos horizontes, e eu vivo e desfruto as maravilhas suntuosas do infinito”²¹⁷. Referências a outros planetas igualmente surgem, “Os esplendores celestes, desenvolvidos aos meus olhos, pompeavam em toda a sua magnificência! A minha vista deslumbrada imergia na imensidão dos mundos cuja existência afirmara, bem como a sua habitabilidade”²¹⁸.

A respeito da ocupação e movimentação dos espíritos no *além*, igualmente a imagem sugerida é da rapidez, da incessante movimentação, da falta de obstáculos e limitações ao que é chamado apenas de “espaço”. “Os vossos passeios, a contados passos nos parques, a que se reduzem, comparados aos percursos da imensidade, mais célere que o raio?”²¹⁹ “Arrebatado por não sei que agente maravilhoso, eu vi os esplendores de um céu, desses que só em sonho podemos imaginar. Esse percurso, através do infinito, fazia-se com celeridade tal que eu não pude precisar os instantes nele empregados pelo meu Espírito”²²⁰. Mais explícito nesse trecho:

As ocupações, posto que isentas de fadiga, revestem-se de perspectivas e emoções variáveis e incessantes, pelos mil incidentes que se lhes filiam. Tem cada qual sua missão a cumprir, seus protegidos a velar, amigos terrenos a visitar, mecanismos na Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar; e é o vaivém, não de uma rua a outra, porém, de um a outro mundo; reunindo-nos, separando-nos para novamente nos juntarmos; reunidos em certo ponto, comunicamo-nos o trabalho realizado, felicitando-nos pelos êxitos obtidos; ajustamo-nos, mutuamente nos assistimos nos casos difíceis²²¹.

A descrição que teria sido realizada por espíritos infelizes também carregam as mesmas características:

²¹⁵ Ibidem, p. 182.

²¹⁶ Ibidem, p. 197.

²¹⁷ Ibidem, p. 225.

²¹⁸ Ibidem, p. 227.

²¹⁹ Ibidem, p. 222.

²²⁰ Ibidem, p. 251.

²²¹ Ibidem, p. 223.

[...] os espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a idéia de uma ventura a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; furiosas ou irônicas outras, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra a que me chumbava. [...] Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem calmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade²²².

Não é apenas no livro “O Céu e o Inferno” que Kardec faz algum tipo de observação a respeito do que se espera no *além*. No “Livro dos Espíritos”, publicado antes desse que analisamos a pouco, Kardec dedica nove perguntas²²³, num tópico intitulado justamente: Paraíso, inferno e purgatório.

1012. Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos?
- Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam²²⁴.

Parece-nos bem claro que, já no primeiro livro espírita, Kardec não aceita a idéia de um lugar próprio para os espíritos felizes e outro para os sofredores. Ele continua na pergunta seguinte: “A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência de materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender”²²⁵. Mas, é na pergunta 1017 que fica bem claro a posição de Kardec diante da questão que estamos estudando e que, como veremos, difere da apresentada nas obras de Chico Xavier.

1017. Alguns Espíritos disseram estar habitando o quarto, o quinto céus, etc. Que queriam dizer com isso?
- Perguntando-lhes que céu habitam, é que formais idéia de muitos céus dispostos como os andares de uma casa. Eles, então, respondem de acordo com a vossa linguagem. Mas, por estas palavras – quarto e quinto céus – exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se

²²² Ibidem, p. 265.

²²³ O Livro dos Espíritos é constituído de perguntas e respostas, essas, segundo Kardec dadas pelos espíritos superiores.

²²⁴ KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Araras: IDE, 1984. p. 472.

²²⁵ Ibidem, p. 473.

ele for desgraçado, dirá – sim, porque, para ele, inferno é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no Tártaro.

[comentário de Kardec] O mesmo ocorre com outras expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda, ou terceira esfera, etc, que apenas são alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas.

De acordo com a idéia restrita que se fazia outrora dos lugares das penas e das recompensas e, sobre tudo de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o firmamento formava uma abóbada e que havia uma região das estrelas, o céu era situado no alto e o inferno em baixo. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado aos infernos. Hoje, que a Ciência demonstrou se a Terra apenas, entre tantos milhões de outros, um dos menores mundos, sem importância especial; que traçou a história da sua formação e lhes descreveu a constituição; que provou ser infinito o espaço, não haver alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe fora designado. Estava reservado ao Espiritismo dar de tudo isso a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Pode-se assim dizer que trazemos em nós mesmo o nosso inferno e o nosso paraíso. O purgatório, achamo-lo na encarnação, nas vidas corporais ou físicas²²⁶.

Kardec utiliza as descobertas científicas realizadas até então para concordar com a ciência que desmontou o céu como espaço sagrado. Para ele não há em cima ou embaixo, considera apenas expressões para designar estados individuais. Mas, o mais importante, considera a referência a cidades espirituais como alegorias que podem ser utilizadas como meio de tornar-se entendido ou fruto da ignorância da realidade e mesmo da ciência mais elementar. O codificador coloca-se ao lado da ciência nessa questão, como em outras ocasiões e nem pode ser diferente, pois pretende dar ao Espiritismo o status de Ciência Positiva²²⁷.

Portanto, o *além* fica bastante vago na obra de Allan Kardec. Dizemos vago no sentido de que não deixou aos espíritas qualquer imagem material do lugar ou do modo de

²²⁶ Ibidem, p.474-475.

²²⁷ Logo no primeiro número da Revista Espírita, Allan Kardec faz o seguinte comentário sobre o caráter científico do Espiritismo: “Talvez nos contestem a qualificação de ciência que damos ao Espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida, em alguns casos, ter os caracteres de uma ciência exata, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo e experimentá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha o de uma ciência filosófica. Toda ciência deve estar baseada sobre fatos; mas só os fatos não constituem a ciência; a ciência nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. O Espiritismo chegou ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência perfeita, sem dúvida, seria prematuro responder afirmativamente; mas as observações são, desde hoje, bastante numerosas para se saber, pelo menos, deduzir os princípios gerais, e é aí que começa a ciência”. (KARDEC, Allan. Introdução. **Revista Espírita**, Araras, v.1, n. 1, p. 3, jan. 1858. (Atribuímos o texto a Allan Kardec, apesar de não estar indicado na revista, partindo do pressuposto ter sido ele o responsável pelo mesmo, uma vez que era o primeiro número da revista).

vida dos espíritos. Quando encontramos referências ao destino de certos espíritos após a morte, é comum referirem-se a outros planetas e nunca a “esferas” ou mesmo cidades espirituais.

Podemos verificar a mesma referência a planetas e não a esferas ou dimensões espirituais como destino dos espíritos nos seguintes trechos da Revista Espírita de 1859²²⁸: na edição de janeiro encontramos a seguinte conversa com um espírito chamado Chandruc Duclos “20 – Se tivesse que escolher outra existência, qual seria ela? - Não em vossa terra. Posso esperar melhor hoje. 21- Lembra-se de sua penúltima existência? - Sim: e de outras também. 22- Onde viveu essas existências? - Na terra e em outros mundos”.; agora uma conversa com o filósofo Diógenes: “17- Reincarnaste na terra depois de vossa existência em Atenas? - Não: só em outros mundos. Atualmente pertencço a um mundo onde não somos escravos. Isto significa que se vos evocassem em estado de vigília, não faríeis o que faço esta noite”²²⁹. Na edição de março encontramos a seguinte conversa com o espírito Paul Gaimard: “17. – Em que planeta pensas ou desejas ir reincarnar? - Não sei; dai-me tempo para procurar”²³⁰; em conversa com um chefe taitiano chamado Hitoti: “11. – Dissestes que em breve estaríeis incarnado. Sabeis em que mundo? - Sim: nele já tenho estado algumas vezes”²³¹. Na edição de abril, uma conversa com o espírito de Benvenuto Cellini: “3. Atualmente qual a vossa situação como Espírito? - Vivi em vários outros mundos e estou muito satisfeito com a posição que hoje ocupo: não é um trono, mas estou sobre mármore. 4. – Tivestes outras existências corporais na terra, depois daquela que vos conhecemos? - Corporais, sim; na terra não”²³². Encontramos na edição de maio, numa conversa com os espíritos de Mozart e Chopin o seguinte esclarecimento atribuído ao espírito de Santo Agostinho sobre os planetas transitórios: “10. – Há desses mundos em nosso sistema planetário? - Não”²³³. Na edição de junho, em uma conversa com o espírito de Humboldt: “12. – Lembrai-vos da existência que precedeu a esta que acabais de deixar? - Sim: ela se

²²⁸ PALESTRAS familiares de além-túmulo: Chaudruc, Duclos e Diógenes. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.1, p.20, jan. 1859.

²²⁹ Ibidem, p. 21.

²³⁰ PALESTRAS familiares de além-túmulo: Paul Gaimard. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.3, p.75, mar. 1859.

²³¹ Ibidem, p. 82-83.

²³² PALESTRAS familiares de além-túmulo: Benvenuto Cellini. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.4, p.106, abr. 1859.

²³³ MUNDOS intermediários ou transitórios. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.5, p.138, maio 1859.

passou longe e nossa Terra e num mundo muito diferente. 13.- Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra?- Desculpai; é superior”²³⁴.

Há, no entanto um trecho do Livros dos Espíritos que é evocado na defesa²³⁵ das descrições do tipo que consta das obras de Chico Xavier. Trata-se das perguntas 234 a 236. Vejamos:

234. Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?

Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiada longa erraticidade, estado sempre um tanto penoso. São, entre outros mundos, posições intermediárias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar²³⁶.

Allan Kardec refere-se muito claramente a mundos significando planetas e não esferas espirituais ou cidades do *além*.. Tal posição fica mais clara no seguinte trecho:

d) – Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

Já pertenceu.

e) – Em que época?

Durante a sua formação.

[comentário de Allan Kardec] Nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio²³⁷.

Portanto, para Allan Kardec os mundos transitórios seriam planetas que, durante sua fase de formação, abrigariam esses espíritos errantes. Mais ainda, considera que a

²³⁴ PALESTRAS familiares de além-túmulo: Humboldt. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.6, p.146, jun. 1859.

²³⁵ Tomemos o exemplo do livro “Cidade no Além”, do qual retiramos as ilustrações da cidade Nosso Lar: “Os Espíritos disseram a Allan Kardec que, no mundo espiritual, viviam em ‘espécies de acampamentos, de campos para se repousar de uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso’.

Não se podia, e verdade, dar largas à imaginação para especular acerca do que seriam, realmente, essas espécies de acampamentos, por falta de referências mais claras que induzissem a idealização de comunidades de Espíritos habitando cidades estruturadas em edificações de natureza sólida, sobre terreno fértil à vegetação, e em tudo com estreita semelhança ao que conhecemos na Crosta”. (CUNHA, Heigorina. **Cidade no além**. Araras: IDE, 2005. p. 30).

²³⁶ KARDEC. **O livro dos espíritos**. 1984, op. cit., p. 157.

²³⁷ Ibidem, p. 158-159.

Terra já foi um mundo transitório, ou seja, Kadec não dá espaço, aqui, para outra representação do céu que não seja o profano. Quando encontramos a expressão *esferas*, ela é utilizada como sinônimo de planetas, como no seguinte caso:

O mesmo podemos dizer em relação às outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidade do universo, que se não distingue dos outros planetas nem por sua posição, nem por seu volume, nem por sua estrutura, pois nem é a maior, nem a menor, nem está no centro, nem nos extremos, por que, dizia eu, entre tantas outras, seria ela a única residência de seres racionais?²³⁸

A pluralidade dos mundos habitados é um dos princípios fundamentais do Espiritismo²³⁹. Na edição de maio de 1858, há um longo texto sobre esse assunto e constam muitas referências ao planeta Júpiter: “De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é Júpiter. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons Espíritos”.²⁴⁰ Entre os famosos que habitariam esse planeta estão Mozart, Cervantes, Zoroastro e São Luís. As descrições desse planeta são atribuídas especialmente ao espírito de Bernard Palissy²⁴¹ (segundo o texto, também morador de Júpiter), tendo, inclusive, desenhado uma série de imagens, que seriam de Júpiter, através do médium Victorien Sardou²⁴².

Ainda no mesmo número da Revista Espírita, é transcrita uma conversa que teria sido realizada com o espírito de Bernard Palissy. Perguntado sobre o objetivo dos desenhos que retratariam Júpiter, o espírito responde que sua intenção era inspirar o desejo da melhora. Sendo assim, o diálogo continua com a descrição de vários aspectos da paisagem e vida social dos habitantes de Júpiter. A temperatura seria sempre branda e temperada e que, segundo o próprio texto, lembraria os Campos Elíseos²⁴³. Aqui encontramos uma representação que corresponde ao imaginário sobre o paraíso, mas convém lembrar que o texto refere-se a um mundo concreto e não ao além da morte.

²³⁸ PLURIDADE dos mundos. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.3, p.66-67, mar. 1858.

²³⁹ A possibilidade de vida em outros planetas não é, obviamente, uma novidade na época de Allan Kardec. Por exemplo, o livro “The Celestial Worlds Discover’d: or, Conjectures Concerning the Inhabitants, Plants and Productions of the Worlds in the Planets” de Christiaan Huygens, que começou a escrever em 1690 e somente publicado em 1698. Christiaan Huygens foi astrônomo e matemático, contemporâneo de Isaac Newton. Desenvolveu diversos estudos sobre astronomia e desenvolveu a teoria ondulatória da luz. Mais próximo de Allan Kardec, podemos citar como exemplo, “Voyage d'un Habitant de la Lune à Paris à la Fin du XVIIIe Siècle” de Pierre Gallet, publicado em 1803.

²⁴⁰ JÚPITER e outros mundos. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.3, p.71, mar. 1858.

²⁴¹ O texto informa que Bernard Palissy teria sido um famoso oleiro do século XVI. Realmente existiu um Bernard Palissy que foi, além de ceramista, escritor e erudito. Viveu entre 1510 e 1589 (ou 90) e realizou observações sobre ciências naturais, em especial sobre os fósseis. Preso como Huguenote, morreu na prisão.

²⁴² Victorien Sardou foi autor dramático francês, viveu entre 1831 e 1908.

²⁴³ Na mitologia grega Campos Elíseos era o lugar para onde iam os heróis.

Os habitantes seriam maiores, viveriam mais e haveria homens e mulheres. Todos se alimentando de vegetais, mas não de animais. Também não estariam sujeitos às doenças e teria a mesma capacidade intelectual da infância à velhice. Portanto, trata-se de seres materiais e não entidades espirituais. Lá em Júpiter, ainda segundo o texto, a população se divide em povos diferentes e possuem cidades. Esses povos possuem chefes, cuja autoridade viria do grau de perfeição. Como não haveria mais crimes, uma vez que todos os habitantes são bons, também não existiriam leis penais. Mas não haveria igualdade de riquezas, apesar de o texto deixar claro que também não existiriam nem o supérfluo nem a necessidade.

Na Revista Espírita de maio de 1858, em uma conversa com o espírito de Mozart, esse espírito diz que:

No planeta onde estou, Júpiter, a melodia está por toda parte, no murmúrio da água, o ruído das folhas, o canto do vento; as flores murmuram e cantam; tudo emite sons melódiosos. Sê bom; ganha esse planeta pelas tuas virtudes; escolheste bem cantando Deus: a música religiosa ajuda a elevação da alma²⁴⁴.

Além de encontrarmos mais alguns elementos paradisíacos, percebemos que a promessa para uma vida virtuosa é a mudança para um planeta melhor, no caso Júpiter. Em julho de 1858, a Revista Espírita traz outra conversa com outro espírito, dessa vez menos evoluído que Mozart. Mais uma vez encontramos a idéia de que “mundos” refere-se a planetas e não a esferas celestes.

55. Em tua existência espírita, estás sempre na Terra? – R. O mais frequentemente, no espaço.

56. Algumas vezes vais a outros mundos, quer dizer, em outros globos? – R. Não nos mais perfeitos, mas em mundos inferiores²⁴⁵.

Não há uma explicação maior sobre o que seria esse espaço, mas podemos inferir que trata-se do espaço físico fora dos planetas, pois que o espírito informa que possui mobilidade para ir aos inferiores, mas não aos superiores.

Victorien Sardou publicou um longo artigo sobre o planeta Júpiter na edição de agosto de 1858. Logo no segundo parágrafo o autor nos diz: “[...] aceita como verdade a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação os mortos nos revelou até hoje,

²⁴⁴ PALESTRAS familiares de além-túmulo: Mozart. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.5, p.142, maio 1858.

²⁴⁵ PALESTRAS familiares de além-túmulo: o tambor de Beresina. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.7, p.196-197, jul. 1858.

que dizer, a migração das almas de planetas em planetas [...]”²⁴⁶, o que implica na aceitação de que os espíritos poderiam mudar de planetas conforme sua evolução individual. Mais adiante no texto, o autor reproduz uma descrição de Júpiter que teria sido feita por Bernard Palissy:

Sobre o maior dos nossos continentes, disse Palissy, em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico descendo das montanhas do norte, e aumentado por uma multidão de torrentes e de ribeirões, forma, em seu percurso, sete a oito lagos, dos quais o menor mereceria, entre vós, o nome de mar. Foi sobre as margens do maior desses lagos, batizado por nós com o nome de a Pérola, que nossos ancestrais lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e conservada como uma preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da nossa. Explicar-te-ei tudo isso a seu tempo: saiba apenas que a cidade moderna está a uns cem metros mais abaixo da antiga. O lago, encaixado nas altas altas montanhas, se derrama no vale por oito²⁴⁷ cataratas enormes, que formam igualmente correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com a ajuda dessas correntes, nós mesmos cavamos, na planície, uma multidão de riachos, de canais e de tanques, não reservando a terra firme senão para nossas casas e nossos jardins²⁴⁸.

Nessa descrição de Júpiter também não faltam algumas representações do paraíso ou do jardim do éden. Podemos considerar, por exemplo, o nome Pérola para o lago citado no texto como referência ao significado simbólico, ou seja, a pérola simboliza o domínio sobre os instintos, a espiritualização; no imaginário cristão pode ser considerada também como o Reino dos Céus. Esse é, sem dúvida, um nome bastante propício a um lago de um planeta povoado por espíritos superiores. Na continuação da descrição localizamos um trecho que poderia evocar uma representação mais direta de uma cidade espiritual.

É a cidade terrestre que descrevo aqui, a cidade de alguma sorte material, a das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, a Cidade baixa. Ela tem suas ruas, ou antes, seus caminhos, traçados para o serviço interior; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre os canais para a passagem dos servidores. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, enfim, não é na terra que é preciso procurá-la, é no ar²⁴⁹.

²⁴⁶ SARDOU, Victorien. Habitações em Júpiter. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.8, p.232, ago. 1858.

²⁴⁷ Poderíamos também evocar a simbologia do número oito que, na tradição cristã significa o mundo novo, e vida eterna de beatitude.

²⁴⁸ SARDOU, op. cit., p. 236.

²⁴⁹ Ibidem, p. 237.

Aqui poderíamos vislumbrar a existência de duas cidades, uma material e outra espiritual, ou seja, uma no mundo concreto e outra no *além*. Mas, se continuarmos a seguir o texto veremos que não disso que se trata.

Ao corpo material de nossos animais, incapazes de voarem, é preciso a terra firme; mas o que nosso corpo fluídico e luminoso exige, é uma residência aérea como ele, quase impalpável e móvel ao gosto de nosso capricho²⁵⁰.

O que o texto chama de cidade espiritual é composta de casas que podem se locomover pelos céus acionadas pela vontade dos moradores. Como fica mais claro na seguinte passagem:

Em certas épocas do ano, acrescentou o Espírito, em certas festas, por exemplo, verias aqui o céu obscurecendo pelo enxame de habitações que vêm de todos os pontos do horizonte. É um curioso conjunto de casas esbeltas, graciosas e leves, de toda forma, de toda cor, balançando em toda altura, e continuamente a caminho da cidade baixa para a cidade celeste: Alguns dias depois o vazio se faz pouco a pouco e todos esses pássaros voam.²⁵¹

Parece-nos claro, portanto, que as representações do *além* para Allan Kardec estavam de acordo com o que dizia a ciência do século XIX. O céu, como já afirmamos, estava completamente tomado pelo profano, não havendo possibilidade para Kardec, que pretendia seguir as descobertas da ciência, colocar na idéia de *além* algo como as esferas medievais, cidades espirituais ou outra coisa do gênero. Há, sem dúvida, elementos simbólicos e mesmo paradisíacos nas descrições de Júpiter, mas ocorreu uma migração do ideal de sociedade e de futuro para outros planetas. Talvez Kardec concordasse com Jean Delumeau quando esse anunciou o fim do céu sagrado.

Assim, Kardec deixou um vazio doutrinário a respeito da condição dos espíritos na vida além da morte. Essa lacuna encontrada na obra de Allan Kardec foi preenchida pela obra de Francisco Cândido Xavier²⁵². Stoll, referindo-se às descrições da vida após a morte, publicadas por esse autor, afirma,

²⁵⁰ Ibidem, p. 237-238.

²⁵¹ Ibidem, p. 238.

²⁵² Conforme nos sugere Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti em seu artigo “Vida e Morte no Espiritismo kardecista”, professora de Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora de um livro sobre o Espiritismo, “O Mundo invisível: cosmologia sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo” de 1983.

À época, esse era um tema bastante original, pois fora pouco explorado nas obras de Allan Kardec. Nestas, os ‘espíritos’ descrevem basicamente a experiência ‘de passagem’ para o ‘outro mundo’, sendo, porém, pouco explícitos quanto às condições de vida neste. Seus comentários a respeito são em geral sucintos [...] ²⁵³.

O conceito encontrado nas obras de Kardec é o de *erraticidade*, que indica a própria idéia de indefinição quanto às condições de vida no *além*. O que é bem compreensível se levarmos em conta o declínio da crença nas esferas celestes e a imprecisão conceitual de novas descobertas naturais. Sobre isso nos diz Eliane Moura Silva,

As representações da sobrevivência espiritual dos mortos em formas etéreas, fluidas e diáfanas formavam imagens romantizadas. Expressavam uma particularidade da época na qual materialidade e fluidez podiam ser representadas e explicadas em associação com a luz, a energia elétrica e, mais tarde, as ondas de rádio recém- descobertas. Esta era a magia dos espetáculos da feérica Loie Fuller, bailarina performática que encantava os teatros da Belle Epoque com seus espetáculos de dança, jogos de luz e sombra, que lhe conferiam uma aspecto mágico e sobrenatural. ²⁵⁴

Ainda segundo essa historiadora, o Espiritismo reavaliou o céu, inferno e o purgatório, rompendo com as representações de lugares fechados – característicos de concepções antigas. O Espiritismo deveria, de acordo com a sua própria lógica, determinar a inexistência de lugares marcados para a vida espiritual,

O mundo espiritual estava espalhado pelo Universo. O Espiritismo deslocou o centro e as dimensões espirituais, a noção de moradas do além localizadas em esferas ou espaços celestiais escalonados de acordo com os merecimentos religiosos na vida. O céu, inferno ou purgatório eram, portanto, concebidos no plano puramente espiritual [...] ²⁵⁵.

Já nas obras de Chico Xavier, o mundo dos espíritos aparece representado de forma estratificada em planos ou esferas. O que, segundo Stoll ²⁵⁶, equivale dizer que a visão do *além* tornou-se mais estruturada. Essa representação mais estruturada do *além* é que veremos a seguir.

²⁵³ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 91.

²⁵⁴ SILVA. **Reflexões teóricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**, op. cit., p.7.

²⁵⁵ Ibidem, p. 14.

²⁵⁶ “[...] a idéia da ‘erraticidade’ foi substituída por uma visão estruturada ‘do além’. O ‘plano astral’, como é chamado, nestas obras aparece representado de uma forma estratigráfica, em ‘planos’ ou ‘esferas’, que se distinguem quanto à paisagem e estruturas arquitetônicas, além das condições de vida, espelhando as diferenças de ‘desenvolvimento espiritual’ de seus habitantes”. (STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 92).

5 O ALÉM NA OBRA DE CHICO XAVIER

Até os anos 80, os estudos a respeito do Espiritismo – quando existiam – partiam de sua proximidade com as religiões de origem africana²⁵⁷, como já comentamos. Pesquisas recentes no campo da Antropologia e da História têm procurado destacar as aproximações entre as representações espíritas e as católicas. Cavalcanti nos sugere que é possível “a comparação entre a crença espírita contemporânea na reencarnação e a crença no purgatório, tal como analisada por Le Goff [...]”²⁵⁸.

[...] no panorama religioso brasileiro tudo indica que o Espiritismo promoveu aquilo que era impensável para Le Goff: a absorção e a transformação da crença católica no purgatório, nas idéias de reencarnação e carma [...]. O efeito dessa vasta literatura doutrinária é comparável ao que assinalou Le Goff para o purgatório. Realça-se a ênfase na noção de responsabilidade pessoal, do sistema culpa/mérito. Realça-se simultaneamente a ativa solidariedade entre mortos e vivos, uns intercedendo constantemente pelos outros. Mais do que isso, preserva-se a memória afetiva de um grupo através do reavivamento constante, via comunicação mediúnic, de laços com seus mortos. Religião extremamente familiar e doméstica, quase íntima, parece ser em nosso país o Espiritismo. Tempo humano dilatado no Além até os limites da eternidade, espaço humano também dilatado a expandir a geografia humana universo afora. “Nosso lar”, intitulasse significativamente um dos mais bem sucedidos romances psicografados de Chico Xavier²⁵⁹.

Afirmamos mais, é possível descobrir pontos de contato entre as crenças católicas²⁶⁰ a respeito, não só do purgatório, mas também do céu e do inferno e as descrições do *além* espíritas. Assim, não é fora de propósito a referência às concepções cristãs do *além*,

²⁵⁷ Segundo Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, “Nos últimos vinte anos, o campo religioso brasileiro passou por importantes transformações. No que se refere ao Espiritismo, a bibliografia mais recente, em especial Stoll (2003) e Lewgoy (2004), enfatizaram, cada um a seu modo, a dimensão ‘brasileira’ ou ‘catolicista’ que, com a marcante influência do médium Chico Xavier, o Espiritismo teria assumido ao longo da segunda metade do século XX. O Espiritismo participaria assim de uma espécie de pendor sincrético, com nítida hegemonia de uma matriz cultural católica, que caracterizaria a formação de uma vertente importante da atualidade da cultura brasileira”. (CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Vida e morte no espiritismo kardecista. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24 n. 2, p. 1, 2004. Disponível em: <http://www.iser.org.br/publique/media/S24-2_artigo_maria_viveiros.pdf> Acesso em: 22 dez. 2006). Acrescento ainda o livro “Espiritismo: história e poder” publicado em 2005, de nossa autoria.

²⁵⁸ CAVALCANTI, op. cit., p.12.

²⁵⁹ Ibidem, p. 12-13.

²⁶⁰ Conforme Stoll, “O recorte proposto por essas abordagens, centrado no fenômeno da possessão, deixa de lado, ou pelo menos coloca em segundo plano, uma outra dimensão das relações construídas pelo espiritismo no campo religioso. Refiro-me às relações estabelecidas com o Catolicismo, a religião ainda hoje hegemônica no país. Minimizada pela literatura, essa dimensão é de fundamental importância para se compreender como se constituiu a identidade espírita na Brasil”. (STOLL. *Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação*, op. cit., p.184).

as relações expostas pelas evidências. Apesar de nos concentrarmos no primeiro livro, “Nosso Lar”, faremos algumas incursões por outros livros da série Nosso Lar.

Vamos começar pelas perguntas mais óbvias: por que o autor escreveu o livro? O que ele queria dizer? Antes de tudo o livro quer moralizar seus leitores, alertá-los sobre as conseqüências de seus atos aqui na Terra, “Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não suardes depois”²⁶¹. É bem próximo do que pretendiam os *exempla* medievais, que eram narrativas²⁶² destinadas a convencer o público com uma lição moralizante e que tinham utilizavam dos efeitos da narrativa geralmente dramática e comovente²⁶³. Essas últimas características também encontramos na obra “Nosso Lar”.

O texto é uma narrativa sem dúvida destinada a convencer o leitor da verdade de suas palavras. Para isso utiliza-se de inúmeras *imagens* para descrever o ambiente e a situação *física* e psicológica do personagem André Luiz. “Sentia-me, na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror”, “era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração”, “como a flor de estufa, não suportava agora o clima das realidades eternas”, “como mendigo infeliz, que, exausto em pleno deserto, perambula à mercê de impetuosos tufões”²⁶⁴, estas são exemplos de expressões que o autor utiliza para mostrar o sofrimento experimentado pelo personagem que não fora totalmente correto em sua vida aqui na Terra. Quando, enfim, ele arrepende-se a narração não podia ser mais significativa,

E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência.

Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei à súplica, de mãos-postas, imitando criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa²⁶⁵.

Encontramos no texto também estruturas em forma de oposições. O conhecimento científico e filosófico é contraposto ao conhecimento religioso que é o único

²⁶¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p.20.

²⁶² “Para o pregador tornou-se também uma maneira bastante apreciada de chamar os ouvintes à penitência ou à conversão por meio do medo das punições e da esperança da alegria celeste”. (KRAUSS, Heinrich. *O paraíso*: de Adão e Eva às utopias contemporâneas. São Paulo: Globo, 2006. p. 171).

²⁶³ LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.13.

²⁶⁴ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit. p.17-20.

²⁶⁵ *Ibidem*, p.23.

capaz de fornecer a fé necessária para enfrentar a vida após a morte. Os que não crêem na realidade do *além* são chamados de *analfabetos do espírito*, mas não basta conhecer as letras sagradas, é preciso lê-las com a luz do coração. Esta forma de raciocínio é coerente com a visão de mundo do conjunto do texto, no qual luz e trevas, alegria e sofrimento representam os destinos possíveis dos homens após a morte.

Mais do que isto, esta representação confirma a persistência de uma concepção do céu sagrado que precede e é mais importante do que a Terra. O sagrado assume as formas profanas, reapropriando os elementos que havia perdido com a laicização do universo. Chico Xavier, assim, está mais próximo de Swedenborg do que de Kardec, ao retomar antigas concepções do *além*. O céu espírita é bem material em certo ponto de vista, pois que há cidades, edifícios e outros elementos deste tipo, no entanto, lá os bons e os maus estão separados enquanto aqui na Terra estamos todos juntos. Assim, o código que decifra a mensagem do texto são as oposições, encarnado/desencarnado, Terra/Céu, Trevas/Luz, matéria/espírito, revolta/submissão, ódio/amor.

Stoll²⁶⁶, ao contrário, defende que a representação do *além* nas obras de Chico Xavier representaria um “o desencantamento da vida pós-morte”.. Argumenta que a versão espírita é essencialmente urbana e contrária à postulada pelo imaginário católico. Não ocorrendo, no caso espírita, uma inversão da realidade, ou seja, o *além* espírita seria uma réplica da vida moderna. Stoll chega a afirmar que essa imagem “destitui a dimensão pós-morte, enquanto parte do sobrenatural, não apenas de qualquer vestígio de mistério, prodígios ou feitos extraordinários”²⁶⁷. É verdade que em “Nosso Lar” há muitos elementos contemporâneos e que, como veremos adiante, pode ser entendida a partir do contexto histórico da urbanização do Rio de Janeiro, mas também corresponde a um *além* religioso. Primeiro, porque há muito de católico na representação espírita do *além* e, segundo, há certamente muitos feitos extraordinários na obra de Chico Xavier.

Stoll também afirma que “essa representação retira-lhe, ao mesmo tempo, qualquer sentido compensatório”²⁶⁸. No entanto, a recompensa pelo esforço e perseverança no bem é justamente o assunto principal das obras de Chico Xavier e que ganha “materialidade” em “Nosso Lar” através do “bônus-hora”. É uma obra didática.

²⁶⁶ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 98.

²⁶⁷ Ibidem, p.98-99.

²⁶⁸ Ibidem, p. 99.

Se, do ponto de vista da mensagem, o texto poderia ser comparado aos *exempla* medievais, a cidade²⁶⁹ para onde o personagem André Luiz vai depois de ter passado alguns anos sofrendo em uma região chamada Umbral, pode ser comparada à Jerusalém Celeste, que por sua vez representa a volta simbólica ao Jardim do Éden²⁷⁰. Segundo Le Goff, “o Paraíso do Ocidente medieval, mundo de cidades antigas e novas, foi concebido sobretudo sob forma urbana, no interior de uma muralha, tendo como modelo a Jerusalém Celestial”²⁷¹.. Por isso, muitas visões do estilo medieval falam de uma cidade em forma de fortaleza, são os casos de Hildegard Von Bigen e de Elisabeth Von Schönhau que viveram no século XII.

um edifício muito glorioso cercado por três muralhas, com várias moradas no interior. O esplendor de uma luz imensa iluminava o conjunto. Em torno do edifício corria uma agradável e muito encantadora borda de árvores, relva e flores²⁷².

Ora, a cidade espiritual Nosso Lar também tem muralhas, edifícios, ruas, árvores e flores, além de altas e brancas torres, tal quais as imagens que se faziam da Jerusalém celestial.

Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando em ponto da muralha, fez-se longa abertura, através da qual penetramos silenciosos.

Branda claridade inundava ali todas as coisas. Ao longe, gracioso foco de luz dava a idéia de um pôr do sol em tardes primaveris. À medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins²⁷³.

Mas, com razão, pode-se estranhar a insistência com que nos referimos ao conjunto das representações cristãs do *além*, mas não é possível deixar de ver as semelhanças. O *além* espírita é de alguma forma material. Mircea Eliade²⁷⁴ já afirmou isso, dizendo que o Espiritismo materializou os espíritos, quando propôs estudar pelos métodos científicos as comunicações das almas desencarnadas. Mas o Espiritismo fez mais que isto. Os espíritos têm

²⁶⁹ “Cidade murada, à moda medieval [...]”. (Ibidem, p. 94).

²⁷⁰ “Com a descrição da Jerusalém celestial encerra-se um grande círculo de narrativas. Começa no Gênesis, o primeiro livro do Velho Testamento, e chega até o Apocalipse de João, o último livro do Novo Testamento. No lugar do jardim, onde, outrora, somente o primeiro casal humano vivia, entra em cena uma magnífica cidade que oferece espaço suficiente para uma quantidade inumerável de eleitos”. (KRAUSS, op. cit., p. 162).

²⁷¹ LE GOFF; SCHMITT, op. cit., p. 28.

²⁷² SCHÖNHOU apud DELUMEAU. **O Que sobrou do Paraíso?**, op. cit., p. 85.

²⁷³ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p.26.

²⁷⁴ ELIADE, Mircea. **Origens**. Lisboa: Ed. 70, 1989.

um corpo, vestem-se e até alimentam-se. Aqui, novamente, não podemos deixar de nos referir às representações cristãs, pois o próprio texto nos oferece pistas como essa:

Comovido e deslumbrado, ouvi as crianças entoarem o hino que a Ministra Veneranda intitulara ‘A Grande Jerusalém’. O Governador desceu da tribuna sobre vibrações de imensa esperança e foi então que brisas cariciosas começaram a soprar sobre as árvores, trazendo, talvez de muito longe, pétalas de rosas diferentes, em maravilhoso azul, que se desfaziam, de leve, ao tocar nossas frentes, enchendo-nos o coração de júbilo²⁷⁵.

Também Jean-Claude Schmitt, em seu livro “Os Vivos e os mortos na sociedade medieval”²⁷⁶, nos mostra que as aparições de mortos aos vivos tinham muitas das características que podemos encontrar nas obras espíritas. Nas descrições medievais as almas eram espirituais, mas podiam sofrer castigos *físicos*, como o fogo ou o frio. Mantinham inclusive uma relação com o cadáver, muitas vezes o morto aparecia ainda com o ferimento que fora a causa de sua morte. Da mesma forma, os mortos podem locomover-se muito mais rápido que os homens, flutuarem no ar e conhecer os pensamentos dos vivos. Ora, todas essas características encontram-se nas obras espíritas.

Em “Nosso Lar” os mortos, ou desencarnados, também possuem um corpo. André Luiz, que morreu de câncer, permanece um período em um hospital para curar-se da doença que permanece em seu *corpo espiritual*. Se eles têm um corpo, não podem andar nus pelo mundo espiritual, por isso vestem-se. Os mais evoluídos, ao que parece nos relatos, utilizam túnicas brancas e podem também *voitar*, ou seja, flutuar sobre o solo. Podemos perceber que Mircea Eliade está somente parcialmente correto ao afirmar que o Espiritismo materializou o além, na verdade ele apenas recupera uma materialidade que já estava presente nas crenças cristãs, apesar da oposição de intelectuais como Santo Agostinho.

Este *renascimento* do céu sagrado, talvez, possa ser explicado pela laicização do espaço após o período medieval. Como o céu dos astrônomos não correspondia mais ao céu dos visionários, um *além* material deixou de ser possível (o que não impediu das pessoas acreditarem nele, evidentemente). No século XIX, um século de incontestáveis descobertas da ciência, até mesmo Allan Kardec procurou as ferramentas na ciência para explicar o *além*, mas pouquíssimas vezes refere-se ao mundo espiritual descrevendo com detalhes sua natureza. Em seus trabalhos, os mortos geralmente afirmam que, como já vimos, estão geralmente vivendo em outros planetas, encarnados neles e não em esferas espirituais ao

²⁷⁵ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p.236.

²⁷⁶ SCHMITT. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, op. cit.

redor da Terra; quando não, referem-se ao lugar do *além* com expressões como, espaço, éter, infinito, flutuando, mundo dos espíritos. Assim, o mundo propriamente espiritual onde os mortos vivem entre uma vida e outra permanece na obra de Kardec quase sem esclarecimento. A descrição do período que mais se aproxima da que estamos estudando não vem de Kardec, mas de Swedengborg, o místico visionário da Suécia que comentamos anteriormente, que em um livro chamado “O Céu e o Inferno”, relata a vida dos mortos como a seguir:

Como no céu há sociedades em que os anjos vivem como homens, eles têm por isso habitações, e estas são também diferentes conforme o estado de vida de cada um: magníficas para os que se acham em um estado mais digno, menos magníficas para os que se acham em um estado inferior. [...]. Vi palácios no céu que eram tão magníficos que não podem ser descritos; no alto eles brilhavam como se fossem de ouro puro, em baixo como de fossem de pedra preciosa; esses palácios eram um mais esplendido que o outro. Por dentro sucedia o mesmo: os aposentos eram ornados de tal sorte que nem expressões nem artes bastam para descrevê-los. No lado que dava para o sul havia jardins paradisíacos onde tudo igualmente resplandecia²⁷⁷.

Agora um trecho retirado da obra de Francisco Cândido Xavier:

Deleitava-me, agora contemplando os horizontes vastos, debruçado às janelas espaçosas. Impressionavam-me, sobretudo, os aspectos da natureza. Quase tudo, melhorada cópia da Terra. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação. Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos [...]. A pequena distância, alteavam-se graciosos edifícios. Alinhavam-se a espaços regulares, exibindo formas diversas. Nenhum sem flores à entrada, destacando-se algumas casinhas encantadoras, cercadas por muros de hera²⁷⁸.

Como vemos, as representações do *além* possuem aquelas características que apontamos anteriormente. Mas, outra questão que surge quando comparamos descrições feitas nos séculos XII, XVIII e XX é a da possibilidade de uma representação como esta existir em um século que deveria ser totalmente laico. Como o Espiritismo explica este céu *material* em uma época das conquistas espaciais? Talvez, o século passado tenha permitido pensar em esferas novamente quando a física passou a falar de universos paralelos, quando matéria e energia passaram a ser a mesma coisa, quando o universo ficou curvo e que buracos negros poderiam ser passagens para outras dimensões. Este ambiente, no qual um mundo espiritual não precisa mais ser explicado como um mistério divino e a ciência chegou a uma complexidade misteriosa para a maioria das pessoas, foi propício as crenças espíritas. Se

²⁷⁷ SWEDENBORG, op. cit., p. 84.

²⁷⁸ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p.45-46.

outras dimensões são possíveis, porque não seriam justamente as esferas das quais os espíritas falam?

De qualquer maneira, isto demonstra a importância do estudo da história através deste modo de decifrar a sociedade, ou seja, penetrando nas meadas²⁷⁹ das representações que os seres humanos produzem para dar sentido ao mundo em que vivemos.

Optamos por uma descrição linear da obra “Nosso Lar” que possibilitasse aos leitores não familiarizados com a literatura espírita um contato preliminar. Ao mesmo tempo fizemos uma análise dos símbolos mais evidentes que se encontram na obra e que disso, provavelmente, os espíritas não tenham consciência.

André Luiz é o personagem que narra²⁸⁰ e descreve suas próprias aventuras na vida após a morte. No prefácio da obra descobrimos que o nome é apenas um pseudônimo de um médico²⁸¹, justificado pela necessidade de não perturbar os parentes e conhecidos ainda vivos. O objetivo do livro, segundo o prefácio, é demonstrar aos leitores que a condição da vida após a morte é consequência do comportamento aqui na Terra, comparada a uma oficina sagrada e uma escola benemérita. É, portanto, uma narrativa para servir de alerta para que os vivos não menosprezem as oportunidades da vida.

Já percebemos no segundo texto que prefacia o livro *Nosso Lar* a oposição que percorrerá todo o texto: conhecimento/sentimento. Que é a representação de um conflito²⁸² concreto existente no movimento espírita desde sua origem, a divergência dos que pretendiam um Espiritismo mais científico, pretensamente mais de acordo com a origem européia, racional e iluminista da doutrina espírita, e daqueles que tendiam para uma interpretação mais religiosa e mística dos princípios espíritas. Esta segunda tendência, representada pela Federação Espírita Brasileira (que publica o livro em estudo), acabou por

²⁷⁹ CHARTIER. **O mundo como representação**, op. cit.

²⁸⁰ Lewgoy afirma o que também percebemos sobre os personagens da obra, “As personagens, mais planas, pouco se individualizam em seus discursos e ações, passando a impressão de serem todas máscaras, *personae* de um mesmo discurso, dedicado a fornecer exemplos morais ou esclarecer rotinas da vida após a morte e cujo grande protagonista são as “leis divinas” do espiritismo”. (LEWGOY. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**, op. cit., p. 216). Isso fica evidente em diversos diálogos nos quais mesmo os espíritos mais sofrendores possuem formas de expressão iguais a do narrador.

²⁸¹ Mais adiante voltaremos a vinculação que muitos espíritas fazem entre André Luiz e Oswaldo Cruz ou Carlos Chagas. Mais recentemente, surgiu uma outra versão segundo a qual André Luiz teria sido Faustino Esposel, também médico e psiquiatra ligado ao sanitarismo do início do século XX.

²⁸² Esse conflito já comentamos anteriormente e é estudado por SILVA. **Espiritismo: história e poder** (1938-1949), op. cit.

ter a hegemonia da organização do movimento espírita. “Ai! Por toda parte, os cultos em doutrina e os analfabetos do espírito!”²⁸³

André Luiz, o espírito que conta a história através do médium mineiro Chico Xavier, faleceu de câncer, agravado pelos excessos de comida e de bebida, além da sífilis, no período entre as duas guerras mundiais. A narrativa inicia com o personagem em uma região do “após morte” de muito sofrimento. Tem consciência que já morrera, mas não compreende exatamente o que está acontecendo com ele. O ambiente é escuro e assustador. Vários elementos próprios das representações do sofrimento além da morte estão presentes. Gargalhadas sinistras, formas negras e monstruosas, escuridão, lágrimas, fome, sede, abandono. André Luiz, a todo instante ouve vozes que o chamam de suicida. Chegou a beber lama e comer a vegetação agreste até cair exausto. Suplica, então, socorro. Chora e suas lágrimas banham seu rosto. Neste momento aparece-lhe um velhinho simpático que, acompanhado de dois companheiros (a quem se refere como servos), manda estender um branco lençol para carregá-lo.

O velhinho que socorre André Luiz chama-se Clarêncio (nome que já lembra claridade) e estava apoiado em um cajado²⁸⁴ luminoso. Clara referência à ovelha²⁸⁵ perdida, que é o nosso personagem; devemos lembrar que o cajado é símbolo vinculado aos bispos católicos. Chagam, então, à cidade Nosso Lar, que é cercada de altos muros²⁸⁶.. Entram na cidade através de uma porta²⁸⁷ aberta por Clarêncio e logo André percebe a diferença entre este novo lugar e o local de sofrimento em que se encontrava. Agora, tudo é claro e

²⁸³ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p.14

²⁸⁴ O cajado é o apoio da caminhada do pastor e signo da sua autoridade (ao mesmo tempo pastor e comandante). É ainda símbolo do tutor, do mestre indispensável na iniciação. (CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2005. p. 123-125).

²⁸⁵ A ovelha simboliza todo aquele que se encontra desamparado frente ao inimigo. (BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993, p. 275)

²⁸⁶ O muro ou a muralha é aquilo que protege um mundo e evita que a ele tenham acesso as influências de ordem inferior. Limitando o domínio daquilo que encerra, também serve de defesa. É o símbolo da separação por excelência. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 626-627). Ainda segundo Eliade, “O muro ou o círculo de pedras que encerram o espaço sagrado contam-se entre as mais antigas estruturas arquitetônicas conhecidas no domínio dos santuários [...]. O muro ou vedação não implica e não significa apenas a presença contínua de uma cratofonia ou de uma hierofania no interior do recinto; ele tem, além disso, por objetivo preservar o profano do perigo a que se exporia se ali penetrasse sem os devidos cuidados”. (ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 298).

²⁸⁷ Segundo Biedermann, a porta são “as entradas dos templos que conduzem aos aposentos secretos do ‘todo poderoso’ frequentemente são assinalados por faustosos portais, que podem ser atravessados apenas pelo ordenado Sumo Sacerdote”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 309). Pode significar também um rito de passagem atravessar a porta. Em João (10:9) encontramos o seguinte sobre Jesus: “Eu sou a porta: se alguém entra por mim, será salvo, sairá e voltará e achará com que se alimentar”. A porta, assim, é o próprio Cristo, “Ele é a única porta pela qual as ovelhas podem ter acesso ao curral, isto é, ao reino dos eleitos”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.737). O tema da porta que dá acesso às realidades celestes são comuns na Bíblia, como na passagem sobre a porta estreita (Lucas 13:23) ou na parábola das virgens que não entram no festim do Senhor (Mateus 25:10). Significam, ainda, a passagem do profano para o sagrado, dando acesso à revelação. Pode ser, igualmente, o símbolo da iminência do acesso, da possibilidade desse acesso à realidade superior. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 735-736).

harmoniosos, os edifícios da cidade são belos e cercados por magníficos jardins. Aproximam-se de um hospital onde são recebidos por dois jovens vestidos de túnicas brancas²⁸⁸. André é recolhido a um quarto ricamente mobiliado. Nosso Lar é uma cidade espiritual, às vezes chamada de colônia, e que possui muitas características das cidades medievais, como os muros, e das grandes metrópoles modernas, como o transporte coletivo. Em alguns aspectos assemelha-se ao paraíso celeste ou ao jardim do éden de tantas descrições anteriores. Também poderíamos compará-la à Nova Jerusalém.

Voltando à narrativa. André, instalado no hospital, toma um caldo²⁸⁹ reconfortante e água fresca, isso funciona como demonstração da oposição entre o lugar anterior, no qual comera folhas e bebera lama, e o novo, onde agora estava. Logo após, ouve uma música e é levado a um enorme salão onde uma grande assembléia meditava em silêncio enquanto da abóbada²⁹⁰ pendiam guirlandas²⁹¹ de flores. Em uma tela gigantesca, como uma enorme televisão, surge um cenário de um templo maravilhoso onde aparecia um ancião²⁹² coroado²⁹³ de luz e de túnica branca resplandecia. Em plano inferior setenta e duas pessoas acompanhavam o ancião, que era o governador da cidade Nosso Lar. Os setenta e dois acompanhantes do governador iniciaram um cântico²⁹⁴ de indefinível beleza até que se formou um coração²⁹⁵ azul²⁹⁶ com estrias douradas²⁹⁷. Choviam flores azuis que desapareciam

²⁸⁸ Segundo Biedermann, a túnica é o símbolo mais próximo da alma. Se for branca, indica a pureza, a meta final do homem purificado (BIEDERMANN, op. cit., p. 59). São brancas, por exemplo, as vestes de Jesus quando da transfiguração: “E suas vestes tornaram-se resplandecentes, tão brancas que nenhum lavandeiro do mundo poderia alveja-las assim”. (Marcos 9:3)

²⁸⁹ O consumo do caldo simboliza a regeneração do herói. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 168).

²⁹⁰ A abóbada é evidente símbolo do céu, por isso a encontramos comumente nos templos, mesquitas, salas funerárias e outros locais sagrados. (Ibidem, , p. 6).

²⁹¹ Conforme Biedermann: “na simbologia cristã, a guirlanda frequentemente é símbolo da vitória sobre as trevas e o pecado, como no caso da guirlanda da virgem ou daquela usada pelas meninas que vão fazer a primeira comunhão”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 182).

²⁹² Símbolo da sabedoria e da virtude.

²⁹³ A coroa também aparece comumente na Bíblia, pois “ela participa não só dos valores da cabeça, cimo do corpo humano, mas dos valores do que sobrepuja a própria cabeça, um dom vindo de cima [...]; Ela une, na pessoa do coroado, o que está abaixo dele e o que está acima [...]. Recompensa de uma prova, a coroa é uma promessa de vida imortal [...]”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.289). Podemos ler no Apocalipse (4:4), “Ao redor do trono, vinte e quatro tronos, e sobre estes tronos sentavam 24 anciãos, vestidos de branco, como coroas de ouro sobre a cabeça”.. Os tronos, as vestes brancas e as coroas são os atributos prometidos aos cristãos (Apocalipse 3:21, 3:4-5 e 3:11).

²⁹⁴ O canto é aquilo que une a criatura ao criador, pois significa o reconhecimento da dependência da criatura quando exprime alegria, adoração ou imploração. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 176).

²⁹⁵ O coração, na tradição bíblica, significa o homem interior (Ibidem, p. 282). Mas, segundo Biedermann, o coração é representado na arte “estilizadamente com a parte superior em forma de seio e associado em parte ao amor terreno, em parte ao amor místico-divino”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 105). Por isso, há o culto ao Sagrado Coração de Jesus.

²⁹⁶ A cor azul é, na maioria das vezes, qualidade de tudo o que é espiritual. Não custa lembrar que o manto de Maria é azul. (Ibidem, p. 45). Podemos completar a simbologia, “O azul e o branco, cores marianas, exprimem o desapego aos valores deste mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus, isto é, em direção ao

ao tocar os presentes. O simbolismo dos números parece acompanhar aqui também as descrições do *além*. Setenta e dois²⁹⁸ ministros que aparecem pela primeira vez nesta cena equivalem aos doze²⁹⁹ ministros de cada um dos seis³⁰⁰ ministérios existentes na cidade de Nosso Lar. As cores também são significativas, branco, azul, dourado. A música, as flores caindo dos céus, uma assembléia são cenas clássicas das descrições do além, atualizadas pela referência à televisão.

No dia seguinte, André recebe a visita de um simpático médico chamado Henrique de Luna que lamenta pelo paciente ter morrido pelo suicídio. André protesta pelo diagnóstico, havia morrido após árdua luta contra a doença do corpo. O médico responde que seu suicídio era involuntário, mas real na medida em que desgastara o corpo com excessos de bebidas, comida e sexo irresponsável. Envergonhado, André volta a chorar e é consolado por Clarêncio que afirma que muitos outros morrem em igual situação e que ele deveria guardar a benção do remorso.

Em outro momento, recebe a visita de Lísias que esclarece a André que ele encontra-se em uma das menores alas de um hospital no mundo dos espíritos. Faz um exame no “corpo” de André, intestinos, fígado, rins. É uma espécie de corpo espiritual presente em todas as descrições deste tipo, tão concretos como os nossos e que guardam uma relação com o corpo do indivíduo enquanto encarnados, o corpo espiritual possui os mesmos órgãos que o material. Lísias esclarece que as pessoas que utilizaram sua visão para o mal chegam cegas ao outro mundo, os que usaram a locomoção fácil experimentam a paralisia dos membros e os que praticavam aberrações sexuais vivem em estado de loucura. Aqui percebemos claramente a mensagem que o livro quer passar, a relação entre nosso comportamento no mundo e suas

ouro que virá ao encontro do branco virginal, durante sua ascensão no azul celeste. Reencontra-se aí, portanto, valorizada positivamente pela crença no Além [...]”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 107-109).

²⁹⁷ Para o cristianismo, o ouro (e o dourado) é o símbolo da luz celestial e da perfeição (BIEDERMANN, op.cit., p. 274). O ouro é identificado com o a luz do Sol, por isso passou a ser símbolo de Jesus; por isso muitos artistas o retrataram com os cabelos louros dourados, como os do deus Apolo (deus do Sol, segundo a mitologia grega)

²⁹⁸ O número 72 pode significar a harmonia celeste, pois a soma de 7 e 2 resulta em 9, que é, tradicionalmente o número de esferas celestes.

²⁹⁹ O número doze tem grande significado simbólico, aparecendo várias vezes nas escrituras religiosas. São doze: os signos do zodíaco, os meses do ano, as tribos de Israel, doze apóstolos; na descrição da Jerusalém Celeste, são doze portas (Ap. 21:12), anjos e fundamentos da cidade (Ap. 21:14). Não é muito lembrar que os vinte e quatro anciãos citados no Apocalipse corresponde ao dobro de doze e que os 72 ministros de Nosso Lar correspondem a seis vezes doze.

³⁰⁰ O número seis representa a perfeição gráfica dos “seis triângulos equiláteros inscritos num círculo: cada lado de cada triângulo equivale ao raio do círculo”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 809). É essa exatamente a forma apresentada no livro de André Luiz e que podemos visualizar no desenho constante do livro “Cidade no Além” de Heigorina Cunha.

conseqüências no *além*. Assim como os *exempla* medievais procuravam fazer uma relação entre os sofrimentos no inferno ou mesmo no purgatório e a vida na terra.

Segue-se outro dia em que André recebe a visita de Clarêncio e fica evidente outro aspecto doutrinário que o autor pretende transmitir. A importância do autocontrole. Quando seu tutor chega, André lança-se a lamentar seus sofrimentos e a externar suas preocupações com os parentes que deixara na Terra. Clarêncio o adverte a não lamentar-se nem falar excessivamente de si mesmo, esclarecendo o enfermo que a dor seria oportunidade de enriquecer a alma. Este ponto é recorrente em todo texto e muitas outras obras espíritas, uma valorização da dor como oportunidade de evolução junto com o trabalho. Trabalho e dor parecem sempre juntos nos discursos doutrinários da obra.

O autor reserva um momento para descrever a paisagem ou o cenário onde se desenrola a história que está contando. Vale a pena seguir em suas próprias palavras:

Deleitava-me, agora, contemplando os horizontes vastos, debruçado às janelas³⁰¹ espaçosas. Impressionavam-me, sobretudo, os aspectos da Natureza. Quase tudo, melhorada cópia da Terra. Cores³⁰² mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação. Grandes árvores³⁰³, pomares³⁰⁴ fartos e jardins³⁰⁵ deliciosos. Desenhavam-se montes coroados de luz, em continuidade à planície onde a colônia repousava. Todos os departamentos apareciam cultivados com esmero. A pequena distância, alteavam-se graciosos edifícios. Alinhavam-se a espaços

³⁰¹ A janela pode significar: “Enquanto abertura para o ar e para a luz, a janela simboliza a receptividade”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 512); “abertura para a passagem da luz sobrenatural”. (BIEDERMANN, op. cit., p.199).

³⁰² A cor enquanto manifestação da luz, assume alguns de seus predicados. “As escrituras e os Padres da Igreja não fazem outra coisa senão exaltar a grandeza e a beleza da luz”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.277).

³⁰³ A árvore é o símbolo da vida em ascensão para o céu, evidentemente por evocar o simbolismo da verticalidade (assim como as torres). Simboliza também o aspecto cíclico da vida (em especial as árvores frondosas). Ainda mais, a árvore coloca em comunicação o subterrâneo, a terra e o céu. Muitas árvores são o eixo do mundo, a árvore cósmica. Na tradição cristã, há a árvore da vida, a árvore do conhecimento (Ibidem, p. 84-90). “Na iconografia cristã a árvore é símbolo da vida querida por Deus e o curso de seu ciclo anual alude ao ciclo da vida, morte e ressurreição, enquanto a árvore infrutífera indica o pecador”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 38). Vemos em Mateus (7:17), “Assim toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore doente produz maus frutos”

³⁰⁴ O pomar está ligado ao simbolismo da árvore, ao do bosque e do jardim, já esses também simbolizam a harmonia em oposição ao caos da natureza selvagem. Aqui, é também o símbolo da abundância que está à espera dos eleitos.

³⁰⁵ O jardim é o símbolo do paraíso terrestre e do paraíso celeste. “Sabe-se que o Paraíso terrestre do Gênesis era um jardim, sabe-se que Adão cultivava o jardim [...] enquanto a Jerusalém celeste será uma cidade”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 512). Vemos em Gênesis 2:10, “Um rio corria de Éden para irrigar o jardim; dali ele se repartia para formar quatro braços”.. Assim, o jardim também significa a realidade última da santidade, “Os claustros dos mosteiros medievais cercavam jardins idílicos, que eram compreendidos como uma cópia do paraíso perdido”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 200). O jardim pode, ainda, ser entendido como lugar do crescimento e cultivo da realidade interna do indivíduo. (Ibidem, p. 201). Nosso Lar é, portanto, ao mesmo tempo a cidade e o jardim celeste.

regulares³⁰⁶, exibindo formas diversas. Nenhum sem flores³⁰⁷ à entrada, destacando-se algumas casinhas encantadoras, cercadas de muros de hera³⁰⁸, onde rosas diferentes desabrochavam, aqui e ali, adornando o verde de cambiantes variados. Aves de plumagens policromas cruzavam os ares e, de quando em quando, pousavam agrupadas nas torres muito alvas, a se erguerem retilíneas, lembrando lírios gigantescos, rumo ao céu³⁰⁹..

André novamente pergunta sobre seus parentes, agora mais especificamente sobre sua mãe, que havia morrido antes dele. Lísias, conta, então, que ela encontra-se em outra esfera, mais elevada, onde habita e trabalha³¹⁰. E que foi a pedido³¹¹ dela que Clarêncio o havia ajudado a sair da região de sofrimento onde se encontrava antes de chegar a “Nosso Lar”³¹². A intercessão de espíritos mais elevados para ajudar espíritos em sofrimento ou menos evoluídos também marca a obra narrada por André Luiz e, como já vimos, é característica do Espiritismo brasileiro. Ele, por exemplo, é considerado um tutelado de Clarêncio em *Nosso Lar*. Posteriormente surgirão outros exemplos desta ação que lembra muito a ação dos santos católicos aos quais os fiéis pedem proteção ou solução de seus problemas.

³⁰⁶ Espaços regulares evocam também a harmonia e o trabalho.

³⁰⁷ Em muitas passagens de *Nosso Lar* há referências a flores. A flor é, genericamente, o receptáculo da atividade celeste. Pode significar as virtudes da alma, o amor e a harmonia; lembra a infância e o estado edênico (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 437-438). “[...] muitas vezes a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual”. (Ibidem, p. 438). Não é por acaso, então, que levamos flores aos mortos.

³⁰⁸ A hera pode representar o ciclo eterno das mortes e dos renascimentos, o mito do eterno retorno. Está, também, vinculada à necessidade de proteção. (Ibidem, p. 486). De modo semelhante, Biedermann nos diz, “[...] os simbologistas cristãos da Idade Média elevaram a hera à condição de símbolo da imortalidade da alma após a morte do corpo”. (BIEDERMANN, op. cit., p. 184).

³⁰⁹ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p. 45-46.

³¹⁰ Ibidem, p. 48.

³¹¹ “Talvez não saiba ainda que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos. Ela [a mãe] jamais desanimou. Intercedeu, muitas vezes, em ‘Nosso Lar’, a seu favor”. (Ibidem, p. 47).

³¹² Lewgoy atenta para a importância da figura da “mãe” nas obras de Chico Xavier e mesmo em sua biografia, “No desenrolar dessa etapa formativa, a unidade familiar bem como as influências decisivas no menino Chico giram completamente em torno da figura materna ou de suas substitutas. A morte da mãe inicia a diáspora familiar, só terminada com o recasamento do pai com Cidália. A ênfase na figura materna nunca deixará de povoar as manifestações públicas de Chico Xavier, assim como os próprios textos mediúnicos. É justamente esse destaque atribuído à “mãe” como formadora moral, influência decisiva no âmbito familiar e intercessora privilegiada no plano espiritual que é construída nesta trajetória de juventude. Desde cedo inspirado pela devoção católica da bondosa mãe, esta continua a orientá-lo após a morte, como tutora espiritual e elo de ligação com a continuidade familiar”. (LEWGOY. *Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*, op. cit., p. 168). Esse autor ainda indica que essa tendência é compatível com a assimilação espírita de práticas e representações do catolicismo popular, “Essa matrifocalidade na formação de Chico marcará toda a vida posterior do médium, desempenhando um papel estratégico na aproximação com o catolicismo popular, conciliando o espiritismo com a dinâmica relacional de uma vertente “tradicional” da sociedade e da cultura brasileira. Logo, o espiritismo de Chico Xavier absorve do catolicismo popular o circuito de intercessão e graça e a devoção familiar centrada na figura materna, linha religiosa de importância fulcral na constituição de sua expressão sincrética”. (Ibidem, p. 172).

Depois de algumas semanas, André sai do hospital pela primeira vez para um passeio em companhia de Lísias pelas ruas da cidade espiritual Nosso Lar. Novamente dedica algumas linhas para descrever o ambiente: vastas avenidas com árvores frondosas, ar puro e profunda tranqüilidade espiritual, mas nada de ociosidade, as ruas estavam repletas de espíritos que iam e vinham. A relação entre o ambiente e a moralidade é evidente e a preocupação em destacar o trabalho em oposição à ociosidade. Velhas representações do paraíso como cidade e como jardim aparecem aqui e ali no texto junto com novas formas de representação que lembram ao leitor que estamos no século XX. Mas não nos iludamos, há ainda muitos componentes da longa duração nesse texto.

Lísias conta a André que a cidade espiritual “Nosso Lar” é administrada³¹³ por um governador auxiliado por 72 ministros divididos em 6 ministérios: da regeneração, do auxílio, da comunicação, do esclarecimento, da elevação e da união divina. Os quatro primeiros estariam ligados aos assuntos terrestres e os dois últimos aos temas dos planos superiores. Cabe aqui esclarecer que a cidade espiritual que estamos retratando não é considerada propriamente o paraíso ou o jardim do éden, o texto jamais faz esta afirmação e nem os espíritas assim a consideram. No entanto, ela possui todas as características destas representações e não seria estranho supor que ela represente exatamente o mesmo que representavam as visões dos santos medievais, ao mesmo tempo paraíso e utopia, lugar de depósito dos sonhos dos sofredores do mundo, recompensa para os fiéis.

Em certo momento, André Luiz pergunta se a cidade “Nosso Lar” teria uma história. Seu interlocutor responde que sim. Foi fundada por portugueses desencarnados no Brasil no século XVI. O personagem destaca a dificuldade em “domesticar” o ambiente espiritual, como o foi aqui na terra também: “Os trabalhos primordiais foram desanimadores,

³¹³ Administração aqui significa também hierarquia e divisão do trabalho: “Orientadores, operários e outros serviços da missão residem aqui. Nesta zona, atende-se a doentes, ouvem-se rogativas, selecionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento”. (XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p. 50-51). José Jorge de Carvalho afirma que poderíamos considerar essa representação do além uma espécie de utopia de funcionários públicos, “Entre los cientistas sociales brasileños es común un cierto rechazo estético-ideológico por la producción psicografiada espírita, (y que secularmente clasificaríamos como la ficción espírita), en la medida en que describe universos planetarios muy distantes, pero regidos curiosamente por una especie de utopía de una sociedad de funcionarios públicos, todos practicando el bien y acumulando un tipo de mérito llamado bonus, similar al modo como los funcionarios terrenos acumulan gratificaciones y puntos en su carrera profesional en el camino para la jubilación. Tal interpretación es válida, pero obviamente no agota de modo alguno la riqueza de la producción literaria espírita brasileña”. (CARVALHO, José Jorge. El misticismo de los espíritus marginales. **Marburg: Journal of Religion, Marburg**, v. 6, n. 2, jun. 2001. Disponível em: <<http://archiv.ub.uni-marburg.de/mjr/carvalho.html>>. Acesso em: 2 jan. 2007).

mesmo para os espíritos fortes”³¹⁴. Aqui percebemos uma característica que estará presente em todos os momentos, o domínio sobre a natureza. Mesmo no mundo espiritual há uma luta constante contra a natureza, que deve ser dominada. A natureza exterior e a natureza interior. André é instruído o tempo todo a controlar-se, não expressar sua saudade, medir as palavras. Ao mesmo tempo Nosso Lar é constantemente oposto à natureza indomada. Na cidade tudo é ordenado, belo porque tem o trabalho humano. “Onde se congregam hoje vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino labor, misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares”³¹⁵.

Logo a seguir temos uma breve descrição do traçado urbano da cidade, que, como dissemos, também é chamada de colônia. No centro urbano está o edifício da Governadoria, de onde partem os seis ministérios que se estendem de forma triangular. O que produz uma estrela de seis pontas, uma para cada ministério. A simbologia da estrela de seis pontas nos diz que ela representa a ligação entre o espírito e a matéria, o que concorda com a idéia do próprio autor que afirma ser Nosso Lar uma cidade de transição.

Na Governadoria vive o governador, qualificado de “abnegado orientador”, “o trabalhador mais infatigável”, “mais fiel”, que “quase nunca repousa”, cuja “glória é o serviço perene”; aquele que nunca dispõe de tempo para o lazer, mas que faz questão de que seus auxiliares descansem. Lísias, o auxiliar que conversava com André, termina dizendo que o atual governador havia comemorado 114 anos de direção em Nosso Lar. “Calara-se Lísias, evidenciando comovida reverência, enquanto eu a seu lado contemplava, respeitoso em embevecido, as torres maravilhosas que pareciam cindir o firmamento”³¹⁶.

Como já afirmamos antes, a oposição entre matéria e espírito, entre natureza e trabalho, está em toda parte no livro. Mas o capítulo 9, que trata do problema da alimentação é o mais dramático de todos. André inicia assim: “enlevado na visão dos jardins prodigiosos, pedi ao dedicado enfermeiro para descansar alguns minutos num banco próximo”³¹⁷. Em seguida Lísias começa a recordar parte da história de “Nosso Lar”, que é a história da luta do governador para impor certas medidas administrativas que atenuassem as expressões de vida que recordassem os fenômenos puramente materiais. O governador reduzira a alimentação ao mínimo indispensável. O que ocasionou inúmeras reclamações de

³¹⁴ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p. 52. Por esse motivo a cidade espiritual é chamada de colônia espiritual. A palavra colonizar tem o significado de cultivar e de dominar simultaneamente.

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ Ibidem, p. 53.

³¹⁷ Ibidem, p. 54.

quase todos os ministérios. E aqui está o mais importante: o ministério que mais se opunha ao governador era o do esclarecimento, aquele que é composto pelos técnicos e que “demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalhavam. Eram eles os mais teimosos adversários”³¹⁸. E graças a esse conflito, aumentado pelos espíritos ligados à ciência, as forças do mal tentaram invadir a cidade. Mas, segundo o narrador, o governador jamais castigou alguém, “convocava os adversários da medida a palácio e expunha-lhes, paternalmente, os projetos e finalidades do regime [...]”³¹⁹. Após trinta anos de conflitos e tentativa de convencimento por parte do governador, a paciência do espírito “justo e manso” acabou. Mandou fechar o Ministério da Comunicação e isolou os recalcitrantes num calabouço (sic!), advertiu o Ministério do Esclarecimento, proibiu o auxílio às regiões inferiores e mandou ligar as baterias elétricas da muralha da cidade, que emitiam dardos magnéticos. Durou seis meses tais medidas de exceção e ao seu final todos cederam à autoridade do Governador e “reduziu-se a expressão física e surgiu maravilhoso coeficiente de espiritualidade”.³²⁰

Espiritualidade que é representada pela importância à água. A água sempre fez parte das representações religiosas e sua presença no jardim do éden e no paraíso celeste é bastante conhecida. Na obra que estamos estudando não poderia faltar tal elemento. O capítulo dez é dedicado ao bosque das águas, cuja descrição inicial de André Luiz transcrevemos literalmente para que o nosso leitor tenha idéia do que comentamos:

Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranqüila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso³²¹.

Enquanto a floresta escura e selvagem simboliza o medo, o bosque representa o local de recolhimento e do encontro com seres sobre-humanos. O bosque é ainda a natureza dominada, quase um jardim. O nome do “rio de grandes proporções” é Rio Azul, que abastece a cidade “Nosso Lar”. A distribuição desta água está a cargo do Ministério da

³¹⁸ Ibidem, p. 56.

³¹⁹ Ibidem, p. 55.

³²⁰ Ibidem, p. 57-58.

³²¹ Ibidem, p. 60.

União Divina e serve basicamente como alimento e remédio. Lísias termina afirmando a importância da água no mundo terrestre e alertando para a insensibilidade dos homens quanto a esse elemento da natureza.

Somos informados que existem também outras cidades como “Nosso Lar”. Alvorada Nova foi o modelo inspirador dos primeiros construtores da cidade de André Luiz. Mas, o que chama atenção no capítulo 12 é a descrição do Umbral, que André confessa desconhecer. Lísias o corrige, no entanto: ele mesmo estivera lá durante anos. O Umbral começa na crosta da Terra e é o lugar daqueles que falharam no mundo, “demorando-se no vale da indecisão ou no pântano de erros numerosos”³²². Lísias utiliza uma imagem bastante significativa para explicar a André Luiz e ao leitor, evidentemente, suas idéias. Segundo ele, cada um de nós nasce na terra carregando uma “roupa suja” para ser lavada nas experiências da terra e, quando não conseguimos fugir à sujidade, retornamos ao mundo espiritual no Umbral. Esta região é “uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena”³²³. O próprio autor estabelece a comparação que, para nós, é evidente. Esta zona inferior do *além* é muito semelhante ao purgatório da religiosidade católica. Lugar de purgar, de queimar o mal que fizemos na Terra, mas de onde se pode sair.

Passado algum tempo, André Luiz resolve conversar com o ministro Clarêncio, o mesmo espírito que o retirou do Umbral. Chegando ao gabinete do ministro foi admitido à sua sala juntamente com uma mulher que pedia para poder ajudar seus filhos que ainda viviam aqui na Terra. Mas Clarêncio negou a atender a solicitação afirmando que ela não possuía bônus-hora suficientes para lhe garantir o benefício. Cabe aqui uma pausa para explicar que, segundo o autor, na cidade espiritual Nosso Lar, cada hora de trabalho corresponde a um bônus, como uma espécie de salário pago pelo serviço prestado. Certamente esta visão monetária das relações no *além* é curiosa, pois o trabalho no bem ali funciona, na verdade, como uma moeda que garante direitos, por exemplo, visitar os filhos na Terra ou ter uma casa em “Nosso Lar”. Aqui, pode-se literalmente comprar um imóvel no céu. Mas, voltando ao caso da mulher que conversava com Clarêncio, ela não se dedicara a nenhuma das funções determinadas pelo ministro, tendo se recolhido aos Campos de Repouso. Convencida pelas palavras de Clarêncio, é a vez de André.

³²² Ibidem, p. 70.

³²³ Ibidem, p. 71.

André Luiz, tendo ouvido as reprimendas do ministro, solicita trabalhar em qualquer serviço. Clarêncio o adverte que sabe de seus desejos mais íntimos de trabalhar como médico. Considerando o passado delituoso dele, André passou a ser apenas um aprendiz, isto porque sua mãe intercedia a seu favor.

Mãe, aliás, que logo em seguida vem visitá-lo. Emocionado, o autor descreve-a assim “notando-lhe o vestido escuro, as meias de lã, a mantilha azul, contemplei a cabeça pequenina, aureolada a fios de neve, rugas do rosto, o olhar doce e calmo de todos os dias”³²⁴. Esta manta azul e esta cabeça aureolada nos lembram as imagens de Maria. Na conversa com ela, André descobre que seu pai e duas de suas irmãs continuavam no Umbral.

André, tendo alta no hospital, foi morar na casa de Lísias. O auxiliar que acompanhou André nos primeiros momentos em Nosso Lar, morava com a mãe e duas irmãs em uma simples, porém confortável casa, onde sequer faltava uma harpa³²⁵. Fez a primeira refeição fora do hospital, durante o qual não faltaram amplas considerações sobre a natureza espiritual da alimentação e mesmo da sexualidade. Como podemos já ter percebido, “Nosso Lar” é um livro didático, não há diálogo sem uma intenção clara de doutrinar o leitor.

Conversando com a mãe de Lísias, o assunto agora era a propriedade. André perguntara se aquela casa pertencia a ela. Ela informou a André que a propriedade tem a mesma natureza das da terra, ou seja, é relativa. Mas adquirida com o bônus-hora que, segundo ela, é o dinheiro em “Nosso Lar”. Qualquer família pode adquirir uma casa por trinta mil bônus-hora.

Ressaltamos aqui uma questão interessante, a alimentação dos habitantes de Nosso lar fora motivo de conflito entre o governador e muitos setores da cidade espiritual. O dirigente espiritual defendeu a tese vitoriosa de que a alimentação deveria ser a mais espiritual possível a fim de libertar os espíritos dos laços com a matéria. Pois bem, mas o dinheiro e o trabalho pelo dinheiro não foram abolidos. Não podemos deixar de considerar que, do ponto de vista da lógica da obra, o dinheiro também deveria constituir-se um laço material, pois seria de esperar que os espíritos bons trabalhassem apenas pela motivação do próprio bem e não em troca de algo.

Continuando a conversa, a mãe de Lísias esclarece que a produção do vestuário e da alimentação é coletiva. Todos têm o que comer e vestir, mas aqueles que

³²⁴ Ibidem, p. 87.

³²⁵ “O som da harpa simboliza, então, a busca de uma felicidade da qual o homem só conhece as frágeis certezas deste mundo”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 484).

trabalham e juntam bônus-hora podem vestir-se como quiserem, comprar uma casa ou ajudar os familiares. Devemos dar destaque ao conceito de intercessão da qual já falamos anteriormente,

Quanto maior a contagem do nosso tempo de trabalho, maiores intercessões podemos fazer. Compreendemos, aqui, que nada existe sem preço e que para receber é indispensável dar alguma coisa. Pedir, portanto, é ocorrência muito significativa na existência de cada um. Somente poderão rogar providências e dispensar obséquio os portadores de títulos adequados, entendeu?³²⁶

Tendo Lísias retornado com as irmãs, foram assistir “televisão”. Um pedido de ajuda de uma outra colônia espiritual. Diante do espanto de André, Lísias esclarece o leitor que estão em agosto de 1939 e que a Terra estava na iminência de terríveis batalhas. Sabendo que o livro foi escrito em 1944, podemos verificar aqui o mesmo que ocorre em outras obras religiosas, uma espécie de profecia ao contrário. Conta-se a história que já ocorreu como se fosse ocorrer para garantir sua veracidade e autoridade.

André recebe, enfim, autorização de realizar observações no ministério da regeneração e, acompanhado de Tobias, dirige-se às câmaras de retificação, localizadas em um nível inferior onde ficam os que não suportam a luz e a atmosfera de “Nosso Lar”. Vamos deixar o narrador contar o que viu:

Nunca poderia imaginar o quadro que se desenhava agora aos meus olhos. Não era bem o hospital de sangue, nem instituto de tratamento normal da saúde orgânica. Era uma série de câmaras vastas, ligadas entre si e repletas de verdadeiros despojos humanos.

Singular vozerio pairava no ar. Gemidos, soluços, frases dolorosas pronunciadas a esmo...Rostos escaveirados, mãos esqueléticas, *facies* monstruosas deixavam transparecer terrível miséria espiritual³²⁷..

Tobias esclarece André que aqueles que estão ali já foram resgatados do Umbral e estão em tratamento e os classifica como contrabandistas na vida eterna. Supunham que o poder do dinheiro atravessaria a morte, foram negociantes imprevidentes, milionários das sensações físicas e mendigos da alma. Foram visitar alguns espíritos que dormiam, tal qual semi-mortos. Verificou-se então, que dois deles começaram vomitar uma substância escura, viscosa e mal cheirosa. O primeiro trabalho do médico André no mundo dos espíritos foi justamente limpando este vomito. A oposição aqui é evidente. No local onde ficam os

³²⁶ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p. 124.

³²⁷ *Ibidem*, p. 146.

sofredores, o cheiro é de cadáveres em decomposição, onde os espíritos bons vivem, o perfume é de flores. A comida quase fluída da colônia aqui é o contraponto do vomito escuro e fétido.

Posteriormente, André presencia a tentativa de um espírito de entrar em “Nosso Lar”. Era uma mulher que pedia socorro nos portões da colônia. Chamado o vigilante chefe, este nega ajuda à mulher. Explica ele, que ela deveria ter passado despercebida e conseguido chegar aos portões da cidade e que seu estado de revolta e não reconhecimento de seus erros impediam qualquer tentativa de auxílio. Tinha assassinado 58 crianças através da prática do aborto em jovens inexperientes. Seu “corpo” espiritual apresentava-se com manchas, uma para cada criança morta.

Novamente no bosque, à espera dos espíritos que haviam sido resgatados do Umbral, André descreve a tranqüilidade do ambiente. Árvores frondosas, carvalhos³²⁸, pinheiros³²⁹, acácia³³⁰. Ventos frescos e frondes carinhosas. É justamente neste ambiente acolhedor que ele passa a sentir-se só e com saudade de casa e da família. Mais uma vez a oposição entre interior e exterior. “O vento calmo parecia sussurrar concepções grandiosas, como que desejoso de me despertar a mente para estados mais altos”³³¹.

André assusta-se com dois vultos e acaba sabendo que se tratava de dois encarnados que, estando dormindo na terra, saíram do corpo para atingir a cidade espiritual. Envolvidos em cor azul, eram espíritos muito elevados. Logo em seguida chegou a caravana que trazia os espíritos resgatados do Umbral. Cães auxiliavam no serviço, o que espantou André. Narcisa, o espírito a quem estava auxiliando, explicou que no Umbral não há apenas homens desencarnados, mas também verdadeiros monstros.

Os espíritos sofredores socorridos vinham em veículos puxados por muares, como carroças. André ficou informado que os animais eram excelentes auxiliares no auxílio nas regiões inferiores, inclusive uma espécie de ave chamada íbis viajora, que devorava as formas mentais odiosas e perversas dos habitantes do Umbral. A íbis tem valor simbólico

³²⁸ O carvalho é uma conhecida árvore sagrada em muitas culturas antigas. (LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 118-119). É símbolo da imortalidade e da força imperturbável. (BIEDERMANN, op. cit., p. 75).

³²⁹ Os pinheiros estão ligados ao simbolismo da árvore da vida. (LURKER, op. cit., p. 545).

³³⁰ A acácia, devido à sua madeira dura e resistente, é símbolo da superação da morte. (BIEDERMANN, op. cit., p. 12). “A arca da aliança é feita de madeira de acácia chapeada a ouro. A coroa de espinhos do Cristo teria sido enraçada com espinhos de acácia [...]. Tais tradições demonstram que, no pensamento judaico-cristão, esse arbusto de madeira dura, quase imputrescível, de terríveis espinhos e flores cor de leite e de sangue, é um símbolo solar de renascimento e imortalidade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 10).

³³¹ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p. 181.

desde os antigos egípcios, mas no bestiário medieval ela é representada como comedora de peixes mortos, ou seja, ela alimenta-se da morte.

Em uma passagem logo a seguir, André encontra um antigo conhecido chamado Silveira. É um encontro constrangedor para André, pois seu pai havia sido o responsável pela ruína financeira e miséria da família de Silveira. A princípio não sabe o que fazer e pede auxílio. É orientado, então, a procurar Silveira e pedir desculpas, perdão. E ele o faz. Silveira retribui o pedido esclarecendo André que a miséria não fora uma desvantagem, mas uma vantagem. É comum em todo o livro esta inversão, o que aqui na Terra é visto como mal e considerado bem lá no mundo espiritual, tal qual um espelho que inverte a realidade e nós estaríamos do lado errado do espelho. A dor é considerada uma bênção, a miséria um oportunidade de evolução.

Findo o trabalho daquela noite, André é convidado a descansar um pouco, arrumam-lhe um quarto e ele adormece. É um fenômeno interessante o que ocorre então. Ele deixa o seu “corpo espiritual” e tem a impressão de estar em um pequeno barco conduzido por um homem silencioso. Ele permanece extasiado com a magnificência da paisagem que observa. A embarcação vai rápida apesar de estar subindo. Ouve a voz de sua mãe e desce do barco. André é conduzido pela mãe a prodigioso bosque, onde as flores têm a capacidade de reter a luz. Tapetes³³² dourados e luminosos estendiam-se sob as grandes árvores. Ele encontrava-se em outra esfera espiritual, mais elevada, onde morava sua mãe. A genitora faz um longo discurso sobre a importância da caridade e do serviço útil e parabeniza André pelo primeiro dia de atividade em Nosso Lar. Um barco, um condutor e um rio no *além* nos faz recordar, evidentemente, Caronte levando as almas para o mundo dos mortos. Mas barco também pode ser a salvação, pois protege o viajante.

André, no dia seguinte, vai assistir a preleção da ministra Veneranda. Mil pessoas estão no auditório, formado de bancos de relva verde e enfeitado com flores de cores variadas e que exalavam suave perfume. Mais perto da ministra, vinte espíritos ocupavam posição destacada, eram os únicos que podiam fazer perguntas à ministra. A ministra Veneranda entrou acompanhada de duas outras ministras da comunicação. Ela apresentava nobre semblante de mulher em idade madura, simples e sem afetação.

³³² “[...] o tapete expressa muitas vezes a noção de jardim inseparável da idéia de Paraíso. [...] o tapete resume o simbolismo da morada, com o seu caráter sagrado e todos os desejos de felicidade paradisíaca que ela encerra”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 864).

Pouco tempo depois, André visita Tobias em sua residência, onde também não faltavam as flores, a refeição leve e muitos livros maravilhosamente encadernados. Com Tobias moravam Hilda e Luciana, que haviam sido esposas de Tobias. Após a morte de Hilda, ele desposou Luciana. Evidentemente este trecho do livro visa esclarecer uma dúvida bastante comum, levando-se em conta o tipo de vida após a morte sugerida pelo Espiritismo. É acima de tudo um exemplo da renúncia ao egoísmo e ao ciúme. Nas Hilda possuía verdadeiramente o lugar de esposa, a outra fazia mais o papel de irmã. Luciana, inclusive já estava para voltar a nascer e encontrar o companheiro de outras vidas.

Por uma estranha atração, segundo o autor, André foi trabalhar na ala destinada às mulheres. Viu filas de leitos brancos e cuidados onde se encontravam mulheres que pareciam farrapos humanos. Gemidos e exclamações de angústia. Em dado momento, porém, a atenção de André foi despertada por uma mulher em particular. Parecia envelhecida precocemente. Era Elisa, que trabalhara na casa de André quando ainda era jovem. Aparentemente ele tivera relações sexuais com a doméstica que agora estava ali diante dele como a cobrar um a dívida. Foi procurar Narcisa para pedir conselhos, pois, segundo ele, toda mulher generosa e cristã é sempre mãe. Ela o aconselha a aproveitar a oportunidade e resgatar sua dívida com a mulher. Aproximando-se de Elisa, André pede que ela conte sua história – certamente para que nós, leitores, possamos conhecê-la, tanto quanto ele próprio. Ela não reconhece André de pronto. Revela que conhecera, na Terra, o prazer, o luxo, conforto material após ter deixado a casa onde trabalhara como doméstica. Bem provável ter sido prostituta ou algo próximo disso, pois continua a narrativa de sua vida afirmando ter conhecido igualmente a sífilis, o hospital e o abandono até chegar à cegueira e, posteriormente, a morte. André pergunta-lhe sobre o rapaz que conhecera na terra como filho do patrão da casa onde trabalhara como empregada e Elisa responde que já não sente mais ódio por ele. André comovido diz a ela que daquele momento em diante ela seria sua irmã de coração. Além do tema da dívida a ser paga, notamos o ideal cristão da mulher presente aqui. Tal como em outras passagens deste livro e de outros, a mulher é nobre quando é mãe, paciente e abnegada. Sua mãe, por exemplo, que espera com resignação a melhora do esposo que está ainda nas regiões de sofrimento, enquanto a mulher que fazia abortos ou essa última que se prostituiu – o inverso da maternidade, portanto – estavam sofrendo no umbral.

Nos primeiros dias de setembro de 1939, toda a cidade espiritual ouviu o som de clarins que eram a convocação dos espíritos superiores para que todos socorressem a Terra, pois a guerra havia começado na Europa e iria prosseguir ainda. Ansiosos e até

temerosos com as conseqüências da guerra os espíritos dirigem-se para o ministério da comunicação à procura de notícias. Através de numerosos alto-falantes o governador se fez ouvir, pedindo tranqüilidade aos habitantes de Nosso Lar.

No domingo imediato a este acontecimento, ocorreu um culto evangélico no ministério da regeneração. Havia o “Grande Coro do Templo da Governadoria” que, aliando-se aos meninos cantores, entoou um hino chamado “Sempre Contigo, Senhor Jesus”, eram duas mil vozes reunidas. Um murmúrio doce do vento perfumado correspondia às harmonias suaves. Pela primeira vez André observava os cooperadores dos ministérios da elevação e da união divina, que pareciam vestidos de brilhantes claridades. Às 10 horas chegou o governador acompanhado pelos doze ministros da regeneração.

Nunca esquecerei o vulto nobre e imponente daquele ancião de cabelos de neve, que parecia estampar na fisionomia, ao mesmo tempo, a sabedoria do velho e a emergência do moço; a ternura do santo e a serenidade do administrador consciencioso e justo. Alto, magro, envergando uma túnica muito alva, olhos penetrantes e maravilhosamente lúcidos, apoiava-se num bordão, embora caminhasse com aprumo juvenil³³³.

André é esclarecido de que o governador gostava das atitudes patriarcais, pois considerava que devesse administrar com amor paterno. E num céu brasileiro, em plena ditadura de Getúlio Vargas, poderia ser diferente? Inicia-se outro hino, “A Ti, Senhor, Nossas Vidas”. O governador abre o evangelho e lê Mateus 24:6³³⁴. Após uma oração, o governador instrui os habitantes da cidade espiritual sobre a necessidade de 30 mil servidores adestrados no serviço de defesa da cidade, “enquanto perdurar nossa batalha com as forças desencadeadas do crime e da ignorância”³³⁵.. Estava preparando as defesas, era, assim, uma guerra entre o bem e o mal, a guerra na Terra correspondia a uma outra no mundo espiritual. Por fim o coro cantou o hino que consideramos o mais significativo para nossos esforços de compreensão da vida no *além* segundo o Espiritismo, chamava-se “A Grande Jerusalém”. Uma brisa começou a soprar trazendo pétalas de rosas na cor azul que se desfaziam ao tocar nos presentes.

André passa, então, a ouvir as palavras de um outro ministro chamado Benevenuto que estivera na Polônia, que havia sido atacada pelos alemães. Após expor os horrores da guerra e das condições dos espíritos que desencarnavam naquela situação, a

³³³ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p. 233.

³³⁴ “Ouvireis falar de guerras e rumores de guerras. Ficai atentos! Não vos alarmeis: é preciso que isto aconteça, mas ainda não é o fim”. (BÍBLIA.. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola: 1994

³³⁵ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p. 234.

conversa se desvia para a oposição já mencionada antes, entre ciência e religião. Parece que André não perde oportunidade de voltar a esse assunto em seu livro. O ministro diz que a situação da Europa é consequência da falta de preparação religiosa, afirmando que não bastaria aos homens a inteligência apurada sem a religião. Questionado sobre a condição do Espiritismo, o ministro lamenta aqueles que, segundo ele, limitam-se ao aspecto científico.

André fica sabendo que existe uma região ainda mais terrível para os espíritos desencarnados que o umbral onde esteve logo que desencarnou, são as “Trevas”, localizadas abaixo da superfície da terra, para onde vão os espíritos mais criminosos. Recordemos o sentido diferente que Kardec dá à expressão “trevas”, já explicado anteriormente.

À tarde, no mesmo dia, André vai com Lísias ao campo da música. Lá observa que há grupos de tocam música ligeira (música popular?), mas aprende que estes não sabem apreciar a verdadeira música universal, a arte santificada. Observa as mulheres sem o desperdício de adornos e sem trair a simplicidade divina. Mais uma vez o ideal da mulher cristã aparece aqui, simples e sem adornos. Imagem que é complementada no capítulo seguinte quando a mãe de André comunica-lhe que vai reencarnar novamente como esposa do pai de André e que terá como filhas as mulheres que o perseguem no umbral. Aqui se junta o traço do sacrifício, a mulher/esposa que se sacrificará para salvar o esposo.

Logo em seguida, André recebe permissão para regressar ao antigo lar terrestre e visitar a família que deixara quando morrera. Mas, para sua surpresa, a antiga esposa agora estava casada com outro homem. Móveis e decoração da casa alterados. A esposa repreende a filha que diz estar com saudades do pai (André). André sente-se triste e um lampejo de ódio surge em seu coração. Então compreende porque seus amigos espirituais não o deixavam ter vindo antes para ver sua família. O novo marido de Zélia, sua ex-esposa, estava muito doente e molestado por espíritos inferiores. André resolve colocar em prática os ensinamentos que recebera em “Nosso Lar”. Esforça-se para não sentir ciúme ou ódio e passa a auxiliar na cura daquele homem que agora recebia os carinhos de sua ex-mulher. Graças a essa vitória sobre si mesmo, nosso herói recebe como recompensa a condição de cidadão de “Nosso Lar”.

Portanto, se atentarmos para a condição e o lugar onde André Luiz estava e a condição e o lugar para onde foi levado, perceberemos que há uma nítida oposição entre o exterior da cidade espiritual e o interior. Fora reina o caos, não há ordem, há vegetais sem folhas, lama, seres sinistros que perseguem o personagem, vozes, animais estranhos,

escuridão. Sabemos que o sagrado tem como oposição o profano, mas também o caos, “Num nível mais profundo, todavia, o sagrado tem outra categoria oposta, a do caos. O cosmos sagrado emerge do caos e continua a enfrentá-lo como seu terrível contrário”³³⁶. A religião, por sua vez, procura ordenar o caos, ou seja, dar sentido à existência humana – daí a questão da morte ser de tanta importância em todas as sociedades humanas, assim nos diz Berger, “A morte constitui para a sociedade um formidável problema não só devido à sua óbvia ameaça à continuidade das relações humanas, mas também porque põe em cheque os pressupostos básicos da ordem sobre os quais descansa a sociedade”³³⁷. Enquanto André Luiz está afastado da religião – lembremo-nos que ele é um médico, que aqui representa tanto a ciência quanto o homem mundano – ele permanece no caos; quando se sente e ora pedindo ajuda, coloca-se em condição de achar-se no cosmo sagrado, aqui representado pela cidade espiritual, porque, “achar-se numa relação correta com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos”³³⁸.

Stoll chama essa transformação de André Luiz de “rendição religiosa”, a partir da qual, segundo ela, “ ‘esse reencontro com a fé’ assume, a partir de então, papel fundamental na condução do relato”³³⁹. Para Stoll, isso representaria um rito de passagem, no qual orações, súplicas, remorso e humilhação seriam condições para a mudança de “plano espiritual”³⁴⁰. Porém, o rito de passagem não acaba com a entrada de André Luiz em “Nosso Lar”, ele só se efetiva quando o personagem ganha sua “cidadania” plena, ao final do livro.

5.1 As Representações da Mulher e da Família³⁴¹

As mulheres têm um papel fundamental na história do Espiritismo desde a sua origem com Allan Kardec, que se utilizava de mulheres médiuns durante a codificação da doutrina espírita. As mulheres eram tidas como mais sensíveis e mais propensas à mediunidade, ou seja, o contato com o além.

³³⁶ BERGER, op. cit., p. 39.

³³⁷ Ibidem, p. 36.

³³⁸ Ibidem, p. 40.

³³⁹ STOLL. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil, op. cit., p. 94.

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ Destacamos esse entre os outros temas que a obra nos sugere porque consideramos que no momento histórico em que “Nosso Lar” foi escrito ele representa muito bem as tensões que a sociedade brasileira passava, entre a tradição e a novidade.

Kardec chega a dedicar sete perguntas do Livro dos Espíritos ao problema da igualdade de direitos dos homens e das mulheres. As perguntas e as respostas nos levam a perceber que o espiritismo reprova o império injusto e cruel dos homens sobre as mulheres e defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas não de funções. Aqui, inclusive há diferença de traduções da obra de Allan Kardec. Vejamos estas diferenças, pois são essenciais para o esclarecimento do ponto de vista de Allan Kardec. Segue a tradução feita por Salvador Gentile e publicada pelo Instituto de Difusão Espírita:

Segundo isso, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher? – De direitos, sim; de funções, não. É preciso que cada um esteja colocado no seu lugar. Que o homem se ocupe do exterior e a mulher do interior, cada um com sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher, pois todo privilégio concedido a um, ou a outro, é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o progresso da civilização, sua subjugação caminha com a barbárie. Os sexos, aliás, não existem senão pela organização física, visto que os Espíritos podem tomar um e outro, não havendo diferença entre eles sob esse aspecto, e, por conseguinte, devem gozar dos mesmos direitos³⁴².

E agora outra versão (somente o trecho que nos interessa), com tradução de J. Herculano Pires: “[...] É necessário que cada um tenha um lugar determinado; que o homem se ocupe de fora e a mulher do lar, cada um segundo a sua aptidão [...]”³⁴³.. Percebe-se que Herculano Pires tornou, em sua tradução, mais evidente o pensamento original – elaborado no século XIX, ou seja, que a mulher tem como natural o trabalho no lar, conforme demonstraram Lynn Hunt, “A mulher se tornou o símbolo da fragilidade que devia ser protegido do mundo exterior (o público); tinha se convertido no símbolo do privado”³⁴⁴ e Catherine Hall, “Eles acreditavam firmemente que o homem e a mulher nasciam para ocupar esferas diversas. Era uma regra da natureza, confirmada pelo costume e pelas relações sociais”³⁴⁵. Mesmo se conformando às exigências da época, Allan Kardec concede às mulheres direitos iguais e condena o domínio masculino absoluto. Se na metade do século retrasado tal postura podia ser considerada avançada, basta lembrar que as mulheres somente puderam votar na primeira metade do século XX, cabe verificar como é tratado este tema nas

³⁴² KARDEC. **O livro dos espíritos**. 1984, op. cit., p. 319.

³⁴³ Ibidem, p. 315.

³⁴⁴ HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: ARIÈS, Philipe; DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 51.

³⁴⁵ HALL, Catherine. Sweet home. In: ARIÈS, Philipe; DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 59.

obras de Chico Xavier. Já tocamos no assunto anteriormente e agora vamos tocá-lo com mais vagar.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo avanço na participação da mulher na vida pública e sua progressiva valorização. O debate a respeito dos direitos e dos deveres femininos passava pelo crivo dos religiosos, médicos, legisladores e intelectuais da época.

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas ‘de boa família’, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário³⁴⁶.

No entanto, as políticas sociais intervencionistas do período getulista reforçaram a dependência da mulher em relação aos homens. A família patriarcal ainda era a realidade cotidiana, “A família patriarcal não era apenas uma metáfora para a nação orgânica, mas ‘célula’ fundamental da sociedade, na qual cada pessoa sabia o seu lugar”³⁴⁷. Não é de estranhar que as conquistas feministas do início da década de 30, como o direito ao voto, fossem diminuídas com o Estado Novo.

Um documento esboçado por Gustavo Capanema³⁴⁸, em 1939, defendia a idéia de que o governo deveria fortalecer a família através do fortalecimento da autoridade do “chefe da família”, além da restrição ao acesso das mulheres aos empregos públicos e mesmo privados, que somente seriam admitidas apenas em empregos próprios à natureza feminina. Sobre a educação, o documento afirmava que os homens deveriam ser educados para serem os chefes da família, enquanto as mulheres receberiam uma educação que as tornasse aptas ao casamento e à função de mãe³⁴⁹. Apesar de ter sido elogiado pelas lideranças católicas, esse esboço foi rejeitado dois anos mais tarde, quando uma política sobre a família tornou-se lei em 1941. Em 1945, uma lei estabeleceu que as mulheres poderiam trabalhar desde que tivessem autorização do marido³⁵⁰. O que demonstra que, na década de 1940, a questão do

³⁴⁶ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v.3, p. 368.

³⁴⁷ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 337.

³⁴⁸ Político que apoiou Getúlio Vargas, foi interventor em Minas Gerais e ministro da educação e da saúde de 1934 a 1945.

³⁴⁹ CAULFIELD, op. cit., p. 338.

³⁵⁰ Ibidem, p. 339.

papel da mulher e da família faziam parte dos debates nacionais, inclusive durante a elaboração do código penal.

Primeira representação que salta aos olhos no livro “Nosso Lar” e nos demais da série é a figura da mulher mãe, responsável pela unidade da família. As personagens femininas que aparecem nos textos cometendo erros, via de regra, transgridem algum dever relacionado à maternidade e à família. Mais do que mulher e mãe, o ideal é a mulher mãe cristã, com todas as características daí decorrentes. Vamos recorrer novamente às representações cristãs para tentar iluminar o texto espírita.

O ideal da mãe cristã muito provavelmente está marcado pela figura de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho. Infelizmente conhecemos Santa Mônica apenas pelas palavras de terceiros, no caso seu filho; como, aliás, acontece com muitíssimas mulheres daquela época. Santo Agostinho constrói a imagem da mulher que, tornando-se mãe, consegue a sua própria salvação; mais do que isso, passa a servir de mediadora entre os homens e Deus (quem já não viu aqueles adesivos em automóveis: “pede à mãe que o filho atende”?). Neste caso, ela deixa de ser mulher para ser santa, o caráter sexual deixa de existir.

Assim, temos já duas características da mulher cristã ideal, a capacidade de ser mediadora entre a terra e o céu e a ausência da sexualidade – evidentemente não passava pela mente dos homens que a mulher pudesse ter desejos e muito menos prazer. Acrescentamos o sofrimento resignado, santa Mônica sofria com o marido infiel e com a vida devassa do filho antes de sua conversão. Ela é, também, aquela que conforta o sofrimento alheio, porque sabe suportar os seus próprios. E por fim a persistência, a mãe de Santo Agostinho jamais desistiu da conversão do filho ao cristianismo³⁵¹. Diante tantas virtudes, só nos resta concordar: se uma mulher for capaz de tudo isso, realmente ela é uma santa a que todas as mulheres devem seguir.

A mulher, assim, é vista como centro da família, em torno da qual os demais membros gravitam, unidos pelo amor da “santa mãe”. Na reclusão do lar, esta mulher é a garantia da pureza diante de um mundo reconhecidamente perverso e perigoso.

O mundo dos sentimentos naturalmente pertence a ela, geralmente mais nobre e pura (porque longe do mundo profano das atividades públicas) que o homem. O contato com o mundo, espera-se, deve ser apenas através de atividades ditas femininas que correspondam à sua característica sentimental: a religião e a caridade.

³⁵¹ COSTA, Ricardo. **Santa Mônica**: a criação do ideal da mãe cristã. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/stamon.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

No Brasil, além da evidente importância que o culto à Virgem Maria atingiu (não custa lembrar que ela é nossa padroeira), a influência positivista também encarava a família como fundamento social e na família a mulher era a pedra principal do alicerce, da qual, inclusive, dependia a regeneração da sociedade³⁵².

Raimundo Teixeira Mendes³⁵³, em sua obra “A Mulher. Sua proeminência social e moral, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva”, destacou,

Os instintos altruístas são três: o amor para com os iguais, que é o apego; o amor para com aqueles que parecem superiores, - a veneração; o amor para com aqueles que dependem de nossa proteção, - bondade. Estes três instintos são mais desenvolvidos na Mulher do que no homem: a Mulher é mais terna, mais simpática, mais pura do que o homem.

Pureza, quer dizer, menor energia no egoísmo: a Mulher é mais sóbria do que o homem; o instinto sexual, na Mulher, pode-se dizer que não existe quase, de ordinário; a Mulher se presta, sacrifica-se às grosserias do homem, mas é fundamentalmente pura [...]. Pois a Mulher sujeita-se com humildade a tudo isso, e vai desempenhar no lar, modestamente, a sua verdadeira obra de santificação; mas santificação na Terra, adaptando o homem, cada vez mais, *a viver para outrem* [...]. Coloquemos a Mulher na sua função de mãe de família, de filha, de irmã, de esposa: é seu verdadeiro destino a formação do homem; e para isso é preciso que o homem cada vez mais se aperfeiçoe, de maneira a transformar a Terra num verdadeiro Paraíso³⁵⁴.

Podemos concluir que a “imagem da mãe-esposa-dona de casa como principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa”³⁵⁵ e que portanto deve nos servir de referência para a análise da obra de Chico Xavier.

Agora vamos evidenciar as representações que surgem nas obras de Chico Xavier. Primeiro a condição de mãe que conforta. No livro “Nosso Lar”, há o encontro entre André Luiz e sua mãe que, como já dissemos, habitaria uma esfera superior. É assim que o narrador descreve este encontro:

³⁵² HAHNER, June Edith. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 86.

³⁵³ Filósofo e matemático, apóstolo do Positivismo no Brasil, nasceu em Caxias (MA), em 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 1927. Foi educado pelos jesuítas no Rio de Janeiro e participou com Benjamim Constant da propaganda republicana: deve-se a ele as sugestões para a nova Bandeira Nacional e o lema Ordem e Progresso.

³⁵⁴ MENDES apud HAHNER, op. cit., p. 88-91.

³⁵⁵ MALUF; MOTT, op. cit., p. 374.

Sentei-me a seu lado e ela, cuidadosamente, ajeitou-me a fronte cansada, em seus joelhos, afagando-me de leve, confortando-me à luz de santas recordações. Senti-me, então, o mais venturoso dos homens. Guardava a impressão de haver o barco de minha esperança ancorado em porto mais seguro. A presença maternal constituía infinito reconforto ao meu coração [...]. Notando-lhe o vestido escuro, as meias de lã, a matilha azul, contemplei a cabeça pequenina, aureolada a fios de neve [...]³⁵⁶.

Aí está o ideal da mulher espírita e cristã. Mais evoluída que o filho, é capaz de confortá-lo em suas fraquezas de homem mundano. A idéia da maternidade extrapola o mundo terreno, tendo sua continuidade no *além*. Acrescenta-se isso a evidente aproximação da imagem da mãe de André Luiz com Maria (outro exemplo de maternidade cristã), a manta azul, os cabelos brancos que servem de aureola; o vestido escuro e as meias de lã, que a preservam dos atrativos sexuais.

Mais adiante no diálogo entre André e sua mãe, ele fica sabendo que seu pai encontra-se há doze anos no umbral (local de sofrimento, onde André também esteve). Sua mãe o informa que o pai mantinha ligações fora do lar com outras mulheres, duas das quais ainda o importunavam no além. Mas, na condição de mulher mãe e cristã ela trabalhava para o resgate do marido e de suas amantes o que representa o máximo da renúncia cristã que se espera das santas.

Já indicamos anteriormente a forte imagem da “mãe” na obra de Chico Xavier e que isso representa uma assimilação do catolicismo popular que teve enorme importância na biografia do autor. Segundo Lewgoy,

Assim, por meio da vida e obra de Chico Xavier, o espiritismo abre um leque de trocas com um catolicismo familiar, onde destaca-se o papel moral, espiritual, educacional e mediador das mães nas unidades domésticas. Amplia-se também a *interface* desta religião mediúnica com o *ethos* católico das camadas populares, realçando a visão de uma religião a ser praticada no âmbito doméstico - ou seja, na unidade “lar” - por meio da codificação ritual dos gestos, seqüências, preces, comentários e horários, e pela aproximação das ênfases nas crenças ligadas à proteção, ao apadrinhamento espiritual e à concessão de graças, sistema cultural de ampla vigência no Brasil³⁵⁷.

Em outra passagem, uma avó tenta fazer a neta compreender que o noivo deixado na terra casará com outra e que ela deve aceitar isso como manifestação da inferioridade do homem que não passa de um homem comum, ainda não despertado para as

³⁵⁶ XAVIER. *Nosso Lar*, op. cit., p. 87.

³⁵⁷ LEWGOY. *Os espíritas e as letras*: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista, op. cit., p. 176.

belezas sublimes do amor espiritual³⁵⁸, ou seja, a avó tenta ensinar à neta a virtude cristã da resignação, aqui mais especificamente, a resignação à inferioridade daquele homem que não é capaz de viver sem uma companheira, ou seja, sem relações sexuais. Ela como mulher candidata à condição de mulher cristã, deveria aprender a compreender a inferioridade do noivo.

O narrador coloca na boca de Lísias as seguintes palavras: “As almas femininas não podem permanecer inativas aqui. É preciso aprender a ser mãe, esposa, missionária, irmã”³⁵⁹. Nota-se a semelhança com as idéias de Raimundo Teixeira Mendes, citadas anteriormente. Aí está o resumo da representação espírita cristã da mulher.

Vejamos um exemplo de mulher que não cumpriu tal ideal. Em certo momento, André e Narcisa entram em contato com uma mulher que deseja entrar em Nosso Lar. A entrada da mulher não é permitida, pois possuía o “corpo” recoberto de pontos e manchas negras, correspondentes aos cinquenta e oito abortos realizados pela mulher, que na terra exercia, talvez, a profissão de enfermeira. Esta mulher sofredora é a antítese da mulher ideal, pois se colocou contra uma das primeiras e mais importantes características da mulher cristã, ser mãe.

Em certo trecho da obra “Libertação”, também da série “Nosso Lar”, novamente aparecem referências à pureza e virgindade, que acompanha sempre a figura da “santa mãe”, identificando-a certamente à Virgem Maria:

Cariciosa claridade azul-brilhante banhava o largo recinto, adornado de flores níveas, semelhantes aos lírios que conhecemos na Terra [...]. E logo após a prece, formosa e espontânea, pronunciada pelo responsável mais altamente categorizado na instituição, eis que a tribuna doméstica se ilumina. Esbranquiçada nuvem de substância leitosa-brilhante adensa-se em derredor e, pouco a pouco, desse bloco de neve translúcida, emerge a figura viva e respeitável de veneranda mulher. Indizível serenidade caracteriza-lhe o olhar simpático e o porte de madona antiga, repentinamente trazida à nossa frente. Cumprimenta-nos com um gesto de bênção, como que nos endereçando, a todos, os raios de luz esmeraldina que em forma de auréola lhe exornam a cabeça³⁶⁰.

Esta mulher, espírito superior, apresenta-se para falar com as filhas que esperavam ansiosas com a mãe, diante dos problemas que encontravam para salvar o pai do local de sofrimento que se encontrava após a morte.

³⁵⁸ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p. 107-109.

³⁵⁹ Ibidem, p. 113.

³⁶⁰ XAVIER, Francisco Cândido. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 41.

- Filhas amadas, o Sol combate a treva todos os dias. Batalhemos contra o mal, incessantemente, até a vitória. Não se suponham sozinhas no conflito doloroso. Desculpemos o papai, infinitamente, e colaboremos por restituí-lo à terra firme da luz³⁶¹.

Nesses relatos percebemos a presença de flores semelhantes ao lírio. Essa flor que, no cristianismo é o símbolo do amor puro e virginal, aparece nas representações pictóricas do anjo Gabriel, o anjo da Anunciação. Em conjunto com a brancura do lírio, há a auréola de cor “esmeraldina” que envolve a cabeça dessa mulher. A esmeralda, segundo lendas medievais, teria se originado no inferno e que, por isso, teria a capacidade de superar as forças demoníacas, personificando a “crença e a esperança”³⁶². Enquanto a cor verde é associada à mediação entre o azul do céu e o vermelho do inferno, ao mesmo tempo em que a santa Hildegarda Von Bingen considera que esta cor é remédio contra as fraquezas do homem³⁶³ ..

Os conselhos que esta mulher – aqui equiparada a um anjo – dá às suas filhas correspondem à imagem que o autor do texto dá a ela própria. Ela aconselha as filhas a lutarem contra o mal até a vitória – o verbo utilizado é batalhar – da luz sobre as trevas, quer que lutem contra as fraquezas do pai. Mas, na mesma cena, logo a seguir da partida desse espírito, outra mulher, também superior aos presentes, manifesta-se:

Ainda não voltara a mim mesmo da salutar divagação, quando outro lençol de alva substância, coroada de tons dourados, se fez visível do alto. Em breves instantes, revestida de luz, outra mensageira luzia na tribuna.
 Dos olhos irradiava doce magnetismo santificante.
 Trajava um peplo estruturado em fina gaze azul-radiosa e desceu, erecta e digna, fitando-nos suavemente, à procura de alguém, com interesse particular³⁶⁴.

Aqui, novamente a figura da mulher santa e nobre – ereta e altiva -, vestida de túnica azul e revestida de luz. Lembrando, novamente que o azul é a cor própria da Virgem Maria. Este espírito, por sua vez também estava procurando salvar um homem das regiões das trevas, desta vez o filho, que comandava vasta legião de espíritos que se dedicavam à prática do mal. Assim, vemos repetidas vezes a situação em que o homem aparece como inferior moralmente à mulher, que sacrifica-se para salvá-lo das trevas.

³⁶¹ Ibidem, p. 42.

³⁶² BIEDERMANN, op. cit., p. 140.

³⁶³ Ibidem, p.386.

³⁶⁴ XAVIER. **Libertação**, op. cit., p. 46.

Recordando que a representação da mulher como possuidora de uma tendência maior para o amor é preponderante, vejamos um exemplo retirado do livro “No Mundo Maior”, igualmente da série “Nosso Lar”. André Luiz relata as ações de auxílio a um encarnado que estava sofrendo a perseguição de um espírito desencarnado. Em certo momento, o narrador se espanta diante do silêncio de seu instrutor diante da cena de crueldade que presenciavam: “Porque os não socorrer com palavras de esclarecimento? O doente parecia-me aflito, enquanto o perseguidor se erguia, agora mais agressivo. Porque não sustar o braço cruel que ameaçava o infeliz?”³⁶⁵. O instrutor responde que ambos, ele e André Luiz, apesar possuírem raciocínio algo avançado, não possuíam sentimentos sublimes, pois os conhecimentos auxiliam por fora enquanto o amor socorre por dentro. Daí a necessidade do auxílio de um espírito superior.

Nesse momento, alguém assomou à porta de entrada.
 Oh! Era uma sublime mulher, revelando idade madura; nos olhos esplendia-lhe brilho meigo e enternecedor. Curvei-me, comovido e respeitoso. Calderaro tocou-me o ombro de leve, e murmurou-me ao ouvido:
 - É a irmã Cipriana, a portadora do divino amor fraternal, que ainda não adquirimos³⁶⁶.

Eis aqui novamente a superioridade da mulher frente ao homem, portadora do amor fraternal, capaz de socorrer por dentro, em oposição ao “mero” conhecimento capaz de realizar apenas alterações superficiais. Além da figura da mulher-santa, encontramos igualmente oposição entre a razão e os sentimentos, ou melhor, entre a ciência e a religião, que permeia toda obra de Chico Xavier.

Na revista Reformador, encontramos referência à “santa mãe” - e à esfera celeste -, em um artigo que trata da obra “Nosso Lar”, “Sua santa mãe que o vem visitar algumas vezes, descendo para isso de uma esfera mais elevada, nada lhe revela a respeito de sua viúva e filhos”³⁶⁷. A Federação Espírita Brasileira também externava uma devoção à Virgem Maria³⁶⁸, como podemos perceber no seguinte trecho, retirado do relatório da diretoria do ano de 1943,

³⁶⁵ XAVIER, Francisco Cândido. **No mundo maior**. Rio de Janeiro: FEB, 2002b. p. 64.

³⁶⁶ Ibidem, p. 65.

³⁶⁷ NOSSO Lar. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.62, n.4, p.87, abr. 1944.

³⁶⁸ Vale lembrar que Nossa Senhora torna-se padroeira do Brasil em 1930.

Que a excelsa Virgem de Nazaré, piedosa Mãe dos pecadores, lhes premeie para todo o sempre a bondade que demonstraram para com o mais pecador dos obreiros da oficina de Ismael, derramando-lhes constantemente nas almas os eflúvios do seu amor puríssimo, afim de que em todos eles tenha o seu bem amado Filho servidores cada vez mais valorosos e fiéis³⁶⁹.

Em “Obreiros da Vida Eterna”, outra obra da mesma série, encontramos outro exemplo da representação da mulher-mãe-santa. Novamente é um homem que está nas regiões inferiores, onde sofre o passado culposo. A mãe vem para salvá-lo. Vale a pena seguir o diálogo entre ambos, muito revelador das representações que estamos garimpando.

- Minha mãe, já que tua ternura veio ao meu encontro no círculo das trevas, dize-me: onde está Zenóbia? ter-me-ia abandonado para sempre?
Fundamente surpreendido, notei que a indagação era feita com inflexão dorida de saudade e desencanto.
- Certamente, meu filho – apressou-se Ernestina em responder -, nossa amiga acompanha-te de esfera superior, implorando a Jesus te abençoe os propósitos de redenção³⁷⁰.

A mãe e a mulher amada é que são superiores, tal qual Beatriz de Dante, esperando a redenção do homem. Essa abnegação e o sacrifício da mulher cristã devem ser ensinados, evidentemente, às meninas. Isso fica bastante claro numa passagem do livro “Os Mensageiros”, num capítulo intitulado “Mãe e filhos”. Ela, uma mulher viúva, morava em modesta casa. Segamos André Luiz:

Penetramos o ambiente modesto.
Altamente surpreendido, reparei no interior. A paisagem material mostrava alguns móveis singelos, velhos quadros a óleo nas paredes alvas, velha máquina de costura movimentada por uma jovem aparentando dezesseis anos, um rapazote de doze anos presumíveis, atento a cadernetas de exercício escolar, três crianças de nove, sete e cinco anos aproximadamente e, como figura central do grupo doméstico, uma senhora de quarenta anos, mais ou menos, tricotando uma blusa. Notei, porém, que da frente, do tórax, do olhar e das mãos dessa senhora irradiava-se luz incessante que me não permitia sofrer minhas expressões admirativas³⁷¹.

A figura central é a mãe, viúva que cuida de seus cinco filhos através de seu próprio trabalho, já tendo iniciado sua filha mais velha no ofício da costura. O detalhe do único filho homem que está fazendo tarefa de casa, ou seja, o único que aparece na cena

³⁶⁹ RELATÓRIO. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.8, p.202, ago. 1943.

³⁷⁰ XAVIER, Francisco Cândido. **Obreiros da vida eterna**. Rio de Janeiro: FEB, 1991. p. 112.

³⁷¹ XAVIER, Francisco Cândido. **Os mensageiros**. Rio de Janeiro: FEB, 2002b. p. 181-182.

estudando não é gratuito, como veremos a seguir. A cena é descrita pelo autor quase como uma pintura, feita para representar a família cristã ideal. Mas, continuemos com André Luiz:

Nas primeiras horas da noite, Dona Isabel abandonou a agulha e convidou os filhinhos para o culto doméstico.

Notando o interesse que me despertavam as crianças, Aniceto explicou:

- As meninas são entidades amigas de 'Nosso Lar', que vieram para serviço espiritual e resgate necessário na Terra. O mesmo, porém, não acontece ao pequeno, que procede de região inferior.

De fato, eu identificava perfeitamente a situação. O rapazola não se revestia de substância luminosa e atendia ao convite materno, não como quem se alegra, mas como quem obedece³⁷².

Aqui temos uma família onde temos um único homem, justamente o único que veio de regiões inferiores, incapaz de emitir a luminosidade característica dos espíritos adiantados. Veremos a seguir que ele é único que não compreende as preocupações com o mundo espiritual que sua mãe e suas irmãs possuem e não entende porque devam privar-se de uma vida melhor caso alugassem um salão que a mãe recusa em comercializar. É, na verdade, uma disputa entre o profano (comércio) e o sagrado (culto) pelo espaço terreno. Após o culto doméstico, a família conversa. A filha de sete anos toma a palavra e inicia o diálogo que confirma o que foi dito anteriormente:

- Mamãe, se Jesus é tão bom, porque estamos comendo só uma vez por dia, aqui em casa? Na casa de Dona Fausta, eles fazem duas refeições, almoçam e jantam. Neli me contou que no tempo de papai também fazíamos assim, mas agora... Porque será?³⁷³

Pergunta, aliás, que muita gente gostaria de fazer e à qual a mãe responde que não se deve subordinar todos os pensamentos às necessidades do estômago. Notemos o nome Dona Fausta para designar a mulher que fazia duas refeições: Fausta, que significa próspera e está ligada à idéia de luxo e pompa. Raciocínio completado pelas palavras de outra filha: "Mamãe tem toda razão. Tenho visto muita gente adoecer por abuso da mesa"³⁷⁴. Ou seja, conformar-se com a miséria e a fome porque há os que abusam da comida e sofrem doenças. Mas não só isso há, também, os que estão em situação pior, conforme fica evidente nas palavras de uma das filhas:

³⁷² Ibidem, p. 184.

³⁷³ XAVIER. **Os mensageiros**, op. cit, p. 190.

³⁷⁴ Ibidem.

- Quando a senhora fala, mamãe, eu sinto que tudo é verdade! Como Jesus é bom! E se nós não tivéssemos a senhora? Tenho visto os pequenos mendigos abandonados. Talvez não comam coisa alguma, talvez não tenham amigos como os nossos! Ah! Como devemos ser agradecidos ao Céu!...³⁷⁵

É claro que o único que não concorda com esta lógica é o menino, conforme descreve André Luiz:

Observei, porém, que o menino não compartilhava aquele dilúvio de bênçãos. Entre Dona Isabel e as quatro filhinhas havia permuta constante de vibrações luminosas, como se estivessem identificadas no mesmo ideal e unidas numa só posição; mas o rapazote permanecia espiritualmente distante, fechado num círculo de sombras. De quando em quando sorria irônico, insensível à significação do momento³⁷⁶.

Quando o menino ousa sugerir que a mãe alugue o salão que possuem para melhorar a renda é severamente advertido:

- Você deve saber, meu filho, que enquanto respeitarmos a memória de seu pai, este salão será consagrado às nossas atividades evangélicas. Já lhes contei a história do nosso culto doméstico e não desejo que vocês sejam cegos às bênçãos do Cristo. Mais tarde, Joãozinho, quando você entrar diretamente na luta material, se for agradável ao seu temperamento, construa casas para alugar; mas agora, meu filho, é indispensável que você considere este recanto como algo de sagrado para sua mãe.

- E se eu insistir? – perguntou, mal humorado, o pequeno orgulhoso.

A viúva, muito calma, esclareceu firme:

- Se você insistir, será punido [...] ³⁷⁷.

Aí está o que afirmávamos anteriormente, a luta entre o mundo profano (a luta material, o comércio, o estudo, o interesse em melhorar de vida) e o sagrado (a resignação com o que possui, o agradecimento pelas dificuldades). O espaço público é para o homem e o espaço privado para a mulher.

Encontramos representações semelhantes da mulher em artigos da revista Reformador de 1903, mesmo a muito antes da publicação dos livros de Chico Xavier, como no exemplo a seguir,

³⁷⁵ Ibidem, p. 191.

³⁷⁶ Ibidem, p. 191.

³⁷⁷ Ibidem, p. 192-193.

A mulher, em todas as esferas sociais, deve ser a Arca Santa de todas as doçuras, de todas as ternuras, de todas as abnegações, de todos os sacrifícios, de todos os entusiasmos, porque a mulher vem à terra para redimir-se pela sua ternura, pelo seu sentimento, [...] não é obra do acaso distribuir Deus distintos involucros entre os espíritos, dando ao homem a força hercúlea, com seu olhar de fogo, com sua enérgica vontade, com seu arrojo, o seu valor indômito, a iniciativa, o gênio inventivo, enquanto a mulher se distingue por sua timidez, sua fraqueza, pelo seu medo do desconhecido, por seu entranhado apego ao lar doméstico³⁷⁸.

E o conteúdo permaneceu quase inalterado mesmo cinquenta e quatro anos depois, como podemos notar no artigo do Reformador de 1957,

Tão grande e tão nobre é o papel da mulher no mundo, que ficamos estarecidos ante o espetáculo que presenciamos. A competição estabelecida entre o homem e a mulher, na vida social, tem sido danosa a ambos e notadamente à Humanidade. A mulher cresce na intimidade do lar, mas, na intimidade do mundo, relegando ao abandono seus deveres máximos de mãe, diminui-se progressivamente. Se o lar santifica a mulher, o mundo pode corrompê-la. Se nas tarefas sagradas da família ela se transforma em anjo tutelar, perdida nas confusões do mundo ela pode perder toda a beleza moral decorrente da sua posição em face da Humanidade [...].

Ela deixa o lar entregue a uma preposta, que não pode interessar-se por seus filhos como se interessará a mãe. Procura, então, o ambiente duvidoso e muitas vezes corrompido das 'boites', esquecida de que, no lar, os filhos estão desamparados [...]³⁷⁹.

Não é preciso dizer muito, apenas um outro exemplo, retirado da obra "Nosso Lar", completará este quadro,

[...] É claro que o movimento coevo do feminismo desesperado constitui abominável ação contra as verdadeiras atribuições do espírito feminino. A mulher não pode ir ao duelo com os homens, através dos escritórios e gabinetes, onde se reserva a atividade justa ao espírito masculino. Nossa colônia, porém, ensina que existem nobres serviços de extensão do lar, para as mulheres. A enfermagem, o ensino, a indústria do fio, a informação, os serviços de paciência, representam atividades assaz expressivas. O homem deve aprender a carregar para o ambiente doméstico a riqueza de suas experiências, e a mulher precisa conduzir a doçura do lar para os labores ásperos do homem. Dentro de casa, a inspiração; fora dela, a atividade³⁸⁰.

Está aí um discurso que não seria recusado por qualquer moralista do período estudado e por muitos hoje em dia.

³⁷⁸ SOLER, Amália Domingo. O espiritismo, sua influência sobre a mulher. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.21, n.12, p.184, jun 1903.

³⁷⁹ MARCO, Vinélius. A mulher e o espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.75, n.11, p.27, nov. 1957.

³⁸⁰ XAVIER. **Nosso Lar**, op. cit., p. 113.

5.2 A Recepção do Livro Nosso Lar

Apesar de existirem inúmeras descrições do *além*, anteriores e contemporâneas ao surgimento do Espiritismo, esse tipo de obra não era comum entre os reconhecidamente espíritas no Brasil. Apesar de já existir outra obra de Francisco Cândido Xavier que tocava nesse tema – Cartas de uma morta –, o livro de André Luiz foi recebido como novidade e como um avanço em relação à obra de Kardec. No entanto, não deve ter sido pacífica a aceitação daquelas descrições no meio espírita brasileiro, como veremos.

No Reformador de 1903, há um artigo que trata do tema, o título é “A Vida espiritual” e pretende tratar do tema sobre onde estariam os espíritos. Argumentando que os sentidos humanos são limitados para perceber e compreender mesmo o mundo material microscópico que nos cerca, o autor conclui:

D’ahi ser impossível ao espírito libertado dar a compreender ao homem material a verdadeira situação de que goza no espaço.

O espírito que desincarna não se transporta brusca e repentinamente a outra atmosphaera, nem passa de maneira alguma a um mundo differente do que habitais. Fica n’elle e continua ao vosso lado, unido tão intimamente à vossa atmosphaera como vós mesmos [...]. Ao separar-se da matéria e simultaneamente d’ella despojar-se, o espírito adquire qualidades e faculdades que antes não conhecia, e se envolve com ellas em uma atmosphaera especial, que lhe faz crer ter passado a uma situação inteiramente distincta da anterior.

A mudança não é, pois, de situação e sim de condição³⁸¹.

No artigo anterior percebemos ainda a imprecisão da descrição do *além*. O autor utiliza-se do termo “atmosfera” para definir o lugar onde está e reforça a idéia concluindo que a mudança após a morte é de condição e não de situação, ou seja, de lugar. Em um artigo publicado no Reformador de março de 1942 e assinado por Heitor Luz, há uma crítica à opinião que existam lugares circunscritos no *além*; isso dois anos antes da publicação de “Nosso Lar”.

Salvação somente se poderia aceitar, se o Espírito, no mundo, estivesse adstrito ao esforço por escapar a penas ou condenações futuras, a essas prisões fantásticas a que as religiões dão os nomes de inferno e purgatório.

Como tais prisões não existem, visto que, fora da terra, só há inumeráveis outros orbes e espaço infinito onde todos eles se movem, segue-se que a evolução dos seres se tem de operar ou nos planetas, ou nos espaços que os rodeiam, ou seja: em planos diversos, inferiores e superiores, onde o Espírito labora por adquirir a perfeição que todos se destinam [...].

³⁸¹ VILDO’SOLA, Andrés. Vida espiritual. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.21, n.13, p. 199-201, jul. 1903.

Não há lugares circunscritos, de penas ou de gozos, quais seriam, se reais, o céu, o purgatório e o inferno das religiões dogmáticas. E não há, porque a impureza e impureza dos sentimentos, fatores dos gozos e dos sofrimentos do Espírito, estão no seu íntimo, não no ambiente em que ele vive [...]. Céu, inferno e purgatório são meras invenções dos homens, bem como a salvação unicamente pela fé, sem obras; são criações humanas contrárias ao que se encontra nos Evangelhos³⁸².

Assim, encontramos aqui a conseqüência lógica da laicização do universo, não há lugar para regiões de sofrimento ou gozo. O articulista toma partido da única solução que parece possível, o sofrimento e a felicidade são condições internas e não externas.

Vemos que a idéia do *além*, antes da obra de André Luiz, é bastante vaga, daí não estranharmos que ela tenha sido recebida com certas reservas mesmo pelos que a publicaram, no caso, a Federação Espírita Brasileira. É o que podemos perceber pelos seguintes comentários, publicados no Reformador. O primeiro exemplo demonstra como Chico Xavier vinha conquistando a fama e o respeito que todos conhecemos.

Agora, logo depois de ‘Cartilha da Natureza’, de Casimiro Cunha, que a maioria dos confrades ainda não teve tempo de ler, aparece um novo escritor que se revela grande artista das letras e da doutrina. É um médico e escritor brasileiro que se oculta sob o pseudônimo de André Luiz para nos dar um mimoso livro que se lê de um fôlego, com a respiração suspensa e a alma encantada pela arte, o coração palpitando de emoções variadas³⁸³.

Um pouco mais adiante, o artigo deixa claro como certas expressões utilizadas em “Nosso Lar”, e que depois se tornariam parte do vocabulário comum dos espíritas, era ainda novidade. Esse detalhe é importante, como veremos mais tarde.

Só muito excepcionalmente alguns Espíritos depois de estagiarem em ‘Nosso Lar’ são promovidos a regiões superiores à Terra. Por isso mesmo que é uma instituição estabelecida logo acima dos pesadelos do remorso, da região consciencial a que no livro se dá o nome de Umbral, as condições de vida em ‘Nosso Lar’ têm muitas semelhanças com as da Terra, e seus habitantes conservam muitos hábitos e ilusões do nosso mundo, sentido como nós necessidades de habitações, alimentos, propriedade particular, se bem as necessidades comuns a todos sejam realmente patrimônio de todos³⁸⁴.

Notamos, também, nesse trecho que seu autor chama de ilusões as necessidades dos habitantes de “Nosso Lar”, o que pode corresponder à dificuldade em aceitar aquelas idéias, mesmo tendo aprovado o livro. Mesmo três anos depois de seu lançamento,

³⁸² LUZ, Heitor. Doutrinas. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.60, n.7, p.63, mar. 1942.

³⁸³ NOSSO Lar, op. cit., p. 87.

³⁸⁴ Ibidem, p. 88.

ainda havia dúvidas a seu respeito. Em um artigo sem autoria explícita, responde-se aos que duvidam da existência do chamado “bônus-hora”, uma espécie de moeda existente, segundo André Luiz, na cidade espiritual “Nosso Lar”.

No caso do ‘bônus-hora’, como moeda usada em ‘Nosso Lar’, não sabemos mais que V [...].

Na opinião das pessoas mais eruditas que têm lido, esses livros constituem a coleção de maior valor científico que mundo já recebeu por via mediúnica. Seus ensinamentos científicos estão muito acima não só dos conhecimentos do médium como da maioria dos médicos dos nossos dias e só ao alcance dos Professores mais eminentes [...].

Muito interessante a idéias e muito provável que seja real [o bônus-hora]. Há de tudo nas organizações espirituais até conventos, frades, freiras, fanáticos religiosos³⁸⁵.

Primeiramente o artigo informa que seu autor sabe tanto sobre o bônus-hora quanto qualquer outra pessoa, depois se utiliza do argumento da autoridade para embasar as idéias contidas nos livros de André Luiz. Quando nos diz que as pessoas mais eruditas aprovaram o livro, que espaço deixa para a dúvida? Mesmo assim, o autor não pretende se comprometer de todo, deixando a possibilidade de algumas idéias serem fantasias, efeitos literários para deixar os livros mais agradáveis.

Ao mesmo tempo, um esforço foi feito, através do Reformador, para dar credibilidade às descrições do *além* publicadas pela Federação Espírita Brasileira. O elogio às virtudes dos ensinamentos contidos nos livros da série André Luiz foi uma das estratégias.

‘Nosso Lar’ é uma pérola refulgente. O Espírito que ditou o livro dá-nos todas as provas de estar de posse de grande esclarecimento espiritual. Emmanuel, na apresentação dessa obra, avisa-nos que não nos surpreendamos com as coisas novas que o livro encerra. Não sabemos que mais admirar: se a instrução elevada, se o estilo encantador.

Podemos dizer que ‘Nosso Lar’ representa o início de uma nova era para o Espiritismo. André Luiz foi o escolhido para revelar-nos essas belezas, amparado pela força espiritual desse grande Emmanuel. A obra instrui, prende, encanta, dá que pensar, leva-nos à meditação, faz-nos compreender a importância da hora que vivemos, alerta-nos para o futuro, prepara-nos para a jornada maior, que é a que vem depois da Morte!

‘Nosso Lar’, pérola refulgente!³⁸⁶

Presentes estão nesse trecho, não somente os muitos elogios á obra “Nosso Lar”, mas as representações que caracterizam o discurso religioso. Primeiro, o livro é considerado uma revelação e, portanto, pressupõe a aceitação incondicional do seu conteúdo.

³⁸⁵ RESPOSTA. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.65, n.3, p.12, mar. 1947.

³⁸⁶ CALHAU, Luiz Ferreira. *Nosso lar: livro revelação*. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.58, n.4, p.14, abr. 1945.

Depois, o autor é tido como “o escolhido”, como um mensageiro de seres ainda mais evoluídos. Por fim, o autor utiliza-se de idéias do próprio livro para sustentar sua veracidade, quando diz que no prefácio está escrito que não devemos ficar surpresos com o conteúdo da obra. Outro exemplo, dessa vez a respeito do livro “Missionários da Luz”, complementarà o que temos dito até aqui.

O livro encanta e edifica. É como que a aleluia espiritual dum redivivo, tocado pela bondade divina. Nele encontramos, do princípio ao fim, verdadeiras jóias literárias de mistura com outras jóias, mais brilhantes, por alimentarem não só o intelecto, mas também o espírito, penetrando-lhe os refohos e atingindo o âmago do órgão invisível correspondente ao coração humano³⁸⁷.

A absorção dessa representação do *além*, no entanto, ao que parece, não foi fácil. Mesmo em 1947, três anos após a publicação de “Nosso Lar”, ainda o Reformador publica um artigo cuja conclusão é, “No entanto, não sabemos se é realidade ou fantasia do romancista, só sabemos é que o livro é maravilhoso”³⁸⁸. Outras estratégias eram necessárias. Talvez a mais importante, foi a de encontrar descrições semelhantes, anteriores às de André Luiz. Isso certamente se deu a um princípio proposto por Allan Kardec em suas obras a fim de garantir a verdade do ensinamento dos espíritos. Trata-se do princípio da universalidade do ensino dos espíritos, ou seja, quando uma verdade deve ser revelada aos homens pelos espíritos, segundo Kardec, eles manifestam-se em vários lugares e através de médiuns diversos. Exatamente isso procuraram os editores das obras de Chico Xavier. Em um artigo de 1945, lemos:

O assunto não é novo. Novas são certas particularidades, principalmente as organizações familiar, econômica e de socorro social. Vejamos um pouco de História. A matéria começou a ser tratada, entre outros, por Dante, Swendenborg, Lavater e outros. O segundo desdobrava-se e via por si mesmo e Lavater invocava os Espíritos. Sugeriram, em 1883, os ‘Ensinos Espiritualistas’, mensagens recebidas, na Inglaterra, pelo Reverendo Stainton Moses, de altos Espíritos. O ano de 1913 foi extraordinário para aquele país: surgiram, ali, ditados por desencarnados de luz, alguns deles mestres notáveis, aos médiuns Elsa Barker e ao Reverendo G. Vale Owen, respectivamente, as ‘Cartas de outro mundo’ e ‘A Vida além do Véu’ (além de outras que não nos foi dado ler).³⁸⁹

³⁸⁷ F., A. W. Um novo livro. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.11, p.23, nov. 1945.

³⁸⁸ RESPOSTA, op. cit., p. 12.

³⁸⁹ MENDONÇA, Melchior Carneiro. O Nosso Lar e a lei de evolução. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.2, p.18-19, fev. 1945.

Aqui, além do desejo de encontrar obras similares, aparece igualmente o argumento da autoridade, ao afirmar que os livros citados foram ditados ou revelados por “desencarnados de luz”. No mesmo número da revista Reformador encontramos outro artigo que trata do livro “Nosso Lar”, dessa vez, sem autor. Esse texto faz referência ao livro de Sir Arthur Conan Doyle, “The History of Spiritualism” (em português o livro foi publicado com o título de “História do Espiritismo”). O artigo traz alguns trechos desse livro, mais precisamente, uma comunicação de um espírito que comenta sua vida no além. Há algumas diferenças entre a tradução feita pelo autor do artigo e a realizada pelo tradutor do livro. Aqui transcrevemos conforme consta do artigo³⁹⁰.

- O que fazem vocês?
- Música e crianças, amor e maternidade e muitas coisas mais. Mais, muito mais aqui do que aí na sombria Terra. Nada desarmônico nas pessoas com quem vivemos. Assim, tudo aqui é mais feliz e mais completo.
- Fale-nos de sua residência.
- É um amor! Nunca vi na Terra casa que se possa comparar com ela. Tantas flores! – esplendor de cores em todas as direções e elas têm perfumes tão maravilhosos, cada uma diferente, mas todas formando um conjunto tão delicioso!³⁹¹

Há uma nota e rodapé nesse artigo que confirma nossa hipótese da tentativa de comparar a obra e André Luiz com outras anteriores: “Compare-se essa explicação com as de André Luiz em seus livros. O texto inglês parece uma tradução de certas passagens de ‘Nosso Lar’”³⁹².

O mais longo artigo que trata desse tema foi publicado em vários números da revista Reformador. Com o título de “Viagens no mundo dos espíritos” e assinado por Francisco V. Lorenz, o artigo transcreve e comenta alguns trechos da obra “A Wanderer in the spirit lands”, título traduzido no texto por “Um viajor nos países espirituais”. Trata-se de um livro publicado em 1896, na Inglaterra, e conta a história do espírito Franchezzo Borghese, ditada através do médium A. Farnese.

³⁹⁰ A tradução da edição em português feita por Júlio Abreu Filho é a seguinte: “Que faz você? – Ocupo-me de música, de crianças, amando e cuidando de uma porção de outras coisas. Mais, muito mais do que na velha Terra. Nada aborrece a gente aqui. E isto torna tudo mais feliz e mais completo. – Fale acerca da morada. – É bonita. Nunca vi uma casa da Terra que se comparasse com ela. Tantas flôres! Um mundo de côres em tôdas as direções; e têm perfumes tão maravilhosos, cada qual diferente, mas tão agradáveis!” (DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1926).

³⁹¹ A VIDA no mundo espiritual próximo da terra. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.2, p. 22-23, fev. 1945.

³⁹² Ibidem.

Achava-se ele na terceira zona da primeira esfera, denominada ‘País Sombrio’, para onde vão após a morte do corpo carnal, os Espíritos que não alcançaram um degrau mais alto de desenvolvimento. Todavia, os habitantes desse “País Sombrio” estão num degrau mais elevado do que as ‘almas penadas’ ou ‘presas à Terra’, que se sentem apegadas às suas anteriores moradias terrestres³⁹³.

Podemos perceber a estrutura desse universo proposto tanto em André Luiz quanto em Borghese, um além dividido em “camadas” e estas subdivididas em zonas, como se cascas de cebola envolvessem espiritualmente a terra. Assim como André Luiz, Borghese recebeu tarefas para desempenhar no *além*.

As primeiras tarefas de que os dirigentes da ‘Casa de Boa Esperança’ incumbiram Franchezzo consistiam em velar por certas pessoas encarnadas e defende-las de Espíritos obsessores e ajuda-las a vencerem as tentações. Mais tarde foi encarregado e visitar regiões espirituais, próximas da Crosta terrestre, sombrias ou totalmente escuras, para, na qualidade de emissário da grande Fraternidade dos que Esperam, e provido de pequena luz, em forma de estrela, que era a insígnia dessa Ordem, oferecer auxílio aos Espíritos arrependidos e animados de boas decisões, ou para indicar-lhes como poderiam, por meio de boas obras, melhorar a sua situação, como também endereça-los à Casa de Boa Esperança³⁹⁴.

O *além* descrito na obra de Farnese, possui diversos “países” cada um dedicado a um tipo de falta ou “pecado”. Assim, Borghese conhece um lugar chamado “Trevas do Egoísmo”, onde não existiam sequer árvores ou arbustos e era o local daqueles que tinham sido muito egoístas na Terra. Depois, ele foi ao “País do Desassossego”, local de escassa vegetação e local do egoísmo, descontentamento, cobiça e inveja. A continuação da viagem de Borghese levou-o ao “País dos Avarentos”, onde encontrou espíritos escuros, corcundas e possuidores de dedos parecidos com as garras das aves de rapina. Esses espíritos estavam sempre a catar e guardar tudo que encontravam pelo chão.

O viajante do *além* encontrou, então, o “País Bulhento”, cujos habitantes eram mais depravados que dos países visitados antes. Nesse lugar havia sempre brigas, disputas e lutas e era moradia dos jogadores, dos ébrios, dos charlatães, caloteiros, embusteiros, fraudadores do mundo comercial e ladrões de toda espécie. Em certa oportunidade, Borghese teve de vencer suas tendências inferiores ao retornar à Terra, assim como André Luiz. Borghese encontrou um homem, ainda encarnado, que lhe havia

³⁹³ LORENZ, Francisco V. Viagens no mundo dos espíritos. **Reformador**.. Rio de Janeiro, v.65, n 2/12, p.8, 1947.

³⁹⁴ Ibidem.

prejudicado e, apesar da primeira reação ter sido de vingar-se, o viajante do *além* conseguiu perdoar e superar esse defeito.

Certa vez, Borghese recebeu a missão de ir até o “País de gelo e neve”, onde vivem as almas daqueles que não possuem sentimentos de amor, compaixão e ternura. Ou seja, são espíritos que não têm no coração o calor dos sentimentos. Borghese encontrou ali, por exemplo, um homem que havia sido um inquisidor na cidade de Veneza e que estava preso em uma jaula de gelo. Viu, também Borghese, em outros lugares, cavernas onde permaneciam inconscientes muitos espíritos que haviam aniquilados seus corpos pelo uso da morfina e do ópio.

Depois de desempenhar muitas tarefas, Borghese, em dada ocasião, sentiu uma sonolência e resolveu deitar-se na cama de seu aposento. Durante esse sono, que durou duas semanas, ele perdeu a parte externa do corpo astral.

Quando despertei do referido sono, notei que me achava em região diferente da que até então habitara; mais tarde soube que estava na segunda esfera, no ‘País da Aurora’, banhado de luz crepuscular, bastante agradável. Estava eu deitado numa cama com mole frouxel branco, num aposento onde uma grane janela me permitia olhar a uma notável distância, onde avistava montanhas e colinas. Não havia ali árvores nem arbustos, nem flores, como exceção do joio e outras plantas silvestres. Contudo, mesmo essa vegetação mesquinha fazia efeito animador aos meus olhos, que tanto tempo tiveram de contentar-se com vistas sombrias. Neste ‘País da Aurora’ havia luz, semelhante à luz matinal; um fraco azul-pardo tingia o céu, e brancas nuvenzinhas corriam na atmosfera, semelhantes a pinturas ali colocadas³⁹⁵.

Toda a descrição é bastante simbólica. Desde o nome dos países, cada um dedicado a um tipo de “pecado” até a passagem de Borghese de uma esfera espiritual para outra. Nessa nova esfera, a vegetação já é melhor que a da precedente, ou seja, o ambiente e a condição interior do espírito se equivalem, tal qual em “Nosso Lar”. Para aqueles que são frios, sem sentimentos há o “País do gelo e da neve”, assim como para ele, que começara o despertar espiritual, um “País da Aurora”.

A tentativa de identificar ambas as obras (de Chico Xavier e de Farnese) fica mais clara nos seguintes trechos. Vejamos a tradução que Lorenz faz do texto de Farnese e depois o original. O trecho trata do discurso de um líder espiritual superior feito quando Borghese chega ao “País da Aurora”.

³⁹⁵ FARNESE apud LORENZ, op. cit., p. 19.

Prezados Irmãos, sede bem-vindos, vós que estais reunidos em redor destes peregrinos que devem encontrar, por algum tempo, repouso e paz, amizade e amor em nossa Casa de Boa Esperança, como também vós, nossos irmãos peregrinantes, aos quais queremos homenagear por terdes alcançado vitória no grande combate contra o egoísmo e o pecado! A todos vós saudamos cordialmente e pedimo-vos: Aceitai, como sócios da nossa grande Irmandade, os emblemas de nosso respeito e estima, que honradamente merecestes. Incite-vos o sublime sentimento de felicidade, que agora penetra as vossas almas, a estenderdes, em amor fraternal, as mãos a todos os que sofrem e lutam nas trevas da vida terrena e no Umbral [...]³⁹⁶.

Agora o texto na língua inglesa:

*My Brethren, you who are assembled to welcome these wanderers who are to find for a time rest and peace, sympathy and love, in this our House of Hope, and you our wandering brothers, whom we are all assembled to welcome and to honor as conquerors in the great battle against selfishness and sin, to you we give our heartiest greeting, and bid you accept, as members of our great brotherhood, these tributes of our respect and honor, which we offer and which you have fairly won. And from the increased happiness of your own lives we bid you stretch forth your hands in brotherly love to all the sorrowing ones whom you have left still toiling in the darkness of the earth live and in the spheres of the earth plane, [...]*³⁹⁷.

Notemos que Lorenz traduziu “spheres of the earth plane” como “Umbral”, palavra utilizada por André Luiz para designar a região de sofrimento mais próxima da Terra, segundo o esquema das esferas sobrepostas. O mesmo ocorre pouco mais adiante no artigo de Lorenz.

O caminho que os Espíritos expedicionários seguiam, assemelhava-se a enorme espiral, cuja linha dava voltas e rodeios, em forma de saca-rolhas e funil, em anéis orbicularmente ascendentes e descendentes. Imaginemos um pequeno ponto, de grandeza da cabeça dum alfinete, como eixo numa grande roda; e este ponto nos represente a Terra como o centro dos ditos anéis orbiculares. Um número de tais anéis está acima da Terra, e número igual está abaixo da Terra. Os anéis estão arrançados do mesmo modo e ordem, e enrodilhando-se, começando junto do eixo, como na esfera mais baixa, e sobem, rodeando-o em esferas cada vez mais altas, até que a espiral atinge o nosso Sol central, como que se designa o grau mais alto possível de evolução terrestre. Essa explicação pode dar aos leitores uma idéia a respeito das esferas, a ela pertencentes, e tornará compreensível como os Espíritos expedicionários desceram da segunda esfera à primeira e desta ao Umbral e ao plano espiritual da Crosta terrestre.³⁹⁸

Lorenz fez uma paráfrase do texto original, que transcrevemos a seguir. Além da introdução da palavra “Umbral”, que não existe no original, devemos perceber a

³⁹⁶ FARNESE apud LORENZ, op. cit., p. 8.

³⁹⁷ FARNESE, A. **A wanderer in the spirit lands**. Disponível em <<http://www.angelfire.com/ne/newviews>>. Acesso em: 16 jan 2006.

³⁹⁸ LORENZ, op. cit., p. 9.

representação tipicamente medieval do universo contida nessa descrição. A terra é o centro das esferas e o sol é o mais alto grau de evolução e que corresponde à última esfera. A seguir o trecho em inglês correspondente ao de Lorenz que citamos anteriormente.

I can hardly give you better idea of the course our journey than by asking you to imagine a vast spiral or corkscrew winding upwards and downwards in circling rings. A tiny speck no bigger than a pin's head in the middle of a large cart-wheel might represent the earth in the centre of these circling rings, an equal number of which are above and below the earth, all winding in a connected series from the lowest to the highest around this speck, and head of the spiral pointing towards our central sun- this being regarded as the highest point of the most advanced sphere.

This will give you a faint idea of the earth and its attendant spirit spheres, and help you to understand how in our journey we passed from the second into the lowest sphere, and in doing so passed through the earth plane³⁹⁹.

Em outro trecho, a tradução de Lorenz vai buscar uma expressão criada por Allan Kardec, perispírito. “Notei com surpresa que durante meu descanso, havia-se realizado uma mudança no meu envoltório perispirítico, necessária para adaptação à atmosfera pesada e ao ambiente onde agora me achava”⁴⁰⁰. O texto original é o seguinte: “To my surprise I found that during my rest a change had passed over me, which in a great measure acclimatized me to the atmosphere and surroundings in which I now found myself”⁴⁰¹.

Não se trata, portanto, de simples adaptação de termos para que o texto fique inteligível para os leitores no Brasil, mas a incorporação de palavras que são representações de origem diversa do texto original com a intenção de legitimar os textos atribuídos a André Luiz.

Não tardou para essas obras passassem a ser utilizadas como fundamento na defesa das idéias veiculadas no Reformador e que expressam a opinião de uma grande parcela dos espíritas.

Vejamos um caso ilustrativo. No Reformador de maio de 1945, foi publicado um artigo intitulado “Lar Cristão” e assinado por Luiz de Almeida. Nesse texto o autor defende a família como uma das “instituições divinas outorgadas ao homem para lhe facilitar a tarefa da evolução” e que “é preciso reconhecer a priori que toda união matrimonial na Terra é determinada no espaço”, portanto:

³⁹⁹ FARNESE, op. cit.

⁴⁰⁰ FARNESE apud LORENZ, op. cit., p. 15.

⁴⁰¹ FARNESE, op. cit.

O lar e instituição que não se fixa apenas no plano da Crosta, mas perdura nos espaços infinitos, embora com outras características. A lição que nos apresenta André Luiz, em suas duas novelas psicografadas, poderá convencer os mais cépticos sobre a função divina da família, no plano da evolução humana⁴⁰².

As representações contidas nos livros de André Luiz são utilizadas aqui explicitamente como fonte de autoridade para defender a idéia do autor do artigo. Toma-se como verdade *a priori* os ensinamentos psicografados por Chico Xavier. A forma como se deveria aceitar as representações de André Luiz sobre o *além* ficam muito claras no logo artigo de João Teixeira de Paula, publicado no Reformador de 1954. Ele inicia, “A questão das Esferas Espirituais é muito interessante e merece ser tratada com especial atenção, já que um dia teremos que dar por lá com os costados... da alma”.⁴⁰³ O autor parte da aceitação da existência das esferas espirituais e já nos alerta para nosso destino. Segue uma longa relação de obras que serviriam de antecedentes a André Luiz e que confirmariam as descrições por ele feita. A última é bastante esclarecedora, “Fechamos estas citações com a declaração do apóstolo Paulo de ter ido ao ‘terceiro céu’, onde viu e ouviu coisas que não podia revelar à gente de antanho”⁴⁰⁴, ou seja, a mesma fundamentação já muito utilizada para defender as esferas celestes cristãs. Em certo momento do texto ele nos informa, “Fazemos aqui, aproveitando a oportunidade, a nossa profissão de fé: aceitamos piamente tudo quanto escreve André Luiz”.⁴⁰⁵ Piamente é como quer convencer o leitor da verdade de André Luiz. Aos que duvidam ele já responde como discípulo de uma nova revelação colocado sob a necessária prova dos que buscam a salvação,

E se nos lançarem ao rosto a pecha de pessoa de fácil acreditação, curvaremos a cabeça em sinal de assentimento, e responderemos aos argüidores apenas com as palavras de Allan Kardec: ‘Riam quanto queiram os incrédulos’.

Nós não riremos. Continuaremos a devorar André Luiz e procuraremos pôr em prática as sublimes lições que se espraíam profusamente nas páginas, exornadas de sabedoria e divindade, de suas obras⁴⁰⁶.

Apesar disso, isto é, da aceitação crescente das obras do espírito André Luiz, ainda verificou-se a dúvida a respeito de seu conteúdo durante muito tempo. Em julho

⁴⁰² ALMEIDA, Luiz. Lar cristão. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.53, n.5, p.6-7, maio 1945.

⁴⁰³ PAULA, João Teixeira. Colônia espiritual “Nosso Lar”. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.72, n.7 jul. 1954. p.159

⁴⁰⁴ Ibidem.

⁴⁰⁵ Ibidem.

⁴⁰⁶ Ibidem.

de 1955, foi publicado um novo artigo que defende as descrições do além reveladas por Chico Xavier.

Apesar de toda prudência, sempre justificável, exageram os espíritas que pretendem ver na obra de André Luiz, recebida pela extraordinária mediunidade de Francisco Cândido Xavier, uma fantasia que deve ser posta de ‘quarentena’, porque acham as histórias ‘muito terrenas’.

Tenho por mim que as restrições que se fazem à obra de André Luiz partem de elementos que possuem incompleto conhecimento do Espiritismo ou de certos metapsiquistas que entendem que as conclusões que podemos tirar das informações que nos chegam do que se convencionou chamar o Além, a respeito da vida futura, - ‘não valem – como dizia Du Prel – mais do que as dum peixe dotado de inteligência, que julgasse da natureza do homem terrestre pela conduta dum mergulhador a trabalhar no fundo do oceano’⁴⁰⁷.

Novamente são utilizados autores estrangeiros para garantir a veracidade das obras do médium mineiro, além de tentar desqualificar qualquer opinião contrária afirmando que aqueles que duvidam “possuem incompleto conhecimento do Espiritismo” ou estão decepcionados por “verificar que o Além não é a espécie de ‘Campos Elísios’, que imaginavam”⁴⁰⁸, ou seja, quem duvida das descrições do *além* seria ignorante ou desiludido.

⁴⁰⁷ FREITAS, Wandyck. André Luiz e suas histórias muito terrenas. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.72, n.7, p.17, jul. 1955.

⁴⁰⁸ Ibidem.

6 NOSSO LAR COMO UTOPIA

A palavra utopia foi criada por Thomas Morus para indicar uma ilha imaginária, um bom lugar, mas que não está em lugar algum e representava um sonho, um desejo, uma esperança de um mundo melhor. Com o tempo, o termo estendeu-se para além da ilha de Morus e passou a designar outras construções semelhantes anteriores ou posteriores⁴⁰⁹. Para Abbagnano, “a Utopia representa uma correção ou uma integração ideal de uma situação política ou social ou religiosa existente”⁴¹⁰. E por isso representa uma contradição com as condições objetivas de existência, mas à qual procura transcender, procurando propor diferentes estruturas sociais e materiais de existência⁴¹¹, seja como forma de evasão da realidade, seja como proposta de mudança⁴¹².

Até a modernidade, a idéia corrente era de que a humanidade em seu início vivia uma existência feliz e tranqüila, mas esse estado, infelizmente, modificou-se para pior. Daí uma nostalgia do paraíso perdido que se encontra muitos povos, como a narrativa bíblica do jardim do éden⁴¹³. Na passagem para o mundo moderno, houve mudança, o paraíso poderia estar no futuro, uma perspectiva que foi alimentada pela noção de progresso que fixou-se a partir do Iluminismo.

Essa idéia de progresso invadiu o pensamento ocidental a partir, como dissemos, dos filósofos iluministas e por conseqüência, a esperança de se alcançar uma sociedade mais feliz, a utopia, tornou-se uma das forças motoras da nossa civilização. As utopias, então, ganharam uma dimensão temporal, uma promessa de futuro que poderiam ser chamadas de “ucronias”⁴¹⁴. Essa esperança era expressa, no século XIX, tanto em sua versão

⁴⁰⁹ ABBAGNANO, op. cit., p. 949.

⁴¹⁰ Ibidem.

⁴¹¹ LOPES, Marcos Antônio. Uma história da idéia de utopia: o real e o imaginário no pensamento político de Thomas Morus. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 40, p. 146, 2004. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2740/2277>>. Acesso em: 2 jan. 2007.

⁴¹² FRANCO JUNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 11.

⁴¹³ Heinrich Krauss afirma que a palavra paraíso tornou-se para nós apenas uma metáfora e que, “O jardim do Éden desapareceu para sempre e não está mais disponível para nenhum geógrafo, antropólogo ou botânica. As notícias do Campo dos Bem-aventurados são vagas e contraditórias, uma vez que nenhum mortal voltou de lá para informar sobre sua topografia mais exata”. (KRAUSS, op. cit., p. 17). Certamente os espíritas brasileiros não concordariam com essa afirmação. Para eles, as narrativas de André Luis são explicações bem exatas da topografia do *além*.

⁴¹⁴ “Muitas vezes, as utopias nada mais são do que verdades prematuras”, definia Lamartine, reiterando outra definição de um seu contemporâneo confrade, Victor Hugo, quando este afirmava que ‘a utopia é a verdade do amanhã’. (SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 59).

religiosa como laica, mas que tinham em comum a construção de um “futuro radioso”⁴¹⁵ nesse mundo mesmo. Muitas vezes esse desejo de um mundo melhor foi traduzido por meio de utopias. As utopias modernas e contemporâneas, geralmente, fazem nascer a felicidade do indivíduo ser consequência do estabelecimento de um “Estado Feliz”.

Na primeira metade do século XIX, podemos encontrar a idéia de progresso integrada ao cristianismo. Nessa perspectiva, o cristianismo garantiria os elementos que possibilitariam a materialização da Nova Jerusalém aqui na Terra⁴¹⁶. Não faltaram os que viam no século XIX a aproximação de um novo mundo, de um “terceiro mundo”⁴¹⁷, numa reinterpretação do apocalipse.

6.1 A Sociedade Melhor em Allan Kardec

Vemos que Allan Kardec repete a mesma e antiga, estrutura ternária da história ao afirmar que o Espiritismo é a terceira revelação. A primeira teria sido realizada por Moises, a segunda por Jesus e a terceira pelo próprio Espiritismo.

Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

- Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas [...].
- O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, de que Moisés não falara, [...] ⁴¹⁸.

A não ser pela compreensível valorização de sua doutrina, essa construção não é original. George Sand⁴¹⁹ escreveu entre 1837 e 1838 o romance *Spiridion*, onde anuncia uma religião da humanidade que sucederá ao cristianismo. Segundo ele, a religião se desenvolvera através de três épocas – como são três as pessoas da trindade -, a primeira seria o reinado do Pai e corresponderia ao período da lei mosaica; a segunda, o reinado do Filho

⁴¹⁵ DELUMEAU. *O Que sobrou do paraíso?*, op.cit., p. 285.

⁴¹⁶ Ibidem, p. 287.

⁴¹⁷ Ibidem, p. 294.

⁴¹⁸ KARDEC. *A Gênese*, op. cit., p. 24.

⁴¹⁹ George Sand é pseudônimo de Amandine-Aurore-Lucile Dupin (1804-1876), escritora francesa bastante polêmica em sua época, defendia um socialismo místico.

que era a própria religião cristã; a terceira época, o reinado do Espírito Santo, seria caracterizada pela desnecessidade dos sacramentos, pois a nova religião se despojará das formas do cristianismo, cultuando a Deus apenas espiritualmente.

Nous déroulâmes le second manuscrit. Il n'était ni moins précieux ni moins curieux que le premier. C'était ce livre perdu durant des siècles, inconnu aux générations qui nous séparent de son apparition dans le monde; ce livre poursuivi par l'Université de Paris, toléré d'abord et puis condamné, et livré aux flammes par le saint-siège en 1260: c'était la fameuse *Introduction à l'Évangile éternel*, écrite de la propre main de l'auteur, le célèbre Jean de Parme, général des Franciscains et disciple de Joachim de Flore. En voyant sous nos yeux ce monument de l'hérésie, nous fûmes saisis, Alexis et moi, d'un frisson involontaire. Cet exemplaire, probablement unique dans le monde, était dans nos mains; et par lui qu'allions-nous apprendre? avec quel étonnement nous en lûmes le sommaire, écrit à la première page:

«La religion a trois époques comme le règne des trois personnes de la Trinité. Le règne du Père a duré pendant la loi mosaïque. Le règne du Fils, c'est-à-dire la religion chrétienne, ne doit pas durer toujours. Les cérémonies et les sacrements dans lesquels cette religion s'enveloppe, ne doivent pas être éternels. Il doit venir un temps où ces mystères cesseront, et alors doit commencer la religion du Saint-Esprit, dans laquelle les hommes n'auront plus besoin de sacrements, et rendront à l'Être suprême un culte purement spirituel. Le règne du Saint-Esprit a été prédit par saint Jean, et c'est ce règne qui va succéder à la religion chrétienne, comme la religion chrétienne a succédé à la loi mosaïque.» [...]. Hommes de l'avenir, c'est à vous qu'il est réservé de réaliser cette prophétie, si Dieu est en vous. Ce sera l'oeuvre d'une nouvelle révélation, d'une nouvelle religion, d'une nouvelle société, d'une nouvelle humanité. Cette religion n'abjurera pas l'esprit du Christianisme, mais elle en dépouillera les formes. Elle sera au Christianisme ce que la fille est à la mère, lorsque l'une penche vers la tombe et que l'autre est en plein dans la vie. Cette religion, fille de l'Évangile, ne reniera point sa mère, mais elle continuera son oeuvre; et ce que sa mère n'aura pas compris, elle l'expliquera; ce que sa mère n'aura pas osé, elle l'osera; ce que sa mère n'aura fait qu'entreprendre, elle l'achèvera. Ceci est la véritable prophétie qui est apparue sous un voile de deuil au grand Bossuet, à son heure dernière. Trinité divine, reçois et reprends l'être de celui que tu as éclairé de ta lumière, embrasé de ton amour, et créé de la substance même, ton serviteur *Spiridion*»⁴²⁰.

Allan Kardec, assim como George Sand, afirma a emergência de um novo tempo, o tempo do Espírito Santo. Kardec, evidentemente, interpreta a passagem de João (14:15-17;26) de maneira que o consolador prometido por Jesus é o próprio Espiritismo, “Assim realiza o Espiritismo o que Jesus disse do Consolador Prometido: o conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e por que está na Terra [...]”⁴²¹.

⁴²⁰ SAND, George. **Spiridion**. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/15239/15239-h/15239-h.htm>>. Acesso em: 24 dez. 2006.

⁴²¹ KARDEC. **O Evangelho segundo o espiritismo**, op. cit., p. 93.

Não faltaram, também, os que procuravam ver um novo tempo como fruto necessário de um progresso mais laico, como Felicite de Lamennais⁴²² que, afastando-se da Igreja Católica, aproximou sua filosofia a uma fé no progresso.

O que separava oscila e desaba; as próprias distâncias se apagam. Entrevê-se ao longe a época feliz em que o mundo formará uma mesma cidade regida pela mesma lei, a lei de justiça, de igualdade, e de fraternidade, a religião futura da raça humana inteira, que saudará em Cristo seu legislador supremo e derradeiro⁴²³.

Não há nas obras de Allan Kardec um texto que descreva ou narre uma sociedade utópica. Mas ele deixou várias indicações de que acreditava num mundo melhor aqui na Terra, defendia o progresso e a regeneração da sociedade. Em sua primeira obra espírita, “O Livro dos Espíritos” a terceira parte chamada “das leis morais”, trata quase inteiramente de questões relativas à vida na Terra. No capítulo “da lei do trabalho”, preocupou-se com a questão do limite do trabalho e dos abusos da autoridade; no capítulo seguinte o tema é a reprodução, o casamento, o divórcio; mais adiante trata do acúmulo de riqueza e das guerras; o oitavo capítulo é dedicado justamente ao tema do progresso, “o estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral”⁴²⁴.

O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinal durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações⁴²⁵.

Em “A Gênese”, Allan Kardec colocou um último capítulo intitulado “são chegados os tempos”. Nesse texto ele trata de alguma forma dos acontecimentos futuros, “são chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da Humanidade”⁴²⁶. Essa ideia de que algo importante para a humanidade estava acontecendo naquele período corresponde à sensação coletiva das mudanças que aconteciam em um ritmo mais acelerado no século XIX do que nas

⁴²² Felicite de Lamennais (1782-1854), aparece como um dos espíritos que teriam auxiliado Allan Kardec.

⁴²³ LAMENNAIS apud DELUMEAU. **Mil anos de felicidade**, op.cit., p. 309.

⁴²⁴ KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1986. p. 362.

⁴²⁵ Ibidem, p. 365.

⁴²⁶ KARDEC. **A Gênese**, op. cit., p. 401.

épocas anteriores e que produzia um sentimento de que as “forças da história” eram impostas ao homem. No dizer de Saliba,

A idéia de que a história era dirigida por uma espécie de sabedoria oculta, que se utilizava das paixões humanas individuais para traçar destinos coletivos dos povos e das nações, transformou-se em crença quase geral [...]. Não mais a civilização produzia história, mas tudo aparentava o contrário: era a história que produzia, ela mesma, de forma nem sempre clara, nem sempre traduzível em termos do presente, uma civilização e uma cultura⁴²⁷.

Essa “sabedoria oculta” era para Allan Kardec a própria providência divina, que garantiria, através de complexo mecanismo histórico-reencarnatório, a implantação de um mundo melhor aqui na Terra.

A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de idéias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas⁴²⁸.

Mais adiante, o texto expressa bem a relação imaginada por Kardec entre o mundo terrestre o mundo dos espíritos, ou o *além*. Aqui, o *além* é apresentado como em constante contato com o mundo material ao ponto de as transformações que ocorrem em nosso mundo causarem mudanças no *além*. Esse mundo dos espíritos, portanto não é apresentado como modelo para a sociedade terrestre, um lugar com organização diferenciada da dos “encarnados”.

Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados.. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para que sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, se exacerbam, como entre vós. Indizível efervescência entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem a vosso mundo e que aguardam o momento de a ele volver⁴²⁹.

⁴²⁷ SALIBA, op. cit., p. 57-58.

⁴²⁸ Ibidem, p.404.

⁴²⁹ Ibidem, p. 408.

Alguns dos seus escritos de Allan Kardec foram publicados em 1890 em um livro chamado *Obras póstumas*. Esse livro é composto de diversos textos diferentes divididos em duas partes. A primeira parte contém textos doutrinários e a segunda relatos de fatos da vida pessoal de Kardec, além de alguns documentos de conteúdo administrativo.

Em um dos textos, contido na primeira parte do livro, chamado “As Aristocracias”, Kardec pretende fazer um retrospecto histórico com o objetivo de poder deduzir o futuro da humanidade, que, como vimos, estaria sendo gestado tanto no mundo material como no espiritual. Kardec procura, portanto, alguma lei ou fio condutor que permita ao homem prever como será a sociedade no futuro. Tal busca por uma *lei social* refletia o cientificismo dominante no século XIX, que pretendia transformar tudo o que fosse possível em ciência, aplicando ao mundo da ação, os princípios da ciência. O autor faz então uma opção; escolhe o poder como objeto de análise da história, argumentado que todos os povos têm, tiveram e portanto terão sempre chefes, pois houve sempre homens incapazes e que precisaram ser governados.

Kardec, ao utilizar a palavra aristocracia no sentido de “poder dos melhores”, deixa claro, ao longo do texto, que esses *melhores* são assim considerados como os melhores para uma *determinada* época. Isso nos parece a expressão de um certo relativismo histórico, mas mesmo assim não conseguiu eliminar a perspectiva teleológica presente na obra de Allan Kardec, que sempre pretende conciliar a religião e a ciência⁴³⁰, nesse caso a Providência Divina e progresso (e/ou evolução).

Segundo ele, no início os homens eram governados pelos mais velhos, o que caracterizava uma aristocracia patriarcal. As novas necessidades surgidas com o crescimento populacional criaram conflitos e, por consequência, o poder passou aos que eram capazes de defender a comunidade, os mais fortes. Esses, não querendo perder o que haviam conseguido, passaram o poder aos seus filhos. O restante da população, os fracos, nada puderam fazer e acostumou-se a obedecer. Assim, a aristocracia da força transformou-se em aristocracia do nascimento. Allan Kardec nos dá um exemplo que como isso ocorreu e como pode ser superada.

⁴³⁰ Como fica evidente em, “A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra”. (KARDEC. **O Evangelho segundo o espiritismo**, op. cit., p. 30-31).

Os franceses de hoje são, pois, os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os exatores e as vítimas do feudalismo; os que submeteram outros povos e os que trabalharam pela emancipação deles, que se encontram na França transformada, onde uns expiam, na humilhação, o seu orgulho de raça e onde outros gozam o fruto de seus labores. Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas, dessas convulsões sociais uma melhora sempre resulta; os Espíritos se esclarecem pela experiência; o infortúnio é o estimulante que os impele a procurar um remédio para o mal; na erraticidade, refletem, tomam novas resoluções e, quando voltam, fazem coisa melhor. É assim que, de geração em geração, o progresso se efetua [...]. As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações e esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de consegui-lo. Por isso é que se movimentam, agitam,. Tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem, de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa [...]⁴³¹.

Allan Kardec afirma que a classe dominada produziu os meios de superar a dominação através do trabalho. Mas, por “classe dominada”, Kardec nos parece estar se referindo muito mais à burguesia do que ao proletariado, quando elenca as necessidades dos dominados: novos recursos, lutar contra concorrência, procurar novos mercados. Continua ele, a busca de soluções para esses problemas desenvolveu inteligência dessa classe, que esclarecida proclamou a igualdade perante a lei. É evidente que Kardec faz referência à Revolução Francesa.

Uma nova aristocracia surgiu, a do dinheiro, a qual dispõe dos homens e das coisas. Todos passaram a se inclinar frente ao dinheiro como faziam diante dos brasões. Prossegue dizendo que essa nova aristocracia do dinheiro precisa da inteligência para acumular riqueza; sem ela facilmente todo esforço perdido. Ainda segundo Allan Kardec, a inteligência, sendo comum aos pobres e aos ricos, permitiria a alguns elementos das classes baixas chegarem às mais altas posições sociais.

A inteligência, no entanto, pode fazer o mal. Isso levou Allan Kardec a imaginar a necessidade de uma nova forma de aristocracia, a intelecto-moral. No futuro, a massa se entregará a essa aristocracia, reconhecendo nela luzes e justiça. Se antecipando às

⁴³¹ KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 1987. p. 218-219.

críticas, Kardec exemplifica que os costumes de sua época eram melhores que os da Idade Média, assim como os costumes e leis dos europeus eram melhores que os de povos primitivos. Assim, Kardec considera o progresso como princípio evidente, uma lei natural. Afirma que duvidar da melhora da humanidade seria o mesmo que duvidar do progresso. O progresso é incontestável, tanto moralmente (pela melhoria dos costumes) como materialmente (pelo avanço da ciência). O que, seria garantido, em última instância pela própria Providência Divina.

Kardec, neste texto, apresenta vários dos elementos que compunham o *espírito* do século XIX. Primeiro, uma crença fundamental no *progresso*, do qual ninguém duvidava, era a única *lei* em que os historiadores científicos estavam de acordo. Segundo, o *Evolucionismo*, pois a sociedade não apenas mudava, mas mudava para melhor, acreditava-se que a história evoluía em direção a alguma espécie de paraíso terreno. Terceiro, o *etnocentrismo* que consistia em ver no europeu o máximo da evolução até o momento, superioridade física, moral e social.

A visão da história que Allan Kardec nos apresenta neste texto não difere muito da que era dominante na época. Porém, talvez, possamos destacar três elementos como característicos: a referência que ele faz à ação da providência divina atuando no processo histórico, sua idéia de aristocracia intelecto-moral e, evidentemente, a importância que dá ao Espiritismo como fator de aceleração do progresso.

Desta forma, podemos perceber que o Espiritismo não era nenhum retrocesso místico em meio a um século de racionalismo. Ele estava muito bem localizado, utilizando estruturas e conceitos próprios da sua época, como as idéias de progresso e evolução.

6.2 Nosso Lar Versus Rio de Janeiro: Ideal Versus Real

As grandes cidades contemporâneas apresentam as características que nos permitem compreender com clareza a condição de “Nosso Lar” como cidade ideal⁴³². Grandes condomínios fechados, protegidos pelo que de mais moderno há em matéria de segurança,

⁴³² Considerando que a cidade “Nosso Lar” encontra-se no “plano espiritual”, podemos concordar com Lewgoy, “A categoria “plano espiritual” é fundamental no espiritismo de Chico Xavier. Trata-se de um termo polissêmico, que designa o lugar onde habitam os espíritos e um conjunto de valores que orientam as suas ações, simultaneamente um parâmetro de seu *ethos* e, por outro lado, significando um “projeto para o mundo”. (LEWGOY. *O Espírito e as letras*, op. cit., p. 214).

forneem um pedaço do paraíso perdido aos que podem pagar. A muralha, nesse caso os muros, com cercas elétricas e câmaras de vídeo separam o caos da vida urbana, fornecem um espaço harmonioso, limpo e bonito. Do lado de fora, o trânsito incontrolável, a violência provável a cada semáforo e o máximo da degradação da vida urbana: a favela, a representação viva da falta de racionalidade (ou seu excesso), o oposto do condomínio de luxo. A cidade real é, assim, recheada de contradição.

Tradicionalmente ela é o espaço da natureza domada, o espaço conformado segundo um sentido. A cidade representa o arte-fato (feito com arte), que se opõe ao mundo natural, perigoso, incontrolado. Isto porque o seu interior é fruto da técnica que imprime no espaço natural as marcas dos seres humanos. Mas, por ser obra do homem, a cidade sempre foi encarada também como manifestação divina. Se somos imagem e semelhança dos deuses, então a cidade humana é imagem e semelhança da cidade celeste.

A idéia de cidade ideal está profundamente arraigada em todos os períodos históricos, sendo inerente ao caráter sacro anexo à instituição e confirmado pela contraposição recorrente entre cidade metafísica ou celeste e cidade terrena ou humana⁴³³.

Essa idéia da cidade ideal engendra, necessariamente, outra: de que a cidade é a representação de valores. Portanto, sua estrutura e funcionamento correspondem a um modelo metafísico ou divino⁴³⁴.

A cidade espiritual “Nosso Lar” desempenha as funções fundamentais de uma cidade. Lewis Mumford, em seu livro “A Cidade na história”, buscou na provável origem das cidades, descobrindo quais eram essas funções que deram nascimento às cidades.

Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais⁴³⁵.

O título de seu primeiro capítulo já é revelador: “santuário, aldeia e fortaleza”.. A cidade, inferimos, possui uma função sagrada e por isso a fundação de uma

⁴³³ ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.73-74.

⁴³⁴ Ibidem, p. 74.

⁴³⁵ MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 11.

cidade reveste-se, geralmente, de importância religiosa. A existência, ainda hoje, de templos religiosos no centro das cidades desde sua fundação demonstra quanto essa função ainda persiste. A função de aldeia diz respeito à vida social que se estabelece na cidade, à divisão do trabalho e diferente distribuição do produto social do trabalho. A última função, a fortaleza, tinha uma importância muito grande enquanto não existiam as formas de destruição em massa; mesmo assim buscamos dentro de nossos muros, cercas elétricas e cães, a segurança perdida nas grandes cidades contemporâneas. E nos faz sonhar com o paraíso perdido do sossego e da segurança: é justamente isso que as empresas do ramo imobiliário querem nos vender quando nos mostram seus projetos de condomínios: lagos, grama verde, jardins, crianças brincando, céu azul e, implicitamente estão nos dizendo: os bandidos, os problemas urbanos ficarão fora das muralhas.

A cidade espiritual exerce, também, essas funções. Evidentemente, uma cidade espiritual é antes de tudo um santuário, por isso insistimos na representação do paraíso e/ou jardim do éden contida na imagem de “Nosso Lar”.. Todas as atividades da cidade parecem estar voltadas para a relação com Deus. As preces diárias, as expedições de socorro aos locais de sofrimento para resgate dos espíritos sofredores, a existência de um ministério da união divina, além de todas as representações que remetem a outras construções do além-túmulo.

A função de aldeia manifesta-se na existência de organização administrativa, na forma de governo, na estrutura das famílias, nos espaços dedicados ao lazer e ao estudo e, até, nos processos de comunicação e transporte.

A função fortaleza aparece na própria muralha que cerca a cidade, nos canhões de dardos magnéticos, na existência de calabouço para os que sofreram pena e na direção firme do governador da cidade, na existência de vigilância e na própria condição mental dos habitantes que impedem a ação das forças do mal entrarem na cidade.

“Nosso Lar” é antes de tudo o ideal do planejamento urbano espiritualizado. Tudo é ordem, previdência, limpeza e sossego. Transporte coletivo eficiente e mesmo o tráfego de pessoas é tranqüilo. Não há sujeira, nem epidemias, e não há miséria. Os hospitais recebem os recém chegados da terra ou do umbral e somente depois são alocados em algum lugar na cidade. É o sonho da higienização urbana, modernista, do século passado. Como acredita-se que “Nosso Lar” esteja localizada no espaço espiritual acima do Rio de Janeiro, ela é o modelo divino, a utopia que o homem deve construir na terra, mas também o objetivo

a ser perseguido no *além*. Por isso, Nosso Lar participa da dupla característica de “Jerusalém Celeste”, a cidade espiritual que deve se materializar na Terra.

O nome André Luiz é um pseudônimo, como já dissemos, e poucas pistas ele nos dá de sua identidade real quando encarnado. Mas, não faltaram especulações entre os espíritas para tentar adivinhar quem teria sido realmente André Luiz. Muitos acreditam que ele seja o médico Oswaldo Cruz⁴³⁶. Sobre essa assimilação Lewgoy comenta:

Reza a tradição oral espírita que, em encarnação anterior, André Luiz foi Oswaldo Cruz, médico sanitaria heróico de fortes ideais republicanos. E, anteriormente a Oswaldo Cruz, teria sido Estácio de Sá, Capitão-mor e fundador do Rio de Janeiro, onde situava-se a capital federal e a sede da Federação Espírita Brasileira. Como Emmanuel, André Luiz também constrói a sua identidade pelo recolhimento de traços metonimicamente disseminados em encarnações anteriores, no caso juntando heróis nacionais. Ou seja, também aqui o sincrônico veste máscaras diacrônicas: Mem de Sá (sic), pela bravura e espírito pioneiro, que combina a raiz portuguesa com a origem da nacionalidade brasileira, e Oswaldo Cruz, pelo espírito público e pela fusão do ideal médico com o científico; todas essas características somam-se no personagem e autor André Luiz, o mais ‘científico’, ‘jornalístico’ e ‘sociológico’ dos espíritos que ditam mensagens a Chico Xavier⁴³⁷.

O nome de Oswaldo Cruz⁴³⁸ está intimamente ligado à urbanização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, bem como ao episódio da revolta da Vacina. A industrialização do Brasil que ganhava ritmo nas décadas de 30 e 40, aliada às mudanças urbanas daquele período, pode explicar o contexto social onde a cidade ideal “Nosso Lar” faça sentido.

O capitalismo assumiu proporções mundiais no final do século XIX e início do século passado. A América Latina não ficou fora desse processo, onde muito capital era investido em empresas privadas, nacionais e estrangeiras ou eram emprestados diretamente

⁴³⁶ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Sob o olhar da razão**: as religiões não-católicas e as ciências humanas no Brasil, 1900-2000. 2001. p. 69. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁴³⁷ LEWGOY. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista, op. cit., p. 216. Apenas gostaríamos de enfatizar que a imagem de científico e jornalístico de André Luiz deve ser percebida pela análise da simbologia presente em suas obras, conforme já destacamos em capítulo anterior

⁴³⁸ No Rio de Janeiro houve uma famosa renovação do centro da cidade durante o governo do engenheiro Pereira Passos, conhecido como o Haussmann tropical, entre os anos 1902 e 1906. Essa renovação veio acompanhada pelo trabalho de saneamento liberado pelo médico Oswaldo Cruz. (OUTTES, Joel; MIURA, Irene Kazumi. *Disciplinar a la sociedad por médio de la ciudad: la génesis del urbanismo em Brasil y Argentina (1894-1945)*. **Secuencia**: Revista de Historia y Ciencias Sociales, Ciudad de Mexico, v.57, p. 131, sep./dic. 2003).

aos governos locais. Investimentos aplicados na modernização que se inspirava na Europa⁴³⁹. Dentre as muitas mudanças que esse “espírito modernista” engendrou está o processo de urbanização que ocorreu no início do século XX.

Desde el siglo XIX, las ciudades de América del Sur experimentaron un enorme crecimiento demográfico. Rio de Janeiro duplicó su población en 16 años, com un crecimiento de más de un cuarto de millón de habitantes entre 1890 y 1906 [...]. Rio sufrió un crecimiento poblacional de 65% entre 1920 y 1928, incorporando más de três cuartos de millón de individuos en su espacio. Esto significó que en solo ocho años absorbió un número de habitantes casi equivalentes a la población de la segunda ciudad de Brasil más grande de esse tiempo, São Paulo, ella misma ya no una ciudad pequena, com una población de más de 800 000⁴⁴⁰..

As conseqüências disso, no entanto, vão muito mais longe do que simplesmente a abertura de avenidas e construção de esgotos, “manifesta-se nas adaptações, resistências e contradições vividas pela sociedade do período”⁴⁴¹. Sem dúvida que a parte mais visível dessas transformações é a remodelação das construções e dos espaços das cidades, que passaram a desejar serem as portadoras da modernidade.

Dois fatores, segundo Rocha⁴⁴², desempenharam papel fundamental na urbanização do período, o aumento do fluxo de capitais para a América Latina e o crescimento dos imigrantes. No Brasil, os maiores crescimentos foram em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Essa urbanização, no entanto, foi acompanhada pelo desejo de ser moderno, na tentativa de estar harmonizado com a civilização padrão européia⁴⁴³ (hoje, diríamos que se desejava estar conectado ao mundo da época). O engenheiro F. Batista Oliveira escreveu sobre o tema em 1940:

Las ciudades brasileñas, com sus divertidas avenidas, sus expresivas montañas, sus playas seductoras, sus palácios pintorescos, su cielo claro y azul, tienen algo de magnético, fascinante y absorbente que embriaga y encanta cuando uno las vê por primeira vez [...]. Desventuradamente, hay

⁴³⁹ ROCHA, Amara Silva de Souza. A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.51-78, 1997. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br7v2n2/amara.htm>> Acesso em: 20 out. 2005.

⁴⁴⁰ OUTTES; MIURA, op. cit., p. 128.

⁴⁴¹ ROCHA, op. cit.

⁴⁴² Ibidem.

⁴⁴³ As idéias sobre urbanização no Brasil estiveram sob influência da tradição francesa, “The french tradition, represented by the Societé Française dès Urbanistes, had a powerful role in the spread of the ideas of urbanism in South América and particularly in Brazil”. (MOREIRA, Fernando Diniz. **The french tradition in brazilian urbanism: the urban remodeling of Rio de Janeiro, Recife and Porto Alegre during the Estado Novo (1937-1945)**. p.1. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/fsPu12/Moreira%20Fernando%20Diniz.pdf>> Acesso em: 27 dez. 2006.

también, como en otras ciudades de otros países, la otra cara de la moneda, lo opuesto a la belleza, la sombra de la magnífica pintura. Em las ciudades brasileñas hay también, como en las ciudades de otros países, conjuntos de barrios pobres, áreas infortunadas com todo tipo de habitaciones miserables⁴⁴⁴.

Para tornar possível um projeto de modernização era necessário não somente reordenar os espaços, mas também seus usos. Esse foi um fenômeno típico da modernidade, acontecendo em várias partes do mundo do século XIX em diante.

Processo similar ocorre no Brasil com as reformas do prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, então capital. Em poucos anos são construídos um conjunto de edifícios neoclássicos e uma larga avenida - a Avenida Central (Atual Av. Rio Branco) -, redefinindo funções para as áreas centrais da cidade, anteriormente ocupadas 'indisciplinadamente' por um grande número de moradias da população de menor renda⁴⁴⁵.

A intenção das nossas reformas, ao copiar os modelos europeus, era "domar" o então "caótico" espaço das *urbs*, transformando algumas de nossas cidades em metrópoles "modernas"⁴⁴⁶. E, para nós, o mais significativo, estas transformações alteram o cotidiano, a vida pública e particular, dos que foram contemporâneos desse processo e das gerações seguintes. Isso porque urbanizar era o mesmo que disciplinar o cidadão, a degradação física e moral da cidade seria consequência e causa do mesmo fenômeno em nível individual. Ou nas palavras do prefeito do Rio de Janeiro, em 1938: "Urbanizar é facilitar, disciplinar, embelezar, dar ao homem os elementos de uma vida que o distingue cada vez mais das eras inferiores iniciais da comunidade urbana"⁴⁴⁷.

No Rio de Janeiro, então a capital da república brasileira, o modelo de modernização urbana tornou mais visível as contradições fundamentais da sociedade nacional. O engenheiro Marcelo Mendonça, um dos fundadores do Instituto Central de Arquitetos do Rio de Janeiro, expressou muito bem essas contradições:

El visitar los barrios pobres de la capital federal es suficiente para tener una idea clara de este problema. Se podría decir que de ellos provienen todas las misérias morales y materiales y todos los vicios. Se desarrollan en ellos bajos instintos. Luchar contra los barrios pobres es tomar parte en una batalla para elevar la moral y mejorar la salud física de la raza [...]. Si esta casa esta en esa condición, nada es más de desear que escapar para olvidar y

⁴⁴⁴ OLIVEIRA apud OUTTES; MIURA, op. cit., p. 139.

⁴⁴⁵ ROCHA, op. cit.

⁴⁴⁶ Ibidem.

⁴⁴⁷ CAMPELLO apud OUTTES; MIURA, op. cit.

buscar distraccion en el bar; va a este cada vez más, entregándose a vícios como el juego y la bebida [...]. Se vuelven vagabundos, porque prefieren la calle em donde pueden respirar y pasan la mayor parte del tiempo ahí em vez de en su habitacion repulsiva. Las ninas en este ambiente pierden toda nocion de honor y dignidad⁴⁴⁸.

O êxodo de brasileiros das áreas rurais próximas ao Rio de Janeiro, de pessoas de outros estados e de imigrantes, todos chegando à procura de trabalho e “de melhores condições de vida, fizeram com que a densidade populacional praticamente se triplicasse em três décadas, passando de 247 habitantes por km² em 1872, para 722 habitantes por km² em 1906”⁴⁴⁹.

O saneamento da capital constituía-se, naquele momento, numa preocupação nacional. A cidade possuía sérios problemas de infra-estrutura, agravados pela chegada de pessoas vindas das áreas rurais próximas ou mesmo de outros estados, o que fez a cidade ficar mais populosa, 247hab/km² em 1872 e 722 hab/km² em 1906⁴⁵⁰. Eram péssimas as condições de vida dessa população crescente, epidemias se sucediam: febre tifóide, impaludismo, varíola, sarampo, escarlatina, difteria, gripe, desinteira e febre amarela. Como a visão higienista⁴⁵¹ da cidade a representava como um organismo⁴⁵² era comum traçar relações entre a doença física e a doença moral que a situação precária da população produzia⁴⁵³.

Essa situação prejudicava muito o comércio internacional brasileiro, por exemplo. O porto do Rio de Janeiro era temido pela alta probabilidade de contaminação de

⁴⁴⁸ MENDONÇA apud OUTTES; MIURA, op. cit., p. 127.

⁴⁴⁹ ROCHA, op. cit.

⁴⁵⁰ Ibidem.

⁴⁵¹ “As autoridades governistas começam a emitir um discurso centrado na preocupação com a higiene da família, do ambiente em que ela vive, trabalha e circula, fundando um discurso organizador que visava criar normas gerais para a população. Preocupam-se com a limpeza dos prédios, com o aumento da rede de iluminação elétrica, com a drenagem de pântanos, com o aterro sanitário, com a arborização de parques e jardins para aumentar o fluxo de ar [...]”. (OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Fora da higiene não há salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. **Mneme**: Revista de Humanidades, Caicó (RN), v.4, n.7, fev./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>> Acesso em: 15 dez. 2006).

⁴⁵² OUTTES; MIURA, op. cit., p. 142.

⁴⁵³ Não faltou aos espíritas a percepção desses problemas, como exemplo tomamos alguns trechos de artigo datado de 1903, “Há uma hygiene da alma, do mesmo modo que há uma hygiene do corpo [...]. Para o entretenimento da saude physica, são unanimes os hygienistas em recomendar, entre outras medidas: o asseio que desembaraçando o tecido cutaneo das adherencias e serosidades dificultariam a transpiração e impediriam o corpo de absorver os elementos sãos da atmospherá; [...] Ora, da mesma sorte que o corpo a alma tem também, como dizíamos em começo, uma hygiene, apropriada aos seus meios de ação e de percepção [...]. A que se reduz então a hygiene da alma? – Antes de tudo a eliminar a escoria das paixões inferiores que, como herança do passado, trouxemos a esta vida [...] todo aquelle que cercar-se deuma atmospherá de desejos e sentimentos puros verá estender-se sobre o seu corpo, fortalecido e sadio, os beneficios d’essa hygiene moral que o auxiliará duplamente a progredir [...]. D’hai, por conseguinte, ser a saúde physica um corollario, uma resultante, fatal e inevitável, da saúde da alma, cuja hygiene assim fica primordialmente evidenciada”. **HYGIENE MORAL. Reformador**, v. 21, n. 22, p. 337, nov 1903.

seus freqüentadores. Uma medicina social era necessária para reordenar a cidade e transformá-la em uma metrópole moderna, em sintonia com o século XX.

Grandes investimentos foram feitos nesse sentido. Em poucos anos, ocorreram significativas alterações urbanas na capital da república. A abertura da Avenida Central e o alargamento de outras ruas, além da mudança do código de posturas que visava determinar quais os comportamentos aceitáveis em vias públicas. Mas todas essas mudanças desalojaram contingente considerável da população que se dirigiu para os subúrbios e para os morros, contribuindo para a formação das favelas.

Não demorou muito para que o contraste entre o desejo de ser moderno e a realidade aparecesse aos olhos, pois a lógica da transformação adotada pelo Estado, interessado na construção de uma imagem de Brasil moderno era fundamentalmente excludente⁴⁵⁴. A famosa Revolta da Vacina demonstra com clareza a insatisfação da população com as ações dos governos em relação às questões sociais. Para muitos esta obra de modernização não passava de uma mulata apertada em um vestido francês.

Essa é uma boa imagem, pois o governo do Estado Novo⁴⁵⁵ entendeu que a melhor interpretação de uma moderna cidade era a francesa. Mas todo esforço estatal, e justamente por isso, não foi capaz de eliminar as contradições da cidade. O discurso dos defensores⁴⁵⁶ da modernização mudou de foco. Se antes o grande problema era o cortiço, a

⁴⁵⁴ ROCHA, op. cit.

⁴⁵⁵ “Although these planners emphasized the formal aspect of the city, they also aimed at the adaptation of cities to the modern times and paid attention to functional requirements: traffic solutions; zoning, surveys, etc. Figueiredo, Gladosch and Agache’s plans displayed a new competence and a new knowledge about the city, conceiving it as a whole, from a rational and scientific point of view. These experiences also show how much Brazilian professionals were attuned to European and American ideas and theoretical formulations. They constituted an interesting example of how the characteristics of modern urbanism, mainly from the SFU program, were present in local modern urbanism. In its attempt to impose an image that symbolizes a complex meaning- the corporatism, social control, state regulatory interventionism - the *Estado Novo* elected the SFU program as the best interpretation of the image of modern city. The conception that social order could be shaped by spatial order is prominent in the *Estado Novo* urban program. Urbanism was an important element in the creation of the national project of building modern Brazil. The promises of urbanism were concretized in Brazil by an authoritarian regime, which attempted to create a certain form of urban scenery for the disciplined masses, in which the poor was hidden. Only regimes like Vargas, Kemal and Salazar seemed to be able to carry out these reforms. It is only in the *Estado Novo* (1937) that right conditions were created to end a long debate and to begin building. Needless to say these operations were supported by commercial and business interests in order to reconvert areas occupied by a lower-medium class, which was dislocated to the periphery”. (MOREIRA, op. cit., p. p. 10).

⁴⁵⁶ “[...] as preocupações da intelectualidade carioca e nacional estavam centradas no futuro da jovem República, na saúde da sociedade, no saneamento do país e no embelezamento do Rio de Janeiro” (VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.44, p.6, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300001&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27 dez. 2006).

favela tomou o seu lugar. Uma descrição feita por um jornalista em 1938 nos fornecerá uma boa imagem:

Alcançamos, enfim, uma parte do povoado mais ou menos plana e onde se desenrola a cidadela miseranda. O Chão é rugoso e áspero, o arvoredado pobre de folhas, baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos. Perspectivas medíocres. Todo um conjunto desmantelado e torvo de habitações sem linha e sem valor [...]. Tudo entrelaçando toscamente, sem ordem e sem capricho⁴⁵⁷ ..

Ordem e capricho são, sem dúvida, duas características da civilização moderna, mas na favela tudo é desordenado, desmantelado. Qualquer semelhança entre as descrições do umbral e das favelas cariocas não são mera coincidência, marcam a oposição entre o caos e a ordem e ao mesmo tempo uma identificação entre o espaço exterior e o interior do homem. As habitações são sem linha, feitas de materiais diversos dispostos toscamente, o oposto de uma habitação decente. Na favela a natureza não é domada, a tiririca nasce à vontade e até as árvores são pobres, o oposto da cidade-jardim.

Em 1930, o urbanista francês Alfred Agache⁴⁵⁸ prepara uma série de estudos para o embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, nos quais denuncia o problema da permanência da favela. O Código de Obras de 1937 proibiu a criação de novas favelas⁴⁵⁹. Evidências de que a favela tornou-se um problema social. O poder público adotava a perspectiva dos médicos, engenheiros e demais intelectuais que, como já dissemos, viam a cidade como um organismo e a favela como uma doença⁴⁶⁰. Os dois primeiros estudos realizados sobre as favelas cariocas são datados do início da década de 40 e as descrições seguem o mesmo padrão anterior. Como a que segue, elaborada em 1942:

No Rio, cidade de coloridos e galas exuberantes, a luz forte que ressalta a graça inconfundível de uma natureza inigualável faz da favela um grito ainda mais dissonante, que se destaca na afinação maravilhosa de tanta riqueza e tanta graça [...]. Talvez seja por isso que nossas favelas pareçam

⁴⁵⁷ EDMUNDO apud VALLADARES, op. cit., p. 10.

⁴⁵⁸ Alfred Agache é figura chave para a compreensão da influência do urbanismo francês no Brasil. Formou-se na École des Beaux-Arts de Paris em 1905 e foi um dos fundadores da Société Française des Urbanistes. (MOREIRA, op. cit., p.1).

⁴⁵⁹ No início do século as preocupações urbanísticas eram mais pontuais, a partir da década de 20 a concepção urbanística passou a ser mais sistêmica (VALLADARES, op. cit., p. 15).

⁴⁶⁰ O próprio Agache, em 1930, assim se refere à favela: “Construídas contra todos os preceitos de higiene, sem canalizações d’água, sem exgottos, sem serviço de limpeza pública, sem ordem, com material heteróclito, as favelas constituem um perigo permanente d’incendio e infecções epidêmicas para todos os bairros através dos quaes se infiltram. A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza, despe os morros do seu enfeite verdejante e corroe até as margens da matta na encosta das serras”. (AGACHE, Alfred apud VALLADARES, op. cit., p. 17).

mais miseráveis e sórdidas do que todas as outras [...]. É uma pobreza tremenda que se abriga naqueles barracos remendados, um abandono assustador que confrange o coração dos que penetram neste mundo a parte, onde vivem os renegados da sorte⁴⁶¹.

Mas, em “Nosso Lar”, não há os problemas urbanos que os homens aqui na terra enfrentam. Claro que, para isso, altas muralhas deixam de fora todo elemento que possa perturbar a paz e a harmonia do interior. Numa perspectiva religiosa somente, essa dicotomia dentro/fora do paraíso faz sentido completamente, mas devemos ver que a cidade espiritual não é apenas uma esperança para os bons aqui na terra, mas modelo para a cidade terrena, cidade dos homens encarnados deve mirar-se na cidade de Deus.

Assim, verificamos que o modelo “Nosso Lar”, mais do que simples expressão do desejo humano no *além*, é concebido como projeto de futuro que fatalmente se realizará na terra⁴⁶², já que o Espiritismo possui a perspectiva progressista e evolucionista da história. “Nosso Lar” se realizará na terra, mas como representações antigas podem satisfazer essa busca pelo futuro? A resposta está em outra crença espírita, que o Espiritismo é o retorno ao cristianismo primitivo. A parcela cristã do Espiritismo no Brasil sempre foi muito importante, o que coloca esta doutrina em uma situação bastante singular: pretende ligar passado e futuro, idéia que a própria crença na reencarnação promove.

Como cidade ou sociedade ideal, “Nosso Lar” funciona como utopia e são os próprios comentadores dessa obra que nos dão a pista para compreender essa representação da cidade espiritual “Nosso Lar”.

Na apresentação literária talvez haja, como parece ser o pensamento do irmão que assina ‘Duvidoso’, um pouco de fantasia. Lembremo-nos de que Thomas Morus, para nos dar ensinamentos de grande valor, escreveu ‘Utopia’ (De opimo reipublica statu, doque nova insula Utopia), na qual tudo é imaginário, e Edward Bellamy, para fazer propaganda de seus ideais sociais, nos deixou outro livro imortal, narrando fantasticamente a vida em Boston no ano 2.000, quando ele escreveu em 1887. Admitamos que o grande André Luiz nos faça um pouco de ficção para não tornar monótona a narrativa. Não haveria nisso mal algum, desde que nos ensina princípios são de moral e ciência⁴⁶³..

⁴⁶¹ SILVA apud VALLADARES, op. cit., p. 22.

⁴⁶² Esse caráter de utopia foi percebido também por Lewgoy, “O texto é formado por uma série de capítulos curtos, com o predomínio de longos diálogos doutrinários sobre os valores espíritas, apresentando uma forma imaginada de organização social num mundo governado burocraticamente por ministérios, onde os habitantes se dedicam a tarefas edificantes, atualizando uma espécie de utopia espírita de vida comunitária”. (LEWGOY. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista, op. cit., p. 215).

⁴⁶³ RESPOSTA, op. cit., p. 12.

Ao comparar “Nosso Lar” com duas obras que descrevem cidades ideais, a revista está nos indicando claramente esse aspecto da obra.

Se Thomas Morus é bastante conhecido, Edward Bellamy não nos é tão familiar. Bellamy nasceu em 1850, membro de uma tradicional família da Nova Inglaterra, e faleceu em 1898. Cresceu de acordo com os princípios calvinistas, mas afastou-se deles. Suas idéias, expostas através de sua obra prima “Daqui a cem anos, revendo o futuro”, aproximam-se ora do socialismo, às vezes marxista, ora de desejo pelo cristianismo puro. De qualquer forma, Bellamy foi um sagaz crítico das desigualdades sociais e sua cidade utópica – a Boston do ano 2000 – expressa justamente o oposto da sociedade em que vivia.

Bellamy comparou a sociedade de sua época, final do século XIX, com uma carruagem “a que as massas da humanidade eram atreladas e a qual arrastavam penosamente através de uma estrada muito íngreme e arenosa. O cocheiro era a fome, e não permitia demora [...]”⁴⁶⁴ e possuía uma visão otimista do futuro. Muito diferente de alguns de seus sucessores futuristas, Aldous Huxley e George Orwell, por exemplo.

A história de Bellamy é basicamente esta. Certa noite, em Boston, 1887, ele foi mesmerizado (nós diríamos hipnotizado) para poder dormir, já que sofria de insônia. Acordou 113 anos depois. Após um período de confusão inicial ele começa uma fase de adaptação à sociedade do futuro. Aos poucos o médico que o descobriu e sua filha vão esclarecendo os aspectos da nova Boston.

[...] a primeira coisa que chamou sua atenção foi a ausência de chaminés e fumaça. Pouco depois, descobriu que não havia nenhuma loja, nenhum banco e – a característica de todas as utopias que se respeitam – nenhum advogado. Todos pareciam saudáveis e felizes, caminhando ao longo de ruas onde anúncios publicitários não mais poluíam a paisagem e morando em casas equipadas com as mais recentes invenções inclusive – ‘telefones musicais’, ou alto-falantes, pelos quais concertos de música clássica podiam ser ouvidos com o simples giro de um botão⁴⁶⁵.

Assim, não havia dinheiro como era conhecido no século XIX (e hoje...). No Reformador encontramos uma referência a essa característica.

Não asseveramos, porém, que naquela colônia espiritual não haja realmente uma medida de esforços individuais, chamada ‘bônus-hora’, assegurando especiais privilégios aos seus servidores. Seria uma bela invenção para

⁴⁶⁴ BELLAMY, Edward. **Daqui a cem anos: revendo o futuro**. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Record, 1960. p. 26.

⁴⁶⁵ WILSON, David A. **A história do futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 152-153.

Espíritos muito habituados ao dinheiro na Terra. Notemos que lá o dinheiro ‘bônus-hora’, seria como o dólar nominal de Bellamy, não poderia ser ganho pela astúcia, de particulares, mas teria que ser recebido legitimamente do Ministério e só servir para pagar-se a Instituições do Estado. Que desapontamento para os empresários que negociam com o talento alheio!⁴⁶⁶

O bônus-hora de “Nosso Lar” é comparado ao cartão de crédito que os habitantes de Boston recebiam para comprar o que necessitavam. Deixemos Bellamy nos contar como isso funcionava em sua Boston do ano 2000.

No início de cada ano, abre-se para cada cidadão nos livros públicos um crédito correspondente à sua parte no produto anual da nação, sendo-lhe dado um cartão de crédito com o qual ele adquire nos armazéns públicos, encontrados em todas as comunidades, o que desejar e quando desejar⁴⁶⁷.

Portanto, em ambas as utopias, o comércio é inexistente, a produção e a distribuição são controladas por um administração centralizadora. Além, evidentemente do aspecto higiênico e racional da urbanização. No caso de Bellamy, o pano de fundo de sua história foi a cidade de Boston, cheia de chaminés e movimentos operários e, no caso de André Luiz, a cidade do Rio de Janeiro com as contradições que conhecemos.

Do ponto de vista do governo, também “Nosso Lar” representa um modelo a ser seguido. Afinal, não é apenas para servir de curiosidade que tais descrições do governo da cidade “Nosso Lar” foram incluídas nesse livro. Se a sociedade precisa de mecanismos que assegurem sua continuidade⁴⁶⁸, a religião sempre desempenhou papel importante nisso. Assim, a religião tem parcela considerável no processo de legitimação social das estruturas e processos existentes.

[...] a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade social definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. As tênues realidades do mundo social se fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana⁴⁶⁹.

⁴⁶⁶ RESPOSTA, op. cit., p. 12.

⁴⁶⁷ BELLAMY, op. cit., p. 68.

⁴⁶⁸ “[...] a mais importante função da sociedade é a nomização. A pressuposição antropológica disso é uma exigência humana de sentido que parece ter a força de um instinto. Os homens são congenitamente forçados a impor uma ordem significativa à realidade”. (BERGER, op. cit., p. 35).

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 45.

Dessa maneira, a forma como “Nosso Lar” é governada é um modelo que deve servir de guia aos homens, é a utopia espírita. Mas, não representa apenas uma proposta teórica para os espíritas, ela tem a validade das determinações divinas, uma vez que ela – a cidade – encontra-se no espaço sagrado. A atitude do governador de fechar o Ministério da Comunicação, por exemplo, é legítimo porque provém de um espírito superior, cujo poder não lhe foi entregue através de eleições, mas entendido como decisão divina. Essa é uma proposta para a sociedade terrena, pois “a religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade supremo, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico”⁴⁷⁰. Ou, ainda:

Provavelmente a mais antiga forma dessa legitimação consiste em conceber a ordem institucional como refletindo diretamente ou manifestando a estrutura divina do cosmos, isto é, conceber a relação entre a sociedade e o cosmos como uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo. Tudo ‘aqui’ em baixo tem seu análogo ‘lá em cima’⁴⁷¹.

Daí se justifica a atitude do governador da cidade espiritual em punir os que dele discordavam inclusive com o calabouço. Entende-se que seu poder emana da divindade, “o poder humano, o governo e o castigo se tornam, assim, fenômenos sacramentais, isto é, canais pelos quais forças divinas são aplicadas à vida dos homens para influenciá-los”⁴⁷². É legítimo ao governador espiritual tomar medidas de exceção porque seu dever é proteger a cidade contra as Trevas que, no caso, encontram-se além de suas muralhas e a atitude dos que não concordavam com ele foram tomadas como um risco à ordem, “ir contra a ordem da sociedade como é legitimada religiosamente é, todavia, aliar-se às forças primievas da escuridão”⁴⁷³.. E a mensagem foi compreendida como podemos ver nesse artigo da revista Reformador,

Em nosso tempo, quando se promulgam as mais diferentes Constituições para regerem diversos países, seria interessante que um jurista estudasse e nos expusesse a Constituição da Colônia Nosso Lar, colhendo dados no livro com esse mesmo nome, de André Luiz. Enquanto esperamos que alguém competente se decida a esse trabalho de investigação, vamos apresentar aqui alguns pontos dessa Constituição [...].

Quando às autoridades, o regime é o oposto a qualquer democracia, porque todo poder vem de cima, num sistema perfeitamente aristocrático. O povo não vota. Galgam as mais altas posições os maiores trabalhadores, mas não a critério do povo: os eleitores pertencem a esferas mais elevadas [...].

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 46.

⁴⁷¹ Ibidem.

⁴⁷² Ibidem, p. 47.

⁴⁷³ Ibidem, p. 52.

Todos os ministros respondem perante um Governador Geral que é o maior trabalhador da Colônia, o único que não tem tempo de descansar nem de gozar férias. Sua nomeação desce de esferas espirituais bem mais elevadas [...].

Aqui damos apenas alguns pormenores da Constituição desse pequeno Estado de um milhão de habitantes, como dissemos de início, a fim de sugerir que algum jurista se dê ao trabalho de estudar melhor o assunto nos diversos livros de André Luiz e nos dar melhor exposição da Constituição que poderá inspirar aos nossos legisladores muita coisa interessante, num século em que se têm feito, desfeito e refeito muitas Leis básicas de diversos Estados”⁴⁷⁴.

Percebemos que a cidade espiritual “Nosso Lar” é sem dúvida uma forma de representação do paraíso, uma utopia celeste. É uma representação que possui elementos do imaginário católico, como já vimos, mas que incorpora valores do mundo contemporâneo da época, como a valorização do trabalho. Assim, ela pode ser encarada como modelo espiritual e sagrado, de urbanização e de modernidade. “Nosso Lar” deveria servir de modelo para as cidades materiais tal qual a capital federal o seria para as demais cidades brasileiras⁴⁷⁵. Se, como repetidamente já afirmamos, ela pode ser uma releitura do jardim do éden, então podemos ver nela também a representação das cidades planejadas da época, inclusive o ideal das “cidades-jardins”. Transporte público rápido e eficiente através do “aeróbus”, ruas amplas, limpas e arborizadas, edifícios públicos imponentes, residências confortáveis e graciosas fazem parte de “Nosso Lar”, mas também de qualquer utopia de planejamento urbano.

“Nosso lar”, por outro lado e ao mesmo tempo, propõe uma forma de sociedade baseada em princípios que não são estranhos à cultura brasileira. Centralização administrativa num líder carismático que se justifica pela necessidade da manutenção da ordem e do progresso. Isso não nos é estranho.

⁴⁷⁴ TELES, Lino. A constituição de “Nosso Lar”. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.77, n.4, p.20, abr. 1959.

⁴⁷⁵ “a cidade-capital deveria cumprir seu papel de modelo para a nova nação que então se constituía”. (MOTTA, Marly. **Rio, cidade-capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 37) ..

CONCLUSÃO

Em algum momento da evolução da espécie humana, há milhões de anos, adquirimos a auto-consciência e com ela a certeza de que nossa vida é finita. Diferentes das outras espécies que habitam esse planeta, nós sabemos que vamos morrer. Por outro lado, possuímos o mesmo desejo de sobreviver que faz parte de toda espécie viva existente. Essa “contradição” nos acompanha desde então, produzindo enormes quantidades de angústia, que permanentemente procuramos amenizar.

No entanto, a morte não representa apenas um problema para o indivíduo, ela ameaça igualmente a permanência dos grupos humanos. A morte é também fonte de angústia coletiva. O surgimento das primeiras manifestações religiosas está relacionado, entre outros possíveis elementos, à questão da morte. Tentar explicar o que acontece com o morto, ou melhor, sua alma, sempre foi uma maneira de resolver a questão de nossa finitude e por consequência aplacar a dor dos indivíduos e garantir a sobrevivência dos grupos humanos.

Na versão cristã do *além*, o mundo pós-morte, depois de longa elaboração, passou a ser representado como sendo dividido em três partes, o céu, o inferno e o purgatório. O Céu, assim como o inferno, estariam divididos e cada uma de suas partes destinadas a um tipo de alma. As esferas celestes eram concebidas como sobrepostas, estado a Terra em seu centro. No interior da Terra os círculos do inferno recebiam as almas de acordo com seus pecados. Intermediando o mundo terrestre e o céu estaria o purgatório, lugar temporário destinado a purificar as almas em direção ao paraíso. Durante muito tempo, o *além* fazia parte da geografia terrestre, ele estava ali, debaixo da terra ou acima de nossas cabeças, somente esperando nossa morte.

As transformações sociais da modernidade colocaram em dúvida essa representação. A ciência foi conquistando o espaço sagrado, tornando-o profano. Cada descoberta da ciência destruía um pedaço das esferas celestes. O paraíso não foi encontrado, tampouco o inferno ou o purgatório. Isso, é claro, não impediu as pessoas de continuarem a acreditar nesses lugares, apesar de estar cada vez mais difícil de explicar “onde” eles estariam.

O século XIX é quase sempre representado como a época em que a ciência venceu a religião. O domínio da eletricidade e do magnetismo faziam milagres aos olhos dos homens daquele século. A teoria da evolução forneceu a versão científica da criação do homem e diversas teorias sociais ofereciam utopias aqui na terra mesmo. Mas, a realidade não

era tão simples assim. Os recortes que fazemos para melhor analisar a História não podem nos cegar para a complexidade do real. Não podemos reduzir o século XIX apenas aos avanços da ciência, ele foi também uma época em que a morte e o *além*, estiveram na “moda”. Aparições da Virgem Maria, crescimento das referências ao purgatório e o surgimento diversas versões do Espiritualismo, também fazem parte do século XIX.

Dentre as formas de Espiritualismo do século XIX, o Espiritismo representa a tentativa de transformar o sobrenatural em natural, pretendendo provar cientificamente a existência do *além* e da possibilidade de seus “moradores” se comunicarem conosco. O Espiritismo, iniciado por Allan Kardec em 1857, não descreveu o *além*, não há viagens ao mundo dos espíritos nas obras de Kardec. Ao contrário, há descrições de outros planetas, para onde iriam os espíritos libertos das encarnações na Terra. Mas com relação aos que ficariam aqui, esperando uma nova encarnação, Kardec é lacônico. Utilizando termos vagos e imprecisos sobre o “lugar” dos espíritos, os textos reportam-se muito mais para o “estado” desses espíritos. Apesar de assumir muitos postulados cristãos, Kardec afasta-se da versão católica do *além*.

A implantação do Espiritismo no Brasil, ao contrário, caracterizou-se pela incorporação de elementos do catolicismo. Desde Luiz Olympio Telles de Menezes, que considerava o Espiritismo como parte da Igreja Católica, até Chico Xavier, que assumiu as feições da santidade católica, o Espiritismo brasileiro representa uma ênfase maior no aspecto religioso da doutrina espírita.

A contradição original, criada com a proposta de Kardec em conciliar ciência e religião, ganhou, no Brasil uma dimensão “concreta” quando grupos de espíritas defenderam a supremacia de um aspecto sobre o outro. Com o surgimento da Federação Espírita Brasileira, ocorreu a vitória parcial dos elementos religiosos. Para isso foi importante o aparecimento do médium mineiro, Chico Xavier. Com sua grande produção de livros, colaborou para o estabelecimento de uma versão quase hegemônica do Espiritismo, um Espiritismo enraizado nas tradições nacionais.

Chico Xavier escreveu centenas de livros. Passou a ser conhecido pela publicação de “Parnaso de Além Túmulo”, um livro de poesias atribuídas a grandes poetas já falecidos. A partir daí, seu nome passou a ser referência e unanimidade entre os espíritas. Sua vida, pautada pelo modelo católico de santidade, conferiu-lhe respeito mesmo entre os não espíritas. Por isso, as representações do *além* contidas em suas obras serviram de modelo para as posteriores e raramente, hoje, são questionadas pelos espíritas.

Com o livro “Cartas de Uma Morta”, Chico Xavier ensaia uma descrição *além*, mas é com o livro “Nosso Lar” que inicia verdadeiramente uma empreitada que fixará a versão espírita do *além*, no Brasil. Essa versão reúne representações da tradição cristã, como a idéia das esferas celestes, e elementos da realidade contemporânea, criando uma representação rica de significados.

O caráter de utopia deve ser destacado. Ao contrário do que alguns afirmam, “Nosso Lar” não apenas um reflexo da cidade terrena. Se atentarmos para a situação da cidade do Rio de Janeiro, sobre a qual “Nosso Lar” estaria, veremos que os problemas urbanos da cidade terrestre apresentam seu inverso na cidade espiritual. Aqui, o crescimento das favelas e dos problemas urbanos que, quase em vão, os urbanistas do início do século tentavam solucionar. Lá, tudo é harmonia, limpeza e organização.

Os eventos políticos da década de 30 criaram as condições para a modernização do Brasil nas décadas seguintes, seja ainda no governo Vargas, seja durante o governo Juscelino Kubstichek. Com a aceleração da industrialização e da urbanização, muitos comportamentos e visões de mundo tiveram de ser modificados ou reinterpretados a partir dessas mudanças.

Apesar de Nicolau Sevcenko (1983) utilizar a expressão “inferno social” para designar as condições de vida da população urbana no Brasil no início do século XX, certamente a situação não melhorou muito até a década de 40, quando é publicado “Nosso Lar”. Assim, nada mais propício para nossa discussão, pois nesse “inferno” o Espiritismo oferecia consolo e esperança de uma vida melhor, mesmo que depois da morte.

Evidentemente é difícil e, muitas vezes, inútil tentar determinar a origem exata de crises sociais, pois é sempre possível recuar indefinidamente no tempo. Porém, em nosso caso, podemos afirmar que a modernização da sociedade brasileira no período estudado teve início ainda no período da “belle époque”. Ainda no século XIX, a crise econômica que se seguiu à abolição empurrou uma grande quantidade de indivíduos para as cidades, em especial o Rio de Janeiro, onde foram misturar-se aos já libertos e imigrantes que não paravam de chegar.

O estado da cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX era lastimável. A cidade era foco permanente de inúmeras doenças e desemprego crônico. A miséria era companheira da população. Essa situação preocupante fez com que as elites sentissem a necessidade do progresso, que nesse contexto era aproximar-se dos padrões

européus. E, como não raro acontece em nosso país, a solução foi mais estética do que efetiva – apesar de alguns resultados realmente positivos. A remodelação da cidade do Rio de Janeiro para torná-la civilizada representa esse espírito.

Como já afirmamos, na década de 40, a situação da população não era muito melhor que na década de 30, inclusive com o aumento das favelas cariocas. Esse foi o contexto social no qual Francisco Cândido Xavier começa a produzir obras que oferecem a esperança da comunicação com os que já morreram.

Esperança que esse autor “concretiza” com a descrição de um “lugar” e de um “modo de vida” que nos remete às antigas representações do *além*, principalmente as de origem católica. Não é por acaso ou coincidência que encontramos as tradicionais descrições do jardim do éden, do paraíso ou da Jerusalém Celeste – tão constantes nos livros de Chico Xavier. Tudo isso nos é familiar, mas ao mesmo tempo essas representações são atualizadas pelo acréscimo de elementos contemporâneos, próprios do período. Isso explica como uma cidade murada ao estilo medieval possui transporte coletivo, por exemplo.

Justamente essa relação tão estreita como o mundo terrestre que nos permite ver em “Nosso Lar” uma utopia, a manifestação dos desejos nunca aqui realizados com plenitude. A cidade espiritual é encarada como o oposto do “inferno social” em que vivemos aqui na Terra. É uma espécie de promessa de vida no *além* para as pessoas que forem boas e, nesse sentido, é não apenas consolo para os sofrimentos diários do povo brasileiro, mas igualmente um manual de conduta para os espíritas. A isso podemos acrescentar a dimensão de profecia, um projeto de sociedade que os espíritas acreditam ser possível aqui na Terra, quando o mundo estiver totalmente cristianizado pelo Espiritismo.

Por fim, podemos afirmar que percorrer a trilha que uma história das narrativas e descrições do *além* significou encontrar um local onde milhões de seres humanos depositaram e depositam suas esperanças, seus temores e pelo qual vivem e sonham. Compreender um pouco mais a história de tais idéias foi entrar um pouco no coração e na mente de homens e mulheres tão reais como todos nós.

REFERÊNCIAS

- 56ª SESSÃO. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.5, p.108-109, maio 1943.
- 55º ANIVERSÁRIO da Federação. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.55, n. 2, p. 33-37, fev. 1939.
- 55º ANIVERSÁRIO da Federação. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.55, n.4, p.96-99, abr. 1939.
- A VIDA no mundo espiritual próximo da terra. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.02, p.22-23, fev. 1945.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ABBOTT, Edwin A. **Planolândia**: um romance de muitas dimensões. São Paulo: Conrad, 2002.
- ABRANTES, Paulo. **Imagens de natureza, imagens de ciência**. Campinas: Papyrus, 1998.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. A vida privada e a ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.2, p.7-93.
- ALGUNS dados cronológicos do movimento espírita. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.72, n.2, p.24-25, fev. 1954.
- ALMEIDA, Luiz. Lar cristão. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.53, n.5, p.6-7, maio 1945.
- AMORIN, Deolindo. **Africanismo e espiritismo**. Rio de Janeiro: Mundo Espírita, 1949.
- ARAIA, Eduardo. **Espiritismo**: doutrina de fé e ciência. São Paulo: Ática, 1996.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**.. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre e lês esprits**. Paris: JC Lattés, 1990.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BELLAMY, Edward. **Daqui a cem anos**: revendo o futuro. Tradução de Myriam Campello Rio de Janeiro: Record, 1960.
- BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930, o estado novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.271-341.
- BERGER, Peter L. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola: 1994.
- BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BRAGA, Ismael Gomes. A missão do Brasil. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.62, n.10, p. 207-233, out. 1944.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CALHAU, Luiz Ferreira. Nosso lar: livro revelação. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.58, n.4, p.14, abr. 1945.
- CAMARGO, Romeu A. Carta aberta aos espíritas do Brasil. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.1, p.17-18, jan. 1943.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Sob o olhar da razão: as religiões não-católicas e as ciências humanas no Brasil, 1900-2000**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, José Jorge. El misticismo de los espíritus marginales. **Marburg: Journal of Religion**, Marburg, v. 6, n. 2, jun. 2001. Disponível em: <<http://archiv.ub.uni-marburg.de/mjr/carvalho.html>>. Acesso em: 2 jan. 2007.
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: UNICAMP, 2000.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Vida e morte no espiritismo kardecista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.iser.org.br/publique/media/S24-2_artigo_maria_viveiros.pdf> Acesso em: 22 dez. 2006.
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Russel, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.11, n.5, p.173-191, 1991.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2005.
- COSTA, Flamarion Laba. Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX. **Guairacá**, Guarapuava, n.18, p.41-59, 2002. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/18/artigo%203%20o%20diabo%20agi a.pdf>> Acesso em: 2 dez. 2006.
- COSTA, Ricardo. **Santa Mônica: a criação do ideal da mãe cristã**. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/stamon.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2006.
- CUCHET, Guillaume. **Le crépuscule du purgatoire**. Paris: Armand Colin, 2005.

CUNHA, Heigorina. **Cidade no além**. Araras: IDE, 2005.

D'ÁVILA, Santa Tereza. **Textes de references: apocryphes - pères de l'église - auteurs chrétiens - auteurs antiques**. Disponível em: <<http://sophie.md.chez-alice.fr/NouvOMond/biblioapo.htm>> Acessado em: 29 jan. 2006.

DARTON, Robert. **O lado oculto da revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O que sobrou do paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos annales à nova história**. São Paulo: Ensaio, 1992.

DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1926.

DRONKE, Peter. As cidades simbólicas de Hildegarda de Bingen. In: CENTENO, Yvette Kace; FREITAS, Lima (Coord.). **A simbólica do espaço: cidades, ilhas, jardins**. Lisboa: Estampa, 1991. p. 29-42.

DURKHEIM, Émile. Sociologia da religião e teoria do conhecimento. In: RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Émile Durkheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 1999. p.147-182.

EDELMAN, Nicole. **Voyantes, guérisseuses et visionnaires em France, 1785-1914**. Paris: Albin Michel, 1996.

ELIADE, Mircea. Origens. **Lisboa**: Ed. 70, 1989.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

_____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

F., A. W. Um novo livro. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.11, p.23, nov. 1945.

FALCON, Francisco. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 91-125.

FARNESE, A. **A Wanderer in the spirit lands**. Disponível em <<http://www.angelfire.com/ne/newviews>> Acesso em: 16 jan 2006.

FAVARO, Germano Miguel Esteves. **Algumas considerações acerca do imaginário ligado ao além na hagiografia vida dos santos padres de Mérida**. 2006. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/neam/anais2006/anais2006.htm>> Acesso em: 21 dez. 2006.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Luiz Olympio Telles de Menezes: os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FREITAS, Wandyck. André Luiz e suas histórias muito terrenas. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.72, n.7, p.17-18, jul. 1955.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O cuidado dos mortos**: os discursos e intervenções sobre o espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**: dos mitos de criação ao big-bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HAHNER, June Edith. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Catherine. Sweet home. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.55-62.

HESS, David J. Disobsessing disobsession: religion, ritual and the social sciences in Brazil. **Cultural Anthropology**, Washington, v.4, n.2, p.182-193, may 1989.

HYGIENE MORAL. **Reformador**, v. 21, n. 22, p. 337-340, nov 1903.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.21-51.

JÚPITER e outros mundos. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.3, p.71, mar. 1858.

KAPLAN, David; MANNERS, Robert Alan. **Teoria da cultura**. São Paulo: Zahar, 1981.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da idade média**.. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 1987a.

_____. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

_____. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. São Paulo: FEESP, 1998.

_____. **O livro dos espíritos**. Araras: IDE, 1984.

_____. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

_____. **O livro dos espíritos**. São Paulo: Lake, 1994.

_____. **Obras póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

_____. Ao Sr. Redator da Gazette de Lyon. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.3, n.10, p.308, out. 1860.

_____. O Livro dos Espíritos entre os selvagens. **Revista Espírita**, São Paulo, v.2, n.5, p.151, maio 1859.

KARDEC, Allan. Introdução. **Revista Espírita**, Araras, v.1, n. 1, p. 3, jan. 1858.

KRAUSS, Heinrich. **O paraíso: de Adão e Eva às utopias contemporâneas**. São Paulo: Globo, 2006.

LAGRÉE, Michel. **Religião e tecnologia: a bênção de Prometeu**. Bauru: Edusc, 2002.

LAHR, Charles. **Manual de filosofia**. Porto: Apostolado da Imprensa, 1968.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

_____. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru: Edusc, 2004.

LOPES, Marcos Antônio. Uma história da idéia de utopia: o real e o imaginário no pensamento político de Thomas Morus. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.40, p.137-153, 2004. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2740/2277>> Acesso em: 2 jan. 2007.

LORENZ, Francisco V. Viagens no mundo dos espíritos. **Reformador**. Rio de Janeiro, v.65, n 2/12, p.8-19, 1947.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Heitor. Doutrinas. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.60, n.7, p.63, mar. 1942.

MACHADO, Ubiratam. **Os intelectuais e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Antares/INL, 1983.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v.3. p. 367-421.

MARCO, Vinélius. A mulher e o espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.75, n.11, p.27, nov. 1957.

MARTINS, João Paulo. História e romance: a idéia de história em As aventuras de Telêmaco e as relações entre texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de

Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/joaopaulommartins.pdf>> Acesso em: 26 maio 2005.

MASINI, André C S. **História do éter**. Disponível em: http://www.casadacultura.org/andre_masini/ensaios/historia_do_eter.html.

MENDONÇA, Melchior Carneiro. O Nosso Lar e a lei de evolução. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.2, p.18-19, fev. 1945.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4, p.63-171.

MOREIRA, Fernando Diniz. **The french tradition in brazilian urbanism: the urban remodeling of Rio de Janeiro, Recife and Porto Alegre during the Estado Novo (1937-1945)**. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/fsPu12/Moreira%20Fernando%20Diniz.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

MOTTA, Marly. **Rio, cidade-capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUNDOS intermediários ou transitórios. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.5, p.138, maio 1859.

NISBET, Robert. **A história da idéia de progresso**. Brasília: INL/UNB, 1985.

NOSSO Lar. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.62, n.4, p.87, abr. 1944.

O ECHO d'alem túmulo. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.12, n.6, p.200, out. 1869.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Fora da higiene não há salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. **Mneme: Revista de Humanidades**, Caicó (RN), v.4, n.7, fev./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>> Acesso em: 15 dez. 2006.

OUTTES, Joel; MIURA, Irene Kazumi. Disciplinar a la sociedad por médio de la ciudad: la génesis del urbanismo em Brasil y Argentina (1894-1945). **Secuencia: Revista de Historia y Ciencias Sociales**, Ciudad de Mexico, v.57, p.125-156, sep./dic. 2003.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: Benvenuto Cellini. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.4, p.92-106, abr. 1859.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: Chaudruc, Duclos e Diógenes. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.1, p.20-21an. 1859.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: Humboldt. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.6, p.145-176, jun. 1859.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: Mozart. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.5, p.142, maio 1858.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: o tambor de Beresina. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.7, p.196-197, jul. 1858.

PALESTRAS familiares de além-túmulo: Paul Gaimard. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.2, n.3, p.75-83, mar. 1859.

PAULA, João Teixeira. Colônia espiritual “Nosso Lar”. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.72, n.7, p. 159, jul. 1954.

PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen**: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PLURIDADE dos mundos. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.3, p.66-67, mar. 1858.

RELATÓRIO. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.61, n.8, p.202, ago. 1943.

RESPOSTA. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.65, n.3, p.12, mar. 1947.

ROCHA, Amara Silva de Souza. A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.51-78, 1997. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br7v2n2/amara.htm>> Acesso em: 20 out. 2005.

SAEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados**: mito, escatologia e história no Brasil. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAND, George. **Spiridion**. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/15239/15239-h/15239-h.htm>>. Acesso em: 24 dez. 2006.

SARDOU, Victorien. Habitações em Júpiter. **Revista Espírita**, Sobradinho, v.1, n.8, p.232, ago. 1858.

SCHMIDT, Benito Bisso Schmidt. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.21, n.41, p.113-126, 2001.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCOTON, Roberta Muller Scafuto. Idéias psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas em Juiz de Fora – MG (1890-1940). **Mneme**: Revista Humanidades, Caiacó (RN), v.7, n.17, ago./set. 2005. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>> Acesso em: 4 jan. 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Eliane Moura. O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX. **Revista Idéias**, Campinas, p. 23-41, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/interpreta%E7%F5es%20de%20Cristo.doc>> Acessado em 21 dez. 2006.

_____. **Fé e leitura**: a literatura espírita e o imaginário religioso. Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/Literatura%20e%20Espiritismo.doc>>. Acesso em: 11 nov. 2000.

_____. **Reflexões teóricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**. Campinas: Unicamp, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20Espiritualismo%20nos%20S%E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em: 04 jan. 2007.

_____. **Vida e morte**: o homem no labirinto da eternidade. 1993. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/vidaemorte.htm>> Acesso em: 21 dez. 2006.

SILVA, Fábio Luiz. **Espiritismo**: história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais – Uberaba, 1959/2001. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SIMAAN, Arkan; FONTAINE, Joëlle. **A imagem do mundo**: dos babilônicos a Newton. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOLER, Amália Domingo. O espiritismo, sua influência sobre a mulher. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.21, n.12, p.184-186, jun 1903.

STOLL, Jacqueline Stoll. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo

_____. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p. 181-199, 2004.

SWEDENBORG, Emanuel. **O céu e o inferno**. Rio de Janeiro: Swedenborg, 1987.

O SWEDENBORGISMO julgado por Alexandre Aksakof. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.21, n.12, p.182-184, jun. 1903.

TELES, Lino. A constituição de “Nosso Lar”. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.77, n.4, p.20, abr. 1959.

TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 25-51.

VAIFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.44, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300001&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27 dez. 2006.

VASCONCELOS, João. **Homeless spirits: modern spiritualism, psychical research and the anthropology of religion in late 19th and early 20th centuries**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2003. (Working Papers, WP 4-03). Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers>, acesso em: 10 dez. 2006.

A VIDA no mundo espiritual próximo da terra. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.63, n.2, p. 22-23, fev. 1945.

VILDO'SOLA, Andrés. Vida espiritual. **Reformador**, Rio de Janeiro, v.21, n.13, p. 199-201, jul. 1903.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades..** São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Imagem e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação**. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço: de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WILSON, David A. **A história do futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WOORTMANN, Klaas. **Religião e ciência no renascimento**. Brasília: UNB, 1997.

XAVIER, Francisco Cândido. **Carta de uma morta**. São Paulo: Lake, 1958.

_____. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. **Obreiros da vida eterna**. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. **No mundo maior**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

_____. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

_____. **Os mensageiros**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus inferno: a visão de Túndalo e a viagem medieval em busca da salvação da alma (séc. XII). **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**, n.2, p.80-83, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com>> Acesso em: 1 ago. 2004.